VOLUME 36.º N.ºs 1-4 1938

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director honorário (organizador) do Museu Etnológico

SUMÁRIO

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
17, Praça dos Restauradores, 17
1938

REVISTA LUSITANA

IMPRENSA PORTUGUESA
Rua Formosa, 108 — PORTO

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de *Lisboa, Director honorário (organizador) do Museu Etnológico*

VOL. XXXVI

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
17, Praça dos Restauradores, 17
1938

REVISTA LUSITANA

VOL. XXXVI 1938 N.os 1-4

A LINGUAGEM DOS GESTOS EM PORTUGAL

(ESBÔÇO ETNOGRÁFICO)

Começarei por descrever os *gestos*,—agrupando-os segundo as grandes divisões do corpo em que se produzem (quando não é todo o corpo que se deve ter em conta). E apresentarei, a seguir, várias considerações gerais acêrca do assunto.

As descrições serão breves, esquemáticas. Os *gestos*, que individualizo, acompanham-se, em regra, de outras posturas corporais, especialmente de expressão fisionómica, — e a descrição minuciosa dos conjuntos solidários de movimentos físicos, para cada *gesto*, tornar-se-ia demasiado longa, fastidiosa, — e inútil. A descrição ficaria sempre longe de perfeita; não conseguiria, ao final, dar a representação exacta, a imagem viva dos conjuntos mímicos, a quem nunca os tivesse bem observado.

O desenho e a fotografia constituïriam auxiliares preciosos em trabalho dêste género, — e o ideal seria colocar, diante dos olhos atentos, boas imagens cinematográficas. Pôr-se-ia a *realidade*, còmodamente, perante o leitor-espectador...

Temos, no momento, de passar sem figuras, de nos contentar com palavras, — com descrições reduzidas ao essencial.

A inteligência e a imaginação dos Leitores vão suprir as estampas e as minúcias cansativas das descrições dos conjuntos mímicos, e, individualizado o *gesto* — o movimento e o significado —, arquitectarão o mais, com relativa facilidade.

Êste ensaio — simples esbôço etnográfico — baseia-se na observação directa, mas, para melhor esclarecer o movimento, o significado e o uso dos gestos, apresentarei, de quando em quando, apropriados recortes de livros — em particular, de feição realística. Êsses recortes esclarecem, documentam, e amenizam a leitura.

I

GESTOS

A) CORPO INTEIRO

1. Instintivamente, o indivíduo colérico, para se defender ou para ofender, antes de mais nada, se não está erguido, põe-se de pé, e apruma-se, endireita-se bem direito, entesa-se diante do inimigo. Daqui, o dizer-se que êle *cresce*.

E, como quem «avança agressivamente», contra alguma pessoa, *cresce para (sôbre* ou *contra) ela*, passou *crescer* a sinónimo de *investir*.

«O Canastreiro LEVANTÁRA-SE de ímpeto, em attitude aggressiva, encarando no Gil». Camilo, *Volcoens de lama*, Pôrto 1886, pág. 57 (1).

«Tu bebeste-lo, mulher! affirmou o Canellas.

Ella encarou-o duramente, sem resposta. O Canellas APRUMOU-SE colérico.

—Tu vendeste-lo, mulher!...» Fialho de Almeida, *Contos*, 6.ª ed., Lisboa 1922 [1923, na capa], pág. 181.

...«Por fim, sacudindo o braço, n'um desabrido, arrogante desprêzo:

—Isso são as opiniões d'um subalterno!

—E isso são as expressões d'um malcreado! uivou o outro, CRESCENDO TODO, com os olhinhos esbugalhados a fuzilar». Eça de Queirós, *A Illustre Casa de Ramires*, 5.ª ed., Pôrto 1920, pág. 50.

...«de repente, o Casco CRESCEU TODO no solitario caminho, negro e alto como um pinheiro, n'um furor que lhe esbugalhou os olhos esbraseados, quási sangrentos». Eça, *Ibid.*, pág. 171.

---

(1) Indico a edição das obras de que me sirvo, apenas da primeira vez que as cito.

«E o estudante já amarelo:

—Eu não o mando sair daí, nem lhe consinto que me chame asno. Olhe que eu largo a espingarda, tiro-lhe das unhas o machado e dou-lhe com êle.

—Ó alma do diabo!—exclamou o pedreiro CRESCENDO para o caçador». Camilo Castelo Branco, *A Brasileira de Prazins*, 4.ª ed., Pôrto s. d., pág. 25.

«Uma noite, quando um dos padres recolhia, enxergou um vulto esbatido no escuro do murthal que formava o tapume da eira de sua casa, e lobrigou por entre a sebe o alvejar de uma saia a fugir. CRESCEU SOBRE O VULTO com o páo em programma de bordoada, e ouviu o estalido do pêrro de pistola. Susteve a pancada, e perguntou:

—Quem está ahi?» Camilo, *Novellas do Minho*, 2.ª ed., Lisboa 1903, vol. I, pág. 91.

Do movimento instintivo, derivou o voluntário de se **colocar o corpo, direito, defronte** do adversário, para exprimir «desafio», «destemor». Cf. *defrontar*, *afrontar*, *enfrentar*. —No geral, êste movimento é acompanhado pelo erguer da cabeça, com «arrogância» (Cf. **23**).

2. O indivíduo pode *entesar-se* e **projectar a barriga para diante,** e, até, quando o adversário é fraco, ir ao ponto de, chegando-se a êle, o empurrar com *pançadas*. Então, pela regra, faz levantamentos, simultâneos, da cabeça (Cf. **22**). Assim «desafia».

3. Outras ocasiões, quando o desafiador tem a convicção de superioridade física própria, ou de cobardia do adversário, aproxima-se dêste, **olha-o bem de perto, procurando-lhe o olhar.** De ordinário, lança-lhe simultâneamente a mão, firme ou sacudidora, à lapela ou à gola do casaco, a um braço, ou, até, no cúmulo de humilhação, lhe toca na cara com os dedos, de chapa. Em lugar de uma só mão, lança, em casos de maior violência no «desafio», as duas mãos aos rebuços do casaco ou aos braços. Quando os adversários se equivalem, então costumam agarrar-se um ao outro, mùtuamente se empurrando e sacudindo,—e, por vezes, não passam dêste «desafio». Os empurrões também podem ser dados com as mãos, sem agarrar.

As posturas de «desafio» e «destemor», inconsciente- ou conscientemente, envolvem o desígnio de «assustar» o adversário, — à semelhança de o que se passa com certos irracionais (Cf. Carlos Darwin, *L'Expression des émotions chez l'homme et les animaux*, trad. francesa de Samuel Pozzi e Renato Benoit, 2.ª ed., Paris 1877, págs. 102-119). Recordem-se os guerreiros que, para amedrontar os inimigos, artificiosamente se davam aspectos terrificantes. E todos conhecemos indivíduos que procuram encobrir a falta de valor, com aparências pimponas — muito berro, muita ameaça, muita... *tesura* — para assustar...

Todavia, o *entesar-se* opõe-se, antes de mais nada, a *curvar-se*. (Vid. **4**).

Repare-se que *têso*, popularmente, é sinónimo de «valente», «forte», «destemido», «impetuoso», «repontão», — «insubmisso».

4. Refiro-me, adiante, a *curvar a cabeça*, para exprimir «cumprimento» (**13**), «agradecimento» (**14**), «pedido de licença» (**15**), «felicitação» (**16**), «submissão» (**17**).

A **curvatura do corpo** tem as mesmas significações, mas com maior intensidade, — desde a cortesia refinada ao servilismo.

« — Oh Padre Soeiro, previna este escudeiro novo que eu não tenho *Dom*. Sou simplesmente Gonçalo, graças a Deus!

O capellão murmurou que todavia, em documentos da Primeira Dynastia, appareciam Ramires com *Dom*. E, como Gonçalo parára deante do reposteiro corrido da sala, logo o bom velho SE CURVOU, COM AS SUAS ESCRUPULOSAS, REVERENTES CEREMONIAS, para o Fidalgo passar.

— Então, Padre Soeiro, por quem é!

Mas elle com apegado respeito:

— Depois de V. Ex.ª, meu senhor»... Eça de Queirós, *A Illustre Casa de Ramires*, pág. 128.

« — Ora venha cá, venha cá! disse elle, mal eu assomei CURVANDO O ESPINHAÇO. Ouça lá a novidade! Que você é uma joia, respeitador de velhos, e tudo merece de Deus e da senhora sua tia. Chegue-se cá, venha de lá esse abraço!» Eça, *A Reliquia*, 3.ª ed., Pôrto 1902, pág. 93.

«O mysticismo posera-lhe no dorso a CURVATURA ARTIFICIAL DA HUMILDADE». Camilo, *Volcoens de lama*, pág. 110.

Curvar-se é, até, sinónimo de «submeter-se», «humilhar-se».

«—Olha, meu rico—dizia-lhe a sr.ª Dorothea que era franca e boa mulher—quem é pobre humilha-se.
—Mas eu não hei de deixar que me comam o caldo na cabeça!—retorquiu êle, torcendo as mãos.
—Mas CURVA-TE, homem, CURVA-TE a quem é mais que tu». Aquilino Ribeiro, *Jardim das Tormentas*, Paris-Lisboa 1913, págs. 227-228.

Ao falar de *curvar a cabeça*, avento a minha opinião sôbre a origem dêste gesto e, conseqüentemente, a da *curvatura do corpo* até à total *prostração* (17).

O indivíduo, dominado por outro, seria forçado a *curvar a cabeça*, depois a *curvar o corpo*, e, vencido completamente, a *prostrar-se*. No derrubamento para diante, o indivíduo passaria, naturalmente, pelo *ajoelhamento*, antes de *afocinhar*.

Daqui, os gestos convencionais de: *curvar a cabeça*, *curvar o corpo*, *cair de joelhos*, e *dobrar-se completamente*, de face até ao chão.

Trata-se de «submissão», em graus de crescente intensidade.

5. Ajoelhar-se exprime, como se disse agora, «submissão», manifestada sob vários aspectos: «grande respeito», «reverência», «veneração», «adoração», «imploração», «agradecimento»... É postura religiosa de quem «pede» ou «agradece» *(dá graças)*. As mulheres dobram os dois joelhos; os homens, os dois ou só um.

«—Ah! se o visse hoje [a D. Miguel], de certo o não conhecia... Está muito acabado...
—Conhecia, conhecia...
O abade sentiu um raio de dramatização que o vibrou todo. Eriçaram-se-lhe os cabelos, e coou-lhe pela espinha uma faísca eléctrica. Fez um passo atrás, e quando o Veríssimo repetiu: «Era impossível conhecê-lo» o padre PÔS UM JOELHO

EM TERRA, estendeu o braço direito, e com o dedo indicador em riste, exclamou:

—Ei-lo! ei-lo!

—Ó abade! o snr. está alucinado! Por quem é, levante-se! Eu não sou quem pensa!

—Estou como devo estar diante do meu rei!—terminou o abade, COM OS DOUS JOELHOS NO SOBRADO.

—Levante-se que vem gente!—dizia o outro, ouvindo passos na escada.

Era o Nunes.

—Entre, amigo!—disse o abade,.....................

Torcato encontrou o abade de joelhos e o Veríssimo esforçando-se por levantá-lo.

—AJOELHE a meu lado, Nunes! que eu estou aos pés de el-rei!—exclamou o padre.

E o outro, AJOELHANDO:

—Eu já o sabia, rial Senhor!» Camilo, *A Brasileira de Prazins*, págs. 126-127.

«O enforcado VERGOU OS JOELHOS com assustada reverencia:

—Senhor, para que me experimentaes com esse signal? Só por elle alcançamos remissão,—eu só d'elle espero misericordia.

Então D. Ruy pensou que, se esse homem não era mandado pelo Demonio, bem podia ser mandado por Deus! E logo devotamente, com um gesto submisso em que tudo entregava ao céu, consentiu, acceitou o pavoroso companheiro:

—Vem commigo, pois, a Cabril, se Deus te manda!» Eça de Queirós, *Contos*, 5.ª ed., Pôrto 1921, págs. 233-234.

«GENUFLECTIU-SE deante do marido, e respondeu com firmeza de penitente que se offerece ao supplicio:

—Perdoo-te a morte, Roberto. Mata-me». Camilo, *Volcoens de lama*, pág. 65.

«Dorothea PROSTRAVA-SE DE JOELHOS aos pés do primo a pedir-lhe que a recebesse, que a recebesse e a matasse depois, se ella lhe desse algum desgosto». Camilo, *Ibid.*, págs. 24-25.

«Foi [Teresa] a Badajoz e pediu ao arcediago que lhe salvasse o marido e o sogro. LANÇOU-SE-LHE AOS PÉS, ABRA-

ÇOU-LHE OS JOELHOS, BEIJOU-LHE AS MÃOS». Camilo, *Novellas do Minho*, vol. III, pág. 196.

«— .... Digo-lhe que Açucena vive, mas não para o mundo. «Quero vêl-a — exclama elle — quero pedir-lhe perdão!» É impossivel — disse-lhe eu.

— Sim, sim, é impossivel!... atalhou Açucena, sobresaltada.

— QUER LANÇAR-SE-ME AOS PÉS... eu tento fugir-lhe... segura-me pela mão, e exclama com desespêro: «Tenho fome! estou ha tres dias sem pão! dê-me uma esmola!» Camilo, *A Neta do arcediago*, 6.ª ed., Lisboa 1918, págs. 198-199.

«— Não me falles em Mariana. Tenho tido horas de inferno, pensando n'essa infeliz... Eu não sou de bronze, Proença. Vi-me tão afflicto uma noite na cadeia, que me PUZ DE JOELHOS a pedir-lhe perdão, cuidando que a via». Camilo, *Ibid.*, pág. 191.

«Ella então AJOELHAVA-SE deante do marido a pedir-lhe perdão com uns tregeitos de douda; e elle pegava de barregar que não queria comedias». Camilo, *Volcoens de lama*, pág. 52.

«— Que tens tu, mulher? — exclamou a mãe.

— Estou muito afflicta, afflicta! Jesus, valei-me! — dizia Josefa entre gemidos, sentando-se, erguendo-se, e fazendo até uns gestos diante da mãe como se quizesse AJOELHAR-SE-LHE COM AS MÃOS ERGUIDAS». Camilo, *Novellas do Minho*, vol. II, pág. 141.

«A mãe não o largava; e assim que elle punha pé fora de casa, ahi estava ella DE JOELHOS a implorar vigilancia ao anjo da guarda de seu filho». Camilo, *Volcoens de lama*, pág. 39.

«— Eu! Jesus! Eu! sua filha! — clamou ella [Maria], pondo as mãos convulsas, quando elle a beijava na fronte.

Maria CAHIU DE JOELHOS, pendente dos braços do pae; e os velhos, e as creanças AJOELHARAM tambem, trementes e estaticos, sob a faisca electrica d'aquelle sublime lance». Camilo, *Novellas do Minho*, vol. II, pág. 199.

Voltarei ao *ajoelhamento*, quando falar de *erguer as mãos*.

6. **Dobrar completamente o corpo**, com a face até ao chão, é hoje postura convencional rara, que mesmo quási desapareceu do ambiente religioso.

...«DE JOELHOS, COM OS LABIOS COLLADOS NO PAVIMENTO, diante do oratorio». Camilo, *A Neta do arcediago*, pág. 216.

«Então foi um santo, tumultuoso, inflammado delirio! PROSTRADA, a turba BATIA AS FACES NA TERRA DURA: um clamor de orações subia ao céo puro por entre o estridor das tubas». Eça, *A Reliquia*, pág. 233.

«— Resta saber, cavalheiros, de que Reliquia se trata. Tive sêde, ardente sêde do sangue d'aquelle padre! Trespassei-o com dois olhares mais agudos e faiscantes do que espetos em braza:

— Talvez v. s.ª, se é um verdadeiro sacerdote, SE ATIRE DE FOCINHO PARA BAIXO A REZAR, quando apparecer aquella maravilha!...» Eça, *Ibid.*, págs. 448-449.

«Morava ahi um egresso franciscano de muita fama, com a caza sempre, desde o apontar da manhan, n'um assedio de beatas encapuchadas, com as mãos cruzadas sôbre o peito, cabello á escovinha e o terror do inferno nos olhos espavoridos. Algumas escabujavam com hysteria na egreja; outras, PROSTRADAS DE BORCO sôbre as campas, FAZIAM PYRAMIDES SEM VERTICE, CONES TRONCADOS, COM O LOMBO E PARTES SUBJACENTES». Camilo, *Volcoens de lama*, pág. 44.

Esta postura exterioriza, em último grau, «imploração», «agradecimento» *(dar graças)*, «adoração», — «submissão», enfim.

É, na origem, a fase última da «derrota completa», da «submissão violenta», e, sôbre isso, posição em que o vencido é «castigado» com pancadas. Cf. ainda: *pôr o pé no cachaço* (ou *na cerviz*), «submeter inteiramente», «humilhar».

7. **Retirar-se**, sair da presença ou, pelo menos, afastar-se de alguém, com quem se está a tratar, é movimento que exprime «zanga», «desdém», «desprêzo». É *não querer mais conversa(s)*; *Não querer ver mais*... — A êste movimento chama-se também *voltar* (ou *virar*) *as costas*, porque, de facto, quem se «retira», *volta as costas*. (Vid. **8**).

«—Comece com as suas impiedades, senhor Luiz da Cunha... Olhe que eu RETIRO-ME D'AQUI... Quando ha de perder o vicio da maledicencia?»... Camilo, *A Neta do arcediago*, pág. 35.

«—Adeus, minha vida, que ellas armam-se!—retrucou o marido iracundo.—Se me vens ralar p'rá cama, vai-te deitar com a filha, e deixa-me.

....

—Lá por isso não te afflijas que eu SAFO-ME já—disse ella de repellão; e, levantando do sobrado a troixa do vestido e do saiote, SAHIU com grande velocidade e um rijo bater de chinellas nos calcanhares.» Camilo, *Novellas do Minho*, vol. III, pág. 94.

«O riso, como eu o mordesse entre os beiços, rebentou-me pelos narizes.

Henrique achou estupido o espirro, e tinha razão. Fitou-me com desagradavel semblante, e disse:

—O senhor parece-me tolo!

....Gaguejei não sei que palermas desculpas, que azedaram mais Henrique..................................

O resultado foi que Henrique Pestana VOLTOU-ME AS COSTAS, E DESCEU Á CAMARA». Camilo, *Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado*, 4.ª ed., Lisboa 1920, págs. 114-115.

«—As mulheres do theatro não se namoram.

Albertina estava attonita do que ouvia:

—Então? disse ella sem saber, ao acaso.

—É simples, ia dizendo Jorge. Primeiro cercam-se como as cidades sem viveres. Depois compram-se. Entendeste?

Ella ERGUEU-SE com os labios brancos e as mãos crispadas. Estendeu-lhe secretamente a mão.

—Adeus.

VOLTOU-LHE AS COSTAS com um ar de rainha E ENTROU NA ALCOVA». Fialho, *Contos*, págs. 330-331.

«E já noite, aquella rustilhada official, batendo em trens vertiginosos, d'á volta de S. Vicente, aquella rustilhada tinha o ar de VIRAR AS COSTAS ao pae, PARA CHEGAR a tempo d'ainda se poder anichar junto do filho». Fialho, *Os Gatos*, 2.ª ed., Lisboa 1911, vol. I, pág. 189.

Para mandar alguém «retirar-se», «ir-se embora», existe a expressão popular *Vira-me o lombo!* (Viana-do-Castelo). E note-se ainda a expressão *Ver pelas costas* (verificar a «retirada», a «ausência»):

«— Ora!... tomaram as tuas criadas VÊR-ME PELAS COSTAS... Tem-me um ódio!...» Camilo, *Novellas do Minho*, vol. II, pág. 24.

8. **Voltar** (ou **virar**) **as costas,** porém, não implica forçosamente «retirada».

Note-se que também se diz *voltar costas, virar costas*, sem artigo.

À primeira vista, parece movimento do tronco, mas, olhadas bem as coisas, é ainda movimento do corpo inteiro; e o intuito é, pròpriamente, desviar em sentido contrário os olhos e a bôca, isto é: *Não querer ver mais, não querer mais conversa(s)*, como acima se disse para *Retirar-se* (**7**). Começa-se por *voltar a cara* (**31**), e acaba-se por *voltar o corpo*, do qual as *costas* são a parte que, no lance, mais avulta (Cf. **33**).

Exprime «zanga», «desdém», «desprêzo», «não fazer caso», «não ligar importância».

«Itelvina ia roxa de raiva; e a senhora D. Custodia, VOLTANDO AS COSTAS com arremesso a Bazilio, resmuneava censurando a tola civilidade do marido.» Camilo, *Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado*, pág. 45.

«— Vá-se embora, que eu não morro d'esta vez.

— Assim o permittirá Deus — respondeu o sacerdote com grave compostura — mas os beneficios dos sacramentos não utilisam sómente aos que vão á presença do Senhor.

— Não me conte historias — tartamudou o brasileiro, rolando-se [no leito] de modo que lhe VIROU AS COSTAS». Camilo, *Os Brilhantes do brasileiro*, 6.ª ed., Lisboa 1922, pág. 147.

«Noutro rancho mais sério o seu criado Serrano, e tropa do costume, entretêm «as grandes», que VOLTAM COSTAS aos fedelhos, não os querendo ao pé a ouvir o que elas dizem. «¡Rodar p'ra longe!» — bravejam as cabrônas.» Ferreira Soares, «O Sonho», in revista *Portucale*, vol. VI, pág. 56.

«Belchior pediu que o deixassem ir lá despedir-se de sua mãe. O regedor VOLTOU-LHE AS COSTAS, acenou aos cabos que marchassem». Camilo, *Novellas do Minho*, vol. I, pág. 97.

As costas podem ser voltadas, realmente, para «não ver», sem a intenção apontada:

«N'este lance, assomou á porta do seu quarto a creada, que despertára com o rumor dos passos: mas, vendo o amo vestido tão insufficientemente como o poderia estar o nosso primeiro avô, se fugisse do paraizo depois de inventar o lençol, recuou trespassada de pudor.

—Onde está a menina?! —perguntou o attribulado pai.

—Onde está a menina?!—repetiu a creada COM AS COSTAS VOLTADAS para o escandalo.» Camilo, *Novellas do Minho*, vol. II, pág. 19.

(Cf. **35**).

Ainda se voltam as costas, por «vergonha», «embaraço», «confusão», a fim de «esconder a cara», evitando os olhares de outrem. É gesto, sobretudo, de crianças (Vid. **18** a **19**).

Note-se que, no passo camiliano, a criada, que «recuou trespassada de pudor», voltou as costas para *não ver* «o escândalo», e não para *esconder a cara* aos olhares do patrão.

9. Quem *se retira* tem de se erguer, no caso de não se encontrar já de pé, — escusado era dizê-lo. O **levantar-se** toma, porém, em certos lances, especial relêvo, e caracteriza então o movimento. Dir-se-á: *Levantou-se!*, e não: *Voltou as costas!*, ou *Retirou-se!*, mas trata-se, afinal de contas, do mesmo movimento, acrescido da fase inicial acessória «levantar-se».

Isto dá-se quando há pessoas reünidas, a conversar, em convivência, nomeadamente «à mesa». A pessoa que se zanga, que se julga ofendida, ou que, por outro lado, quere ofender, *levanta-se* e retira-se. *Estar* (ou *ser*) *a mais* ou *de mais* são palavras comummente aplicadas ao caso. Por vezes, o *levantar-se* toma certo ar solene.

«—Devo ser franco, senhora; com meias palavras não fazemos nada: o sr. Vasco vai casar com uma sua prima,....

Thomazia ERGUEU-SE SOBERANAMENTE, ADMIRAVELMENTE, e disse:

— Não tem mais nada que me dizer? Dê-me licença, e queira esperar um pouco, em quanto eu vou buscar as chaves das gavetas do sr. Vasco para lh'as entregar.

— A mim?

— Pois a quem? Eu vou sahir d'esta casa»... Camilo, *Novellas do Minho*, vol. II, págs. 39-40.

Para exemplificar o «levantar-se da mesa», por impulso colérico, o Sr. Dr. Henrique de Vilhena lembra, no seu livro *A Expressão física da Cólera na Literatura* (2.ª ed., Lisboa 1930 [1931, na capa], pág. 166), o relanço do *Vélho Testamento*:

«LEVANTOU-SE, pois, Jonathas da meza TODO ENCOLERIZADO, e não comeo neste segundo dia das Calendas. Ficou porém mui sentido por causa de David, porque seu pai o ultrajara a elle mesmo». (*Reis*, liv. I, XX, 34; trad. do P.ᵉ António Pereira de Figueiredo).

Pouco mais ou menos como o Sr. Melitão...

«Melitão [que estava sentado à mesa] assanhou-se, LEVANTOU-SE DE SALTO, atirou com o talher de encontro ao *plateau* e vociferou:

— Sabes que mais? Vae para o diabo que te carregue que eu não estou para te aturar, ouviste?

E SAFOU-SE para a fábrica...» Camilo, *Volcoens de lama*, págs. 165-166.

Os gestos ùltimamente considerados são de origem espontânea.

B) CABEÇA

10. Para «afirmar», fazem-se movimentos de **flexão e extensão** da cabeça *(dizer* ou *acenar que sim com a cabeça)*, repetidos, mais ou menos rápidos, ou um só. Para «afirmar», e, conseqüentemente, para manifestar «aprovação», «conformidade», «concordância», «condescendência».

«É castigo de Deus! tornava elle, e a velha ABANAVA A CABEÇA em sinal de affirmação». Fialho, *O País das Uvas*, 2.ª ed., Lisboa 1913, pág. 179.

«O abade e o Nunes com MUITOS GESTOS AFIRMATIVOS — que sim, que era muito pior, e mais melindroso, muito mais». Camilo, *A Brasileira de Prazins*, pág. 123.

Todos CABECEANDO o dito aprovão

Foguetário, I, 10 (1).

«— Vinte e cinco, vinte e cinco, affirmou a S. Joanneira. E o conego apoiou-a, OSCILLANDO GRAVEMENTE A CABEÇA». Eça de Queirós, *O Crime do Padre Amaro*, 4.ª ed., Pôrto 1901, pág. 77.

«— Não sejas asno — fez ella lisongeada. — Baroneza! Pois não foste!
— D'essa massa se fazem — gesticulou Macario com A CABEÇA EM BALOUÇOS AFFIRMATIVOS de conformidade com o vaticinio». Camilo, *Eusebio Macario*, Pôrto 1879, pág. 221.

«— Está feito... — assentiu o abade DANDO Á CABEÇA TREZ LIGEIRAS DEMONSTRAÇÕES de consentimento.» Camilo, *Novellas do Minho*, vol. I, págs. 22-23.

.... o Padre poderoso,
A CABEÇA INCLINANDO, consentiu
No que disse Mavorte valeroso

Lusíadas, I, 41 (2).

«O fidalgo CABECEOU UM GESTO de assentimento e abafou o frouxo de riso no seu lenço de sêda da India». Camilo, *Eusébio Macário*, pág. 236.

«— .... Snr. Arthur, hade ouvir-me com paciencia. Eu respeito os homens; mas não respeito os vicios. Sei que

(1) Pedro de Azevedo Tojal, *Foguetario*, ed. de Mendes dos Remédios, Coimbra 1904.

(2) Sirvo-me da edição que publiquei: *Os Lusíadas de Luís de Camões*, edição organizada por Cláudio Basto (2.ª ed. revista e aumentada), Pôrto («Marânus») 1935.

está prezente; mas a minha consciencia, tendo de o accusar, não o vê.

O primo de Dorothea fez um GESTO CONDESCENDENTE DE CABEÇA, e ouviu:

—A creancinha»... Camilo, *Volcoens de lama*, pág. 263.

Sôbre gestos de «afirmação», vid. C. Darwin, *L'Expression des émotions*, págs. 296-301, e quanto à origem do gesto de «afirmar com a cabeça», vid. o que digo em **17**, *in fine*.

11. As **flexões e extensões da cabeça, repetidas vagarosamente,** acompanham a confirmação reflexiva, pensativa, de algo que nos está acudindo ao cérebro (lembrança, revelação, aclaração...).

«—Bonita era ella...—concordou o estudante de theologia dogmatica; e MOVENDO PAUSADAMENTE A CABEÇA como quem confirma uma recordação dolorosa, accrescentou:

—Bem sei eu quem foi a causa d'este suicidio...» Camilo, *Novellas do Minho*, vol. II, pág. 118.

«—.... Espera lá!... Como a velhice nos varre tudo da memoria! Ah! uma circumstancia... o apparecimento de uma creança no rio...

—O quê?

—Espera, Antonio, não me quebres o fio das recordações.

Gonçalves Penha tapou a cara com as mãos, curvou-se BAMBOANDO A CABEÇA, ergueu-a com impeto, e disse:

—Parece que vejo reviver o passado... Olha, Queiroz, na mesma noite em que essa rapariga appareceu moribunda no rio, um homem que andava á pesca encontrou uma creança viva»... Camilo, *Ibid.*, pág. 180.

12. Os mesmos movimentos **pausados** podem significar «aviso», «recriminação», ou «ameaça».

«BAMBOOU tres vezes A CABEÇA carregada de ameaças». Camilo, *Vinte horas de liteira*, 2.ª ed., Lisboa s. d., pág. 23.

«O visconde, impassivel, encarava João da Cunha COM SOBRECENHO.

—Tem um excellente filho, senhor Cunha!—disse José Bento, BALANÇANDO A CABEÇA COM PUNGENTE IRONIA, e solfando no pavimento com o pé direito.

—Tenho um desgraçado filho, senhor visconde!—murmurou João da Cunha, caindo extenuado sobre uma cadeira, e amparando a fronte calcinada na mão ardente como ella». Camilo, *A Neta do arcediago*, pág. 70.

Bem analisado, é gesto de «afirmação»: afirma-se que se efectuará, ou é possível efectuar-se, o que se tem na mente.

13. «Cumprimenta-se» com a **flexão e extensão da cabeça**, *(a)baixa-se a cabeça*, uma só ou mais vezes.

Os homens, se não têm a cabeça descoberta, descobrem-na. Baixar a cabeça, sem a descobrir, é gesto de grosseira desconsideração, a não ser que haja grandíssima familiaridade.

«José de Almeida sorriu-se com o mais caracteristico gesto de mofa, ABAIXOU A CABEÇA SEM SE DESCOBRIR, e retirou-se sacudindo a calça com o chichote de baleia». Camilo, *Novellas do Minho*, vol. I, pág. 34.

14. **Baixa-se a cabeça** também para «agradecer»,—uma só ou mais vezes; raramente com muitos movimentos:

«Falou-lhe em francês; ela, muito encarnada, não o percebia; disse-lhe que não falava francês; e êle, mudando de língua para várias línguas, disse-lhe que *mucho piacere comprimentarla eccellenza, signora baronessa*—o que ela percebeu e AGRADECEU COM MUITOS BALOUÇOS DE CABEÇA, sorrisos e derengues de cintura». Camilo, *Corja*, Pôrto s. d. (Col. «Lusitânia»), págs. 119-120.

Êste movimento é, na essência, o de «cumprimentar». Agradece-se, cumprimentando.

«Macario não pôde dar todos os pormenores históricos e característicos d'aquella assembleia. Lembrava-se apenas que um corregedor de Leiria recitava o *Madrigal a Lydia:* lia-o de pé, com uma luneta redonda applicada sobre o papel, a perna direita lançada para diante, a mão na abertura do

collete branco de gola alta. E em redor formando circulo as damas.... — Muito bonito, diziam, muito bonito! E o corregedor, desviando a luneta, CUMPRIMENTAVA sorrindo»... Eça de Queirós, *Contos*, pág. 16.

15. Também assim se «pede licença», se «pede *vénia*». Daí, *vénia* com significado de «mesura», «*cortesia*», «*cumprimento*». Sempre, na essência, gesto de «cumprimentar».

16. Ainda com o **baixar da cabeça** se dão «parabéns», «felicitações», — o que é, também, «cumprimentar».

« — .... Recordava-se pouco do convento, da disposição dos altares e do numero de imagens. Se havia throno?

— Um pequenino e dourado, todo velho.

— E santos, senhor padre, e santinhos?

— Isso muitos, minha rica senhora, muitos. Santa Rita, logo á entrada; S. Bento á esquerda; a Senhora do Rosario...

— Minha madrinha... fez notar a governante, dona papuda, de bigode. Padre Nazareth CUMPRIMENTOU, e foi continuando a enumerar:

— O Senhor dos Passos, imagem de muita virtude e milagres; Santa Isabel, rainha»... Fialho, *Contos*, pág. 281.

« — Oh Cavalleiro! eu tenho empenho em que você prove esse vinho com cuidado... É da minha propriedade do Corvello... Faço muito gosto n'elle. Mas prove com attenção!

S. Ex.ª provou com devoção, como se commungasse. E COM UMA CORTEZIA compenetrada para Barrôlo que reluzia de gosto:

— Uma delicia! uma verdadeira delicia!» Eça de Queirós, *A Illustre Casa de Ramires*, pág. 259.

O *baixar da cabeça* como «cumprimento» seria, na origem, sinal de «submissão».

17. Curvar a cabeça ou **baixá-la,** mas agora «*conservando-a baixa*», exprime, realmente, «submissão».

« — Uma bulha! acudiu com perversidade o vil Negrão.... Uma bulha, na cidade de Jesus Christo! Ora essa! Que desacato!

Com os dentes cerrados encarei o torpissimo padre:

—Sim, senhor! um chinfrim!... Mas fique v. s.ª sabendo que o snr. patriarcha de Jerusalem me deu toda a razão, até me bateu no hombro e me disse: «Pois Theodorico, parabens, vossê portou-se como um pimpão!» Que tem agora v. s.ª a piar?

Negrão CURVOU A CABEÇA....:

«—Se Sua Eminencia approvou»... Eça de Queirós, *A Reliquia*, pág. 443.

«—Se o Fidalgo me fizesse a esmola de uma palavra...

—Ah, é você, Casco! Homem, não o conhecia... E então?

Dobrou o jornal, tranquillisado—gozando mesmo a submissão d'aquelle valente que tanto o apavorára,.....

O Casco amassava as abas do chapéo, com a CABEÇA DERRUBADA. E sem a erguer,»... Eça de Queirós, *A Illustre Casa de Ramires*, págs. 271-272.

Êste passo queirosiano pinta bem a postura do lavrador submisso e confuso, «amassando as abas do chapéu». Na «submissão», pode fundir-se «arrependimento», «enleio», «vergonha». Mas é necessário distinguir o *curvar da cabeça* de «submissão» — como se se passasse sob o *jugo* — e o *curvar da cabeça* para «esconder a cara», «evitar os olhares» de outrem (Vid. **18-19**).

As mais das vezes, o «curvar da cabeça» implica, naturalmente, o curvar da parte superior do tronco.

«E André Cavalleiro, furioso, mas VERGANDO OS HOMBROS COM IRONICA SUBMISSÃO, apenas murmurou: — «Bem, perfeitamente!... Cada um se entende a seu modo...». Eça de Queirós, *A Illustre Casa de Ramires*, pág. 454.

A curvatura pode estender-se ao corpo todo (**4**).

Êste movimento de «submissão» — e nêle filio todos os movimentos de «cumprimentar», como se viu — deve ter a sua primeira origem no acto natural de *submeter* o inimigo pela cabeça, filando-o pela *nuca*. O inimigo é assim forçado a *curvar a cabeça* e, depois, o corpo todo, e, por último, forçado a rojar-se pelo chão (**4-6**).

«— .... E vai que me ha de elle responder? Que se estava a... Emfim, nem eu posso repetir! Uma coisa inde-

cente contra o tumulo de Nosso Senhor... E eu, titi, passa-me uma oura pela cabeça, agarro-o pelo cachaço...

—E magoaste-o, filho?

—Escavaquei-o, titi!» Eça de Queirós, *A Relíquia*, págs. 444-445.

...«as mulheres envencilharam-se aos maridos, dando--lhes os filhos a beijar. E como as despedidas não tivessem fim, um dos expedicionários, corpulento e cara dura, forte da escopeta que terçava, pôs-se A SACUDI-LOS como cães, um a um PELO CACHAÇO». Aquilino Ribeiro, *Estrada de Santiago*, Lisboa 1924, pág. 239.

«Um dos moinas, o cabriteiro das Rãs, quis ainda respingar; mas êle, PEGANDO-LHE PELO CACHAÇO, AFOCINHOU-O:

—Desaparece-me, que não te deixo ôsso direito!» Aquilino Ribeiro, *Ibid.*, pág. 151.

Mas nem só para submeter homens, o acto referido foi usado; igualmente, para irracionais,—tam natural êle é. Foi êsse acto natural de submeter que sugeriu o *jugo*. Recordem-se os bois, cuja cerviz... parece até destinada para êle, como Cícero pensou (1).

«—.... Indomavel era a Galacia; Filippe e Perseu tinham exercitos na planicie; Antiochus o Grande commandava cento e vinte elephantes e carros de guerra innumeraveis... Roma passou; d'elles que resta? Escravos, pagando tributos...

CURVÁRA-SE, pesadamente, COMO UM BOI SOB O JUGO. Depois.... proseguiu»... Eça de Queirós, *A Reliquia*, págs. 257-258.

E se tantos troféus do Maometa
Alevantando vai, também do forte
Lionês não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de Mavorte,
Até que NA CERVIZ seu JUGO mêta

---

(1) ...«cervices autem natæ ad jugum». *De natura Deorum*, liv. II, LXIII.

Da soberba Tuí, que a mesma sorte
Viu ter a muitas vilas suas vizinhas,
Que por armas, tu, Sancho, humildes tinhas.

Lusíadas, III, 89.

E que os gentios reis que não dariam
A CERVIZ sua AO JUGO,....

Ibid., X, 10.

Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja CERVIZ bem nunca FOI DOMADA

Ibid., IV, 73.

Mesmo na agressão armada, o que se pretende de preferência atingir — é a cabeça: deitá-la *abaixo*, fazê-la *curvar*, — sendo a cabeça *caída*, aliás, postura natural de perda de fôrças, falta de acôrdo.

Depois, o vergar da cabeça tornou-se, simbòlicamente, gesto de «submissão». A passagem dos vencidos sob o *jugo ignominioso*, «curvando-se», foi cerimónia simbólica, inspirada, sem dúvida, naquele acto *natural* de «submeter».

Na linguagem, ficou, documentalmente, *vergar*, *dobrar*, *inclinar*, *curvar* ou *(a)baixar a cerviz:*

Até que, a fôrça só de braço, aprendem
A ABAIXAR A CERVIZ,....

Lusíadas, X, 41,

e, em oposição, *levantar* ou *sacudir a cerviz:*

Do JUGO que lhe pôs, o bravo Mouro
A CERVIZ inda agora NÃO SACODE.

Ibid., IV, 55.

Cf. **28**.

O movimento de «afirmar» com a cabeça deve ainda relacionar-se com êsse gesto simbólico de «submissão». O movimento de «afirmar» pode reduzir-se, afinal, a *curvar a cabeça*, *baixar a cabeça*, e, assim, se prestaria, originàriamente, *submissão* à «ordem», à «vontade» de outrem. Há outras opiniões (Vid., por ex., C. Darwin, *L'Expression des émotions*, págs. 296 e segs.). Para prova da minha opi-

nião, cf. o que digo acêrca da origem do gesto negativo com a cabeça (28).

18. «Esconde-se a cara», para «evitar os olhares de outrem», por «enleio», «confusão», «vergonha», — ou **curvando a cabeça,** como já apontei (17), ou:

18-a. voltando a cara para o lado:

«Thereza de Jesus, n'este lance, como não podesse VOLTAR O ROSTO, coloriu-se de um vivissimo escarlate, como se os olhos do seu retratista lhe levassem á face o ardor dos primeiros beijos». Camilo, *Novellas do Minho*, vol. III, pág. 85;

ou **cobrindo a cara com as mãos,** ao que, no devido lugar, voltarei a referir-me.

19. Pode-se também **esconder a cara no peito de outra pessoa.**

«—....Felizarda, queres casar com o sr. José Francisco?
—Se o pai quizer... tambem eu.—E ESCONDEU O ROSTO NO SEIO DA MÃE com umas visagens que pareciam de entremez; mas que eram da maior naturalidade». Camilo, *Novellas do Minho*, vol. I, pág. 242.

Notem-se as frases populares: — *Até escondia a cara!*; *Metia a cara num saco!*; *Até tingia a cara de negro!*; etc., opostas a estoutras: *Posso andar com a cara levantada!*; (ou *com a cara direita!*); *Trago a cara bem descoberta!* etc. No primeiro caso, as pessoas repulsam actos «que envergonham», e, no segundo, atestam que *não há nada que se lhes ponha* (ou *se lhes diga*), *que as envergonhe.*

«— .... «Que necessidade tem a menina de andar com esconderetes? — acabou por rosnar. — É o seu desposado, que venha DE CARA DESCOBERTA!»
— Perdão, Ximena, perdão pelos enfados que vos dou. De facto, o que me traz não é coisa de que haja de COBRIR O ROSTO. Mas eu desejava sentir-me à vontade,»... Aquilino Ribeiro, *S. Banaboião anacoreta e mártir*, Lisboa s. d. [1937], pág. 8.

As crianças também *voltam as costas*, ou *fogem*, ou *escondem a cara no vestido da mãe* (ou *da pessoa que as acompanha*).

Por «mêdo», curva-se a cabeça «a fim de evitar os olhares» de quem acusa, mas, nesse caso, o gesto não deixa de ser também de «submissão»: dobra-se a cabeça, á espera de castigo.

Os indivíduos culpados, nomeadamente os mentirosos, evitam os olhares das outras pessoas, em primeiro lugar para que lhes não adivinhem, na cara, a culpa, e logrem, assim, escapar-se.

20. Também, familiarmente, ou quando se liga pouca importância, se «cumprimenta» **levantando a cabeça e fazendo-a voltar logo à posição natural** (Cf. 21).

Creio ser a êste gesto que o seguinte passo camiliano alude:

«Quando Luiz da Cunha era conduzido por dois soldados á administração do bairro, encontrou Liberata em uma sege, e respondeu com um GESTO DE CABEÇA á rasgada cortezia que ella lhe fizera». Camilo, *A Neta do arcediago*, pág. 81.

21. Êste mesmo gesto serve para «interrogar», como dizendo: *Que há?; Que dizes?; Então?*

Quando com êle se «cumprimenta», pode corresponder a *Viva!*, *Adeus!*, mas, em todo o caso, não deixa também de ser interrogativo acêrca da saúde: *Como passaste?; Como estás?; Como vais?*

Quando fazemos repetir o que nos disseram, por não termos ouvido bem, — usa-se o gesto interrogativo, acompanhado quási sempre de: *hum?; hã?* ou *hâ?* (1); *quê?;* etc.

22. Semelhante **levantamento rápido da cabeça** também exprime «desafio».

---

(1) Há diversas maneiras gráficas de reproduzir estes sons, em geral — ou sempre... — convencionais. Cf. Tylor, *La Civilisation Primitive*, tomo I, trad. francesa da 2.ª ed. por Paulina Brunet, Paris 1876 [1920, na capa], pág. 218, e João Ribeiro, *Curiosidades verbais*, S. Paulo s. d., pág. 117.

«Em baixo, na ponte, [o Fidalgo] espreitou para traz, para a branca casa florida. O mocetão parara, encostado á espingarda, sob a janella onde a rapariga morena se debruçava entre os dous vasos de cravos. E assim encostado, depois de rir para a moça, ACENOU AO FIDALGO, n'um desafio largo, COM A CABEÇA ALTA»... Eça de Queirós, *A Illustre Casa de Ramires*, pág. 157.

O gesto é, em substância, «interrogativo» (Cf. 21); equivale a: *Que quere?; Quere «alguma coisa»?; Que temos?; Que há?;* etc.

¿Qual a origem, porém, do gesto *interrogativo?*

Para prestar «atenção», fixamos a vista, naturalmente, nos olhos de quem nos fala; e se *queremos saber* qualquer coisa, da parte de alguma pessoa que *não fala*, manifestamos a atenção igualmente, *fitando*, para que ela se resolva a responder ou para lhe adivinhar nos olhos o pensamento.

No *olhar*, portanto, é que se manifesta a «atenção» expectante, — a «interrogação», em suma. *Interroga-se com os olhos.*

«— .... O padre é o vosso santantoninho por quem sois. Cuidas que sou cego? Mais duma vez te tenho visto a espenujar-te diante dêle, que nem pareces donzela de assento.

— Anjo custódio! Outra venha que rabo tenha... Rio-me para êle; que mal tem?

— Tem muito. ¿Julgas que o coroado vem para aqui caçar por caçar? Lebres e perdizes, tem-nas a dois passos, a dar por um pau na serra de Tarouca.

Ela FITOU-ME muito sério NO FUNDO DAS MENINAS A ESCRUTINAR, e tornou:

— Vem então pelos meus bonitos olhos?» Aquilino Ribeiro, *Estrada de Santiago*, pág. 80.

«— .... Aqui só lhe posso dizer que estou pronto a medir o pau consigo.

....

— Pois seja lá como quiser. Tem pau?

— Tenho pau.

Fui buscar o lódão e pude dizer à Rita, que me seguira e estava branca como a cera:

— Ó menina, empresta-me uma navalha? uma faquinha que seja...? O principal é que corte bem...

Fitou-me ela muito nos olhos, mas eu sosseguei-a rebatendo-lhe com boas razões o pensamento errado:»... Aquilino Ribeiro, *Ibid.*, págs. 97-98.

«Concluida a leitura, Felizarda, antes que o leitor a interrogasse com os olhos, exclamou:»... Camilo, *Novellas do Minho*, vol. I, pág. 241.

« — Tem mãe? — perguntou Maria da Piedade.

— Sim, tenho, minha senhora.

— Ah, tem?! — e olhou para o pae, como a interrogar-lhe mudamente o coração». Camilo, *Ibid.*, vol. II, pág. 95.

O levantar da cabeça, movimento acessório determinado pelo gesto «interrogativo» dos olhos, passou a significar a «interrogação», por se tornar mais saliente. Êste movimento, acentuado, individualizou-se, por fim, na forma de «levantamento rápido e breve».

23. Já se disse que **levantar a cabeça,** com certa demora, é sinal de «arrogância» (Cf. **I**).

«—.... Não sei, mas desconfio que ella namora o filho do João Retrozeiro, que me está sempre a ler por detraz dos vidros.

— Devéras?

— Parece-me que sim. A minha Angelica já o desconfiou, e ralhou-lhe. A senhora Rosinha levantou a cabeça, e disse que não dava satisfações a ninguem». Camilo, *A Filha do arcediago*, 6.ª ed., Lisboa 1918, pág. 14.

«O abbade então chorou, ergueu a fronte com arrogancia, e bradou:»... Camilo, *Novellas do Minho*, vol. I, pág. 53.

«O velho poz a mão convulsa nos copos do espadim, arquejou largo espaço, e disse:

— Duvido que vossê seja meu filho. Prohibo-lhe que se assigne *Queiroz de Menezes*. Adopte o appellido de algum dos meus lacaios.

Antonio LEVANTOU O ROSTO e redarguiu:
— Não se ultraja assim a memoria de minha mãe». Camilo, *Novellas do Minho*, vol. II, pág. 132.

Êste *levantar da cabeça* opõe-se ao *curvar da cabeça* de «submissão». (Vid. 17).

24. «Quando sùbitamente se faz luz no cérebro», surgindo a compreensão ou a recordação do que quer que seja, efectua-se um **rápido levantamento da cabeça,** esboçando-se quási sempre o gesto simultâneo de levar a esta a mão ou o indicador. Comummente, solta-se, ao mesmo tempo, um *ah!*, ou *oh!*, muito breve. Por vezes, estaleja-se com os dedos da mão que se levanta.

25. Outras vezes, sobretudo quando outrem nos esclarece, **levantamos a cabeça devagar,** com um *ah!* prolongado. Corresponde o movimento a expressões como: *Agora, percebo!; Já descobri tudo!; Já vejo ao que vieste cá!...*

26. O desejo, o ante-gôzo de algo que nos dê «satisfação», faz-nos também **erguer a cabeça.** Corresponde, por ex., a: *Oh, quem dera!?*

Trata-se, nos três casos, fundamentalmente, de *um gesto* — **levantar a cabeça** — que exprime «satisfação», «alegria». O estalejar com os dedos e as interjeições confirmam essa expressão.

Na própria Natureza, o que *se levanta* envolve a ideia de fôrça, vida, — alegria, satisfação: as plantas e os animais, que crescem, se aprumam, se desenvolvem; a maré, que sobe; o Sol, que se levanta, radioso...

O que *se abaixa* sugere a ideia de declínio, morte, — tristeza: as plantas e os animais, que definham, envelhecem, vergam, mingam; a maré, que vaza [1]; o Sol, que se põe... ¿Não são tristes as ruínas?

---

[1] Cf.: «As crianças nascem na enchente da maré» (*Positivismo*, vol. III, Pôrto 1881, pág. 146, n.º 246). «É crença geral que ninguém nasce ou morre, sem ser no fim da maré» (*Ibid.*, pág. 14, n.º 123); entenda-se: maré cheia, para o nascimento, e maré baixa, para a morte.

O *levantar da cabeça*, semelhantemente, exterioriza «satisfação», e opõe-se ao *baixar da cabeça* «triste».

Esta antítese persiste, é evidente, para o corpo inteiro. Ao «aprumar» e «dilatar» do corpo «satisfeito», opõe-se a *curvatura do corpo*, «triste», «acabrunhado», «desalentado», «encolhido».

E, como vimos, estas posturas habituais integram-se nos aspectos de *alegria* e *fôrça*, opostos aos de *tristeza* e *declínio*, *enfraquecimento*, — que, por tôda a parte, a Natureza oferece ao homem.

27. Para «negar», fazem-se **rotações da cabeça**, mais ou menos rápidas, para um e outro lado *(dizer* ou *acenar que não com a cabeça)*.

A propósito dêste gesto, note-se o que disse o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, na Academia das Ciências de Lisboa: «Ao passo que a maioria dos portugueses exprime a negação movendo a cabeça ràpidamente para um lado e para o outro, os gregos modernos, como êle próprio observou na Grécia, teem um gesto muito diverso, que consiste em levantar lentamente os olhos e a cabeça.» (*Boletim da Segunda Classe* da Academia, vol. XI, 1918, pág. 635). Cf. ainda Hermann Urtel, *Baiträge zur portugiesischen Volkskunde*, Hamburgo 1928, pág. 7, e Darwin, *L'Expression des émotions*, págs. 296-301.

Serve o gesto para «negar» e, claro, para «contrariar», «reprovar», «não aquiescer», «não concordar».

« — Ora historias, filha, historias! — E sentenciosa: — Que nisto de vergonha cada qual toma da que gosta. Em se evitando fallas do povo, deixa andar. Dois dias que a gente anda por cá... — E generalisando a doutrina que prègava: — se vamos assim, então não ha ninguem de vergonha no mundo.

Carolina ABANAVA A CABEÇA. A velha com ademanes de mestra, cuspia-lhe no animo a sua piedade de estafermo.

— Ainda estás muito verde, minha rica! dizia». Fialho, *Contos*, pág. 107.

28. E ainda para exprimir «dúvida», mas agora mais **lento,** geralmente.

«—E a Rosa não saberá?

O Bento ABANOU A CABEÇA, duvidando». Eça de Queirós, *A Illustre Casa de Ramires*, pág. 282.

Duvidar é, até certo ponto, «negar» (negar crédito, negar certeza...).

A êste gesto da cabeça, é de regra associar-se trejeito condizente dos lábios, ao qual me referirei noutro lugar.

Como «negar» é o contrário de «afirmar», — o gesto de «afirmar» com a cabeça para cima e para baixo determinaria, para «negar», um gesto em direcção, por assim dizer, contrária: a rotação da cabeça para um lado e para o outro. Há mais, porém. Originàriamente, a *oposição* dos movimentos da cabeça *(flexão* e *rotação)* dar-se-ia de facto. Sendo o gesto de afirmar com a cabeça, na origem, movimento de submissão, como eu entendo (Vid. n.º **17**, *in fine*), — o gesto de negar não passaria, na origem, de movimento de *resistência, contrariedade* à «submissão pela fôrça»: o homem (ou o irracional), para opor-se à dominação pela cerviz, levanta e *sacode* a cabeça, para um e outro lado. Na linguagem, persistiu *sacudir a cerviz*, «livrar-se do jugo» (em sentido próprio e figurado), como testemunho do que exponho. Já noutro lugar registei esta expressão (**17**).

29. Os movimentos de **rotação da cabeça, sucessivos e vagarosos,** podem significar «pena», «piedade», «desalento». Correspondem a: *Que pena!; Que desgraça!; Está tudo perdido!;* etc.

30. Com movimentos de **rotação da cabeça, sucessivos** e, em geral, **vagarosos,** exprime-se também «estranheza», «admiração», «espanto».

«—.... duas horas depois sentirá uma convulsão, e cahirá...

—Morto?!

—Apparentemente morto. O médico virá dizer ás côrtes que o rei morreu d'uma apoplexia fulminante. Far-se-hão os funerais. O cadaver será transportado para o palacio municipal. Tres horas depois que o julgarem morto, o rei resuscitará, e á frente do exercito fiel, dirá: «A Providencia restituiu ao povo hespanhol o seu monarcha!»

Os venerandos frades SACUDIRAM A CABEÇA EM AR DE PASMO. A alguns afigurou-se-lhes que o seu irmão era o proprio diabo...» Camilo, *A Filha do arcediago*, pág. 224.

Analisando estes gestos — o mencionado agora e o do n.° anterior —, creio que não será subtileza encontrar nêles o substrato de «negação».

De «negar», «negar crédito», «negar a possibilidade», «custar a acreditar», chegar-se-ia ás significações hoje correntes.

31. A **rotação da cabeça** para um lado, isto é, *voltar* ou *virar a cara*, estando na presença de alguma pessoa, tem o significado de *voltar as costas* (Vid. **7** e **8**), mas é gesto com menos intensidade ofensiva ou malcriada.

«D. Justina envesgou-me os olhos, e murmurou:

— Não acho graça nenhuma ao seu atrevimento — e VOLTANDO A CARA, sentou-se de esguêlha.» Camilo, *Coração, cabeça e estomago*, 3.ª ed., Lisboa 1907, pág. 149.

Volta-se a cara, igualmente, ao aparecer alguém (por ex., na rua), por «desfeita».

32. *Voltar a cara, a alguém* é, afinal, caso particular de voltar a cara ao que se não deseja ver, porque nos não agrada, nos impressiona mal. Nem sempre se volta a cara por «zanga», «desdém», «desprêzo», «desfeita». Pode-se voltar a cara por «piedade», por não querer ver o que nos causa mágoa. Leia-se êste passo fialhiano, em que o fiscal de uma fábrica volta a cara, depois de compreender o estado de miséria moral a que chegou Carolina, antiga operária:

«Carolina lembrou-se de voltar á fabrica. Sentia-se doente, fatigada d'aquella vida de acaso que lhe não tinha dado senão fomes, maus tratos e terrores. Mas encontrou já occupado o lugar, que deixára na officina. Quando descia ao pateo, deu com o fiscal que se pôz a olhar para ella muito tempo. E d'alli a nada lhe disse, VOLTANDO A CABEÇA:

— Como vossê anda já...» Fialho, *Contos*, pág. 117.

Já ficou registado *voltar a cara*, para a «esconder» (**18-a**).

33. Também, quando nos falam, se **volta a cabeça** para um lado, com o fim de exprimir «incredulidade», ou «enfado». Há pouco, «não queríamos ver»; agora, *não queremos ouvir.*

Equivale o gesto a: *Não me venha cá com histórias!; Deixe-se de histórias!; Não me diga isso!; Isso é disparate!; Não quero ouvir isso!; Não posso ouvir isso!;* etc., etc.—Ou, então, exprimimos que «não queremos falar», *não queremos conversa(s).* É gesto freqüente nas raparigas do povo, quando os homens lhes dizem alguma «chalaça» de que elas não gostam. Neste caso, exprime «desagrado», «enfado».

Quando se *volta a cara*, sucede muitas vezes o corpo acompanhar o movimento, ficando um pouco de lado, ou completamente de lado. É posição intermédia a *voltar a cara* e *voltar as costas* (Cf. **8**).

...«voltando a cara, sentou-se DE ESGUÈLHA.» Camilo, *Coração, cabeça e estomago*, pág. 149.

34. O «não querer ouvir» é também expresso pelo **afastar de lado a cabeça,** retesando por vezes o pescoço para acentuar êsse afastamento. Afasta-se o ouvido, como se, assim, se deixasse de ouvir o que outrem diz.

Estes gestos—*voltar a cara*, e *afastar o ouvido*—são, claramente, de origem espontânea. Afastam-se os órgãos-dos-sentidos de o que lhes desagrada.

Certo, quando, de facto, não se quere ouvir, *tapam-se os ouvidos:* ou *com as mãos abertas*, ou *carregando nos tragos*, ou *metendo a ponta de um dedo em cada «concha»*, de modo que ficam tapados os meatos auditivos.

35. Anàlogamente, para «não ver», podemos encobrir a vista,—ou **fechando os olhos:**

«—Compadre, beba d'este—disse Athanasio sob-pondo ao nariz do amigo afflicto o calix aromatico.

—Tire isso p'ra lá!—refusou Fialho, sacudindo a cabeça, e FECHANDO OS OLHOS, talvez á tentação.—E resmuneou, entre tragico e comico:

—Se fosse veneno, mettia-o no corpo...» Camilo, *Os Brilhantes do brasileiro*, pág. 41.

«Para mais, quisera o Demónio que Banaboião avistasse Iluminata.... sentada bela e soberana no palafrém. Para a não ver TINHA FECHADO AS PÁLPEBRAS. Mas a visão satânica lá estava radiosa no fundo dos olhos»... Aquilino Ribeiro, *S. Banaboião*, pág. 71;

ou **cobrindo os olhos com as mãos.** Voltarei a êste gesto.

Também se *voltam as costas*, para «não ver», como já se registou (**8**).

Há, pois, como é natural, gestos semelhantes — para «não ver», e para «esconder a cara», evitando os olhares de outrem (Cf. **18-19**).

36. Para propositadamente «não ver» alguma pessoa a quem por necessidade se fala, **não se olha** para ela. O gesto significa «desprêzo absoluto». É variante de *voltar a cara* (**31**).

«— Entregue o menino a esta ama — disse a senhora, SEM A ENCARAR — Eu vou sahir com ella para casa de meus pais, e você fique no meu logar.

— Isso é que não! — acudiu Dorothea gesticulando com os dois braços, com a cabeça, com os quadris, com tudo — Isso é que não! Eu heide sahir primeiro, e é já, e é já!» Camilo, *Volcoens de lama*, págs. 168-169.

«O doutor Libório, do Porto, principalmente, ainda estomagado da reprimenda, saboreava a vingança, indigitando-o [a Calisto Elói] á hilaridade dos camaradas parelhos em nascimento, asnidade e estylo.

N'uma noite [no teatro], Iphigenia reparou na attenção e nos sorrisos de um grupo....

....

Calisto estremára o doutor Liborio de Meirelles, entre a roda dos peraltas,....

N'um intervallo, saiu Calisto Eloy do camarote, e como não encontrasse no portico nem nos corredores o risonho deputado portuense, entrou á platéa.

Avisinhou-se de Liborio que o encarou com semblante de côr incerta.

— O collega por aqui? — disse o doutor. — Reminiscencias me não acodem de havel-o visto na platéa!

Calisto, SEM O FITAR NO ROSTO, respondeu:

— Venho ver as dimensões das suas orelhas.

— Como assim!... — balbuciou Liborio.

— Tenciono puchar-lh'as até á bocca, no proposito de tapar com ellas um riso alvar que vossa mercê tem,.... Veja lá se a operação lhe convém aqui ou lá fóra.» Camilo, *A Queda d'um anjo*, 6.ª ed., Lisboa 1917, pág. 228.

«Vi entrar o barão no meu quarto com terrivel contracção do rosto. SEM ME ENCARAR pediu-me uma a uma todas as minhas joias»... Camilo, *Coração, cabeça e estomago*, pág. 119.

Também se «não olha» para a pessoa a quem se fala, quando se não quere ligar (ou se afecta não ligar) importância alguma ao que ela diz.

«— P'ra não moer tempo, digo duma vez: ¿Quer dezóito moedas?

— Dezóito! Tomara você por vinte — faz o dono dos bois SEM SEQUER VOLVER OLHOS». Ferreira Soares, «Para a feira», in *Portucale*, vol. X, pág. 86.

37. Para «fingir que se não vê alguém», **desvia-se o olhar,** com aparente naturalidade, para outro ponto, nomeadamente para o chão, para baixo, sem rodar a cabeça.

«As suas conhecidas, quando a encontravam ou viam á porta, mudavam de caminho, ou BAIXAVAM OS OLHOS para a não saudarem». Camilo, *Volcoens de lama*, pág. 96.

Cantiga popular:

> Ó Amor, vai e vem logo,
> volta depois por aqui,
> que eu ABAIXAREI MEUS OLHOS,
> jurarei que te não vi (1).

38. Os **movimentos de lateralidade da cabeça,** repetidos mais ou menos ràpidamente, significam «ameaça de cas-

(1) Cf. Pedro Fernandes Tomás, *Canções populares da Beira*, Coimbra 1923, pág. 23.

tigo». Correspondem a: *Ah, que se eu lá vou!; Se te apanho a jeito!...*

Êste gesto usa-se muito contra as crianças. Suponho que, originàriamente, se arremedaria, com êle, o trejeitar dos pequenitos quando estão perros (e, por isto, se lhes promete castigo), os quais, então, sacodem a cabeça para os lados, e batem com os pés, balouçando lateralmente o corpo.

O gesto de que se trata, quanto ao significado, aproxima-se do de flexões e extensões da cabeça registado sob o n.º **12**. Por vezes, empregam-se, até, os dois, seguidos, mas neste caso acompanham a fala, cujo tom é mudado quando se passa de um gesto ao outro; por ex.: «*Anda lá!... anda lá!...* (flexões e extensões da cabeça) — *Ah, que se eu lá vou!...* (balouços laterais)».

Aqueles movimentos são lentos, e estoutros rápidos, — ordinàriamente.

Os primeiros exprimem «ameaça, em geral», e os outros, mais rápidos, «ameaça de castigo corporal, directo, sem demora».

Com os movimentos de flexão e extensão, anuncia-se futuro «castigo», ou «vingança», ou «mau êxito», — o «pago», enfim, venha êle donde vier. Pode o gesto corresponder a: *Anda lá! tu terás o pago!; Tu não olhas para o que te eu digo, mas o tempo te ensinará!;* etc.

Com os movimentos de lateralidade, o castigo que se promete é para breve e aplicado, corporalmente, por quem o promete.

Parece-me ser esta a regra.

39. Os **movimentos de lateralidade da cabeça,** pausados, largos, **com mais amplitude** que os antecedentes, exprimem «hesitação», «indecisão», «dúvida», «meditação demorada, para tomar uma resolução».

Esta oscilação da cabeça para um e outro lado imitaria, na origem, a oscilação de objectos antes de se firmarem, particularmente a «balança». *Pensar* é *pesar* (1).

---

(1) Em latim, *pensare* é «determinar o pêso de», e tam bém «julgar», «apreciar», «considerar», «examinar». Em português, *pesar* (do lat. *pensare*) tem, igualmente, as duas acepções: ...«a miudeza com que estão *pesando e contrape-*

Acompanha-se, amiúde, com o gesto de bôca fechada e curva, por abaixamento das comissuras.

40. A **inclinação da cabeça para um lado,** pouco pronunciada, mas com certa demora, exprime «conformidade», «paciência», «resignação». Equivale a: *Pois sim!...; É pena, mas enfim!...; Paciência!; Que lhe havemos de fazer?!;* etc.

41. Êste movimento raro se faz sòzinho.

Quási sempre se **contrai a bôca, no canto,** do lado para onde a cabeça se inclina.

42. Neste caso, a contracção do canto da bôca é, muitas vezes, acompanhada de **som, produzido pela chupadela de dentes** do mesmo lado.

Em qualquer dêstes gestos de inclinação da cabeça, pode acrescer simultâneo levantamento do ombro do lado para onde a cabeça se inclina e há, em geral, o levantamento das sobrancelhas.

---

sando cada ponto destes, por que em cada hum não vay menos que condenação se se passa dos termos devidos.» Fr. Luís de Sousa, *Vida de D. Fr. Bertolameu dos Martyres*, tômo I, Lisboa 1842, pág. 148 (Cap. 24 do livro I). Nesta segunda acepção, *pesar* é *ponderar*, «pesar as coisas, reflectir, meditar nellas», como define o Dic. de Morais e Silva (3.ª ed., Lisboa 1823). Em lat. *ponderare* (de *pondus, -eris*, «pêso» para pesar) significa «determinar o pêso de» e «considerar reflectidamente», assim como *pensare*. *Ponderar* também não deixa de ter, em português, a significação de «pesar», «fazer pêso» (Vid. Dic. de Morais).

«Examinar com a mente uma circunstância é como que pesar com uma balança um objecto material», nas palavras do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, in *Lições de Filologia Portuguesa* (2.ª ed., Lisboa 1926, pág. 185), onde o assunto vem já tratado. Cf. a expressão corrente *pesar os prós e os contras*, e ainda *pôr em balança*, «ponderar, examinar», «comparar uma coisa com outra.» (Morais).

O mesmo sucede nas outras línguas românicas (Vid. W. Meyer-Lübke, *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, s. v. *pensare*).

O principal, nos gestos agora considerados, está na *inclinação da cabeça para um lado.*

Suponho que, na origem, a cabeça *inclinada* se oporia à cabeça *direita.*

O indivíduo «activo» levanta a cabeça, em postura de querer «vencer as dificuldades»; o «resignado» deixa pender a cabeça para o lado, como a *deitá-la,* — «inactivo», «vencido», — reflexo da oposição de posturas do corpo inteiro: *postura de pé,* «activa», e *postura deitada,* «inactiva».

Evidentemente: a «inactividade» pode ser efectiva, por agressão que obrigue a cabeça a pender para o lado, a *deitar-se.*

Deve ser desta postura de «derrota» que provém a expressão popular *De cara à banda* (mal sucedido em actos, previsões, desejos, ou esperanças; embaçado).

«Ah cães da Lixa, ia atirar-se aos livros, estudar como um danado! E, rompendo como rompeu muito homem da casa, ia deixar «de-cara-à-banda» os invejosos...» Ferreira Soares, «Para as Murtas», in *Portucale,* vol. IV, págs. 179-180.

43. Com o **mover da cabeça** indica-se «orientação», «sentido». Designa-se a alguém «para onde há de ir», «para se afastar», «para se retirar», ou «para se aproximar».

Para alguém se aproximar de nós, fazemos o movimento da cabeça *de lado,* ou *para baixo* (flexão). Se queremos que venha connosco, fazemos o movimento *de lado,* no sentido que vamos seguir.

Não vale a pena estar a individualizar todos os gestos de «orientação». Apenas o farei para alguns, por serem mais característicos.

44. Com o **levantar da cabeça,** rápido e forte, ordena-se a alguém que se «afaste», que «se vá embora», que «não importune».

O intuito é, originàriamente, indicar o sentido do afastamento com a projecção do queixo.

45. Com o **levantar da cabeça,** rápido, «designa-se alguma coisa ou alguém».

«—Estivemos á espera que a sua mulher se despachasse lá da policia; depois, palavra pucha palavra, e deitou-nos

a conferencia a esta hora — explicou Athanasio, encarregando Pantaleão, por um GESTO DE CABEÇA, de ser o relator dos casos acontecidos». Camilo, *Os Brilhantes do brasileiro*, págs. 37-38.

Como no gesto antecedente, o «queixo» é, na origem, o indicador.

Note-se, de passo: gesto semelhante serve para indicar a pessoa ou as pessoas que devem cantar ou tocar, em alguma sessão ou concêrto, e, conseqüentemente, o instante em que o devem fazer, isto é, a *entrada*.

«Ficou-se [a Emilinha] a olhar a plateia, immovel, muito fria, ensaiada, emquanto o Felisberto preludiava na flauta. Em certa altura, n'um requebro doce da «melodia», elle FEZ-LHE COM A CABEÇA «que entrasse», e a Emilinha rompeu n'uns guinchos, cantando a *Flôr do Campo*, com musica da *Muchagateira*»... Trindade Coelho, *Os meus amores*, 3.ª ed., Lisboa 1901, pág. 120.

46. Nesta designação, toma geralmente parte mais evidente a bôca, com **prolongamento de ambos os lábios** ou do **lábio inferior** apenas.

«Dizem que S. M. se voltára então para a rainha, e a meia voz dissera, APONTANDO-LHE C'O BEIÇO alternativamente o mastim fero e o mastim sarrafaçal:
— São assim todos, antes e depois de comer... na Ajuda». Fialho, *Os Gatos*, vol. I, pág. 138.

«O brasileiro, antes de saber que tinham chegado á residencia, vira Custodia, e disse ao boticario, ESTENDENDO O BEIÇO, lubrico, na direcção da rapariga:
— Muito boa moça, hein?» Camilo, *Eusébio Macário*, pág. 211.

Segundo Spix e Martius (citados por Tylor em *la Civilisation Primitive*, I, 193), as mais selvagens tribos do Brasil «suppléent par des signes à l'insuffisance de leurs phrases. Ainsi, s'ils veulent dire qu'ils vont au bois, ils disent simplement «bois aller», en avançant la bouche dans la direction qu'ils veulent indiquer».

47. Ou tomam parte mais evidente **os olhos.**

«Generalizou-se a cavaqueira. Faziam-se brindes lacónicos, circunspectos, com um grande respeito, INDICANDO-SE EL-REI POR UM SIMPLES GESTO DE OLHOS». Camilo, *A Brasileira de Prazins*, pág. 72.

«O José Fistula ACENAVA D'OLHOS á irmã que se sentasse, e mais á outra». Camilo, *Eusébio Macário*, pág. 233.

Tais movimentos — de bôca, e de olhos — usam-se, principalmente, quando se pretende proceder com disfarce, reduzindo ao mínimo, ou evitando até, o movimento da cabeça. No seguinte passo camiliano:

«Nesta barafunda, o regedor, prêso entre meia dúzia de jornaleiros que discutiam as leis vélhas e as novas na taverna do Folipo, compreendera UM ACÊNO do taverneiro E FUGIRA pelos quintais». *A Brasileira de Prazins*, pág. 149,

alude-se a acêno disfarçado, certamente a qualquer dos mencionados: com a cabeça, levemente, ou com a bôca, ou com os olhos, pois nas circunstâncias assinaladas, o gesto com a mão teria menos probabilidades de passar despercebido.

Quando se indica a alguma pessoa o «sentido» com a cabeça, os olhos fixam-se, naturalmente, na pessoa, e vão de esta ao lugar para onde ou por onde ela se deve dirigir, o qual é designado pelo movimento da cabeça; quando se designa alguma coisa ou alguém, com a cabeça ou com esta e a bôca, — o olhar acompanha o movimento indicativo.

48. Para exprimir «maior altura», em sentido próprio ou figurado, **ergue-se a cabeça, em movimento rápido,** como para designar que a altura vai mais acima.

Pode considerar-se, fundamentalmente, gesto de «orientação». Corresponde, em sentido próprio ou figurado, a: *Acima!; Mais acima!; Upa!*

« — Mas ficava aqui só. Não a via nunca, objectou.
— Qual! Aos domingos dão licença para visitar as enfermarias, lá isso dão. — E explicava: havia muita caridade, boas roupas, tudo de linho, e quanto a medicos... a mestrança... UPA!» Fialho, *Contos*, pág. 76.

No *upa!* há a ideia de «levantamento», «salto», «acção de ultrapassar em altura», e, sem dúvida, o homem do trecho fialhiano, ao proferi-lo, levantou e baixou logo a cabeça.

49. Percorrer alguém com a vista, da cabeça aos pés e vice-versa, uma ou mais vezes — ao que se chama *medir com os olhos, medir da cabeça aos pés, medir d'alto a baixo* — é «examinar».

« — .... Avance e perfile-se.
MEDIU-O D'ALTO A BAIXO. Depois:
— Isso mesmo. Essa mão no bolso é que não é do *regulamento*, fóra com ella. Agora, sim senhor.» Trindade Coelho, *Os meus amores*, pág. 151.

«Aberta a porta, entrou um homem de trinta annos feitos, portador de uma carta que a baroneza de ***, amiga de infancia da fidalga, lhe escrevia do Porto.

....

Candida encarou no homem, que a MEDIA D'ALTO A BAIXO, e disse entre si:
— É este!
Ao mesmo tempo, o sujeito, que tambem fazia monologos mentaes, disse lá comsigo:
— É bonita.» Camilo, *Doze casamentos felizes*, 3.ª ed., Lisboa 1902, págs. 14-15.

«O Sr. Abade, mal Aurélio alinhou à sua banda, ao tempo que de bôca aberta psalmodiava, com um aceno amical de cabeça saudou. E, depois de O MEDIR DE ALTO A BAIXO no trajo à secular, a que só o cabeção traía o pensamento de não parecer ordinando, assim que o côro retomou o adágio, estendeu-lhe a mão:
— Dormiu bem?» Aquilino Ribeiro, *Estrada de Santiago*, pág. 48.

«Manoel foi indo seu caminho; e, pouco depois, achou-se nos braços de um homem mal enroupado, que lhe bradou:
— Tu por cá, Manoel da Mó?... Não me conheces?! Eu sou o Caetano da Chã dos Codeços!
Manoel OLHOU-O DE ALTO A BAIXO DUAS VEZES, e murmurou com certa frieza:

—Vai-te mal a vida por cá?

—Mal!... Tenho tido fome de palmo, Manoel!» Camilo, *Vinte horas de liteira*, págs. 93-94.

«—Alliviada!—exclamou o pae, arfando as azas do nariz —minha filha alliviada!...

—Pois então...? quer que lhe diga uma cousa ao ouvido?... venha cá...

O padre MEDIA Rosa DA CABEÇA AOS PÉS, mas o ponto fixo d'esse olhar não era decerto nos pés nem na cabeça... Angelica acenava-lhe, e elle não podia attende'l-a, porque parece que a cara da filha denunciava um crime inaudito... Era precisa coragem». Camilo, *A Filha do arcediago*, pág. 32,

«—Ha quarto onde se durma?—perguntou elle.

A taverneira MEDIU-O DA CABEÇA AOS PÉS, e pauzou a sua observação no grosso grilhão e no alfinete de esmeraldas rutilantes que destacava na gravata escura de setim.

—O senhor quer cá ficar?!—perguntou ella maravilhada de hospede tão limpo». Camilo, *Novellas do Minho*, vol. III, pág. 43.

«N'isto passou por mim um vulto [de noite]. Era o homem, cujos passos a fizera *[sic]* fugir com mais presteza.

O tal vulto, ao perpassar por mim, MEDIU-ME DE ALTO A BAIXO, afrouxando o piso. Olhou para a janella de Vicencia, e fixou-me de novo.» Camilo, *Scenas da Foz*, 6.ª ed., Lisboa 1920, pág. 58.

Êste exame pode ser motivado por «curiosidade», «estranheza», «desconfiança», ou exprimir «provocação», «desdém», «desprêzo». A maneira de olhar (como elemento principal da expressão fisionómica) define a modalidade.

«Você não é o Capa-Cavalos de Sendim, o homem da vermelhinha?.

—Eu mesmo... aqui e no meio do inferno!

—Pois viva lá que topa homem.

—Ninguém o havia de dizer!—tornou êle, MEDINDO-ME DE ALTO A FUNDO e arreganhando a taxa.—Assim é que eu queria vê-lo na romaria da Lapa... Quantés com soldados a guardar-lhe as costas quem quere é prosa.» Aquilino Ribeiro, *Estrada de Santiago*, págs. 133-134.

«—.... Isto é um aviso que eu lhe resumo em duas palavras: desistir ou experimentar-me o peso das mãos. Entendeu agora?

—Sim, senhor, entendi. Não desisto, nem quero experimentar o peso das suas mãos, sr. Belchior. Se v. s.ª me quizer fazer passar essa desconsoladora experiencia, eu prometto dar-lhe a experimentar o peso de duas balas.

O homem remessou o cavallo, a minha egua empinou-se; e eu desabotoei as presilhas dos coldres.

Estacou o Belchior, empunhando um curto ferro desembainhado de um chicote. MEDIU-ME DE ALTO A BAIXO TREZ VEZES com solemnidade ridicula além do admissivel no melodrama.» Camilo, *Vinte horas de liteira*, pág. 23.

...«fitou a mulher que parára á beira d'elle, MEDIU-A D'ALTO A BAIXO com um revez de olhos funestos, e disse pausadamente, com uma naturalidade tragica:

—Não te mato, não! Quem te hade matar é o remorso». Camilo, *Volcoens de lama*, pág. 65.

50. Para mostrar «desprêzo», **levanta-se a cabeça,** recuando-a algum tanto, e **olha-se «de cima».** Neste olhar *de cima, de alto,* é que está, pròpriamente, a expressão.

O indivíduo julga-se em plano *superior*, e olha de alto, e, para mais de alto olhar, levanta a cabeça e recua-a um pouco. *Olhar de cima da burra,* diz o povo.

É postura de «*sobrançaria*», «desdém», «desprêzo».

Aqui não há bem o levantar da cabeça do «arrogante», a que me referi **(23)**, oposto ao curvar da cabeça do «submisso».

Aqui, pròpriamente, há o intento de acentuar a «insignificância», a «inferioridade», a «desprezibilidade» da pessoa a quem mal se dirige o olhar, como se o mesmo olhar fôsse imerecidamente empregue. Muitas vezes, para acentuar ainda mais o jeito desprezador da olhada, dirige-se esta *de lado.*

Ora, no *medir da cabeça aos pés,* existe certa coincidência com tal movimento da cabeça,—e daí viria aquele gesto de «exame» passar a exprimir também «desprêzo», e «provocação», por se tornar insultuoso.

51. Passo a registar os movimentos expressivos da «meditação», «concentração», «apêlo à memória»:

Olhar para cima, *para o ar*, para o tecto.

Nas escolas, os alunos não raro fazem êste movimento, por hábito, quando *não sabem* responder ao que se lhes pregunta, — as mais das vezes, sem pensarem em coisa nenhuma...

E assim muitíssima outra gente, — escusado era dizê-lo.

«Era uma pathologia completa o sr. João Nunes. O certo é que o leite da jumenta, quer fosse por sympathia de indoles, quer por virtude medicatriz, concertou-lhe o estomago derrancado, e fêl-o dormir. Diga-se de passagem que eu lucrei muito com este segundo beneficio.

— Qual é o meu destino? — dizia elle, batendo com tres dedos no osso frontal, e ENVIEZANDO PARA O CÉO OS OLHOS SCISMADORES.» Camilo, *Doze casamentos felizes*, pág. 49.

«E em conversa disse os seus pratos mais predilectos, em que havia mexilhão, cabeça de porco, refogados. Ella estranhou a palavra.

— Refogado! disse sem perceber bem. OLHAVA O TECTO — Refogado!

— Sim, não sabes? fez elle admirado d'aquella ignorancia.» Fialho, *Contos*, págs. 93-94.

« — .... Vamos ver se ainda lhe podemos valer.

— Deu-lhe p'ra inchar! — observou a mãe da enfeitiçada.

— Não qu'elle é isso quando o feitiço adrega de pegar d'ostrução — explicou sufficientemente Rozaria.

— Vejam vossês! — volveu a outra assombrada, cruzando os braços. — Quem m'a tolheu?

— Isso agora! — e OLHOU PARA O TECTO.

— Vamos. Leve-me onde a ella, que eu preciso requerel-a.» Camilo, *Novellas do Minho*, vol. II, pág. 136.

52. Olhar para baixo, para o chão.

« — Tenha paciencia, amanhã ou depois lá lhe levo o dinheiro. Verá como é desta.

— Quantas vezes m'o repetiu.

— Agora é de vez.

Outro silencio; a mulher OLHAVA O CHÃO, REFLECTINDO»... Aquilino Ribeiro, *Jardim das Tormentas*, pág. 275.

«—Ámanhã vens tu àqui, entendes?—de manhãzinha cedo e talvez já ella esteja capaz de te vêr; entendes? Pois isto é que é.

Elle DE CABEÇA BAIXA, REFLECTIA.

—Vossemecê não me engana, não? Sou um pobre de Christo,»... Fialho, *Contos*, pág. 84.

«e, defronte, calado, com as mãos cruzadas atraz das costas, o bom Casimiro SORRIA PENSATIVAMENTE ÁS FLÔRES DO TAPETE.» Eça, *A Reliquia*, pág. 93.

53. Olhar ao longe.

«OLHOS AO LARGO, os polegares a dançar um atrás do outro numa roda sem fim, o Sr. Abade meditava.» Aquilino Ribeiro, *Estrada de Santiago*, pág. 29.

«—Vae-se embora ámanhã?

—Vou.

—Não gosta de estar comnosco?

—Gosto; mas cada um de nós tem a sua casa.

—Isso é verdade... disse ella, com a mão da agulha suspensa, e OS OLHOS FITOS EM QUALQUER COISA DISTANTE.» Camilo, *Coração, cabeça e estomago*, pág. 210.

54. Fechar os olhos.

«Dornan, esbroado sobre a mesa, CERRARA AS PALPEBRAS n'uma meditação de monge obeso.» Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*, 6.ª ed., Porto 1919, pág. 81.

Quando o espírito se concentra, o olhar dirige-se, por assim dizer, *para dentro;* não se fixa exteriormente; *não vê para fora.* Apenas *aparentemente* êle se fixa num ponto: no tecto, no chão, ao longe, em qualquer lugar. Olha-se, mas não se vê. Evita-se que se «distraia» *para fora* a atenção dirigida *para dentro.*

Tanto vale, pois, *olhar sem ver*, como *fechar os olhos.*

Claro, fechando os olhos, as causas exteriores de distracção desaparecem; a meditação pode ser mais profunda.

«—Oh Bento, ouve lá! Tu não encontraste na mala que eu trouxe de Lisboa, ou no caixote, um frasco de vidro com um pó branco? É um remedio inglez....

O Bento CRAVOU NO SOALHO OS OLHOS, QUE DEPOIS CERROU, MEDITANDO.» Eça, *A Illustre Casa de Ramires*, pág. 38.

E ainda mais profunda é, se *cobrirmos com as mãos* os olhos *fechados*, assim afastando melhor as causas de distracção.

«— Espera, Antonio, não me quebres o fio das recordações.

Gonçalves Penha TAPOU A CARA COM AS MÃOS, curvou-se bamboando a cabeça, ergueu-a com impeto, e disse:

— Parece que vejo reviver o passado...» Camilo, *Novellas do Minho*, vol. II, pág. 180.

É deveras expressiva a seguinte descrição, de Trindade Coelho, na qual se refere, além do mais que nos importa, o *cerrar de um ôlho só:*

«Sósinho, n'uma lentidão moribunda, OLHOS NAS BOTAS, OLHOS NO CEO, o Telles escrivão passava ao largo, ruminando alguma poesia. Ás vezes quedava-se extatico, suspenso, o POLLEGAR ESQUERDO ENTRE OS DENTES, UM OLHO CERRADO FORTEMENTE, a meditar. Vinha um gesto e punha-se de novo em marcha, contrafeito.

— Ó senhores! mas não me dirão em que anda a parafusar o Telles, aquelle telhudo?»... T. Coelho, *Os meus amores*, pág. 102.

Os gestos considerados efectuam-se também nos casos de atenção auditiva.

«Hannan, repousado, COM OLHOS CERRADOS, grave, escutava;» Eça de Queirós, *Prosas barbaras*, 3.ª ed., Pôrto 1917, pág. 239.

Se a meditação encontra «dificuldade», se há esfôrço intelectual contrariado, as sobrancelhas franzem-se (Vid. **55**).

55. Carregar ou **franzir os sobrolhos** exprime «contrariedade», fundamentalmente. A «contrariedade» manifesta-se depois, segundo as circunstâncias, sob vários aspectos, em que toma parte essencial o olhar: «dureza», «severidade», «repreensão», «ameaça», «irritação», «impaciência», «aborrecimento»...

«— Tu bebeste-lo, mulher! affirmou o Canellas.
Ella ENCAROU-O DURAMENTE, sem resposta.» Fialho, *Contos*, pág. 181.

«— Ora vê isto, sr.ª Helena?! Vê estes brutinhos?! — E com entono, de palmatoria alta, FAZENDO-SE CARRANCUDO:
— Caluda, seus fedelhos! Caluda, porque se peço licença á sr.ª Helena, começo n'uma ponta e levo tudo a eito, corro tudo a bolos, tudo, mas o que se chama tudo!» T. Coelho, *Os meus amores*, pág. 149.

«— Ora passa por esta vez, em attenção a estar aqui a sr.ª Helena. — E ENRUGANDO O SOBR'OLHO, commandou em tom marcial: — Ordinario! marche!» T. Coelho, *Ibid.*, pág. 152.

«— .... rogo a v. exc.ª que mande seu filho assistir ás duas palavras que devo dizer-lhe.
— Vem, filho... — murmurou D. Maria, ao mesmo tempo que o coronel estendia affectuosamente a mão a Vasco, bastante pundonoroso para rejeital-a.
— Recusa?! — disse o pae de Leocadia, FRANZINDO A TESTA com sobranceria militar.» Camilo, *Scenas da Foz*, pág. 215.

«João da Cunha.... entrava ao meio dia em casa do visconde.
Vinha em miseravel estado. As veias da face enturgeciam do sangue que lhe subiu á cabeça em borbotões. O mal aggravou-se na presença de Rosa, que lhe viera ao encontro, banhada em lagrimas, soluçando palavras inarticuladas.
O visconde, impassivel, ENCARAVA João da Cunha COM SOBRECENHO.» Camilo, *A Neta do arcediago*, pág. 70.

«Fialho conjectura que Angela o aborrece. Nem um sorriso, nem uma caricia, nem uma palavra que não seja resposta concisa e sêcca. Elle não ousa arguil-a; mas se mansamente se queixa, Angela responde com um FRANZIR DE TESTA e um silencio tetrico.» Camilo, *Os Brilhantes do brasileiro*, pág. 110.

«Certo de que a ingrata filha do arcediago não vinha á mesa, o senhor Silva inutilisou a cara funebre, deu largas á

TESTA FRANZIDA TYRANNAMENTE, e mascou, rugindo como os deuses d'Homero, a ceia substanciosa.» Camilo, *A Filha do arcediago*, págs. 25-26.

«Quando o vigario apresentou Dorothea, a tia ENCAROU-A MAL ASSOMBRADA, e perguntou-lhe se não deitára luto por morte de seu filho;» Camilo, *Volcoens de lama*, pág. 214.

«O Negrão puxou a aba do casaco ao facundo magistrado:

— É melhor deixar fallar o nosso Theodorico, para podermos todos saborear...

Margaride, abespinhado, FRANZIU AS SOBRANCELHAS temerosas e mais negras que o ebano:

— Ninguem n'esta sala, melhor que eu, snr. padre Negrão, saboreia o grandioso!» Eça, *A Reliquia*, pág. 441.

«— Morreria, mas renunciava...

— Melhor lhe fôra então morrer!... — disse em voz soturna Bernabé, afastando a viscondessa esvaida dos braços da filha, e fixando n'esta UM OLHAR DE SEVERA REPREHENSÃO. A neta do arcediago deixou cair os braços, e pregou os olhos no chão. Ora o rubor, ora a pallidez revezavam-se-lhe no rosto afflicto.» Camilo, *A Neta do arcediago*, pág. 99.

«Aqui, Joaquim Pereira soltou uma interjeição que não se pode tirar do tinteiro, por ser portugueza de mais, e ter passado a obsoleta depois de haver sido o cognome illustre de uma familia heraldica. As boas palavras correm seus fados, como dos bons livros dizia Marcial.

O caso foi que o meirinho, AVINCANDO O SOBR'OLHO, redarguiu:

— Falle bem que ninguém lhe falla mal, sôr Joaquim!» Camilo, *Novellas do Minho*, vol. III, pág. 128.

...«Como Feliciana quizesse por força morder n'aquelle pomo vedado das bellas-artes, e estivesse para chamar o ourives a decidir a contenda, a filha puchou-lhe pela côca da mantilha e disse-lhe baixinho:

— Não pergunte.

A mãe ENCAROU-A COM A SOBRANCELHA FRANZIDA de suspeitas, e não disse mais nada a tal respeito.» Camilo, *Novellas do Minho*, vol. III, pág. 86.

«— Você está a mangar commigo?

— Deus me defenda! Eu estou protestando contra aquelle tratante que desinquieta meninas, e faz da minha casa o palladium das suas patifarias. O direito paternal é o mais sagrado de todos os direitos. V. exc.ª tem carros de razão....

Pantaleão olhava para mim, alongando os beiços e FRANZINDO A TESTA.» Camilo, *Scenas da Foz*, pág. 74.

«Por isso, o sensitivo amador das familias dos Januarios e Euzebios ficou entalado quando Thomazia, levantando o rosto, AVINCOU A TESTA, e lhe arremessou de flecha os olhos rutilantes.» Camilo, *Novellas do Minho*, vol. II, pág. 60.

«No aspecto do Faisca resumbravam sentimentos pouco filiaes. A ironia franzia-lhe os cantos dos beiços, ao mesmo tempo que a ira lhe AVINCAVA A TESTA. No ar com que se sentara na arca, dobrando o corpo e bamboando as pernas em gingações de tarimba, denotava quebra de respeito, e disposição a questionar faceiramente com o velho.» Camilo, *Novellas do Minho*, vol. I, pág. 200.

«Augusto vivia triste. Os carinhos de sua mulher não bastavam a DESENRUGAR-LHE A TESTA, sempre CARREGADA para os afagos da pobre senhora.» Camilo, *A Filha do arcediago*, pág. 159.

«O Bento.... escancarou a porta da livraria:

— É o Pereira... Está lá em baixo no pateo o Pereira que quer fallar ao Snr. Doutor.

Gonçalo Mendes FRANZIU A TESTA, com impaciencia, assim repuxado d'aquellas alturas onde respirava os nobres espiritos da sua raça:

— Que maçada!... O Pereira... Que Pereira?» Eça, *A Illustre Casa de Ramires*, pág. 79.

«Este dialogo constrangido foi cortado por um servo que entregava a correspondencia.

— Não veio carta? — perguntou ella agitada.

— Não, minha senhora, veio sómente esta folha.

Era *O Commercio do Porto*. D. Irene atirou-o sobre uma jardineira com enfado, e encostou a face á palma da mão, CARREGANDO O SOBR'OLHO.» Camilo, *Novellas do Minho*, vol. I, pág. 63.

«Subitamente estacou, e com um olhar inquieto, UMA RUGA NA TESTA:

— Como diabo soube elle da *Villa Balzac?*» Eça, *Os Maias*, 2.ª ed., Pôrto s. d., vol. I, pág. 211.

...«Ega e elle Cruges iam a casa do Damaso pedir-lhe a honra ou a vida.

— Bem, rosnou o maestro. Que tenho eu a fazer?... Que eu d'essas coisas não entendo.

— Tens, explicou Ega, d'ir vestir uma sobrecasaca preta e FRANZIR O SOBR'OLHO. Depois vir commigo; não dizer nada; tratar o Damaso por «v. exc.ª»; assentar em tudo o que eu propuser; e nunca DESFRANZIR O SOBR'OLHO nem despir a sobrecasaca...» Eça, *Os Maias*, vol. II, págs. 290-291.

Curiosa a expressão literária *silêncio enrugado* do seguinte passo:

«E recolhemos sem que Jacintho emergisse do SILENCIO ENRUGADO em que SE ABYSMARA, com os braços rigidamente cruzados, como REMOENDO PENSAMENTOS decisivos e fortes.» Eça, *A Cidade e as Serras*, pág. 172.

Verifica-se que são sinónimos de *carregar* ou *franzir o sobrolho* (ou *os sobrolhos*): *franzir* ou *enrugar a testa*, e *franzir a sobrancelha* (ou *as sobrancelhas*). *Avincar a testa* ou o *sobrolho* é literário; Camilo também empregou, como se viu, *testa carregada*. Trindade Coelho, como igualmente se viu, usou ainda *enrugar o sobrolho*. *Sobrecenho*, na frase *encarar com sobrecenho*, acima arquivada, é «carranca, que se faz carregando as sobrancelhas, e cerrando-as», na definição de Morais.

O povo diz *encorrilhar* ou *engelhar a testa*. E ainda há, entre pessoas instruídas, a expressão sinónima *contrair a testa*.

Na linguagem corrente, confundem-se *sobrolhos* e *sobrancelhas* (Cf., por ex., o *Diccionario Contemporaneo*, de Caldas Aulete-Santos Valente, e o *Novo Diccionário*, de Cândido de Figueiredo, s. v. *sobrolho*).

Anatòmicamente, *sobrolho* e *sobrancelha* não são a mesma coisa. Já o esclareceu o Sr. Dr. Henrique de Vilhena, pelas seguintes palavras:

«Na língua portuguesa confunde-se, em geral, *sobrolho* [peço licença para introduzir itálicos na transcrição] e *sobrancelha*. Se nos adstringimos ao significado restrito que deve ter cada um dos vocábulos, *sobrolho*, por resultar de-certo de *sôbre-olho*, adquire e indica a atribuïção a região anatómica mais extensa e imprecisa que *sobrancelha*, sendo esta, como todos sabem, a zona em arco revestida de pêlos colocada logo para cima da arcada orbitária superior. A região dos sobrolhos inclui em si as sobrancelhas, que marcam o seu limite inferior, constante, sendo o seu limite superior variável com o sentido em que se faz referência à região; superiormente às sobrancelhas temos, em precisa anatomia, o declive das arcadas sobreciliares e a fronte a que êle já pertence, e por isso a região dos sobrolhos invadirá esta, mais ou menos largamente, conforme o caso em que se lhe faz apêlo.» (*A Expressão física da Cólera na Literatura*, pág. 70).

Correntemente, porém, confundem-se os significados de *sobrancelha* e *sobrolho*, como se disse e se verificou pelas citações estampadas.

No caso actual, a confusão é naturalíssima, pois, no gesto de que se trata, há franzimento do *sobrolho*, da *sobrancelha*, portanto, e da *testa* [verticalmente (1)].

As rugas da testa que, no lance actual, se consideram são as *verticais*, provenientes de cerrar os sobrolhos; duas, geralmente, mas podem formar-se três, ou apenas uma (Vid. E. Cuyer, *La Mimique*, págs. 104 e 340).

Pelas citações estampadas, verifica-se também que, para designar o mesmo gesto, umas vezes se atende ao *sobrolho* ou *sobrancelha*, ou à *testa* (ao seu *franzir*); outras vezes, ao *olhar*

---

(1) Acêrca do franzimento da pele horizontalmente, no espaço inter-supraciliar, Vid. Eduardo Cuyer, *La Mimique*, Paris 1902, págs. 110-114 e 339-340, e C. Darwin, *L'Expression des émotions*, págs. 250-251. Um e outro se referem a G.-B. Duchenne. As obras dêste cientista, que nos importam, são *Mécanisme de la physionomie humaine ou analyse électro-physiologique de l'expression des passions*, Paris 1862 (2.ª ed. em 1876), e *Physiologie des mouvements démontrée à l'aide de l'expérimentation électrique*, Paris 1867.

(à sua *expressão*), e outras vezes ao *semblante* (ao *aspecto* do rosto).

O semblante, o rosto, em que *se carregam* os sobrolhos, diz-se igualmente *carregado* (sinónimo de *carrancudo*, *mal assombrado*, *sombrio*, etc.).

«O reitor, que os recebeu, era um padre bom e jovial que até a estes noivos disse o que dizia a todos: «Eu espero o vosso primeiro filho d'aqui a nove meses.» A noiva entreabriu á flor dos beiços um hypothetico sorriso de pudor; o cego, porém, ferido na infecundidade da esposa, disse, CARREGANDO O SEMBLANTE:

— N'este acto, sr. reitor, são improprias as chalaças.»
Camilo, *Novellas do Minho*, vol. I, pág. 172.

...«O Thomé CARREGAVA O SEMBLANTE n'uma seriedade muito pesada, e erguendo o rosto iracundo chamava-lhe interesseiro, maroto, affirmando que já lhe não dava o pão!»
T. Coelho, *Os meus amores*, pág. 34.

Não acabava, quando ũa figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O ROSTO CARREGADO,....

Lusíadas, V, 39.

Estando sossegado já o tumulto
dos Deuses e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito oculto
A causa o Tioneu de seus tormentos.
Um pouco CARREGANDO-SE NO VULTO,
....

Ibid., VI, 26.

Êste *semblante* ou *rosto*, *carregado*, é o «*sobrecenho*» de que se falou acima.

É freqüente *carregar o sobrolho* e *olhar com demorada fixidez*, para, mudamente, «repreender», «ameaçar», ou apenas «amedrontar».

Acho muito expressivas estas linhas de novela espanhola, referentes ao que se passa numa oficina de modista:

«Como la señora no quiere que se pierda el tiempo, y ya nos había echado dos ó tres indirectas y cuatro miraditas terroríficas de las suyas al sorprender nuestros cuchicheos, apenas hemos podido explicarnos.» Luís Mariano de Larra, *La última sonrisa*, Barcelona 1891, pág. 13.

O *franzir dos sobrolhos* pode aparecer na «meditação» (Vid. **54**), quere dizer: é de regra na *reflexão* verdadeira.

O que êsse *franzir*, porém, demonstra é «embaraço», «contrariedade», «encontro de dificuldades», no curso do esfôrço mental, como tive já ocasião de apontar (**54**, *in fine*).

Tal é a expressão *básica* de carregar ou franzir os sobrolhos, em todos os casos em que o gesto aparece (Cf. Darwin, *L'Expression des émotions*, págs. 240 e segs.).

O esfôrço reflexivo, ou atencional, resulta das contracções musculares concomitantes, nomeadamente as que produzem o franzir dos sobrolhos, sendo a origem dêsse esfôrço periférica (Cf. Ribot, *Psychologie de l'attention*, 7.ª ed., Paris 1903, cap. II, págs. 96 e segs.).

Quando o esfôrço é sobremaneira intenso, levam-se, de ordinário, as mãos à cabeça, abrangendo especialmente a testa, e aperta-se aí com fôrça, como para aumentar a tensão contractiva dos músculos que *carregam* os sobrolhos.

Voltarei, noutras alturas, à intervenção das mãos em movimentos, meditativos e reflexivos, da cabeça ([1]).

56. Os olhos são o espelho da alma; recolhem e reflectem, com fidelidade, tôdas as diferenças, todos os movimentos do *interior*.

Os olhos, constantes e rigorosos intérpretes da alma, falam, por isso, a linguagem mais verdadeira e eloqüente.

Tôdas as pessoas lidas conhecem os versos:

([1]) O Sr. Dr. Henrique de Vilhena consagra o cap. III de *A Expressão física da Cólera na Literatura* a «o franzimento de sobrolhos» (2.ª ed., págs. 70-110). — Cf. também Darwin, *L'Expression des émotions*, págs. 240 e segs.; E. Cuyer, *La Mimique*, págs. 103 e segs. e 339-340; etc.

Eu antes quero
muda expressão;
os lábios mentem,
os olhos não.

Daniel da Silva Pereira da Cunha, em *O Pequeno Lavater* [1], a seguir à «regra»: «Os olhos indicão e exprimem particularmente os sentimentos do coração, e os movimentos da alma. Não ha paixão, que os olhos não revelem», estampa a sentença: *Taciti oculi fatentur arcana* [2].

E o povo sabe-o muito bem. A sua poesia não esqueceu a linguagem dos olhos.

... as palavras dos olhos
são vozes do coração,

diz uma cantiga popular [3].

E diz outra:

O coração e os olhos
são dois amantes leais:
quando o coração tem pena,
logo os olhos dão sinais [4].

Como os olhos deixam coar o que vai no *interior*, — *lê-se nos olhos*.

«E já defronte da rapariga, ageitando-lhe o rosto p'ra lhe VÊR OS OLHOS, perguntou-lhe se estava triste.

— Não... Triste porquê?!...

---

(1) *O Pequeno Lavater ou Arte fyzionomica; extrahida de varios auctores, correcta e augmentada* por Daniel da Silva Pereira da Cunha, Bacharel em a Faculdade dos Sagrados Canones. Lisboa 1826.

(2) Obra cit., págs. 27-28.

(3) Arquivei-a nas *Flores de Portugal — Colecção de cem das mais lindas cantigas do Povo Português*, Pôrto 1926, pág. 36.

(4) J. Leite de Vasconcelos, *Poesia amorosa do Povo Português*, Lisboa 1890, pág. 99.

— Estás, isso estás!

— É modo meu, não estou...

Mas aos olhos da Alonsa, a desmentil-a, affloraram logo duas grandes lagrimas.» T. Coelho, *Os meus amores*, págs. 302-303.

Já no comêço dêste esbôço etnográfico salientei que, nos conjuntos mímicos, toma parte primacial a expressão fisionómica — e nesta, os olhos ficam, normalmente, no melhor lugar.

Dos jeitos dos olhos, todavia, apenas estou especializando, como convém à índole do trabalho presente, os que possam ser considerados gestos convencionais.

A significação do «olhar» é completada pelo aspecto do semblante, como disse [1], — e, por vezes, é necessário ainda ter em conta as «condições exteriores», o ambiente, para compreender ou, pelo menos, suspeitar a expressão da mirada.

« — Vossemecê porque não arranja a metter-se frade? — perguntou-lhe o parente do surrador.

A isto respondeu logo Joaquim Pereira:

— Não que elle é preciso ter património.

E o outro redarguiu:

— Eu dizia que se fizesse frade d'uns que chamam bôrras; não dizem missa, mas tem que trincar no refeitorio.

Guilherme olhava com amargura para estes homens, e não respondia. Thereza de Jesus, FITANDO-O com a fixidez com que costumava contemplar os santos, PARECIA SUPPLICAR-LHE QUE DESCULPASSE as bestialidades do auctor de seus dias.» Camilo, *Novellas do Minho*, vol. III, pág. 72.

---

[1] Cf. o ditado: *Na face e nos olhos se lê a letra do coração* (Adagiário de Rolland, s. v. *olhar*).

Recorde-se ainda *o mal e o bem à face vêm*, ou, como na *Eufrosina* se lê, *o mal e o bem na face o vem [= vêem]*: «Vos, señora, dizeis me que zombo, como que esta mal claro em mi, que o mal e o bem na face o vem.» *Comédia Eufrosina*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, conforme a impressão de 1561, publicada por Aubrey F. G. Bell, Lisboa 1918, pág. 115 (Acto II, cena V). — *Vém* tanto era o verbo *ver*, como *vir* (*vêem* e *vêm*, hoje). Vid. as notas *[76]* e *[132]* da minha ed. de *Os Lusíadas*.

Os olhos falam, — dizia. E os olhos trocam, uns com os outros, a sua fala.

Daí, a **troca de olhares,** «inteligente».

«O Nunes atravessára a eira, e endireitára para o palheiro, quando lhe disse o Gonçalves que estava lá dentro um fidalgo de longe. Encostou-se ao batente da porta, TROCOU UM LANCE DE OLHOS com o Veríssimo, e saíu apressadamente, arranjando pelo caminho uma fisionomia cheia de alvorôço, de surprêsa.» Camilo, *A Brasileira de Prazins*, pág. 119.

«As carreteiras das padas com a canastra aos pés, chapeleta redonda na cabeça, chale amarrado do peito para as costas, — repicam festivas ao bem-aparecido:

— ¡Ditosos olhos!... Já cá tínhamos dito: ¡freguês tam certo e pontual, ou êle está doente, ou com doença em casa, Jesus!

— Graças a Deus, vai-se andando.

— Sim? Louvores a Deus por tudo. Mas ninguém o tem visto...

— Ordenar terra para as ervas. É o tempo.

— Àààh... — e OLHAM-SE abismadas, com ar desconfiado, cismando: «¿o demo-pandilheiro feito frade penitente? Huum!...» Ferreira Soares, «Para a feira», in *Portucale*, vol. X, pág. 88.

«Mas recolhido um instante com o seu odio, quando tornou a si disse ao ferrador:

— Tenho uma ideia, ó compadre!

TROCARAM os dois UM LANCE D'OLHOS, e o João Ferrador ficou-se á espera...» T. Coelho, *Os meus amores*, pág. 355.

« — E tu, ó Tonio, — dissera a viuva em certo ponto, — diz' lá tu quem é que derriças?

Como dois floretes muito subtis, que se cruzam sem se tocar, OS OLHARES DOS DOIS, da Luiza mais do Tonio, HAVIAM-SE CRUZADO repentinamente. Ambos notaram isso, e ambos, no intimo, ficaram como surprehendidos...

— Ora, ti'Anna! eu penso lá n'essas coisas! — acudiu o rapaz.

....

E como uns larégos entrassem pela casa dentro,.... correu a viuva a enxotál-os — «*Coch'qui*, inimigos! *Coch'qui*» — emquanto OS OLHARES do Tonio e da Luiza, rapidos como dois relampagos, segunda vez SE CRUZAVAM no ar...» T. Coelho, *Ibid.*, págs. 293 e 294.

«Como fôra então que ella se lhe entregára, — a elle?! Tão de manso, pelo tempo longo, correra entre os dois aquillo do namoro, — quasi NÃO SE CONVERSANDO SENÃO COM OS OLHOS, e fallando só, quando se fallavam, em coisas do serviço da casa.» T. Coelho, *Ibid.*, pág. 352.

Cantiga popular:

Olhos, que DE VER SE ENTENDEM,
devem de andar amèstrados:
deram tempo ao ofício,
ou nasceram ensinados. (1)

57. A «intenção» do olhar é acentuada com o **fechar de um ôlho,** rápido ou pouco demorado (pestanejo). *Piscar* ou *empiscar o ôlho* ou *os olhos* (ou só *piscar* e *empiscar*), *dar de ôlho*, — dizem. O que se pretende é dar a entender alguma coisa, sublinhando com o movimento palpebral essa pretensão.

« — Com franqueza, como nos acha por cá, pela quinta, snr. Villaça?

— Estou contente, Teixeira, estou contente. Pode-se vir por gosto a S.ta Olavia.

E, pousando familiarmente a mão no hombro do escudeiro, PISCANDO O OLHO ainda humido:

— Tudo isto é o menino. Fez reviver o patrão!

— O Teixeira riu respeitosamente. O menino realmente era a alegria da casa...» Eça, *Os Maias*, vol. I, pág. 77.

« — .... onde inçar grado e molarinho [o mato] — é p'ra lastrar — e cortai sempre, ouvis? Que eu torno cedo!

Duns p'ròs outros, mal sustendo o ar sisudo, a cam-

---

(1) J. Leite de Vasconcelos, *Poesia amorosa do Povo Português*, pág. 99.

bada EMPISCA OS OLHOS a cruzar esta senha: «êle o aí vai pisgar-se já!» Ferreira Soares, «As Prêsas», in *Portucale*, vol. I, pág. 295.

«Longos quinze dias, que pareceram quinze anos, [Lourenço] rabujou pelos campos, roncou muito, roncou alto e roncou grosso aos criados....

....

Se das janelas de casa ninguém via, o Serrano [criado] dava aos ombros, EMPISCAVA aos companheiros, e vinha-lhe à cabeça a mesma ideia que acudira à ama: «por manso que seja o cão, faz-se ruim vendo-se prêso». Ferreira Soares, «Para a feira», in *Portucale*, vol. X, págs. 81 e 82.

«*O Prego* DÁ D'OLHO *á esposa que baixa os olhos compungidos como se assistisse ao sermão do encontro.*» Camilo, *Eusébio Macário*, pág. 267.

«E concluia PISCANDO O OLHO ao commendador e fazendo um gesto intelligente para Felicia, como quem diz que era preciso respeitar as crenças d'aquella santa mulher ignorante:» Camilo, *Ibid.*, pág. 207.

«As creanças são todas assim, emquanto estão no mimo das mães. Mas uma vez mettidas na escola, as coisas mudavam um pouco. E PISCANDO O OLHO, designou a palmatoria.» T. Coelho, *Os meus amores*, pág. 147.

«A Thereza riu-se mas a Aniceta, que percebera, PISCOU-LHE O OLHO para que se calasse:» T. Coelho, *Ibid.*, pág. 245.

«O vigário dava-lhe alento — que não tivesse mêdo; que aquillo não era objecto para sustos; que tanto montava fallar com o morto como com a tia Joanna. E PISCAVA O OLHO ao João Canastreiro, querendo assim mostrar-lhe que não era asno, e que ia feito na geringonça, fosse ela qual fosse.» Camilo, *Volcoens de lama*, pág. 194.

«— Credo! que palavra! — exclamou com engulho D. Maria Tiburcia.

— Não parece palavra de pessoa ecclesiastica! — notou a outra senhora não menos escandalisada.

O mano Theotonio, como TINHA PISCADO O OLHO DIREITO ao conego, ria-se; e o conego, com a maior gravidade, disse:

— Minhas senhoras, os antigos faziam as coisas e diziam--nas; hoje em dia»... Camilo, *Novellas do Minho*, vol. II, pág. 161.

«— Se queres mais algum, e não tens dinheiro, eu fico por ti, e tu pagarás depois ao senhor Hemerin, que me faz o favor de ser meu amigo.

O arcediago PISCOU O OLHO para o livreiro, que estava encostado ao mostrador, e o livreiro sorriu-se d'um modo que era novo para o arcediago.» Camilo, *A Filha do arcediago*, pág. 63.

«— Bom é que êle se vá persuadindo que não somos patêgos — dizia o abade ao Nunes. — Sim, bom é que se persuada... você percebe... E PISCAVA com esperteza.» Camilo, *A Brasileira de Prazins*, pág. 125.

A intenção, ao piscar o ôlho, muitas vezes é significar a «excelência» de qualquer coisa — ou pessoa...

«O administrador ergueu o copo, depois de cheio, admirou-lhe á luz a côr rica, provou-o com a ponta do labio, e PISCANDO O OLHO para Affonso:

— É do nosso!

— Do velho, disse Affonso. Pergunte ao Brown... Hein, Brown, um bom nectar?

— *Magnificente!* exclamou o perceptor com uma energia fogosa». Eça de Queirós, *Os Maias*, vol. I, págs. 83-84.

«Carolina subiu, beijocaram-se, ricas filhas para um lado, abraço para outro. Carolina sentia-se contente, uma quietação plena, chocada pela sinceridade da outra. A senhora Marcellina olhava para ella de face. E largou d'ahi a nada este dito:

— Ha-de ser um peixão! — E PISCAVA O OLHO pardo com ares de entendedora.» Fialho, *Contos*, pág. 32.

«— E soube alguma coisa?

— Soube que era uma viuva honrada e que vivia com

um irmão. Chamava-se ella Joanna, e por signal que não era má fatia!—accrescentou elle PISCANDO O OLHO DIREITO e tregeitando uma carêta de sybarita.» Camilo, *Os Brilhantes do brasileiro*, pág. 139.

A *piscadela de ôlho* é acêno de namôro. *Piscar* ou *empiscar (o ôlho, os olhos)* é «pedir namôro», «fazer namôro». Também se diz *catrapiscar*.

Lá canta o povo:

Por cima se ceifa o trigo,
por baixo fica o restolho;
quem namora sempre alcança
uma PISCADELA DE ÔLHO.

Por cima se ceifa o pão,
por baixo fica o restolho;
raparigas não se fintam [1]
em rapaz que EMPISCA O ÔLHO [2].

Variante:

Por cima ceifa-se o pão,
por baixo fica o restolho;
menina, não se namore
do rapaz que EMPISCA O ÔLHO [3].

«¡E o cabeça-gôrda do *Jaquim* do Alves, sempre a EMPISCAR à gente e a arreganhar a tacha... Há cada um!...» Ferreira Soares, «O Sonho», in *Portucale*, vol. VI, pág. 58.

«—.... e que nunca houve na rua quem dissesse, com

---

(1) =*não se fiam, não acreditam*. Provincialismo trasmontano. Cf. *Cartas de amor*, por mim publicadas in *Portucale*, vol. X, pág. 123.

(2) Quadras registadas por Trindade Coelho em «O Senhor Sete», in revista *A Tradição*, vol. II, pág. 118.

(3) Vid. Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. II, *O que a nossa gente canta*, Lisboa 1937, pág. 19. — O primeiro verso também pode ser: *Ai! por cima fica o trigo* (Covilhã).

verdade, que me viu PISCAR O OLHO ao congregado, nem ao conego Anselmo!» Camilo, *A Filha do arcediago*, pág. 88.

«—Puz-lhe um estabelecimento de castanhas assadas na Ribeira. O diabo da moça PISCAVA O OLHO ao caixeiro e pul-a fóra de casa. Eu cá poucas vergonhas de portas a dentro não as quero.» Camilo, *Ibid.*, pág. 12.

A quem lhes pisca o ôlho, as raparigas lançam às vezes o seguinte remoque:

Pisca-me o direito,
que o esquerdo não tem jeito.

Geralmente, o ôlho que dá mais jeito a piscar é o esquerdo.

Trindade Coelho, em *O Senhor Sete* [1], diz, acêrca da expressão *fazer o sete:*

«—*Fazer o sete.*

Não sabem o que isto quer dizer! Pois quer dizer *namorar*. Mas namorar—*piscando o ôlho.* E agora já percebem aquella quadra:

A hortelã já nasceu,
A salsa está p'ra nascer,
N'estes setes que te eu faço
Bem me podes entender.

Ora isto vem de certos jogos, como a bisca, o chincalhão, etc., em que é costume os parceiros fazerem as cartas por signaes... Assim, uma piscadela do ôlho esquerdo, é signal de *sete d'oiros.* D'ahi, bulhas entre os jogadores:

—Piscou-lhe o ôlho, não vale!

—Fez-lhe d'além o sete d'oiros, não vale! Eu assim largo as cartas!

Etc.

D'ahi, quando um rapaz e uma rapariga se namoram, o dizer-se que fazem o sete,—porque em geral piscam o ôlho, que é, de toda a forma de correspondencia, a mais

[1] Publicado em *A Tradição*, como referi já.

discreta, embora não deixe de ser também um pouco bregeira...» (1)

É realmente costume, em certos jogos de cartas, os «parceiros» trocarem senhas para que, às ocultas dos outros jogadores, tomem conhecimento das cartas principais que possuem e do jôgo que devem fazer. Muitas vezes, ajusta-se prèviamente não serem permitidos sinais. Costumam ser êles permitidos na *bisca de três* ou *bisca lambida* (2), que é, aliás, falada. Na *sueca*, não (*a sueca fêz-se para os cegos* é frase de jogadores), e não, também, noutros jogos de cartas; então, os sinais constituem *batota*.

Na *sueca*, o piscar de ôlho indica *ás*, *manilha*, ou *rei* (de *trunfo*), que são as principais cartas do jôgo; no *solo*, é a *douradinha* (dama de ouros) que se designa pela piscadela; no *garujo*, apesar do jôgo ser *cantado* (falado), o *valete de paus (garujo)* é descoberto pelo sinal de ôlho, — de ordinário, arregalar os olhos (Pôrto).

Para o *garujo*, os sinais designativos das principais cartas são — além do arregalar dos olhos, para o valete de paus —: piscar o ôlho, *dama de ouros*; desviar a língua para a direita e, por dentro da bochecha, empurrar esta para fora, *quina de ouros*; fazer o mesmo, à esquerda, *quina de paus*; deitar a ponta da língua de fora, para diante, *dama de espadas*; fazer menção de cheirar, *quadra de paus*. Para designar a *manilha de copas*, dizem uns que se morde o lábio inferior, e outros, que se faz menção de cheirar, olhando, ao mesmo tempo, para baixo, assim como para indicar o *ás de espadas* e a *manilha de ouros (corta* ou *mata ternos)* (Pôrto).

Na *bisca*, a piscadela de ôlho assinala a *bisca de trunfo*, isto é, o *sete* da *pinta* que é «trunfo» (ouros, paus, copas, ou espadas) (3); o arregalar dos olhos designa o *ás de trunfo*; etc. (Covilhã).

---

(1) In *A Tradição*, vol. II, pág. 118.

(2) *Bisca de três*, visto cada pessoa jogar com *três* cartas, e *lambida*, porque a gente de condição baixa *lambe* os dedos para «comprar» as cartas, isto é, para as ir tirando do baralho, depois de cada vaza.

(3) *Bisca*, *manilha* e *sete* nomeiam a mesma carta (a que tem sete «pintas»). Em vez de *o sete*, o povo diz *a seta* (para concordar com *carta*).

Para outros, na *bisca* e na *sueca*, o *sete de trunfo* é designado pela piscadela do ôlho esquerdo; o *ás*, pelo erguer das sobrancelhas (que vale tanto como arregalar os olhos); o *rei*, pela colocação da ponta da língua ao canto esquerdo da bôca; a *dama*, pela colocação da ponta da língua no canto direito; e o *valete*, pelo prolongamento dos lábios (Pôrto).

Alguns piscam o ôlho direito, para designar o *ás*, e o ôlho esquerdo, para designar o *sete* (Pôrto).

Outros piscam um ôlho, qualquer, para designar a *manilha* (sempre cartas de «trunfo»); abrem os olhos, para designar o *ás;* e com a língua dão a conhecer o rei, o valete e a dama: a *dama*, deitando a ponta da língua de fora, para diante; o *rei*, desviando a língua para a direita e, por dentro da bochecha, fazendo avultar esta; o *valete*, praticando o mesmo, à esquerda (Espinho, Baião, Amarante).

Outros fazem o que se disse, para *ás* e *sete*, mas designam o *rei* com o prolongamento dos lábios (como de quem vai a dar um beijo); o *valete*, com o torcer da bôca para um lado; a *dama*, com a ponta da língua de fora, a um canto da bôca (Viana-do-Castelo).

Há quem assinale o *rei* com o franzimento do nariz (como de quem faz menção de cheirar) (Pôrto).

Não é só com os olhos, com a bôca e com o nariz — está bem de ver — que se fazem as senhas. Também com as mãos.

Por exemplo: o polegar, que se mostra de qualquer maneira (com disfarce, evidentemente), significa *ás;* o indicador, *sete;* o médio, *rei;* o anular, *valete;* e o mínimo, *dama* (Salvaterra-do-Extremo, conc. de Castelo-Branco).

Quando, ao jogar, se *bate* com fôrça a carta na mesa, pretende-se avisar o parceiro de que tal carta é a última do naipe respectivo (Pôrto).

Para advertir o parceiro de que deve *cortar*, jogando um «trunfo pequeno» *(bedelho)*, mexe-se o indicador em cima do médio, afastando-o e aproximando-o, para imitar o «cortar» das tesouras. Quando o jogador seguinte lança trunfo maior, diz-se que êle *corta de seguro.*

Na *vermelhinha*, as três cartas são representadas por três dedos (indicador, médio e anular). O médio corresponde à carta do meio; e os outros dois dedos, um de cada lado do médio, correspondem às duas cartas extremas (Pôrto).

Deve observar-se que os sinais variam bastante, não só com as terras, mas também com as pessoas da mesma terra.

Resultam, muitíssimas vezes, de combinações particulares. Inventam-se *novas* senhas, desconhecidas portanto dos mais parceiros, e chega-se a ajustar senhas (das conhecidas) *trocadas*, a fim de melhor os enganar. Neste caso, não se importam de que os jogadores contrários, as surpreendam; até estimam... Por exemplo, combinam que a piscadela de ôlho queira dizer *dama*, e não *sete*; que o arregalar dos olhos seja *rei*, e não *ás*, etc., e assim atrapalham sèriamente os outros parceiros.

Nem sempre há boa intenção no *piscar;* pode haver intuito desfaçadamente malicioso, alusão ou convite a pouca-vergonha.

«Desceu a escada. Á porta observou, PISCANDO MAGANAMENTE O OLHO:

—Não fui das que gozei menos, não. Que até condes beijaram este palminho de cara. Ai! Bom tempo!» Fialho, *Contos*, pág. 104.

«Vinte raparigas dos casaes, todas pimponas, vieram dormir á granja. Alta noite, PISCAVA O OLHO, alta noite...

—Não ponhas mais na carta. *Tosquei* tudo! Que bailões! E a Ruiva também era...» Fialho, *Ibid.*, pág. 14.

«—Olha, podes-te empregar na fábrica, dois tostões por dia; leva-se *lunch.*—E muito baixo:—para quem quer *reinar*, nada melhor.—PISCAVA O OLHO:—percebes, percebes? —E desenvolvia projectos, propunha expedientes.» Fialho, *Ibid.*, pág. 106.

«Respondiam a tudo com grandes risadas bebedas. Uma então, a Jeronyma, trigueira, a face picada de bexigas, até dava encontrões nos policias, PISCANDO OS OLHOS: e todas se divertiam a valer.» Fialho, *Ibid.*, págs. 112-113.

Há quem pisque os dois olhos, um depois do outro.

«—....Se a mulher for egual ao marido, então não ha honra nem vergonha n'este mundo, não acha?

—Diz bem, compadre; mas é que ellas abusam do exemplo que os homens dão, percebe você?

—Isso também é verdade — concordou Hermenegildo, FECHANDO O OLHO ESQUERDO.

—Você parece que quer dormir... —notou o hospede.

—Sim, elle agora parece que chega—resmungou Fialho, FECHANDO O OLHO DIREITO.» Camilo, *Os Brilhantes do brasileiro*, pág. 47.

Camilo refere ainda piscar um ôlho, com o outro fechado:

«Risos explosiam, enquanto o abade com a ponta do cigarro ao canto dos beiços FECHAVA UM ÔLHO E PISCAVA O OUTRO a um bacharel besuntado de banhas, muito cheiroso a patchouli, que comia as rendas da fidalga carcassa.» Camilo, *A Corja*, pág. 12.

O piscar do ôlho é, em certas ocasiões, associado a trejeitos da bôca e do nariz.

«Segredou-nos que a morgadinha, ao oitavo dia de cazada, tentara fugir para a mãe...

—Oh!—exclamou Almeida—ao oitavo dia! que lua de mel!

—A meu ver—PISCOU O ABBADE ENTORTANDO A BOCCA DISFORMEMENTE—esta lua de mel recebia a luz reflexa d'aquell'outra *lua-cheia* aqui das Caldas, tão sua conhecida, sr. Almeida...

—Maganão! o abbade é o calendario de todas as luas que alumiam ha trinta annos os amores nocturnos de Vizella...» Camilo, *Novellas do Minho*, vol. I, pág. 41.

«—Mudam de rumo?!—atalhei eu—¿então elas não levam ao fim a vida virtuosa?!

—«T'ó carocha!—respondeu o velhaco, FECHANDO O ÔLHO DIREITO E ARREGAÇANDO O BEIÇO DE ESGUÊLHA.—Aquilo passa-lhes, consoante elas são de sua natureza.» Camilo, *Mosaico e Silva de curiosidades históricas, literárias e biográficas*, Pôrto s. d. (Colecção Lusitânia), pág. 11.

«O marido FRANZIU AS AZAS NASAES, FECHOU O OLHO ESQUERDO, ARREGAÇOU PARA A DIREITA O BEIÇO INFERIOR COM O RESPECTIVO QUEIXO, e disse:

—Aquillo, donzella? Estás a lêr, mulher. Os rapazes

hoje em dia são uns garotos.» Camilo, *Narcóticos*, Pôrto 1920, vol. I, pág. 129.

Ajuntarei, por último, êste passo camiliano, em que, sucessivamente, se pisca o ôlho esquerdo, o ôlho direito, ambos os olhos, e se franze o nariz:

«—.... E sua senhora como está? — perguntou Amaral ao marido de D. Cecilia — ainda soffre?

— Dos nervos? cada vez mais, senhor Amaral.

O visconde PISCOU O OLHO ESQUERDO a Guilherme [Amaral].

— É pena! — tornou elle — Se me não engano, a senhora D. Cecilia é uma d'essas organisações que se nutrem do veneno ideal.

— Parece-me que sim... disse o marido bastante enfiado.

O visconde PISCOU O OLHO DIREITO.

— É um dever nosso, visto que não podemos seguil-as nos seus vôos — tornou Guilherme — deixal-as voar livremente.

— De certo — tartamudeou o marido, um pouco açafroado.

O visconde PISCOU AMBOS OS OLHOS.

E Amaral proseguiu:

....

O marido começava a desconfiar das «lamentações» de Amaral.... O visconde para variar a visagem, TENDO JÁ PISCADO AMBOS OS OLHOS, FRANZIU O NARIZ, DILATANDO EM DIRECÇÃO OBLIQUA AMBAS AS VENTAS.

....

O marido de Cecilia, o commendador, e o conselheiro sahiram. Ficou o visconde.

— Que queria vossa excellencia dizer, piscando o olho, ha pouco? — perguntou Amaral.

— Então o senhor não sabe nada! A D. Cecilia tem dado cabeçadas de todo o tamanho! Lá em minha casa já ella não entra. A minha Margarida tem-me contado cousas que fazem arrepiar os cabellos.»... Camilo, *Um homem de brios*, 6.ª ed., Lisboa 1917, págs. 59, 60 e 61.

Quando se quere patentear «satisfação», pode associar-se, ao piscar do ôlho, o estralejar dos dedos, ou o assobio.

Entre as outras regiões em que o piscar do ôlho é usado, conta-se Marrocos (Cf. Hermann Urtel, *Beiträge zur portugiesischen Volkskunde*, pág. 11).

58. **Olhar de frente**, serenamente, com firmeza, exprime «sinceridade», «franqueza», «lealdade». É *olhar direito*, como se diz.

Cantigas populares:

OLHA para mim DIREITO,
não olhes atravessado,
que o olhar sem ser direito
faz-me estar desconfiado.

(Pôrto).

OLHA para mim DIREITO,
não olhes atravessado;
quero ver ao meu jeito
se és solteiro ou casado.

(Viana-do-Castelo).

«Mas firme como uma rocha, PLANTOU-SE [o José Grilo] agora DEANTE DA MULHER:

— Pois assim me Deus salve... Ouves?!» T. Coelho, *Os meus amores*, pág. 331.

« — Ora mas anda cá! Vem cá! Não te afflijas! Vaes-me fallar então toda a verdade, promettes?!

Ella não respondeu, absorta...

— Promettes — disse por ella o Fraldão. — «OLHA então BEM P'RA MIM.»

Ella FITOU-O, serena.

— Responde! Tu inda gostas d'elle?!» T. Coelho, *Ibid.*, pág. 306.

É bem significativo, e perfeitamente aplicável ao nosso caso, o seguinte passo de Júlio Verne:

« — Simão, replicou o engenheiro, ENCARA-ME BEM E NÃO TIRES OS TEUS OLHOS DE CIMA DOS MEUS. Essa communicação é deveras muito importante?

Simão Ford, SEM BAIXAR OS OLHOS, fez um signal affirmativo.» Júlio Verne, *As Indias Negras*, trad. portuguesa ilustrada, Lisboa 1877 (Emprêsa Horas Românticas), pág. 60.

«A feira punha-se à minha banda. Viva! sôbre viva! entrara ali para o cadafalso, saía em som de festa.

O Bernardo puxou-me para a venda, para bebermos à sossega. Ali, de mão na mão e DE OLHOS NOS OLHOS, disse-lhe:

— Bernardo, tens aqui um irmão.» Aquilino Ribeiro, *Estrada de Santiago*, pág. 151.

Êste *olhar direito* é conseqüência de os *olhos falarem*, de nêles *se ler*, como se registou acima (**56**). Expõem-se os olhos, bem expostos, à observação de outrem, para que se veja o *interior* que nêles transparece, às claras.

Olha *direito*, a criatura que é moralmente *direita, recta*. E como quem olha direito conserva a cara *direita*, chama-se *cara-direita* à pessoa que, moralmente, possui *direitura* ou *rectidão*, que é «leal», «bom camarada».

E até de alimária de boas qualidades se pode chegar a dizer, anàlogamente, que é de *cara direita*.

«Pus o cavalo em praça na feira dos quinze e, louvores ao Senhor que tudo manda, os compradores não faltaram. O mais chegadiço era o Ramalhoto de Peva, que é novato em troquilhas, e eu na minha boa sinceridade disse-lhe:

— Joaquim, isto É BICHO DE CARA DIREITA. De Viseu para riba quero que cem cães me mordam, mas não pisam quatro estacas como êle.» Aquilino Ribeiro, *Estrada de Santiago*, pág. 222.

59. Ao *olhar direito*, opõe-se o **olhar atravessado,** como bem acentuam as cantigas populares que transcrevi há pouco (**58**).

Diz-se olhar *atravessado* e: *de lado, de esguelha, de soslaio, de través, de revés;* Camilo empregou bastante *olhar de esconso*. Também se diz: olhar *enviesado, oblíquo*, e *tôrto* ou *vesgo* [1]; há ainda *olhar de canto, olhar com o canto do ôlho* e

---

[1] Chama-se *torto* ou *vesgo* o olhar de quem «troca a vista» (estrábico), (e ainda o de quem é «cego de um ôlho»).

olhar com o rabo do ôlho (olhar com..., e *deitar o...)*, e *olhar baixo, olhar por baixo*, etc. Opõe-se tudo isto a *olhar direito*, em sentido próprio ou figurado, e as maneiras de dizer explicam perfeitamente as maneiras de olhar.

Assim se exprime, vàriamente, quanto é oposto a «sinceridade», «franqueza», «lealdade», isto é: «dissimulação», «manha», «desconfiança», «maldade», «perfídia», «traição», «amuo», etc.

Há expressões que só de raridade não são tomadas à má conta, como *olhar torto* ou *vesgo*; as outras podem significar apenas «disfarce», sem qualquer intenção malévola.

Tôdas estas maneiras de olhar se reduzem, afinal, a *não olhar direito*, — frase correntíssima e que se topa já, por ex., na *Eufrosina*:

«E mais ella NAM NO OLHA ora MUITO DEREITO e tem rezam, porque o vilam he muito verçudo, carregado por

---

O indivíduo, a que tal sucede, é *torto* ou *vesgo*, como o seu olhar.

A mesma significação possui *atravessado*. «*Olhos atravessados*, vesgos», regista o Dic. de Morais, com esta abonação:

De espessa barba, hirsuta, negra e feia
Tem o rosto té os olhos povoado,
A testa estreita, de cabellos cheia,
E DOS OLHOS O LUME ATRAVESSADO,
De monstruoso corpo,....

(*Ulyssea ou Lisboa edificada*, por Gabriel Pereira de Castro, Lisboa 1827, VIII, 127).

Vesgo equivale bem a *torto*, — de **versicu-*, de *versus*, «virado», «torcido», particípio de *vertere* (Vid. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, «Fragmentos etimologicos», in *Revista Lusitana*, vol. III, pág. 140, s. v. *chosco*, e R. Menéndez Pidal, «Notas para el léxico románico», in *Revista de Filología española*, vol. VII, págs. 31-32).

Tais denominações abrangem os olhares que, fora de defeito orgânico, semelham ou lembram os olhares de quem, por anormalidade, não pode, para ver, dirigir os olhos *a direito*, com a face de frente.

diante, e tem geito de dar olhado, e de lhe demandar sempre ciumes,»... *Eufrosina*, acto II, cena IV (pág. 98 da ed. cit.).

Darei, a seguir, numerosos exemplos do emprêgo (inclusivè o figurado) dêstes olhares *não direitos:* êles falarão melhor do que arrazoados meus.

«Não estragues com mimos o rapaz, não mo enchas de vento, não lhe digas nada. Cala-te, que êle promete, promete muito, e admiro por êle vir dum burro....». O Lourenço riu, calou, mas sentiu-se inchar por dentro no prazer de TORCER O CANTO DO ÔLHO para o *tesouro escondido* que ali tinha no rapaz...» Ferreira Soares, «No estudo», in *Portucale*, vol. V, pág. 256.

Cantiga popular:

Quando passares por mim,
BAIXA OS OLHOS P'RA ME VER;
podemos andar de amores,
sem ninguém o perceber (1).

«Banaboião mostrou-lhe a crónica insigne, que tirou do taleigo, e êle se pôs a acariciar, bem denotando quanto isso o regozijava. Depois dum instante de cisma, disse ainda:
— Semeiem-nas como o semeador faz ao grão.
Neste meio tempo, o padre preparara em cima duma arca a mesa da Extrema-Unção. Beltrasanas só deu conta dêle ao ouvir pronunciar a antífona: *Asperges*, ao mesmo tempo que lhe caíam no rosto os pingos da água benta. Ficou calado, mas viu-se pelo OLHAR OBLÍQUO que se dava a estudá-lo e se entregava a essa operação com certa minúcia, dos pés à cabeça:» Aquilino Ribeiro, *S. Banaboião*, pág. 147.

«—Sim!—disse Calisto, com proeminencia declamatoria,—sim!
....

(1) Vid. Pedro Fernandes Tomás, *Canções populares da Beira*, pág. 155.

No grande dia, funestissima ha de ser a sentença d'elles, novos Caligulas, novos Tiberios, e Diocleciano novos! Relanceou o pharmaceutico uma OLHADELLA ESGUELHADA ao professor, o qual, abanando tres vezes e de compasso a cabeça, dava assim a perceber que abundava na admiração do seu amigo e consocio erudito em historia romana.» Camilo, *A Queda d'um anjo*, pág. 17.

«A meio largo, manchas amarelas de bois «postos na praça»; e, a rondarem de longe, os melúrias sabichões que fingem não ver as rêses e as NAMORAM À CAPUCHA COM O CANTO DO ÔLHO...» Ferreira Soares, «Para a feira», in *Portucale*, vol. X, pág. 85.

«Elas coram OLHANDO O Maio DE REVÉS, depois olhando o chão e afastando-se num sorrir amarelo e ar escorraçado. Êle embaça também, desconfiando enfim se as franganitas têm zelos da Açucena — as grandes burras!» Ferreira Soares, «O Sonho», in *Portucale*, vol. VI, pág. 57.

«— A sua filha lê novellas, snr. Melchior? — continuou elle PONDO OS OLHOS DE ESGUELHA, como molosso desconfiado.» Camilo, *O que fazem mulheres*, 3.ª ed., Lisboa s. d., pág. 39.

«As mãos do desgraçado eram mimosas como as nossas: ignoravam a dureza do cabo da enxada. Algumas vezes, quiz trabalhar na roça do matto, e largou a ferramenta, porque as mãos largavam a pelle. A gentalha boçal e má da aldeia ria-se d'elle. Os jornaleiros, que o viam á sua beira gemendo a cada enxadada frouxa que atirava á raiz do codêço, OLHAVAM-N'O DE REVEZ, e exultavam de ver nivelado com elles o rico de outro tempo, que lhes atirava ao chapéu com o jornal de cada semana, e lhes chamava calaceiros.» Camilo, *Vinte horas de liteira*, pág. 36.

«O Nunes dava canelões inteligentes e às vezes dolorosos no abade, que o ENCARAVA DE ESCONSO como quem diz: — percebo; não faça de mim asno; sei que estou falando com el-rei.» Camilo, *A Brasileira de Prazins*, pág. 124.

«Justamente na vespera Ega cruzára-se com o Cohen na rua do Ouro, e parecera-lhe que «esse canalha» lhe ATIRÁRA

DE LADO UM OLHAR atrevido, sacudindo a bengala». Eça, *Os Maias*, vol. II, pág. 110.

«A condessa ergueu-se e retirou-se, fazendo uma ligeira mesura de despedida a seu irmão.

O marquez OLHOU-A DE REVÉS, lance de olhos muito commum na refinada malicia, ou na estupidez grosseira.» Camilo, *Mysterios de Lisboa*, 6.ª ed., Lisboa 1896, vol. I, pág. 158.

«Damaso, sob aquellas festas alegres, permanecia frio, amuado, OLHANDO-O DE REVEZ.

— Olha que tu, disse elle, parece-me que me vaes sahindo tambem um traste... Não ha a gente fiar-se em ninguem!» Eça, *Os Maias*, vol. II, pág. 53.

«Tinha alli no chão a sua cama que uma creada de ruim cara lhe arranjára com máos modos, rosnando e LOBRIGANDO-A DE ESGUÊLHA.» Camilo, *Volcoens de lama*, pág. 221.

«D. Justina ENVESGOU-ME OS OLHOS, e murmurou:

— Não acho graça nenhuma ao seu atrevimento — e voltando a cara, sentou-se de esguêlha.» Camilo, *Coração, cabeça e estomago*, pág. 149.

...«Observava mais que tudo os OLHARES TORCIDOS do meu visinho, e as approximações embaraçadas com certo ar de timida resolução. Quer-me parecer que esta concatenação de cousas era capaz de incutir desconfiança ao leitor menos timorato, de certo, que eu.» Camilo, *Memorias do carcere*, 4.ª ed., Lisboa s. d., vol. II, pág. 22.

....«vai-se, ia dizendo, para o mercado de S. Francisco, e ¿com quem dou eu de cara ao pisar na feira das bêstas? Com o birbantão do Tenente.

O homem DEITA-ME O RABO DO ÔLHO e muito na sua compostura — estou a vê-lo de botas altas à Frederica, jaleca curta de alamares, um chapéu branco de muita aba, com um vergalho sob o braço, alto, garboso, que era moço alentado e bem parecido, meter pelo meio da ciganada e sumir-se-me da vista.» Aquilino Ribeiro, *Estrada de Santiago*, págs. 143-144.

«Padre Manuel teria cerca de trinta e oito annos. Os olhos espelhavam-lhe a alma, que eu sinceramente imagi-

nava má. FITAVA-OS OBLIQUAMENTE, franzindo o sobr'olho, que confinava com a raiz do cabello.» Camilo, *Memorias do carcere*, vol. I, pág. 172.

«N'aquelle anno de 1637 era o povo esmagado com tributos; a nobreza, menos ferida nas suas rendas, OLHAVA DE ESCONSO para a desgraça das classes mechanicas, e DE FITO para os seus proprios interesses.» Camilo, *O Regicida*, Lisboa 1874, pág. 17.

«OLHAVA já DE REVEZ para a consumada astucia do seu collega Cesar.» Camilo, *Lucta de gigantes*, 4.ª ed., Lisboa 1920, pág. 180.

«*De torto em través:* se diz do que não olha direito a quem está anojado», inclui o Dic. de Morais, abonando a expressão com êste passo da *Eufrosina:*

«Elle de torto em traves muito focinhudo, com o focinho no chão.» (Acto III, cena V; pág. 185 da ed. cit.).

Frisarei as seguintes linhas, onde se reúnem, com o olhar *direito*, olhares *não direitos:*

«Foi nestas grelhas que o Lourenço teve a carta do padre, viu que o rapaz saía estudantão, e a alegria foi sem têrmo, e saborosa, e solapada...

....O caso toou por longe....

Desde então, domingo em que o Maiito [o estudantão] fôsse a casa e aparecesse na missa, muitos olhos o encaravam com demora — uns DE FRENTE; outros, DE LADO; alguns, DE VISTA BAIXA E TORTA, que é a vista que tem o porco, o invejoso e, às vezes, o namorado mal aceite ou em maré de arrufos.» Ferreira Soares, «Para a feira», in *Portucale*, vol. X, págs. 84-85.

(Continua).

CLÁUDIO BASTO.

SUCINTO VOCABULÁRIO

Coligido numa aldeia da Serra de Albardos concelho de Alcanena

SERRA DE SANTO ANTÓNIO

A Serra de Santo António é modesta aldeia, situada em extensa bacia formada pela encosta meridional da Serra de Albardos, e tem ao norte as Cabeças, ao sul o escoante que, por meio dos Arrifes, a separaram do Bairro, ao nascente a Costa de Minde, Cabeça Gorda e Corutos, e ao poente a Ladeira da Lapa, pertencente já à antiga freguesia de Alvados, ou melhor Albardos.

Depois de 1834 gozou esta aldeia de grande e justa celebridade, de que se não podem gàbar terras de muito maior importância política, agrícola ou comercial, devido isso a um colégio que ali fundaram dois varões ilustres da extinta Ordem dos Franciscanos, Missionários Apostólicos de Varatojo.

Estes frades, ilustres, sábios e virtuosos, fugidos do Convento em virtude da lei que extinguiu em Portugal as Ordens monásticas, vieram refugiar-se aqui, por ser esta aldeia terra da naturalidade de um dêles, Fr. José da Conceição.

O outro, Fr. Manuel da Conceição, era natural do Cartaxo, onde não há hoje ninguém que dêle se lembre, não obstante ter sido um dos homens de mais sólida cultura e de mais austera virtude do seu tempo.

Estabelecendo ali o seu esconderijo, muito custava aos venerandos frades a inactividade forçada, a êles que se haviam recolhido ao Convento, não, como muitos, para fruirem vida de descanso e tranqüilidade, sem cuidados com o dia de amanhã, mas para percorrerem o país, de norte a sul, como o fizeram tantas vezes, evangelizando, missionando, ensinando, cumprindo assim o *euntes* do Evangelho. E, para simples entretimento dos seus lazeres, começaram a ensinar as primeiras letras aos rapazes da aldeia, e, aos mais hábeis e inteligentes, uns rudimentos de gramática latina e de cantochão.

Da modesta aldeia, até então absolutamente desconhecida

de tôda a gente, com excepção dos beleguins e malsins de Pôrto de Mós que ali iam, de vez em quando, acompanhados do Juiz de Vintena, cobrar os impostos e prender mancebos, à saída da missa, a-fim-de os obrigarem a servir o rei, começou a dizer-se alguma coisa e a fazer-se certa propaganda, levada nas gargantas dos que iam, de freguesia para freguesia, entoar os versículos do *Teatro Eclesiástico*, o que causava certo espanto nos fiéis das terras aonde chegavam. Gente de fato de burel, de barrete ao ombro, a cantar o cantochão, como se se tratasse de padres de missa... Podia lá ser?

Era assim mesmo. Os frades ensinavam os rapazes a cantar, e, se quisessem, também os podiam ensinar a padres... pois quem ensinava o cantochão ensinava o resto.

O que é certo é que começaram de acorrer à Serra de Santo António, montados em possantes machos, como o João Fernandes do *Palito Métrico*, rapazes de todo o Ribatejo, de tôda a Estremadura, do Alentejo, das Beiras... eu sei lá!... Chegaram a juntar-se ali mais de cem estudantes do Centro de Portugal, a escutar as sábias lições dos velhos frades; e, dali, partiam para Leiria ou para Coimbra, uns a receber ordens de missa das mãos dos respectivos bispos, e outros a impetrar matrícula nos institutos superiores, para o que levavam bagagem que bastava.

As principais figuras da política e da ciência de Santarém, de Tomar, de Abrantes, Coruche, Caldas, Portalegre, e de muitas outras terras estudaram na Serra de Santo António. Médicos, Professores de Liceu, Professores Primários, Padres, Advogados, Oficiais do Exército, de tudo eu conheci, saídos do Colégio dos Frades da Serra, no tempo em que escasseavam em Portugal os Liceus e outros Institutos, onde a gente se instruísse.

Podemos, por isso, dizer que a história desta aldeia se resume na vida do seu colégio, onde o padre Fr. José ensinava latim, português, umas pitadas de francês, geografia e história, e o Fr. Manuel tomava a seu cargo a leitura da lógica, teologia moral e dogmática para os que o desejavam e conhecimentos de humanidades variadíssimos para os que não queriam seguir a vida eclesiástica.

Onde e como ensinavam?

Ainda hoje nos parece de todo impossível que estes dois homens, em duas casitas de quatro metros de lado, não mais, pudessem ensinar turmas de sessenta ou setenta alunos, já homens, quando a capacidade da aula (!) lhes não dava para metade!

Quantas vezes, se não chovia, as lições eram dadas no pátio, o padre-mestre sentado no rebate da porta e os rapazes espernangados pela estrumada do amplo recinto; e, se chovia, lá iam para a alpendrada fronteira, onde se guardavam os apréstimos da eira e da lavoura, e, encarrapitados sôbre tôda aquela dispersão de alfaias e apeiragens, iam escutando a voz persuasiva dos frades, e armazenando no bestunto tudo quanto havia na Arte de João Félix Pereira, nas descrições de Tito Lívio, ou nas pitorescas Fábulas de Phedro...

No tempo das debulhas ou da descarola de milho, iam para a eira, à sombra de vetustos carvalhos, ajudar os trabalhadores a escaneirar, descamisar ou escarolar o milho, emquanto um dos frades, sentado em tôsca tripeça, ia *riscando* as maçarocas, e preguntando a um e a outro os diferentes pontos da lógica, apresentando argumentos ou contradições, em que o clássico *distinguo* entrava sempre, ou, aos mais novatos, as diferentes declinações ou conjugações latinas. E ai daquêle que se enganasse num caso, num tempo ou numa pessoa!... Ia-lhe acima uma maçaroca de milho ou a moura do mangual!...

Não se perdia tempo!... Trabalhavam as mãos emquanto o cérebro trabalhava também.

Pela azeitona (que os frades tinham, o Fr. José, pelo menos, uma grande casa de olival), iam os estudantes fazer a apanha, de cócoras, debaixo das oliveiras, emquanto o Fr. José, varejando as abas das mesmas, ia preguntando:

—Ó tu: dize lá:—Pretérito perfeito do verbo *fero:*

E o estudante interrogado, tinha de dizer, sem engulir em sêco:

—*Tuli, tulisti, tulit*...

...porque se o não dissesse, ia-lhe a vara acima das costas, para ficar sabendo que com o latim não se brinca.

O que é certo é que com estes primitivos métodos de ensino que, com a maior propriedade, se podem chamar fradescos, os rapazes que de lá saíram foram os primeiros latinistas da nossa terra.

É de justiça dizer que entre os dois frades amigos havia tamanha diferença de génios e de temperamentos, que, talvez por isso mesmo, nunca entre ambos surgiu qualquer divergência. O Fr. José tinha o geito popular, bonacheirão; armava os rapazes de chanfalhos de ripa, punha-lhes uma cinta vermelha a tiracolo, e lá ia para qualquer rossio ou terreiro, fazer marchas e contra-marchas, para entreter a rapaziada.

Tinha até, perante os seus alunos, certas escorregadelas de linguagem, nada próprias de professor nem de frade. O Fr. Manuel, pelo contrário, tendo saído de uma mocidade da mais desenfreada libertinagem, pois nos seus anos verdes foi caceteiro, guitarrista, bailarino, desordeiro, tudo, era a estátua da austeridade, sem que o seu ar sério tivesse algo de agressivo ou de repulsão. Todos os alunos o estimavam e veneravam, assim como ao Fr. José; mas nenhum dêles era capaz de rir perante êle, visto que nenhum dêles o vira rir em qualquer momento, ou em qualquer situação.

Na aula do Fr. José apresentavam-se queixas, faziam-se partidinhas, (sem dúvida as avós das que ainda não há muito se faziam nos liceus portugueses) beliscava-se o parceiro, pendurava-se letreiro irreverente nas costas do que lhe ficava em frente, ou se respondia com grosso canelão ao que se sentava atrás, etc. Na aula do Fr. Manuel ouvia-se apenas a sua voz de baixo profundo, e o zumbido leve das môscas que entravam e saíam, depois de visitarem as testas luzentes dos aprendizes de padre. De olhos quási sempre semi-cerrados, raramente o Fr. Manuel fitava a vista num dos discípulos. Falava como se o fizesse para um ouvinte que trouxesse dentro do próprio coração; mas as suas palavras eram tão próprias, os seus argumentos tão claros, as suas demonstrações tão convincentes, que êle não precisava do gesto nem do jôgo fisionómico para que tôda a ciência que retinha no seu cérebro potente passasse sem o mais leve esfôrço para os cérebros dos seus alunos.

Antagónicos como eram, completavam-se os dois frades. Ambos falavam com eloqüência; mas o Fr. Manuel sobrelevava as qualidades do Fr. José. Êste, na igreja, arrebatava cantando. O cantochão, coado pela sua garganta, tinha encantos desconhecidos e místicos; o Fr. Manuel arrebatava falando. Os seus sermões ainda hoje são recordados: com horror os que êle prègou em semanas santas e em cerimónias fúnebres; com admiração os que êle proferiu sôbre assuntos mais leves, como as vidas dos santos e factos da nossa história.

Nestes escassos trinta anos de vida escolar se encerra quási tôda a história da Serra de Santo António, onde todos os velhos sabiam ler, e para os quais quási não tinha segredos a língua latina, como os não havia nas cerimónias do culto. E, para que se não perdesse tudo, foram êles que trabalharam para que ali se criasse uma escola primária oficial, dotando-a com livros e algum material de ensino, reduzido e

pobre, como era próprio do tempo em que se vivia. De livros ofereceram, para leitura, 30 exemplares da primeira edição do *Manual Enciclopédico*, a *Asia de João de Barros* e outros de somenos importância. E foi assim que a Serra de Santo António logrou possuir uma escola primária, quando não a tinha ainda qualquer das freguesias limítrofes.

Fr. Manuel da Conceição está sepultado no modesto cemitério da Serra de Santo António; Fr. José da Conceição está enterrado no campo a isso reservado junto do Convento dos Franciscanos em Varatojo.

É possível que muitos dos têrmos que ali se usam ainda provenham da permanência dos frades naquela aldeia; e por isso de justiça se me antolha recordar-lhes um pouco a história.

E, para terminar, duas palavras sôbre a índole dos serranos.

Pacíficos de condição, religiosos por hábito, que não por fanatismo ou obcessão, os serranos, a braços com tudo quanto a natureza ali aglomerou de mais agressivo e inhóspito, foram, desde sempre, excessivamente amigos de trabalhar. De rochas alcantiladas quantas vezes fizeram encosto para as suas cabanas primitivas; sem terrenos para cultivar, arrotearam, arromperam as velgas e taliscas, rebentaram a pedra a tiros de pólvora sêca, servindo-se da broca de mão e de lança, e, carreando terra de outros locais, a-fim-de encherem os espaços vazios, conseguiram cultivar magníficas covadas de chão que dá milho, como os melhores campos e várzeas, conservando o viço e frescor ainda no pino do mais ardente verão.

Não dispondo, na extensa área em que se estabeleceram, de uma gota de água que brotasse de qualquer engra da serrania, fizeram pias, cavando a terra nos declives das rochas, aproveitando as naturais anfractuosidades, aumentando as capacidades a picão, e a tiro, colocando-lhes peças nas roturas, a-fim-de obterem depósitos enormes, que lhes conservassem a água que do céu cai durante o inverno, para beberem, para dessedentarem os seus gados e ainda para regarem as suas hortaliças, que são das mais saborosas do nosso país.

Onde houvesse um espaço entre dois penedos, uma vaga fenda entre duas lagens, uma minúscula talisca entre duas rochas, conseguem espetar um tronco de oliveira, amparando-o com esteios de pedra de modo que o vento lho não abane, nem as cabras lhe roam os gomos, para terem, passados anos, mais uma oliveira a dar azeitona de que se faz o mais fino azeite da

terra portuguesa. É o azeite da serra de Aire, celebrado por Bulhão Pato na sua receita de migas de bacalhau.

Dados à criação de gados, principalmente cabras, ovelhas, mulas e bois, os serranos supriam assim a improdutibilidade dos terrenos, quási maninhos, onde se estabeleceram, tornando-se, na sua pobreza, os mais ricos habitantes daquelas serranias, a ponto de tratarem de *habitantes dos sertões* os que moram lá mais para cima, para as serras de San-Bento, ou mais para sul um pouco, nos matagais da Paian.

Tiveram escola, como já disse, desde tempos muito antigos; tiveram sempre a sua missa dominical; construíram, à sua custa, um cemitério, as suas escolas, a sua igreja e as suas estradas, sem que o Estado contribuísse com uma de cinco para tôdas estas importantes obras; fizeram-se homens, emanciparam-se do poder civil e religioso de Minde, sua antiga freguesia, cresceram em bens e em cultura; começaram a embarcar para o Brasil e para a América; e, se os costumes quási patriarcais da sua aldeia se perderam, apagados pela esponja do tempo, aumentaram nos seus conhecimentos de gentes e terras distantes, modificando radicalmente a maneira de ser daquela terra, cujo pitoresco perdeu muito do seu antigo merecimento.

Os antigos lagares, uns oito se chegaram a contar ali, com as varas, ceiras, alguergues e tarefas, foram substituídos, de um momento para o outro, ganhando o azeite em quantidade o que perdeu em qualidade. E os transportes que dantes se faziam em carros de bois ou ao lombo de muares, já é feito por carroças, não tardando estas a ceder o seu lugar às camionetas.

As velhinhas simpáticas, de pele enrugada e de cabelos brancos já não cantam, fiando na roda a sua lã, ou na roca as estrigas do linho brando, aqueles versos tão simples e suáves da Paixão do Senhor, porque tudo lhes entra pela porta dentro já fabricado e pronto para se vestirem. E os velhotes que hoje vemos, em volta do sebento balcão da taberna, perpassando as cartas mais sebentas ainda, já não são os mesmos que, há 40 ou 50 anos, se entretinham contando aos filhos, à lareira, episódios da Patuleia, dos Franceses ou da guerra dos Miguéis, durante longos serões, findos os quais, cuspiam nas mãos e diziam, esfregando-as uma na outra.

—Vamos a dar graças a Deus, que são horas de ir à deita!

F. S. Serra Frazão.

A

aba — Parte do chapéu, do casaco, ou da saia. As mulheres, colhendo uma parte da roda da saia, utilizam-se dela para conduzirem qualquer coisa como novelos de fiado de linho ou de lã, maçarocas de milho, qualquer porção de azeitona, etc. — «Donde vens tu com essa abada de milho?...» *Abada* é, por isso, a porção que a aba da saia pode levar.

abade — Símbolo de gordura, de mandriice e de inutilidade. — «Tu tens muita gordura; és bom para abade».

abaganhado — Atrapalhado, entorpecido ao fazer qualquer coisa. — «Avia-te, rapaz; não me fiques para aí abaganhado com isso...»

abarbar — Emprega-se êste têrmo quando notam que um boi ou qualquer outro animal deita a bôca a qualquer coisa que procure para alimento, especialmente se, para isso, precisa estender o pescoço por cima de muro ou de outra vedação. — «Chega os molhos de palha mais para dentro; porque se aí passam os bois, podem abarbar e deitam-nos abaixo». Também se emprega *abocar.*

abocanhar — Morder na reputação de alguém. Começar um serviço por vezes e nunca o continuar com método e ordem. — «Andas para aí a abocanhar o trabalho e não fazes nem deixas fazer». O mesmo que *alobanhar.*

abocar — O acto de, nas feiras, abrir a bôca aos bois e até a outros animais, a ver se têm falta de dentes, qualquer abcesso ou defeito que lhes deminua a valia. O acto de abocar o animal é o que confirma o fecho do negócio. — «Bem! São 18 notas (1.800$00). Posso abocar os bois? — Pode. Está o negócio feito. — Se eles não tiverem qualquer mazela. — Para isso se abocam». Também se diz do animal que deita a bôca a qualquer pasto que se queria guardar. — «Segura os bois; não os deixas abocar a erva, que a estragam». Diz-se ainda do perdigueiro que vai buscar a caça: — «É muito bom cão. Aboca tudo o que a gente lhe atirar».

abertuxo — Passagem ou cosedura grosseira em qualquer espécie de vestuário, de forma que deixe um apanhado ou carapuço.

acachar e **acachar-se** — Tapar ou tapar-se. — «Acacha bem o menino e acacha-te tu também, que faz muito frio. — Se fôres à rua, acacha-te na manta, não vás tu constipar-te ou apanhar alguma macacôa...»

açafroado — Cheio de calor, afrontado, avermelhado pelo sol. — «Chegou a casa todo açafroado, quando escusava bem de sair pela torreira do sol...»

acalar — Amainar o vento; abrandar, enfraquecer, acalmar. — «Amanhã tenho p'ra mim que vai ser um grande dia de água...» — Por quê, tio António?... — «Porque acalou o vento ao fechar da noite; e quando isso acontece, no outro dia é água como terra».

acalhoada — Pedrada. Pancada com pedra ou calhau que se arremessou à mão. — «Se o cão arremeter contigo, prega-lhe uma acalhoada».

acalquinhar — Calcar repetidamente, espèzinhar o terreno que acabou de se gradar ou ancinhar. — «Tira-te daí, rapaz; não me estejas a acalquinhar isso!»

acanaviado — Derreado, tolhido, cheio de dores; adoentado. — «Que tem você, tio José, que o vejo tão acanaviado?... — São os anos, é o carunho e o maldito reumático que me não deixa, rapaz».

acintais ou **cintais** — Fitas de liga ou de couro que servem para fixar a estriga de linho em volta da roca de fiar. — «Essa roca não está bem carregada, rapariga. Aperta bem os acintais, quando não destripa-se tôda» (De cinta).

acolher — Conseguir, obter. — «Ainda não acolhi semente de couve que me agrade. — Hêde ver se acolho um homem para ir cavar para mim uns dois ou três dias».

acrescentes — Malhas que tecem, afora as da medida, para alargar a obra que se vai fazendo, seja meia ou camisola. — «Já tem perna bastante; podes ir dando uns acrescentes para formar a calcanheira da meia».

O verbo *acrescentar* entrava numa fórmula que o padrinho dirigia ao afilhado quando êste lhe pedia a bênção:

Deus te faça um Santo,
Deus te dê e te *acrescente*
E te livre da má gente,
Dos maraus da Portelinha.

Estes maraus, a quem chamavam também rabinos, por odiosa tradição contra os filhos de Israel, tinham fama de possuir um ligeiro apêndice caudal.

Ainda conheci velhos que afirmavam esta *verdade incontestável*...

aderne — Espécie de lentisco, de fôlha ovalada e recortada. Arbusto que apenas serve para queimar.

adregar — Acontecer, por acaso; calhar; suceder. — «Se adrega de chover breve, devo ter aqui uma boa terra de milho».

adrêgo — Acaso, encalhe, casualidade. — «Tu achares-me aqui agora foi um *adrêgo*. Ou (ao) tempo que eu já devia estar lá em riba, na Goliarda, e ainda p'ràqui estou à espera de quem não quere vir!»

afalcoado — Falho, falto, desprovido, necessitado. — «Quando o padre veio cá para a freguesia, via-se mesmo na cara dêle que vinha afalcoado... não trazia uma de X. Fui eu que lhe emprestei duas libras para êle se governar, emquanto não começasse a ganhar dinheiro».

aferventar — Ferver a lume brando; não deixar ferver por muito tempo; não deixar cozer um alimento.

— O mê Antoino anda tan relamboiro que nan me come coisa de jeito; hoje inté tive de le aferventar um coisico de leite c'umas sopicas, a ver se êle se me nan põe mais na espinha qu'êle já anda.

afreimado — Atento ao trabalho; invicionado no serviço; açodado para chegar ao fim do caminho ou do trabalho. — «Afreimado como êle anda, antes de muito tempo tem a terra tôda arroteada».

áfrica — Proeza; coisa que nem todos serão capazes de fazer. — «Lá habilidade tem êle; olha que eu vi-lhe fazer uma áfrica...»

aguar (ou antes *augar*, como êles dizem) — Regar com água, borrifar a roupa. Sofrer ìntimamente por se não obter o que se deseja. — «Em vendo uma laranja na mão de alguém, ficam logo a augar por ela».

agulheta — Ponta metálica que termina o atacador ou brochadouro do colete ou dos sapatos. Ponta de osso ou de marfim, artìsticamente trabalhada, que serve para fixar os acintais na roca de fiar. Os pastores, antigamente, tinham capricho de oferecer às namoradas uma agulheta burilada a canivete, às vezes com desenhos perfeitíssimos.

ajoujado — Derreado ao pêso de qualquer coisa; amachucado. — «O rapaz chegou-me a casa ajoujado debaixo do feixe de lenha que lhe puseram às costas; até tive dó dêle...»

ajuda e **ajudas** — Ajuda é o acto de ajudar. Ajudas ou mèzinhas são clisteres. — «Dê-me aqui uma ajuda; deite aqui a mão para eu me poder ajudar. — Levas uma tareia que te não ajudas a ela. — Para a prisão de ventre, quando se está empedernido, não há nada como umas ajudas de água de linhaça. Resolve logo».

alagar — Nunca se emprega no sentido de encher de água, encharcar; mas sim no de deitar abaixo, arrasar parede, muro ou marouço. — «Aquêle maroto não bastou meter as cabras lá na propriedade, mas ainda alagou (arrasou) duas ou três brazas de parede».

alapardar-se — Ocultar-se, esconder-se. Ficar com alguma coisa iludindo a boa fé de outrem. — «Levou-me daí a enxada e alapardou-se com ela, a julgar que eu que nunca mais lha pedia».

alargadela — Pequena suspensão de chuvas, mais ou menos duradoura, mais ou menos longa. — «Não saias ainda; espera um pouco, que já aí vem uma alargadela e podes sair então. — Já se vê uma nesga de céu velho (azul), sinal de que não tarda a vir uma alargadela. Não tardará a estravantar».

alborcar — Fazer porcamente qualquer serviço. Aporcalhar alguma coisa. — «Não faz nada com jeito; põe-se a alborcar e deixa tudo uma porcaria».

alborque — Serviço feito alborcadamente. Porcaria. O copo de vinho que nas feiras os negociadores vão beber, como sinal de que está fechado o contrato. No tempo dos Juízes de Fora, o alborque tinha a fôrça do contrato. — «Tenha paciência: bebeu-se o alborque, é caso arrumado; nenhum de nós se pode ir abaixo».

alcalharazes — Alforjes, empregando-se em tom depreciativo. — «Peguei nos alcalharazes e, antes do romper da manhẽim, pus-me a caminho».

alfavaca — Planta herbácea, pertencente às papilionáceas, muito próxima parente dos tremoceiros, que se encontra na parte mais elevada das serras de Albardos e no Monte do Cheirinho, de cuja raiz fibrosa os serranos tecem as suas cordas, depois de a submeterem a diversos tratamentos. — Planta parietária a que chamam também: *erva còbrinha,*

alfavaca e *alfavaca de cobra*, que se emprega na medicina caseira.

alfeira — Fêmea que passou o ano sem procriar. — «As ovelhas alfeiras manda-as para a serra, e as dos cordeiros vão para a relva».

alforze por **alforje** — Espécie de saca dupla que se coloca sôbre a albarda da cavalgadura para transportar comestíveis, roupas ou qualquer coisa de pouco valor e volume. Os pedintes usam o alforje para andarem de porta em porta recebendo as esmolas que lhes dão as pessoas caritativas. — «Por êsse andar, se não mudas de vida, ainda te hei de ver de alforzes (ou alfôres) às costas».

algar — Espécie de gruta cavada em sentido quási vertical, em cujas paredes crescem variadíssimas espécies de musgos e avencas. Há a crendice de que os algares são habitados pelo Diabo, quási sempre em forma de serpente com asas, ou *concha*, que lhe permite o vôo; e os pastores, quando se aproximam dêsses medonhos precipícios, que os há com muitas dezenas de metros de profundidade, benzem-se e gritam lá para o fundo: — Cruzes! Credo! Santíssimo nome de Jesus! — E então, se não sai nada, é que não há perigo.

alheta — Emprega-se muito na frase: — «Pôr-se na alheta». Fugir.

alinterna — Modificação da palavra lanterna, que se pronuncia *linterna, alenterna* e *alinterna*. A lanterna vulgar compõe-se de um depósito circular, onde se lança o azeite e se coloca a torcida de algodão, resguardado por uma armação de fôlha branca, com quatro vidros. Nas escuras noites de inverno, quando os serranos precisam sair de casa é a lanterna o seu único meio de iluminação.

Eu conheci um cego que fazia também uso da sua lanterna, não para ver o caminho, o que lhe era impossível, mas para que os outros o conhecessem pela luz.

almenos e **aldemenos** — O mesmo que a locução adv. *ao menos.*

alobanhar — Fazer um serviço sem ordem, sem método, sem ir a eito, nas condições que são de uso, *abocanhar* e *aldrabar.* — Em vez de cavar isso a eito fica tudo alobanhado, tudo acalquinhado (de lôbo; como se fôra esmordaçado pelos lôbos).

alvorada — Não significa o romper da alva; para significar êsse momento do dia, usam os serranos — *o romper da manhẽim.* Alvorada é qualquer peça de música.

—Vá lá! Toquem agora uma alvorada; nãn seja só recebê-lo dinheiro.—*Cando* a música chegar, logo que ela toque a primeira alvorada, fogo p'r'ò ar! É nançairo que a gente dêsses casais saiba que temos cá festas!

alvorado—Arvorado, levantado, içado.

amardois—(Por ambos, ambos os dois, e ambos de dois).—«Vão amardois que é para guardarem o mêdo um ao outro».

amarguçar—Obrigar alguém a curvar-se, exercendo forte pressão sôbre o pescoço, de forma a obrigar o paciente a pender a cabeça para o chão.—«Se lá tornas a ir mexer, amarguço-te lá a cabeça, toma sentido!»

amentar (deve ser alteração de amamentar).—Dar de mamar aos cabritos e cordeiros pequeninos, antes de soltar as mãis para irem ao pasto, onde êles as não acompanham para lhes não mamarem o leite.—«Não soltes ainda as cabras, porque os cabritos ainda não foram amentados». —Encomendar as almas dos defuntos.—«Olha que é preciso ir pagar ao padre a amenta da alma do nosso tio».

amèzinhar—Medicar, aplicar os remédios. (Não se emprega no verdadeiro sentido: dar clisteres. Para isso lá está a expressão: dar ajudas).

amintolia—Almotolia. Vaso de barro semelhante a uma cantarinha de gargalo estreito, vidrado de verde e com a sua asa, onde se guarda o azeite para uso diário. Também se usa a almotolia de fôlha, mas é muito mais vulgar a de barro. A palavra almotolia é muito avêssa à simplicidade da linguagem dos serranos, e torna-se-lhes difícil *dar tantas voltas à língua* para dizerem estas palavras esquisitas.

Em Minde, havia mulheres que usavam a almotolia para irem buscar aguardente de manhãzinha, cedo, fazendo crer a quem passava que iam prover-se de azeite...

a-modos-que...—Locução equivalente a: Assim... um pouco...—«V. a-modos-que está com vontade de refilar comigo?...»

amoiar—Exaltar a quantidade ou a qualidade de alguma coisa até fora do que seria natural.—«F. não faz senão amoiar o que tem lá em casa.—Se tem muito, faça como as bêstas: coma-o de noite (de moio; medida equivalente a 60 alqueires de grão). Quem tem muito não precisa de o amoiar.—Os que mais têm menos o amoiam».

amonjar — Mostrar o peito entumescido pelo leite, ou simplesmente pelo volume dos seios. — «A cabrita que tu me vendeste foi coberta êste ano e já vai a amonjar». (Também em sentido livre se emprega em referência a qualquer mulher ou rapariga).

amonjo — O volume das têtas, das mamas ou dos seios por efeito de gordura ou do leite. — «Aquela cabra tem um belo amonjo».

amorcegar — Amolegar, amachucar, amassar (do latim *morsa?*). — «Tem cuidado com o balde; se bates com êle nas bordas da pia amorcéga-lo todo».

amouchado — Amachucado, esbòdegado, doente, emarouvado. — «O teu irmão que tem?... — Encontrei-o hoje tão amouchado».

andaço — Doença que alastra e se propaga a diversas pessoas em determinada época. Epidemia benigna.

apaijar (de *pagem?*) — Acompanhar com ternura, cercar de carinhos, apaparicar. — «Mal empregado se passas algum pouco sem lá estar a apaijar o fedelho, deixa-o berrar, que é para ver se alarga a pele!»

apaparicar — Encher de mimos e gulodices; cercar de mil cuidados; apaijar. — «Aquilo não se farta de apaparicar o rapaz, como se êle fôsse filho de pessoa grave; é meu Santo-Antoninho onde te prantarei».

apassarinhado — Sobressaltado, amedrontado, apressado, impaciente. — «Faz isso de vagar; não sejas apassarinhado».

apatricho, petrecho ou **apetrecho** — Emprega-se quási sempre para designar o fuzil, pederneira e isca com que acendem os cigarros e a que também chamam: *petisco* (petiscar lume).

apeirage ou **apieragem** — Correame que os serranos empregam para jungir os bois ao carro ou ao arado (de *apeiro*, tamoeiro).

apifarado — Aperaltado, ajanotado, brunido, aprimorado, bem vestido. — «Para onde irá o Alberto que vai todo apifarado?...»

aquentar — Verbo muito empregado em vez de aquècer. É muito usado na frase: — «Isto não me aquenta nem me arrefenta». Quando se quere significar que aquilo que de nós se disse nos não toca no fôrro da camisa, ou quando se quere tratar com certo desprêzo uma herança ou uma dádiva que nos veio ter a casa, diz-se: — «Isso não me aquenta nem me arrefenta».

arpeus — Vestidos leves, principalmente os de mulher. — «Não vês o que estás a fazer? Baixa lá os arpeus, anda!»

arranjar — Acolher, conseguir, obter. — «Vê se me arranjas as quatro moedas que me deves, que preciso delas. — Trata de arranjar trabalho, que isso não é vida p'ra ti».

arrapalhos — A última porção de massa que fica no alguidar depois de se tender a boroa. A estes arrapalhos juntam às vezes um pouco de erva doce, mel e azeite, fazem merendeirinhas que são saborosíssimas e com que presenteiam as crianças. Eu também gosto muito, a-pesar-de não ser criança.

arrebate — A pedra sôbre a qual assentam as duas ombreiras do portal, uma das quais, nalguns sítios, se chama: *batente*. Na Serra o *arrebate*, rebate e soleira, é também conhecido e muito vulgarmente por *batente* da porta, quando o batente é a ombreira onde penetra a lingüeta da fechadura.

arrefentar — Arrefecer. Vid. o vocábulo: *aquentar*.

arrejeitar — Arremessar, atirando o objecto rente ao chão. — «O cão vinha para se atirar a mim; mas eu arrejeitei-lhe o cacete e foi assim que me vi livre dêle» (de *rejeitar*).

arremèlgar (os olhos) — Abrir desmedidamente os olhos, seja como ameaça, seja como sintoma de susto ou de terror. — «Não me estejas a arremelgar os olhos, que eu não te tenho mêdo».

arremeter — Diz-se do cão que ameaça morder quem passa ou se aproxima do lugar da sua guarda. — «O cão arremeteu comigo; mas se êle se aproximasse mais, arrejeitava-lhe o cajado».

arrôcho — Pau curto e levemente curvado, com a forma de til, com que os moleiros apertam as cargas de taleigos de grão ao conduzi-los ao moínho. É costume, por graça, preguntar: — «De que se faz um arrôcho?... De um pau direito, ou de um pau torto?...» Tôda a gente responderá: — «De um pau torto!...» Mas os filósofos de lá dizem imediatamente: — «Não, senhor; um arrôcho só se pode fazer de um pau direito; porque, se fôsse tôrto já era arrôcho feito; não era preciso fazê-lo». E talvez tenham razão...

arromper o mesmo que **arrotear** — «Tenho lá um bocado de terra para arromper agora em vindo o verão e ainda ali faço um saco de milho».

arrompida — Pedaço de terreno que se arrompeu, rompeu ou arroteou. Arroteia. Terreno agricultado pela primeira vez. Cava a um metro de profundidade, para se tirarem do terreno as pedras, raízes daninhas, etc. — «Êste ano semeio batatas na arrompida que fiz».

arrotear — Arromper. Romper o terreno à enxada para lhe tirar raízes e pedras, tornando-o apto para a cultura.

arroteia o mesmo que **arrompida.**

asado — Vasilha com asas. Espécie de panela vidrada, com duas asas, que serve para guardar banha e para coalhar o leite. — «Deixa estar o asado que eu lhe porei as asas». Outros dizem: — «Deixa estar o tacho que eu lhe porei as asas». Como quem diz: — «Não te preocupes com isto, que eu o darei pronto».

àsádo — Próprio para alguma coisa. Pronto a servir. Disposto. Preparado. — «Ora aqui está um bocado de madeira àsáda para uma canga».

ascêque — Também se usa *ás-que* na expressão *ás-que sim. Acho eu que sim. Acho que sim. Ascêque sim.*

asneiro — Macho ou mula filho de burra e de cavalo; ao contrário de èguariço, que é o híbrido filho de égua e burro. O asneiro tem mais caracteres da mãi: orelhas maiores e o corpo é menos esvelto que o do èguariço.

assòlhar (pôr ao sol) — «Para o ano ser de gabar, há de ter a Páscoa ao lar e o Natal a assòlhar». — Forrar o pavimento das casas.

atafal e **atafais**, indistintamente — Correia larga que, passando por detrás das pernas da cavalgadura, evita que a albarda vá escorregando para o pescoço do animal quando êste caminha em grandes declives. Compõe-se do atafal, pròpriamente dito, e da retranca, que é a correia que, passando sôbre a anca do animal, suspende os dois lados do atafal.

atamancar — Fazer um consêrto provisório e mal feito. Coisa que se fêz para remediar até ao seu arranjo definitivo. — «Isto foi só para atamancar até que venha o carpinteiro *arranjá-lo* de novo».

atarrochar por **atarrachar** — «Comprei uma flauta que se atarrocha».

atentar — Aborrecer, incomodar, interromper, tentar. — «Era bem bom que te fôsses daqui embora, em vez de me estares a atentar. — Êste increu não faz senão atentar. — Vê se me deixas; não me atentes».

atimbaldes—Peça de vestuário, principalmente as calças que se deixaram esfarrapar e se trazem pendentes; suspensórios.—«Ó rapaz, levanta-me êsses atimbaldes; não tens vergonha de andares co'isso caído?—Se não te calas vou lá e córto-te os atimbaldes!» Diz-se aos garotos endiabrados.

atracaçado—Aquêle que leva nos braços, diversos volumes, sacos ou embrulhos, sem poder desembaraçar os movimentos.

—Ah! Se eu não viesse tão atracaçada, levavas-me uma lapada nas orelhas!... Oh! Se levavas!...

avaria o mesmo que **áfrica**—«O que mais me admirou foi ver um cavalo a fazer avarias que até metia impossível».

ável (de *hábil?...*)—Oportuno, próprio, propício, que está mesmo a calhar.—«Semeio os nabos logo que veja o tempo ável para isso.—Não tenho aí nada ável para o servir».

aventar—Arremessar com fôrça. Atirar, arrejeitar, lançar.—«Quando êle se quis fazer fanfarrão comigo, aventei o pau e desafiei-o p'rà unha; mas êle esteve-se nas tintas».

aventesma—Avejão, abantesma, lobishomem, homem desproporcionado e feio. Coisa que causa mêdo.—«Tira-te daqui, aventesma, que és muito baço para espelho».

aviar-se—Apressar-se; não se demorar.—«Avia-te, rapariga; não fiques para aí esmarrida».

aviüsado por **enviesada,** ou **aviesado**—Cortado ou cosido ao viés.—«Se esta fazenda me chegasse, talhava a saia aviüsada».

azabumbado—Aturdido, esbodègado, com a cabeça à roda.—«Fizeram-me tantas preguntas que eu saí de lá mesmo azabumbado».

azamboado—Azabumbado, aturdido.

azemel—Franganote, fracalhão. Rapazola que não pode com uma gata pelo rabo.—«Tira-te daqui, meu azemel, que não podes nada».

azerve—Porção de tojos, silvas, ou quaisquer outras plantas que se coloca sôbre a parte mais baixa do muro, para proïbir a entrada a pessoas ou animais. Vedação. Homem valentaço.—«Deixa estar que aquêle, nos seus tempos de rapaz, devia ter sido um bom azerve».

azoinado—O mesmo; e às vezes também se emprega como embriagado, com um grão na asa.

azuleira — Chama-se assim a cabra apigarçada, mais clara da parte dianteira e mais escura para os quartos de trás. — «A chiba azuleira que me largaste deve-se fazer uma grande cabra!»

B

babadoiro — Babeiro. Prenda infantil, para receber a baba que as crianças deixam cair da bôca. Felizmente, creio que ainda ali não chegou o têrmo *babette*.

bacalhaus — Não se trata de peixe, que êsse é bacalhau. Bacalhaus, no plural são os pés. — «Vê se chegas para lá os bacalhaus. — Conheci-o já casadouro e ainda com os bacalhaus à amostra; hoje então já se quer fazer todo prumático...»

bacorinhas — Pedacinhos de leite coalhado que ficam boiando no almece, depois de se tirar a massa para os queijos.

bacorinhos — Porcos pequeninos. Qualidade de figos muito saborosos que têm a particularidade de se apresentarem quási sempre com a forma de uma cabacinha.

badalhoca — Aglomerado de dejectos que se agarram ao cabelo ou à lã dos animais, formando bola. Conta-se que um cãozito, um dia, foi em perseguição de uma velhota, ladrando, até que, repentinamente, voltou, ganindo dolorosamente, para casa do dono, ao passo que a velha sentenciou: — «Tiveste tu muita sorte em teres levado com uma dêste ano. — Se apanhasses com uma do ano passado, ficavas sem consêrto».

badalhouços — Figos badalhouços; espécie de bêberas; figos que amadurecem muito cedo e são alongados e de pele rugosa. Figos lampos.

baganha — Cápsula arredondada que contém a linhaça ou semente do linho.

bagalhoça — Dinheiro; riqueza; pecúnia; massa; bilhestres. — «Êste aveza bagalhoça; não temos que ter dó dêle».

bago — A mesma significação do têrmo precedente.

bagouxo ou **bagoucho** — Novêlo de fiado (de linho, lã ou de algodão), com que se vai urdir a teia. Provàvelmente de *bago*.

baixel ou **baixelo** — Animal cornudo que tem um ou ambos os chifres mais descaídos que o natural, quer seja de nascença, quer em virtude de traumatismo, ou defeito adquirido.

bajanco — Depressão num lajedo em forma de bacia, onde se aglomeram as águas das chuvas, e onde o gado vai beber e as mulheres lavam a roupa. Também se chama: *bajouco, chabanco, chabouco*, etc.

bajouco — O mesmo que o têrmo antecedente.

balaio — Espécie de grande ciranda, tôda de junco e esparto, que serve de tampa de alguidar, para expor ao sol figos ou outro género que se queira secar, etc. Tanto serve para cobrir o alguidar da massa que vai levedando, como para colocar depois o pão que se tira do forno.

balhana — Conjunto de coisas velhas ou sem valor. — «Não sei para que queres tu aqui essa balhana. Isso nem para *buano* serve».

balhestres ou **bilhestres** — Dinheiro, bago, bagalhoça.

baluga — Vagem de qualquer planta leguminosa. O têrmo *vagem* é desconhecido na Serra de Santo António. Diz-se aos meninos pequeninos: — «Deixa cá ver a tua baluguinha!»

baracejo — Espécie de gramínea de caule cilíndrico, muito fino e resistente, afólio, que empregam para fazer baraços.

barda — Têrmo muito usado na expressão: *Em barda!* muito, em grande quantidade. — «Quando chegámos a casa ainda chovia em barda».

bardachote — Espécie de figos muito apreciados.

bardanal — Cerradinho de terra inculta, ou quási inculta, onde se produz apenas algum mato e árvores silvestres. — «Lá por ter dois bardanais já se julga um Zambarino!» (Zambarino era um dos homens mais ricos de Minde).

barrajola (de barro) — Terra de má qualidade e que pouco ou nada produz. — «Olha, aquilo é uma barrajola que não merece o estêrco que se lhe deita».

barranhão — Panela ou asado, partidos, que apenas servem para guardar líquidos ou sêcos, mas sem se mudarem de lugar. Cacareus para despejos.

barrete de sôcos — Eufemismo para designar uma sova de murros. — «Aquêle ficou bem convidado com o barrete de sôcos que lhe deram».

barrete de uvas — Expressão para significar uma bebedeira. Como é costume dizer-se que o vinho sobe à cabeça, e como o vinho provém das uvas, diz-se: — «Que belo barrete de uvas que F... trazia da festa!»

batente — Poial da porta; arrebate; soleira. — «Não se me tira do batente. — Venha para aqui para o meu batente, coma-

dre; podemos aqui costurar ambas». É impròpriamente que à soleira se chama *batente;* mas o uso está ali tão inveterado, que não é fácil desarreigá-lo da linguagem daquela gente.

beijó — Jóia, coisa de apetecer; coisa pequenina e delicada. — «É mesmo um beijó!» (Influência do *bijou* francês?)

bênçoa — Em vez de *benção*, que ninguém emprega. — «Deite-me a sua bênçoa, tio».

beriguilha — Por *braguilha*, pestana das calças.

bêspra — Alteração da palavra vêspa. Foi têrmo muito usado na antiguidade. Recordo-me de ter lido em qualquer escrito antigo:

— «E aquella Dona Brites, filha de D. Diego, estando um dia no seu jardim, uma *bespra* a mordeu...»

bespreiro — Espécie de favo gracioso, pequeno, arredondado apoiado num pedúnculo, e em cujos alvéolos se criam e moram as vêspas depois de adultas. Os serranos, de noite, acendem um tojo bravo, aplicando a chama ràpidamente ao vespeiro, livrando-se assim das incómodas e perigosas vêspas.

bêta — Pasta pequenina de lã ou de algodão. — «Êsse não é dos que deixam as bêtas pelos carrascos. — É como quem diz que não desperdiça nada».

bichoco — Pedaço carcomido no tronco de uma árvore ou num fruto. Que tem bicho. Bichoso, achacoso. Furúnculo. Fleimão.

biqueiro — Aquêle que é muito difícil de contentar no que respeita a comida. — «Quem é biqueiro anda magro» (por *debiqueiro?* de *debicar?*)

boçal — Espécie de carapuço de esparto que se enfia na tromba dos bois para que êles não comam o trigo emquanto andam a debulhar na eira. Saquinho de pano que se enfia no focinho dos cordeiros para êles não mamarem nas mãis, a-fim-de que se lhes possa tirar o leite para os queijos.

bocanca — Parvo, esmarrido, estúpido, tanso, patola.

bôco-cheio — Pedaço de pão capaz de encher a bôca de uma vez e serve de prémio em vários jogos e apostas entre os pastores. — «Vamos a ver qual de nós é capaz de derribar aquela pedra à acalhoada, do lugar onde estamos. — Quanto se ganha ou se perde?... — O que a deitar primeiro a terra ganha um bôco-cheio de cada um dos outros».

bolas — Fracalhote, Jan-Ninguém. Homem sem importância. Cagarola. — «És um bolas que não serves para nada».

boleta — Lande ou alande dos carvalhos, sobreiros e carrascos. Bolota. A que é produzida pelas azinheiras chama-se *azinhas*.

boleu — Tombo, trambolhão. — «Olha que se te não acautelas, apanhas algum boleu que te não ajudas a êle».

bonda — Basta. Bem bonda o que bonda. — «Bonda que venhas às três horas da tarde. — Não botes mais azeite; bonda êste».

boquinegro — Animal que, não sendo prêto, tem a pelagem da bôca ou do focinho de côr negra. Focinegro.

boquinha — Beijo. — «Dá cá boquinhas, meu filho – Compare-se o têrmo com *ósculo*, de *osculus*, bôca pequenina.

bôrco — Dormir de bôrco, caír de bôrco: de peito para baixo. O mesmo que dormir ou caír de bruços.

bordaneira ou **bordaleira** — Tábua que se tirou dos lados do tôro que foi a serrar. As de dentro, ou mais do centro, chamam-se *tábuas de quina*.

borgêsso — Brutamontes, lapão, patêgo, labroste.

borne — A parte exterior do tronco, em oposição a cerne, que é a parte central, mais duradoura. Chama-se *borneiro* a um tronco de pinho todo branco, que não tem a parte central avermelhada. E chama-se *cerneiro*, quando, pelo contrário, a parte avermelhada é maior que a esbranquiçada.

borneiro — O pinheiro que ainda não tem a parte central avermelhada do cerne.

bornel — Corrupção de *bornal*. Bôlsa de pastor. — «Parece que me estás a comer do bornel... — Parece que queres meter-me os pés nas algibeiras...»

bornido (de brunir) — Engomado; bem vestido; esgoimado.

bornir — Engomar, limpar, aprimorar, alindar.

borraça — Chuva miúda, dessa a que se chama vulgarmente de *molha tolos* (*quando eu não estou a ela*... acrescentam os meus serranos).

borraçar — Chover constantemente, chuva miüdinha, borraça ou borraço. — «Isto nem é chuva nem é nada; é êste borraço que nem chove nem deixa de chover...»

borraço — Chuva miüdinha, borraça.

borrazeira — Pedra de má qualidade que se desagrega pela acção do tempo.

borrêga — A fêmea do borrêgo; cordeira que tem de seis meses até um ano. Empôla que se forma nos pés pelo atrito do calçado e nas mãos pelo dos cabos da ferramenta.

— «Aquêle diz que antes quere cavar que estudar para padre; mas em as borrêgas lhe começando a aparecer nas mãos, quere-me parecer que vem a dar o dito por não dito».

braçajotes — Qualidade de figos muito apreciados.

braza (de *braça?*) — Porção de parede que caíu ou alguém arrasou de má fé. — «Arrasou-me uma grande braza de parede». Para designar o acto de arrasar, desmoronar, empregam com mais freqüência o verbo *alagar*. — «Não me alagues a parede» (do castelhano *braza?*)

brazabú — Nome com que designam o Diabo, por corrupção de Belzebut, por que o designam os católicos.

brindeira — Pãozinho redondo que se coze para dar às crianças no dia em que se coze a fornada de pão para tôda a semana. Brindeira de milho ou brindeira alva. Merendeira. (Eu creio que a palavra *brindeira* deve ser uma forma defeituosa da palavra *merendeira*; mas se a fizermos derivar de *brinde* também não cometeremos crime de lesa linguagem).

bringeis — Alforjes, alcalharazes. (Têrmo do calão de Minde).

brioso — Êste adjectivo não se emprega na geral acepção de cheio de brio, de capricho, de vontade; mas sim como designativo de *enfatuado*, empavonado. — «Estreaste hoje um fato... por isso vens todo brioso!...»

brocha — Chamam *brocha* à carda com que ferram as solas do calçado de trabalho; e conhecem-na pela numeração: a mais grossa é N.° 1, depois a N.° 0, depois 00, etc. Também se chama *brocha* a correia que, passando por debaixo da papada ou pavio dos bois, se liga aos dois cangalhos. Por isso se diz *estar à brocha* ou antes *estar pela brocha*, que assim estão os bois quando a carrada é ou está muito traseira e chega a suspendê-los pelo pescoço.

brochadouro — O mesmo que atacador; mas emprega-se mais geralmente para designar o atacador ou atilho do colete, corpete ou espartilho.

bruços — Empregado na expressão *de bruços*, ou seja com o peito para baixo. Beber água de bruços.

bruel ou **broel** — Modificação de *burel*. Pano grosseiro de lã. Pessoa que usa pano de burel. — «Nunca os casacas se convençam de que podem viver lá nas cidades sem a gente

do bruel. Se êles lá têm as batatas, o azeite, o pão e as frutas, somos nós, os do pano de bruel, que lhas mandamos para lá».

brutidade – Por brutalidade, têrmo que ali se desconhece. – «Não estejas com brutidades, que eu nã tas consinto, intendes?...»

bueiro — Buraco praticado num muro ou parede, rente ao chão, para que as águas das enxurradas possam entrar para a propriedade, levando os nateiros fertilizantes. Há quem use a variante *boqueiro* e *boqueirão*.

bulha — Barulho. — «Estejam quedos, canalha! — Não quero aqui bulha».

À entrada de Elvas
Achei uma agulha,
Com letras que dizem:
Não façam tanta bulha.

bulir — Mexer. Mover-se. Tremelicar. — «Não bulas aí! — Aí não se bole! — Sape gato: não bula lá! — Eram tantas as pulgas que até buliam!»

burgau — Cascalho miúdo para o empedrado das estradas.

busão — Coisa que mete mêdo. Coisa em que se não deve acreditar. Abusão. Visão. (Tanto me parece alteração de um, como do outro têrmo).

C

cabaço (de cabaça) — Espécie de balde de fôlha, que, em vez de arco ou asa, por onde se lhe pegue, é atravessado em diagonal por um tubo no qual se introduz um comprido cabo com que se maneja o cabaço. Serve para tirar água quente da caldeira do lagar, serve para tirar água de um depósito a cuja superfície não é possível chegar com a mão, etc. Depósito pequeno sob o corpo da tarefa, no qual se vai depositando a almofeira, ou água-ruça, que depois se despeja por meio de um espicho, operação que se conhece por *sangrar a tarefa*.

cabana e **cabano** — Animal (boi ou vaca) que tem os cornos muito pendidos e inclinados para a frente (em forma de tecto de cabana?)

cabeça e **cabeço** — Outeiro, elevação arredondada. Assim, encontramos o Cabeço do Arneiro, o Cabeço do Camelão, a Cabeça Gorda, a Cabeça, apenas, os Cabeços, limite norte

da freguesia, etc. Pedras que se colocam como remate das paredes das propriedades, para que estas se não desmoronem com tanta facilidade.

cabiçalvo — Animal (ovelha ou cabra, principalmente), escuro ou prêto, que tem uma grande mancha no alto da cabeça formada de pêlos brancos. Se a malha branca é na testa, o animal não é cabiçalvo, mas estrelado.

cabrestilho — Conjunto de fios que vão ser enrolados no órgão do tear, depois de passar pela urdideira. Costumam as tecedeiras falar de teias de dezóito, vinte, vinte e quatro cabrestilhos, números que determinam a largura do tecido.

cachaço — Pescoço. Emprega-se na frase: *Não faças cachaço que tudo é pescoço*, o que quere dizer: escusas de te ralar que não levas a tua àvante; quer queiras quer não, tens de te sujeitar ao dever.

cachola — Em muitas terras, e os próprios dicionários o registam, significa cabeça. Na Serra de Santo António, não. A cachola é o conjunto de vísceras, fígado, bofe, coração e arreigada da língua, que se frita com a gordura tirada da coifa ou rissol das tripas, no próprio dia em que se mata o porco. — «Tiro-te a cachola, maroto! — É o mesmo que dizer: Mato-te, maroto!»

cachos (além dos cachos de uvas, ou dos cachos de flores). — Restos das espigas de trigo ou de centeio que não ficaram debulhados no calcadouro e têm de ser malhados depois de postos a secar, para desembaraçar o grão dos tegumentos mais teimosos. — «Vai malhar aquêles cachos, que se não pode perder nem um bago. — Migalhas tamém é pão».

cadouço ou **cadoiço** — Sêrro pequeno ou lombada pedregosa, geralmente pouco elevado acima da planície circunjacente. Lombo áspero, quási sempre desprovido de vegetação.

cagaçal — Propriedade pequena que pouco ou nada produz, e por isso de pequeno valor. Barulho que alguém faz por dá cá aquela palha. Fanfarronada barulhenta.

caixinas (levar uma pessoa às caixinas) — Conduzir alguém como a lenda diz que S. Cristóvão conduziu Cristo.

— Olha: leva o menino às caixinas, mas, vê lá! nã no deixes cair!...

calão — Mandrião, cangalhão, jampalheirão. Homem que não serve para nada. *Come-e-dorme.*

calatrão — Homem forte, mas madraço e inútil. Calmeirão. Tanganhão.

calçado — Diz-se do animal de pelagem escura, que tem uma ou outra perna calçada de côr branca.

calcadoiro — A porção de trigo que se estende na eira para ser debulhado pelos pés dos animais, de uma só vez.

calcantes (os pés). — «Põe-te nos calcantes e não te demores. — Levanta daí os calcantes. — Vai lavar os calcantes».

calcurriar — Andar com dificuldade; vencer grandes distâncias a muito custo. — «Todo o santo dia andei a calcurriar para chegar até aqui. — Trago os pés que é uma dor de alma».

calhandreira — Coscuvilheira, bisbilhoteira, mulher de levar e trazer. Regateira. Alcôfa.

calhoada — Pancada com uma pedra que se arremessou à mão. O mesmo que acalhoada. — «Vai e não tenhas mêdo; se o cão arremeter, corre-o à calhoada».

calhostras — Cair de calhostras: é o mesmo que cair de costas. — «Nem reparei como êle fêz aquilo: esbarrou e ficou de calhostras».

califórnia — Sítio abafado, soturno, quente, onde não bole aragem. — «Isto é uma califórnia; não se pode aqui parar com calma». (Parece haver aqui influência da palavra *forno*).

calma — Calor. Nunca se emprega no sentido de acalmia, sossêgo de espírito e de nervos.

Não há nada que eu mais goste
Que esta vida pastoral;
Quem tem sêde vai beber,
Quem tem *calma* vai nadar.

calmante — O mesmo que calmeirão, calatrão, matulão.

calmeirão — Matulão, calatrão, jampalheirão, homem que não quere trabalhar. Marouvão. Mariolão.

calote — Boi muito grande e muito magro. Comparem-se estes têrmos dentro das seguintes frases: — «Um cão é uma dívida; a uma dívida chamamos *calote;* boi magro como um *cão,* que relação terá com o *calote?*»

camalhão — Pedaço de terra que ficou por lavrar entre dois regos. Marrada. — Vid. *cambalhão.*

cambalhão e **camalhão** — Pedaço de terra que ficou por lavrar devido a um desvio do gado que puxava o arado. Marrada. Diz-se *camalhão* se a largura do terreno que ficou *cru* não excede a largura da leiva; mas se é mais largo, um passo, por exemplo, então já toma o nome de *marrada*. — «Pega lá na assoga dos bois a ver se apanhas essa marrada».

cambas ou **câimbas** — Peças de madeira recurvadas para formar os cambeirais, ou para construir rodas de carros.

cambeiras — A farinha muito fina e remoída que se vai aglomerando pelos interstícios da madeira das cambas e cambeirais, e que, a poder de tantas vezes voltar a ser apanhada pela mó, se torna aveludada, mas imprópria para pão. — *Lamber os cambeirais:* contentar-se com o que já não tem valor. Comer os ossos de que os outros aproveitaram a carne.

cambeirais — Cortinas de madeira, ou de pano, para evitar que se espalhe a farinha que a mó vai expelindo com a sua fôrça giratória, obrigando-a a cair tôda a um lado.

canalha — Ajuntamento de garotada barulhenta. — «Manda calar essa canalha miúda que não faz senão guerrear». Nunca se emprega no sentido aviltante e insultuoso que o têrmo tem entre nós; excepto em Cabo Verde, onde canalha quer dizer: *apifarado, casquilho.* — «Quê canaia que vôcê vem hois! (hoje)».

cand'o cabo e **cand'o resto** — Alteração da frase: *quando é ao cabo, quando é ao resto*, afinal de contas...

cangalho — Indivíduo já velho e doente, que para pouco ou nada serve. — «Estou um cangalho que não valho nada!» Trambolho. Pedaço de madeira que se coloca na canga, passando pelos lados do pescoço do animal, e suporta uma correia a que se chama *brocha*. A canga tem quatro cangalhos ou hastes.

cângaro — Forma viciosa de dizer a palavra *cancro*. Depois têm a convicção (aliás arreigada até entre gente que usa gravata) de que existem *cângaros* e *cângaras*. Quem tem a desdita de ter uma *cângara fêmea*, como êles dizem, repisando os conhecimentos do caso, tem os seus dias contados e em bem escasso número; mas quem tiver um *cângaro macho* deve-o ir tratando com uns bocados de toucinho velho e assim pode durar muito tempo, porque,

emquanto êle se vai entretendo com o toucinho, não corrói os tecidos do desgraçado que o adquiriu.

canhota — A mão esquerda. Comer à canhota, trabalhar à canhota, chapodar à canhota e até escrever com a mão canhota... A irmã da canhota: — a mão direita. Casado à mão canhota: — amancebado.

canhoto — Aquêle que come com a mão esquerda, que se serve da mão esquerda para empunhar todos os objectos e ferramentas que geralmente se empunham com a mão direita. Aquêle que, ao pegar no cabo da enxada, coloca a mão esquerda diante da direita.

canocos — Restos de palha de milho a que os bois já comeram as fôlhas. — «Até os canocos roeram; tal era a fome».

cantas e **cantos** — Por *quantas* e *quantos*.

— Tu ainda terás algumas nozes daquelas que eu te dei? — Nãn sei bem; mas parêce-me que ainda lá tenho nan-sei-cantas.

— Coma figos, coma, qu'eu ainda ali tenho nan-sei-canticos.

— A pia que eu abri o verão passado tem lá *auga canta* eu quero!

carapela — Caspa, carepa, epiderme que se levanta e se vai *escarapelando* por si ou com o auxílio de uma tesoura...

carapuça — Espécie de barrete frígio, mas mais ponteagudo, que fazia parte do vestuário das mulheres da Serra, durante o século XVIII, sendo uma das prendas de maior luxo. Fazia-se apenas com duas costuras e era enfeitado a trancinhas e botões de côr. Com a invenção do lenço, da mantilha, do *cachiné* e do chapéu, lá se foi a carapuça, que devia ser interessante. A carapuça era coeva das *roupinhas*, do manteu, e dos calções e camisas de bofes do trajo masculino.

carepa — Chamam assim à caspa da cabeça. — «Ainda te não tiraram a carepa. — É como quem diz: — ainda te não abriram os olhos...»

carvunça — Fuligem ou ferrugem da chaminé; o queimado dos tachos de arame que forma crosta de carvão. Daí o têrmo escarvunçar, que se emprega na conhecida frase: — «Arreda-te para lá sertã, não me escarvunces, ou então: diz o tacho à sertã...»

casarões — Ruínas de qualquer casa que serviu de habitação. Uma casa, por pequena que seja, logo que, por virtude

de incêndio, ou falta de cuidados de conservação, fica sem telhado, sem portas e janelas, passa a designar-se por *casarões*. No singular é uma casa grande.

catar — Procurar os *pediculi* na cabeça ou na roupa de alguém. A gente da Serra não prima pelo asseio; mas é muito raro que apareça alguém que traga um dêstes animais na roupa, salvo se o tiver apanhado em viagem ou de algum pedinte ou maltês a quem deu agasalho em casa, o que se faz com a mais franca hospitalidade; mas parasitas na cabeça tôda a gente tem. É até uma instituïção nacional. Houve um inglês que andou por cá a pintar quadros dos nossos costumes. Pois nem um só dos seus desenhos deixa de nos apresentar um frade, um soldado, uma beata das que cheiravam rapé ou simonte e... uma mulher a *catar bichos* na cabeça do filho. Uma vergonha; mas uma verdade.

catrefa (por *caterva*) — Muita gente, muita coisa, muitos dias, semanas ou meses.

— «Cando eu saí ainda lá ficou uma catrefa de rapazes».

catronhos — Os pés, os calcantes, os bacalhaus. — «Chega para lá os catronhos; quere a gente passar e não pode!» (Calão de Minde).

cerne — A parte central do caule ou tronco do pinheiro, mais avermelhado do que o resto da madeira. A resina que corre do pinheiro quando se lhe fere a madeira e que se aproveita para o fabrico do pez. Fabrica-se o pez negro fundindo a resina ou cerne em grandes caldeiras: e continuando a ferver e destilando a essência, obtém-se o pez louro, ou colofónia, e a essência chama-se *água-rás*, que, refinada, nos dá a terebentina.

cerneiro — Toro de pinheiro quási só cerne, que tem pouco borne; isto é, que é quási todo de madeira avermelhada, e por isso de grande duração, porque o caruncho não ataca a madeira do cerne.

céu-velho — Nesga de céu azul que se vai descobrindo depois do aguaceiro. — «Já lá vem céu-velho; podemos partir, que o pior já lá vai».

chabanco — Recôncavo ou depressão numa lajem ou rocha onde se juntam as águas das chuvas e onde as mulheres vão lavar e os bois beber. É um reservatório muito largo e pouco profundo; mais largo do que o charco e menos

profundo que a pia. *Bajanco, chabouco* (relacionado com *cabouco*).

chabouco — O *chabouco* é o mesmo que o *bajanco*, que o *chabanco*, e que o *bajouco*.

chambaril — Não é o mesmo que chamariz ou alteração desta palavra, como muita gente tem suposto. *Chambaril* é um pau, recurvado em ângulo obtuso, maior um pouco do que o arrocho que os moleiros empregam para apertar as cargas de taleigos, e serve para nêle se dependurarem os porcos depois de mortos, de forma a ficarem com as pernas bem alargadas para enxugar a carne com mais facilidade. É uma grande *travinca*.

chapado — Bronco, estúpido, lapão. — «É mesmo chapado de todo! — Aquêle é chapado de cabelo até às unhas». É ditote que se ouve às vezes, quando se quere significar que um indivíduo é muito estúpido.

chapodar e **chapotar** — Cortar com o podão. Torar a lenha grossa para poder aplicar-se no lume.

chapoirada (de *chapeirada*, ou *chapeleirada?*) — Grande porção de dinheiro. — «F... herdou agora uma grande chapoirada. — Do tio ainda virá a receber uma boa chapoirada».

charoucada — Grande chuvada, acompanhada de vento. Bátega mais forte que as *gravanadas* e *gravaneiros*.

charoucão ou **charouco** — Negrão que se avista no horizonte pouco antes de começar a chover, principalmente se se trata de trovoada. — «Não saias ainda; deixa passar êsse charoucão que certamente há-de deitar uma pinga de água e escusas de te ir molhar».

chascada — Comer à *chascada*, como os porcos.

chavaniscar — Cheirar repetidamente e por tôda a parte, como fazem os porcos quando procuram qualquer coisa que comer. *Cheirinar*.

chavasca — Mulher porca.

cheirar — Não só o uso do sentido do olfacto êste têrmo significa; mas também quere dizer *observar*, procurar, *fazer*, demorar-se, etc. — «Que estás tu aí a cheirar?... — Que vais lá cheirar? — Que foste tu lá cheirar?... — Não tens aqui que cheirar».

cheirinar — Cheirar repetidas vezes; procurar pelo olfacto o lugar onde alguma coisa se encontra. Diz-se dos porcos que andam de um lado para o outro *cheirinando*, a ver se encontram alguma coisa que comer. *Chavaniscar*.

chelpa — Fortuna. Grande quantidade de dinheiro. — «Se o avô lhe morre, ainda êle ali vai buscar uma boa chelpa».

cheno — Porquinho pequeno e muito gordo. Carraça das que costumam pegar-se nos cãis. *Pediculus* do corpo. Pessoa gorda. — «Desde que foi morar para casa do padrinho, está gordo que nem um cheno».

cheque-neque ou **chequineque** — Trampolineiro, pateta alegre, tipo sem importância. Trapaceiro.

cheta - Dinheiro. — «É muito boa pessoa, mas não aveza cheta; e, nos tempos de agora, quem anda à dependura não faz carreira. O dinheiro é a mola real de tudo».

chibante — Presunçoso, dengoso, peralvilho, casquilho, pedante, ajanotado.

chicha — Carne na linguagem infantil. — «Anda, filho; papa mais chicha!»

chineta — Copo pequeno por que os serranos costumam beber a aguardente da manhã.

—Ó Ana traz-me lá uma chineta dela.

—Estás dêle ou dela? pregunta um.

—Estou dela; responde o outro.

—Antão bebes uma chineta.

No sul do país emprega-se esta palavra para significar a própria aguardente. Vid. *Sineta.*

chiquitos — Sapatos leves, sapatos de trança ou de ourelos que usam por casa (de *chico*, pequeno?) — Houve em Santarém um padre, conhecido pelo *Padre Chiquito*, um dos maiores beneméritos do operariado que o nosso país conheceu. Legou uma soma importante para que se desse *a todo o homem oficial de ofício mecânico* doze vinténs por dia desde a data em que êsse homem (natural da cidade) completasse 65 anos, com bom comportamento, e cuja pobreza o tornasse necessitado dessa pensão.

O pai dêste padre era sapateiro; e chamaram ao filho: — *Chiquito*... Apenas por isto, ou por êle se chamar *Francisco?*

Seja como fôr, o padre *Chiquito* deixou uma grande obra; e o seu nome é lembrado com gratidão pelos operários santarenos.

chou... por **chouso** — Nas designações: Chou-de-baixo, Chou-de-riba, Chou-do-fundo, Chou-do-Meio, Chou-do-Centeio, Chou-dos-Tremoços, Chou-do-Mato, o mesmo que Chouso de Baixo, Chouso de Cima, Chouso do Fundo, etc.

chouso *(clausus)* — Cerrado, propriedade pequena cercada de uma parede em tôda a volta; como são tôdas as propriedades naqueles sítios, devido isto à grande quantidade de gado miúdo que por ali há e cuja guarda seria quási impossível, se não fôssem as altas paredes de pedra solta que cercam as terras de semeadura. Vulgarmente só se designam pela palavra *chouso* as pequenas propriedades; as maiores chamam-se *terras*, cerradas, arroteias, covões, etc.

cilhado — Diz-se do animal de pelagem escura que apresenta uma cinta branca logo detrás dos membros dianteiros, no sítio em que se aperta a cilha da cavalgadura. *Um porco cilhado.*

cincho — Aro pequeno de fôlha, com um diâmetro variável entre quatro e oito centímetros, por dois ou três de alto, que serve para apertar a coalhada de que fazem os queijos que depois são colocados a secar na francela, ou sôbre a trincha.

cintal e **cintais** — Correia ou liga que aperta o linho ou a estôpa em volta da roca de fiar. O mesmo que *acintal* e *acintais*. Esta fita ou correia termina por uma ponta de osso, metal ou madeira trabalhada com certa arte.

cintel — Ripa com um prego em cada extremidade, que serve de compasso aos pedreiros e cabouqueiros da Serra. Os pedreiros servem-se do *cintel* quando querem riscar o alicerce de um moínho de vento, ou quando precisam fazer um forno para cozer pão; os cabouqueiros empregam o *cintel* para riscar as galgas de lagar e as pedras de moínho.

clarouço — Claro, mimoso, estimado, que não anda ao sol. — «A gente da Serra não pode criar-se assim tão clarouça como a das cidades...»

còbrão o mesmo que **cobrelo** — Empigem que às vezes aparece pelo corpo e que atribuem a peçonha de qualquer bicho que passeou a roupa que se vestiu. É por isso que acham bem que se passe a roupa a ferro, que é para matar a peçonha. Quem não a passa a ferro defuma-a com alecrim e outras plantas aromáticas que faz queimar, de forma que o fumo passe pela roupa. Para tratar o *còbrão* usam muitos remédios: quási tantos como para frieiras, e alguns muito curiosos. Um dêles consiste em escrever a palavra *cobrão* três vezes sôbre a erupção de pele que se

quere curar, mas tem de escrever de diante para trás e com tinta preta. Pode ser que o nitrato de prata que entra na composição da tinta tenha qualquer influência na cura. Outro remédio é o chamado *óleo de trigo* que eu nunca percebi como se chegou a chamar *óleo* a tal *medicação*. Vi como o faziam. Punham uma mancheia de trigo sôbre o cavalete onde o ferreiro malha o ferro; e, com um ferro quási em brasa iam desfazendo, ou antes queimando, o trigo, e aproveitavam aquêle resíduo carbonizado, um pouco oleoso, é certo, com que besuntavam, ou antes, mascarravam a parte da pele doente...

cocégas — Em vez de *cócegas*. Tôda a gente da Serra diz *cocégas* e estou convencido de que já será tarde para que tal pronúncia se modifique.

cocumelos — Cogumelos. Há por ali uma enorme variedade, desde as mais lindas espécies comestíveis, até aos de mais perigoso veneno. Há também alguns, cujo pó se empregava antigamente para dar côr roxa às linhas que as mulheres fiavam em casa, visto que não iam comprar os novelos à vila; serviam-se com a prata da casa.

còdrilheira — Mulher de levar e trazer; aquela que anda constantemente de casa para casa a procurar novidades ou intrigas. (Alteração de *quadrilheira?*)

coifa — Espécie de carapuça, de rêde, mais grossa ou mais fina, segundo o luxo ou apuro de quem a usa, que serve para colocar na cabeça, ao deitar, a-fim-de evitar que o entrançado se desmanche. A porção de gordura, semelhante ao lenço de malha que envolve as tripas e bucho dos porcos.

coleirinho — Colarinho e, também, o punho da camisa.

comedía (mod. de *comedoria*) — Porção de géneros que antigamente se davam aos lagareiros, aos ranchos dos azeitoneiros e outros serviçais, como ajuda de pagamento dos seus trabalhos. Tareia. — «O patrão dá-nos de comedía, por semana, meio litro de azeite, um litro de chícharos e um litro de feijão frade. — As couves temos de lhas comprar. — Do que tu precisavas era de uma comedía de sôcos...»

comédias — Espectáculos públicos que às vezes dão as miseráveis companhias de saltimbancos que raramente por ali passam. Quer se trate de bonecos, quer sejam acrobacias, ou dramas, o povo conhece êsses espectáculos por *comédias*.

comichel e **comicheis** — Para se ver quanto pode a vontade do povo na alteração ou fixação de vocábulos, se trazem para aqui estes vocábulos, que designam umas propriedades situadas entre a freguesia da Serra e a de Alvados. Em tempos, ter-se-iam chamado *Covão do Michael*, depois *Covão do Michel*, depois *Covão Michel* e, por último, *Comichel*.

còrar — «Vou pôr a roupa a còrar, porque a tirei da barrela logo pela manhã». Erradamente dizem; porque não põem a roupa a còrar, senão a *descòrar*, visto que a luz do sol tem a virtude de branquear as partes que qualquer nódoa deixou um tanto ou quanto amareladas, não obstante a barrela...

cordoveia — Falar ou gritar com tanta fôrça que se entumesçam as veias e tendões dos lados do pescoço. — «Quando êle lhe bateu, ela gritava tanto que até fazia cordoveia, coitada».

cornijunto — Animal que apresenta os cornos muito mais juntos que o natural. Boi que não pode ser pegado por ter a cornamenta muito fechada.

cornilargo e **cornilongo** — Animal que tem os cornos muito separados e o que os tem muito compridos.

cotejar — «Escusa de estar com dúvidas, porque não tem razão; o meu meio-alqueire é mais aventajado que o seu. Ainda hontem os cotejei». Comparar medidas, e não qualquer outra coisa.

cotio — Que se coze muito bem. — «A comadre há-de experimentar os meus feijões; olhe que são muito cotios».

couce — Patada de qualquer cavalgadura ou de boi. Resposta fora de propósito, torta, como por ali se diz. Parte mais saliente da couceira da porta, em que ela gira sôbre a soleira. As portas primitivas, depois de deixarem de ser lagens pesadíssimas com que tapavam as entradas das suas cabanas para se defenderem dos lobos, porcos bravos e outras feras, compunham-se de couceira, travessas e tábuas. A couceira era a tábua mais forte, na qual se inseriam as travessas; e, tanto em cima como em baixo, tinha uma saliência arredondada que girava num orifício na parte superior, e numa pequena còvinha ou fulcro, na parte inferior ou soleira. Eram estes os couces da porta; creio mesmo que a palavra *soleira*, por que se conhece a pedra sôbre a qual assentam as ombreiras

ou batentes da porta (a que se dá também o nome de *batente*...), deriva dos pedaços de sola que se colocavam entre o couce da porta e a pedra sôbre que êste girava, não só para que o couce se não gastasse, tão de-pressa, como também para evitar o chiar desagradável que a porta produzia ao abrir e fechar. Nos Açôres, em vez de soleira, chamam a êste dormente a *soleta da porta*, suponho que pela mesma razão. — *Os bois do couce:* os que trabalham junto ao carro, porque a junta que vai à frente chama-se a *deanteira*. Esfôrço violento. — «Para me astrever a prantar esta pedra lá em riba da pareide, tive de lhe arrumar os bois do couce».

coucelos — Alteração de *conchelos*, espécie de crassuláceas que crescem nos telhados e nos sítios húmidos e sombrios. Alguns dicionaristas aparentam-nos com o arroz de telhado, mas não há entre ambos grande parentesco. Chamam-lhes também *chapéus de telhado* e aplicam-nos como medicamentos para as frieiras. Colocados uns momentos sôbre as brasas, quando estiverem já bem quentes, aplicam-se sôbre a frieira e... é cura certa.

couto — O *couto* ou *coito* é o mesmo que o *jôgo das escondidas* e que nalgumas terras se chama o *jôgo dos escondrelos*. — «Vamos jogar o couto?... Eu fecho os olhos. Escondam-se... Lá vai: abri, abri e nada vi; três por mim, três por ti...» e começa rebuscando até que descobre os escondidos...

covàlteiro — Lorpa, lapuz, palerma, bocanca, que é capaz de «ir à Cova Alta, aos gambuzinos». Vid. *gambuzinos*.

crescidos — Os restos de comida que alguém deixou no prato. — «Nunca gostei de comer crescidos», frase que significa que alguém não quere sujeitar-se a ir namorar uma rapariga que outro deixou.

crestar — Queimar-se do sol. — «O sol não cresta o carvão», dizem as morenas para desculparem a sua côr com uma graça um tanto dorida, se alguém lhes diz, também por graça: — «Tire-se do sol, menina». Tirar o mel das abelhas: crestar as colmeias.

croia — Mulher ordinária, mal comportada.

cumba — Lombo, curvatura, entortamento de cima para baixo.

curgidades (de curiosidades) — Diversas hortaliças e espécies que se semeiam no quintal, como hortelã, salsa, alface, coentros, cebolas, segurelha, etc., de tudo um pouco...

curiga — *Figueira curiga*. Espécie muito apreciada pelos saborosos figos que produz e pelo grande porte que atinge, sendo a figueira mais rendosa da região. Os figos curigos são um tanto ou quanto amulatados e ligeiramente rosados pelo interior (da classificação latina *ficus carica?*)

curre (do verbo *correr*). — «Curre, menino, que vem aí um lôbo!» Quási só se emprega esta fórma quando nos dirigimos a crianças.

curre-curre — Nome que se dá ali ao *piolho* das aves. Espécie de aranhiço parasita das galinhas, não tendo semelhança com o dos pombos, por exemplo.

curto de vista — São assim conhecidos os míopes, que, no entanto, pouco abundam na Serra. Conheci ali um ferreiro, um moleiro e uma mulher, míopes, mas nenhum dêles usava óculos.

D

deanteira — A junta de bois que ajuda outra a tirar o carro numa subida difícil. — «Que fizeste hoje com os bois que vinhas tão cedo de canga e tiradoira?... — Fui dar deanteira ao João Domingos, que tem lá dois calotes muito fracos para as carradas que lhe arruma». Os bois a que se dá a deanteira chamam-se *os bois do couce*. Vid. *couce*.

delido — Muito cozido; quási desfeito na cozedura; a desfazer-se por estar muito tempo na água. — «Pus a panela ao lume com os feijões (nunca se emprega ali o singular pelo plural) e quando fui por êles estavam delidos. — Os meus grãos (grão de bico) cozem-se tão bem que com uma simples fervura ficam delidos».

delimbido — Intrometido, respondão, lascarino, delambido. — «Aquela filha do Manuel da Teresa, sempre está uma delimbida desde que veio de Lisboa...»

demasias — Réplicas, respostas importunas e desrespeitosas. — «Faze o que te mando e não estejas com demasias. — Não te pregunto por demasias»: o mesmo que «não te dou satisfações; não te admito que critiques os meus actos». Também se emprega, no singular, como trôco, resto do dinheiro; mas é muito raro. Neste sentido emprega-se mais a palavra *trôco*, que também se emprega no sentido do têrmo *demasias*. — «Quando te mando fazer alguma coisa, tens sempre trôco para voltar;

era melhor que fôsses andando e metesses a viola no saco».

dengue — Pequeno, engraçado, um beijòzinho; mimoso. — «É mesmo um dengue!», isto é: uma coisa digna de estima. Que relação haverá entre êste têrmo e o *ndengue* da língua kimbundo de Angola?... Ali a palavra *ndengue* significa pequeno, em contra-posição com a palavra *onene*, grande. — *Mona'ndengue*, o filho mais pequenino; o filho mais querido. Assim como as palavras *carimbo*, *quizília* e outras nos vieram do kimbundo, não terá esta sido também importada de Angola?

O meu amor é um *dengue*
Vou à cama e não no acho...
Deu-lhe a pulga um pontapé
Deitou-o da cama abaixo.

dente — A parte do arado ou araveça em que se coloca o ferro. Nesta peça de madeira, além do ferro, insere-se o mexilho e adapta-se o temão, a rabiça e a teiró.

dente-de-cão — Chamam assim ao geadão negro que aparece sob uma crosta de terra e que se desfaz com certo ruído debaixo dos nossos sapatos. — «Hoje não se pode tirar o nariz para fora do buraco. Está dente de cão!»

dependura — Dois ou três marmelos, presos pelo mesmo cordel, dois ou três cachos de uvas, também pendentes do mesmo cordel: uma dependura. *Andar à dependura*... Andar à divina, sem cheta, sem vintém, andar a pino, andar teso, andar desprezível.

de puridade — De propósito, exclusivamente para..., sem outro fim. — «Assim que soube esta notícia vim de puridade para ta contar. — Quando puderes, aparece lá; mas não é preciso ires lá de puridade».

derrisca — Pagar a *derrisca:* pagar ao padre uma certa quantia para que êste o *derrisque* no *Rol dos Confessados* da freguesia. É um tributo eclesiástico, como o são as bulas, indultos, amentas, folares, bolos, etc. Pagava-se a *derrisca* quando iam confessar-se; e, ao mesmo tempo, comprava-se a bula, com que o povo tinha muito pouca fé, porque lhe diziam que a adquiria para poder comer carne na quaresma; ora como o impresso não falava de carne nem de peixe... Mais tarde começou a Igreja a tolerar tôdas as

comidas e a bula caíu muito em desuso. O povo tinha a bula como uma burla; e quando alguém tentava intrujar um vizinho, e êste o percebia, dizia-lhe: — «Homem, não me venhas vender bulas, vai lá vendê-las a outro que eu já te conheço as manhas».

desalvorar — Partir sem destino certo. Fugir de casa, sem dar conhecimento disso a ninguém. — «Tive um filho, tive; mas êsse desalvorou há mais de uma dúzia de anos e até hoje nunca mais o vi».

desanda — Reprimenda, rabecada, descompostura, lembrete, sarabanda. — «Se o cá apanho, dou-lhe uma desanda que êle nem sabe onde se há-de meter!»

desandância — Desgraça, contrariedade, revés. — «Se não tivesse tido tantas desandâncias na minha vida, poderia ter agora uns pares de libras ao canto da gaveta». — «As desandâncias é que nos fazem velhos».

Êste têrmo, muito usado na aldeia, parece filiar-se na *andancia* ou *andanza* castelhana, que entre os espanhóis significa fortuna; daí a *desandância*, infortúnio.

descanar e **descaneirar** — Tirar as maçarocas da palha de milho. As *descanadas* ou antes *descaneiradas* ou ainda *escaneiradas*, visto que suprimem freqüentemente o *d* neste prefixo *des*, é uma operação semelhante à desfolhada, que ali se não usa, à descamisada, à carapeada, à descarolada, etc., com a diferença de que estas se fazem quási sempre à luz do luar, mais propícia para os idílios de namorados, e aquela é feita de dia, logo que a carrada de milho chega à eira, que é para a palha verde não *aquecer*, não fermentar, se a deixam estar em monte durante muito tempo.

descarolar — Tirar o milho do carolo da maçaroca. Esta operação está quási caída em desuso, em virtude do emprêgo das descaroladeiras mecânicas, que, não obstante tocadas à mão, abreviam o serviço, não partem o milho, não lhe destroem o embrião, deixando-o capaz de semear, nem o espalham pelos arredores da eira, como sucedia com o malho. Eram serões interessantes os das descaroladas, em que o dono do milho estava no meio, sentado num cesto, *riscando* as maçarocas com um sovelão ou ponteiro de ferro, para tornar mais fácil a operação de descarolar, ou escarolar. — «Ferir os dedos, tirar uma porção de casca, ou camada superficial. — Deram-me uma paulada que ainda me descarolou dois dedos!»

desemburrar — Desbravar o cérebro de alguém; ensinar os rudimentos de qualquer coisa.

— «O irmão já o ensinou a conhecer as letras tôdas e já vai ajuntando algumas. Cando fôr p'rà aula já vai mais desemburrado.

'— Olhe, sr. mestre: venho aqui entregar-le o rapaz a ver se vòssemecê é capaz de m'o desemburrar».

desengonçar — Estar lasso, dançar nos gonzos, tirar dos gonzos, deslocar. — «Eu não subo a esta escada que ela desengonça-se tôda e ferra comigo no meio do chão» (do castelhano *desgonzar?*).

desenòcar — Deslocar uma articulação. — «Dei uma cambalhota do burro abaixo que fiquei com êste ombro desenòcado».

deserto — Desejoso, impaciente por..., ansioso para... — «Estou deserto que venha o verão; ao menos anda a gente à vontade; mexe-se para onde quere! — Estou deserta que o teu pai venha, para ver se vamos jantar».

desistir — Abandonar um serviço, largar de mão, não querer ou não poder continuar uma obra. Largar... Digerir (note-se a semelhança entre *largar* e *desistir*...) — «Eu andava muito relambório cá da estamagueira; comia, mas não desistia; ainda dei duas ajudas e nem assim fui capaz de desistir. A tripa estava cada vez mais empedernida. Que fiz eu? Assentei-me dentro duma bacia com água quente e o que é certo é que as tripas começaram a roncar e dali a pouco fui-me abaixar e tudo estava remediado».

deslembrado — Quási o mesmo que *lêzaro, paralítico, esquecido.* Não se emprega tratando-se da amnésia, mas apenas referido aos membros do corpo humano.

desnòcar — Quási o mesmo que *desenòcar* ou *desinòcar*. Luxar uma articulação. Deslocar qualquer coisa, principalmente se tem nós ou articulações, como a palha de milho, as canas, por exemplo.

desobriga — É o cumprimento do preceito da Igreja Romana, pelo qual deve o cristão «confessar-se ao menos uma vez cada ano». Ir à desobriga, ir à confissão.

desugar — Tornar desigual; crescer mais do que o companheiro; desigualar. — «Os figos já vão a desugar; estemos em pleno verão». — «Quantos anos tens tu?... Parêce que te vejo assim a modos que a desugar...»

Deus-te-ajude e **Nosso Senhor nos ajude** — Expressão que se dizia sempre quando alguém dava um espirro. E isto fazia-se por ser tradição que houvera na Itália uma epidemia que obrigava os doentes a espirrar constantemente até à morte; e como já sabiam que iam morrer os que começavam a espirrar, as pessoas presentes, numa assistência espiritual, iam dizendo: — *Deus-te-ajude!*

Deus-te-guarde — Saüdação que antigamente se usava muito entre o povo da Serra, principalmente entre os homens de certa idade. Quando chegavam, diziam: — «Deus os guarde e haja regalório!» Ao partir, diziam: — «Adeus, regalar, até outro dia». — Momento, instante, repente: — «Fêz aquilo num *Deus-te-guarde*, nem a gente teve tempo de lhe ter mão».

dêve — Êste vocábulo, como outros muitos em que entra o *e*, de pronúncia arbitrária, nunca se pronuncia *deve*, mas sim *dêve*. E assim se diz: — *apetêce, padêce, parêce, anoitêce, amortêce*, etc. Também algumas palavras em que se abre a vogal, as dizem ali fechando-a; e as que se dizem com a vogal fechada, dizem-se abrindo-a. Exemplo: *solta* e não *sôlta*, como dizem alguns puristas; *màior* e não *maior; còbrinha* e não *cobrinha;* etc.

diabra, diacho, diaço, dialho e **diana** — São eufemismos empregados para não pronunciar o nome do Diabo. Nunca pude perceber como os crentes tenham tanto mêdo dêste papão, quando a Igreja diz que, com uma simples cruz, se afastam tôdas as legiões dos espíritos diabólicos que o inferno vomita contra os pobres habitantes dêste infeliz planeta.

doudeira — Maluqueira, tontice, tonteira, doidice, coisa própria de doido.

E

eco — Sufixo depreciativo, que muitas vezes substitue o *ico*, para vincar mais a pouca importância da coisa a que se referem.

— «Aquilo foi muito caro! Um migalheco de terra que mal chega p'ro espòjeiro de um burro, por dez libras?! Já é vontade de dar dinheiro!»

— «É um burreco que não vale o que come».

eito — O pedaço de terra que o cavador vai cavando, sempre a seguir. A nesga de trigo que se vai ceifando.

— Levem isso a eito! Nan andem para aí a *alobanhar*.

embaçado — Estupefacto; atónito.

— «Cando o vi chegar até fiquei embaçada! Nan no esperava àquela hora.

— Ou comadre, venho aqui embaçada! Antão nan me disseram que a Marquicas do Cabeço se vai casar?»

embaganhado — Entorpecido, atrapalhado, atarantado. — «Está êste homem aqui embaganhado, primeiro que deite mãos ao trabalho...»

embalado — Tiro que se deu num objecto próximo, batendo o chumbo muito junto, como se fôsse uma bala. — Que foge a sete pés. — Até ia *embalado!*

embarrancado — Caído em barranco; apresado num atoleiro donde não pode sair. — Serviço incompleto e que não há maneira de ver acabado. — «Tenho isto pr'áqui embarrancado e não vejo jeitos de ver isto pronto».

embonecado — Aperaltado, apifarado, grave, enfeitado como boneco, etc.

emborrachar — Aplica-se às raparigas que entram na puberdade.

— Cantos anos terá a filha da Rosa do Oiteirinho?

— Não dêve ter menos duns catorze, que ela já vai a *emborrachar.*

embrèchado — Acanaviado, raquítico, enfèzado.

embrulhado — Diz-se do tempo que se apresenta nebuloso. Entroviscado; que promete chuva.

emburrado — Atuado; amuado; que não dá saída à conversa, ou resposta ao que se pregunta, ou porque não sabe, ou porque não quere.

— Emburrou ali e não se tira dela.

Parece um derivado de burro; e não poderá aparentar-se com *emperrado?*

emmaranhotar ou **emmaranhar** — Embrulhar; enliçar; envolver; esguedelhar. — «Desde que lavei a cabeça, fiquei com o cabelo todo emmaranhado».

emmarouvado — Adoentado; relambório; amouchado. — «Que terá o compadre António que anda tão emmarouvado?»

empantufado — Inchado; ensoberbecido; altivo; orgulhoso. — «Anda muito empantufado desde que herdou alguma coisa; mas ainda o hei-de ver de orelha bem derrubada, deixa estar!»

empanzinar — Atirar para longe; expulsar; desprezar, etc.

— Se me andas cá a sair fora do têsto, dou-te dois pontapés que te empanzino.

— «O môço que lá tinha?... Já o empanzinei há muito. Nan tinha aquela nenhuma p'rò trabalho».

empavear — Juntar em paveias o mato que se cortou para que, depois de sêco, se possa carregar melhor. — «O mato que lá está para cortar deve dar aí umas duzentas paveias; são duas carradotas a escapar».

empecilho — Tropêço, indivíduo que impede outrém de fazer alguma coisa. *Impecilho* é melhor grafia.

empedernido — O que sofre de prisão de ventre; o que não digere bem. — «Há mais de dois dias que ando empedernido; tenho que dar umas ajudas a ver se desisto».

empena — Tacaniça; cume do telhado; espigão; vértice; cada uma das *águas* de um telhado.

empesgar ou **empezgar** — Brear com pez um ôdre ou uma borracha, para servir a vinho. — «Esta borracha não ficou má; mas ainda põe no vinho um sabor a pezga».

empreita — Trança de esparto com que se fazem e consertam as seiras dos lagares de azeite. Um enseiradoiro compõe-se de oito seiras e é pelas empreitas que os lagareiros lhes pegam para as remover. Hoje, com o uso das prensas, já o labor é outro e mais simplificado do que eu o conheci.

encalacrado — Atrapalhado da vida; acabrunhado de dívidas. — «Quanto mais trabalha, coitado, mais encalacrado se vê».

encanzinado — Obcecado por uma idea, por um objecto, por uma mulher que pretende namorar, custe o que custar (de cão).

encinhar (por *ancinhar*) — Endireitar a terra com o ancinho. Esfelpar; esgraminhar.

enfardelar — Enfardar; embrulhar; intrujar.

enfranque — A parte do sapato (e a do pé correspondente) que vai do canto do tacão até ao joanete (de *flanco?*)

enfrascado — Enjoado, anojado, fartadiço.

— «Êste comer é muito bom e de muita sustância; mas enfrasca muito; não pode a gente comer à vontade».

enfronhado — Que é mestre neste ou naquele serviço.

— Para isso vão ter co'o João Narciso que está bem enfronhado nessas coisas.

Há quem suponha êste *enfronhado* muito próximo parente de *enfarinhado*, pois que a sua significação é semelhante. O que está enfarinhado tem umas ligeiras noções ou conhecimentos da arte ou ciência de que se trate; e o *enfronhado* profundou mais essa arte ou ciência.

engavelar — Fazer em molhos ou gavelas; intrujar; meter na pá do bucho; chamar à mochila.

engavetar — Meter na prisão; meter no bucho; comer muito. — «Êste rapazelho é uma fraca figura, mas engaveta bem; se assim trabalhar, digo-lhe que é um homem às direitas».

engòiado — Amarfanhado; encolhido; infèzado. — «Tira a manta para a banda! Mexe-te! Andas para aí engòiado. Movimento! Toca a lidar, que isso é preguiça».

engonços — Gonzos, dobradiças, lemes. — «Isto já não tem engonços». Quere dizer que já não gira nos seus gonzos, está imobilizado. — «Sente-se aqui, homem, que está mais à sua vontade. — Nah! se me dá licença cômo aqui mesmo ao lume, na mesa de engonços» (os joelhos).

engonha — Rodear um serviço sem se desempenhar dêle. Levar muito tempo para fazer alguma coisa. Fazer *cera* de roda de uma obra. Em Angola esta idea é significada pelo têrmo *mangonha* que se traduz também por preguiça. ¿Que relação haverá entre *mangonha* e *engonha?* — «Deixa-te de engonhas, homem; vê se acabas isso».

engonhar — Fazer as coisas preguiçosamente.

engra — Fenda, talisca, junta, grêta, principalmente numa rocha ou no soalho de uma casa. — «Tapa-me bem essas engras, porque, se não, as formigas levam-me o trigo todo».

engradecer e **engrècer** — Tornar-se grado (o grão ou a semente). — «Vai à fava emquanto a ervilha *engrece*» (ou *enche*, como se diz em outras terras).

engrilar — Ver alguma coisa, aproximando muito os olhos. Examinar com muita atenção; olhar com fixidez. — «Êste rapaz é curto de vista; para ver qualquer coisa, é preciso estar a engrilar».

engrimanços ou **engrimansos** — Tagatés; momices; entretimentos de que as crianças lançam mão para se esquivarem a comer, ou mesmo a fazer qualquer coisa. — «Se tratasses de comer, em vez de estares p'r'aí com engrimansos...» (parece aparentar-se com o francês *grimace*).

enjoinado — Emurchecido, enjoado, semelhante à *joina*. Diz-se isto dos vegetais que se cortam e se deixam ao sol algum tempo.

enjoujar (por *ajoujar?*) — Dar uma pancada na cabeça, de forma que a vítima fique atordoada, endoidecida.

enliçado (de *liços*) — Enleado; embrulhado; nebuloso, a prometer chuva. — «Temos liços nas nuvens; é chuva pela certa — Está o tempo muito enliçado...».

enrançado — Diz-se da pessoa que, por meio de soluço ou arrôto, sentiu na garganta a gordura da comida. — «Estou enrançado; subiu-me a gordura ao gargomilho».

ensebucado (de *sufocado?*) — Atónito; estupefacto; sufocado. — «Quando recebi a notícia dessa desgraça, até fiquei ensebucado».

entanguido — Regelado; entorpecido; morto de frio. — «Quando cheguei vinha entanguido com frio; não tinha sírias nem gadanhos».

entoparras — Pedaço de pano, mais geralmente de um chapéu velho, que se amarra em volta das calças, acima dos tornozelos, a modo de polainas, para proteger as calças e as próprias pernas das picadas do tojo e outros matos espinosos, quando os homens vão roçar mato para a serra. Quando os serranos vêem um *cartola* de polainitos, dizem em tom depreciativo: — «Olha: aquêle vai de entoparras por baixo das calças...»

entornada — Derramada. Diz-se também da maneira de fazer uma costura, cosida e sobrecosida, a que se chama *costura entornada*. — «Não entornes a auga!»

entralhar — Entalar; esmagar; apertar entre duas fôrças; esmagar entre duas pedras. — «Tira a mão que te entralhas» (de *tralha?*).

entranquilhar — Trocar as pernas; passar uma perna por entre as daquele com quem se luta, para o deitar abaixo. — «Se me não entranquilhasses, as pernas não me alagavas, não».

entregado — Completo; a que nada falta. — «Mandou-mo inteiro e entregado Comeu-o todo: inteiro e entregado».

entrepicar ou **entrapicar** — Meter-se a gente com alguém; beliscar; resingar um com o outro. — «Não estejam a entrapicar um com o outro, que daqui a nada choram! — Não estejas a entrapicar comigo».

entroviscado — Diz-se do tempo embrulhado, enliçado; tempo nebuloso.

entrunfado ou **entunado** — Zangado; amuado; desconfiado.

enxalmar — Pôr enxalmo ou manta em cima da cavalgadura, se está suada, ou se se quere preservar do frio durante o inverno.

enxalmo — Manta ou pano que serve para tapar ou *acachar* os bois e as bêstas, para as resguardar do frio.

enxambrado ou **enxumbrado** — Um tanto molhado; nem a escorrer, nem tampouco lento, como ali se diz.

enxardado ou **enxerdado** — Herdado; que recebeu uma herança maior que os outros herdeiros (nalgumas terras é precisamente o contrário).

— «Todos receberam uma boa *chelpa;* mas o mais novo foi o que ficou mais bem *enxardado*».

— «Se o rapaz se *auguentar* em casa do tio até à morte dêle, dêve ficar bem *enxardado*».

enxofrado — Agastado, entunado, zangado, amuado.

enxugado — Enxuto; acabrunhado com pancadas.

enxugo — Dar um enxugo: aplicar uma boa sova.

esbaganhar — Espalhar; esfarelar; desfazer.

esbandalhado — Escangalhado; escaqueirado; desmanchado.

esbarradio — Escorregadio; que tem unhas; que se não deixa segurar com facilidade. — «Aquêle não seguras tu, que êle é esbarradio».

esborralhar — Espalhar o brasido; desfazer os torrões. Esboroar; desfazer.

esborzinado — Diz-se do cântaro, da bilha, do tacho ou do alguidar, a que já faltam vários bocadinhos na bôca ou nos bordos.

escacholar — Arrancar a cachola; arrancar os bofes.

escacilar — Partir; escavacar; destruir; despedaçar.

escaganifrado — O mesmo que *escanifrado*, de que deve ser uma corruptela, ou antes uma variante. E digo *quási o mesmo*, porque o têrmo *escaganifrado* significa o mesmo que *escanifrado*, mas em sentido mais piorativo, mais deprimente; isto é: o *escaganifrado* é mais alto, mais delgado, mais débil, mais estiolado, que o *encanifrado*.

escamisar — Tirar a camisa do milho. Constitue um dos melhores passatempos das noites de verão o escamisar o milho. Na eira coloca-se o montão das maçarocas ainda envolvidas no seu cauteloso involtório; e em volta começam de sentar-se as cachopas que receberam convite ou se aprestaram para a seroada. Dali a pouco começam a chegar os rapazes, geralmente embuçados nas mantas e usando uma voz disfarçada. Vão sentar-se junto da que mais lhes agrada. E, emquanto vão escamisando o milho, espreitam a ver se aparece uma espiga vermelha; porque,

logo que ela aparece o rapaz que a encontrou tem o direito de dar um beijo na sua conversada; e, se é ela, da mesma maneira tem de se deixar beijar ou abraçar conforme o preceito que se põe.

escampado — Diz-se que o tempo *escampou*, ou está *escampado* quando, na Primavera principalmente, as nuvens se dissiparam e deixou de chover. — «Já está a escampar; já aí vem bom tempo». — «A chover e a fazer sol; a raposa a bailar e a cantar o rouxinol!»

escândulas — Modificação de *escândalos*; razões de queixa. — «Poderá ser muito má pessoa, mas eu não tenho escândulas dêle».

escanifrado — Alto e magro; esgrouviado; estiolado. Indivíduo de altura desproporcionada com a grossura. — «Não gosto de ver o rapaz assim tão escanifrado... Hum!... Aquilo leva muito pouco pano no colarinho! Nunca há-de ser homem capaz de espantar uma raposa de dentro de um matagal...» (de *cana?*).

escanzorrado (de *cão?*) — Espapaçado; o que se recosta negligentemente, em qualquer parte, sem olhar a sítio.

escapatório — Menos mau; razoável; tolerável. — «Êste vinho é escapatório; já o tenho bebido bem pior».

escapulir ou **escapulir-se** — Escapar-se; retirar à surrelfa; despedir-se à francesa; esgueirar-se.

escarçar e **esgarçar** — Desfazer-se o tecido, desfiar-se.

escarcalhar-se — Desmanchar-se, desconjuntar-se. Diz-se do pão de milho que fica um bocado brando na massa e que, ao cair no forno, se enche de grêtas, ou regôas.

escarchar — Esgalhar; fender; rachar. — «Escarcho-te de meio a meio, maroto.

escardar — Raspar; cortar o mato que invade os terreiros das oliveiras. Roçar as moitas e cardos que prejudicam o terreno onde as árvores se alimentam (de *cardo*).

escarduçar — Cardar com a carda mais grossa. Os cardadores da Serra e de Minde e Mira usam dois pares de cardas: as maiores de dentes longos e recurvados com que dão a primeira demão, com que *escarduçam* a lã; depois cardam com a carda de dentes curtinhos, a carda de *imprimar*. É depois de imprimada que a cardagem se considera completa.

escarnicadeiro - «Não desgosto da rapariga; é risonha; mas muito escarnicadeira». Que escarnece de tudo.

escarnicar — Escarnecer; zombar; troçar; achincalhar.

escarolar — Tirar o milho do carolo da maçaroca. Ganhar certa porção de dinheiro. — «Vou ver se consigo escarolar aquela massita».

escarpelar — Esfarelar qualquer coisa com a unha; arrancar a pustela da ferida; desfazer a pele ou a casca do fruto, servindo-se, principalmente, dos dedos ou das unhas. Procurar desfazer qualquer rugosidade com a unha. — «Não estejas a escarpelar isso, que se pode assanhar».

escarrafunchar — Esgaravatar nalguma concavidade; meter os dedos no nariz, com o fim de fazer pílulas, ou, pelo menos, procurar a necessária matéria para elas. Mexer com um pau em qualquer toca com o fim de tirar qualquer coisa, ou de espantar bicho que ali se acoite.

escarrapachar-se — Sentar-se no chão, de pernas abertas; sem espécie de pudor. — «Tira-te daí, cachopa; ¿não tens vergonha de estar aí escarrapachada?...»

escarvunçar — Sujar com carvão, mascarrar. — «Diz o tacho à sertã: chega-te p'ra lá não me escarvunces». — «¿Donde vens tu tão escarvunçado, rapaz? Vai-te lavar, meu porco!»

escàveirado — Magro; esgrouviado; escanzelado; chupado das carôchas; escanifrado (de *càveira*).

escàveirar — Partir, quebrar, escavacar.

escoifado e **esgoifado** — Penteado; asseado; limpo; brunido; aprimorado; acatitado; com os seus quatro alfinêtes. — «Onde irá isto hoje, que vai tão escoifado...» (de *escova*?).

escorchar — Tirar a tripa e a guelra aos carapaus ou às sardinhas para as deixar enxugar, salgadas, sem perigo de se deteriorarem (de *gorja*?). Dissipar o que lhe deixaram. — «Ficou escorchado até ao último vintém».

escorrido — Leve, claro, esgazeado. — «O tempo hoje está mais escorrido; vamos ter um dia real!»

escortejar — Cortanhar; esfanicar com faca ou navalha. Esfanicar; cortar qualquer pedaço de pau, sem pretender fazer qualquer coisa de utilidade.

escota — Uma das cordas do velame do moínho de vento, que une as pontas da vela ao braço seguinte. Vid. *espia*.

esfaguntar — Espantar; amedrontar; espalhar o gado por gestos ou por gritos. — «Os cães em vez de vigiarem as ovelhas não fazem senão esfaguntá-las».

esfanicar — Desfazer, esfacelar, reduzir a fiampalhos; fazer em fanicos; escortejar.

esfaquinar — Cortar com faca, por mero entretimento; cortanhar um pauzinho por distracção; escortejar. — «¿P'ra que diabo estás tu p'rái a esfaquinar? P'ra me sujares a casa?»

esfelpar — Tirar, com o ancinho, as ervas daninhas que ficaram arrancadas ao de cima da terra, depois da cava ou da lavoira.

esfogueteado — Corrido; escorraçado. — «Depois de ouvir o que eu lhe disse, saíu esfogueteado, que nem se virou para trás!» (de *foguete*).

esfoira — Diarreia; soltura; forrica. — Os borregos comeram um pouco de cebolego e agora andam de esfoira. Deus queira que não leve o diabo algum...»

esfoirar — Fazer diarreia; andar com soltura; andar de forrica (do galego *esforricar?*).

esfoladia — Carne esfoladia; carne de carneiro, capado, chibato; isto é, de qualquer rexelo que se mate e esfole para comer (em contraposição com a carne de porco, que não se esfola).

esfola-gato — Salto; cabriolice; trambolhão que se dá voltando os pés por cima da cabeça. A volta que se dá a uma criança, fazendo que ela volte os pés por cima da cabeça. — «Não subas acima da figueira, rapaz; ela está orvalhada e dás algum esfola-gato».

esfrega — Sova; coça; descompostura; sarabanda.

esfregação — Fricção; fomentação que se aplica esfregando. — «¿Sabes de que morreu a pobre Angelina? Enganou-se nos remédios; em vez de beber a xaropada, bebeu a esfregação! Coitada! Com um rancho de filhos que se cobrem todos com uma joeira».

esfregaduras — A água em que se passa a roupa que saíu da *infundidura* ou infusão de borras de azeite, urina podre e excremento de porco e de galinha.

esgadanhar — Juntar as ervas ruins com o ancinho.

esgadelhar ou **desgadelhar** — Descompor as gadelhas.

esgalhar — Rachar de alto a baixo; cortar os ramos de qualquer árvore que o vento derribou ou que se cortou. Destacar os ramos de uma árvore ou arbusto, puxando-os com a mão.

esganar — Cegar; vasar os olhos. — «Estou-te com uma sêde que até me dá vontade de te esganar».

esgatanhar — Arranhar; ferir com as unhas, quer brincando, quer mesmo a sério (de *gato*).

esgazeado — Tempo esgazeado, tempo claro, estravantado. Tempo claro após uma trovoada ou *charoucada*.

esgoimar e **esgoimado** — Brunir; andar muito brunido.

esgravanada ou **gravanada** — *Charoucada*; chuvada acompanhada de vento e às vezes de granizo.

esgravelhar — Escornejar e escornear. Diz-se dos bois quando estes se entretêm brincando uns com os outros, marrando sem intuitos agressivos (de *gravelho* ou *gravato?*).

esgravulhar — Diz-se do pião que tem o bico mal aprumado e não baila com serenidade. É um *esgravulha*. Também se chama *esgravulha* ao que trabalha muito, que nunca está quieto, mas que nem por isso ajunta mais cabedais. — «É um esgravulha; mas o que poupa no farelo estraga o na farinha». — «O teu pião não presta; esgravulha muito. Para balhar sereno é o meu. Vê se és capaz de lhe desempenar o bico».

esgrenhar (por *desgrenhar*). — Desgadelhar (esguedelhar), despentear; embrulhar o cabelo.

esgromelado — Pessoa alta, magra, esgrouviada, mal roupida, de pescoço nú, ou que não usa camisa a conchegá-lo. — «Abotoa-me êsse *coleirinho!* Não te envergonhas de ir assim esgromelado?...»

esgrouviado — Alto e magro; escanifrado; estiolado (derivará de *grou?*).

esmagar — Não significa esborrachar, comprimir entre ou antes debaixo de um pêso grande: esta idea é expressa pelo têrmo *esborrachar*. *Esmagar* quere dizer agravar ou avivar um ferimento. — «Tem cautela, olha que esmagas a perna; o melhor é não subires a escada!»

esmarrido — Boquiaberto, perdido, absorto, alheado da vida; estupefeito. — «Anda, bôca aberta! Não me fiques aí esmarrida a olhar p'ra ontem! Parece que nunca viste nada...» (do italiano *smarrito?*).

esmarroar — Partir as pedras servindo-se da marra ou do marrão, que é a mesma coisa, mas descabeçando-as apenas, partindo-as por cima, para regularizar a superfície do caminho. Partir pedra em pedaços graúdos, que depois serão britados mais meúdos, à marreta.

esmifrar — Estorquir qualquer importância; levar a mais nos preços estabelecidos, como é de uso mui freqüente entre

os mais conceituados comerciantes da nossa praça; levar emprestado no intuito de nunca mais pagar.

esmoutar — Cortar as moitas, os matos, debaixo das oliveiras, ou tanchões, ou antes arrancá-los à mão.

esnocar o mesmo que **desnocar** ou **deslocar.** — Luxar osso de perna ou de braço, por qualquer articulação.

espalha-farelos — Inquieto, turbulento, brincalhão.

espalhagar — Aliviar o calcadoiro de uma parte da palha para que o gado possa debulhar melhor e os homens possam dar volta ao resto com mais facilidade.

espanejar-se (por *espenejar-se*) — Diz-se da galinha que se agacha na terra atirando poeira sôbre as penas, e sacudindo-as depois (de *pena* ou de *pano*).

espantalhar — Espalhar; pôr o gado em debandada, agitando qualquer espantalho para o amedrontar (de *espantalho*).

esparralhar — Espalhar, principalmente se se referem ao brasido da lareira, ou à braseira do forno, pois cada montão de brasas tem o seu nome. *Braseiro*, quando é proveniente de uma grande fogueira em pleno campo; *brasido*, se é do lume onde se aquentam *(sic)* e onde fazem a comida; *braseira*, se é o que se aglomera à bôca do forno, depois de deitar o pão. Quando se deita uma broa no forno e ela cai na braseira, diz-se que se *esparralhou*.

esparrameirado — Espernagado; deitado no chão com uma perna para cada lado. Espapaçado.

esparvoado — Aparvalhado; mentecapto; demente.

espenicar o mesmo que **depenicar**; mas emprega-se quási exclusivamente para designar o acto da galinha que vai compondo as penas com o bico, depois de se molhar ou de se revolver na terra.

espernagado — A mesma significação que o *esparrameirado*.

espevitado — Purista no falar; afectado nas falas; delambido. — «Se fôsses tão espuvitado no trabalho como o és nas falas, ninguém te punha o pé adiente».

espia — Corda do velame do moínho de vento. Vai da ponta do eixo a cada um dos braços.

espiançar — Desejar, cubiçar, aquilo que outros estão comendo. Costume muito feio numa criança. Colocar-se de forma que possa ser convidado a comer. Calaçar (de calaceiro, que é o mesmo noutras terras).

espinhela — Parte do corpo que ninguém sabe o que é nem onde fica, mas de que muita gente sofre (!), e não falta sempre quem se apreste a curar o mal de *espinhela caída*. Quando alguém sofre do peito, ou está *arruinado* ou tem a espinhela caída, o que também é muito grave, tem de procurar logo quem lha endireite. Há sempre; a pessoa que se dispõe a operar coloca-se por detrás dêle, ordenando-lhe que deixe cair os braços naturalmente. Depois pega-lhe nas mãos, levemente, elevando-lhe os braços à sua maior altura e tendo o cuidado de, quási imperceptìvelmente, fazer que um dos polegares não chegue a atingir a altura do outro; e então, exclama muito satisfeita: — «Cá está! Eu bem dizia!» E vai repetindo a operação, fingindo um grande esfôrço, até que os dois dedos se *ugalham* e então a espinhela está direita. Falta o receituário conveniente. Umas colheres de um remédio composto de toucinho alto, mel, pevides de abóbora, farinha de grão torrado, e algumas gemas de ôvo. Deve-se tomar esta mistura durante dez dias, pelo menos, e não fazer o mínimo esfôrço. É claro que o doente, com um tratamento dêstes e com o competente descanso, sente melhoras apreciáveis. Sempre foi bom mandar endireitar a espinhela...

espravão — Inchaço, intumescência nos membros de qualquer cavalgadura (quadrúpede...)

estaca — Emprega-se quási no mesmo sentido que *estar à panca;* mas, parecendo que devia limitar-se o seu emprêgo com referência a animais, é com referência a pessoas que sempre se emprega. — «Eu aqui à estaca desde o meio-dia e tu por lá, sabe Deus por onde, sem te lembrares do que tinhas prometido. — Vai e volta de-pressa porque eu não quero aqui *ficar à estaca* tôda a tarde».

estafanar — Estafar, destruir, estragar, esfacelar. Êste têrmo, porém, representa a idea com mais energia. O indivíduo que estraga ou estafa qualquer coisa, fá-lo ou pode fazê-lo sem intuitos malévolos; mas o que *estafana* algum objecto, ou alguma quantia, êsse fá-lo porque o quere fazer; fá-lo por ter maus fígados...

estardalhaço — Bulha, balbúrdia; cereais entornados pelo meio do chão. Qualquer líquido derramado na casa. Mobília em desordem espalhada ou caída no soalho.

estavanado — Estouvado, amalucado, aparvalhado, desastrado, imprudente, levantado do miolo.

estear — Segurar com esteio, ou coluna de pedra. Escorar.

esteio — Coluna de pedra que se encontra com facilidade nas encostas da serra e serve para suportar traves, lagens que tapam as pias ou os currais ainda primitivos, etc. Há alguns com mais de dois e três metros de comprimento e com uma espessura relativamente pequena, empregados nos pátios para segurar os madeiramentos, sem impedir a luz e o ar.

estercar — Espalhar o estêrco sôbre a superfície das terras que estão para se lavrar ou cavar. No Inverno junta-se o estrume dos palheiros, currais, pátios, pocilgas e capoeiras, faz-se com êle uma grande meda e assim se deixa fermentar. Depois, na Primavera, na época em que é preciso fazer sementeiras, é cavado, cortado com a enxada rasa, para ficar mais miúdo, e transportado para as terras, onde se reparte em montículos que depois de desfazem, espalhando o estrume com a forquilha. É esta operação que se designa pelo verbo *estercar*. Os serranos ainda não compreenderam que a fermentação do estrume em medas representa a sua desvalorização, visto perder os seus princípios mais fertilizantes, devido isso à água da chuva que o vai deslavando e ainda à evaporação de gases que se libertam na fermentação. Ainda ali se desconhece o uso das nitreiras, tão fáceis de obter naquela região.

esterroar — Desfazer os terrões com o ôlho da enxada, depois do terreno lavrado. Comer, ganhar. — «Os rapazes esterroam na broa que é um gôsto». — «Tocou para a missa; lá vai o padre esterroar aquêles tantos patacos...»

estilar o mesmo que **destilar.** — Suar; queimar os figos ou os medronhos para com êles fazer águardente.

estinhar — Tirar o resto do mel das colmeias; esmifrar; extorquir. — Andar mesmo na *estinha*, ou na *estica:* andar à dependura; andar sem vintém.

estipor (por *estupor*, mas não nesta significação). — Mariola; maldito, malvado, patife. — «Vai-te daqui embora, *estipor*, e deixa-me em paz; ora o maldito!...»

estiva — Costume; hábito, peügada, avêzo. — «Entraram lá a primeira vez quando lá havia boa erva; depois... deram-lhe na *estiva* e é que se não tiram de lá; não há parede

que as vede, nem azerves que as imparem» (talvez como sinónimo de *resteva*).

estoira — Turbulento, brigão, estoira-vergas.

estopinhas — Falar as estopinhas; suar as estopinhas (falar muito, suar como um cavalo).

estorcegar — Esmagar entre os dedos; desfazer; esborrachar. — «Apanhei uma pulga e estorceguei-a imediatamente».

estornicar — Esparrinhar a água; salpicar com água que se atira ou derrama sem cautela. — «Olha que me estornicas o fato».

estortegar o mesmo que **estorcegar**. — (¿Derivarão um e outro de torcer?...)

estrabuto — Doença que afecta as gengivas; escorbuto. A cária dos dentes. Mau hálito.

estrafegar (alteração de trasfegar). — Estrangular, apertar o pescoço a alguém; asfixiar.

estramalhar — Afastar-se, fugir do rebanho, separar-se da comitiva, fugir da malhada.

Há quem queira ver asneira crassa no emprêgo dêste verbo. Êrro é, e de monta, o *estramalho* por *tresmalho* (rêde para pesca); mas o *estramalhar*, ou antes talvez *extramalhar*, é, a meu ver, de boa água e merece direitos de cidade. *Extramalhar*, mostra-o a palavra com a maior clareza, tantas vezes aplicado ao gado bravo que se pretende conduzir à praça para ser picado, é sair da malhada.

estrangular — Desarranjar, desmanchar, escangalhar. Aplica-se principalmente ao relógio que se desarranjou. — «Tenho o meu relógio estrangulado».

estrapoer ou **extrapoer** — Desaparecer além de uma esquina, de uma volta de caminho, de um oiteiro, ou de qualquer outro obstáculo. — «Viste o meu irmão? — Vi, sim, senhor; mesmo agora estrapoeu acolá abaixo, por trás daquela casa».

Nunca encontrei êste têrmo registado em qualquer parte, nem o ouvi pronunciar em qualquer povo da região, salvo na Serra de Santo António (de *transponere*).

estrapuida (parece da mesma família, mas não é). — Tropeada de bêstas correndo. É caso para recontar a historieta: — «Rapaz: oiço uma estrapuida... será o teu pai que aí vem?...» (de *tropear?*).

estravantar — Levantar o tempo. Cessar de chover; alargar. — «Espera aí um pouco, que isto não deve demorar muito tempo em estravantar».

estravar *(destravar?)*. — Diz-se da acção de defecar, aplicada aos animais, principalmente a bois e a cavalgaduras.

estrepe — O mesmo que *estipor*, malvado, malandro, etc.

estriga — A mancheia ou manucada de linho que se coloca na roca e foi o resultado de uma maçadoira dêle, depois de convenientemente gramado, tasquinhado e assedado. Mulher alta e magra.

estronso — Alteração da palavra *estrondo*, que nunca empregam (associação do *estrondo* com o *destroço*).

estrumar — Raramente se emprega no sentido de estercar. Significa espalhar o mato e as palhas inúteis nos pátios para que se transforme em estrume pela acção das patas, da bosta e das urinas dos animais. — «Você tem aqui uma bela estrumada; ¿aonde é que foi cortar êste mato?...»

eugariço (por *eguariço*) — O macho ou mula, filho de égua e de burro. O eguariço é mais elegante que o asneiro. Cresce mais, tem melhor sangue. Parece que estes híbridos herdam sempre em maior porção as qualidades e características da mãi, que do pai, ao contrário do que se dá, geralmente, com os outros animais.

excomunicado — Eufemismo para chamar *excomungado* a alguém. Entre esta gente que, de princípio, foi excessivamente religiosa, usaram-se assim muitas palavras que, sem velarem lá muito bem aquela que se quere dizer, não se escrevem contudo com as mesmas letras, o que, de certa maneira lhes tira o veneno de que podem vir eivadas. Êsse costume, que tinha o seu quê de delicado e salutar, deixou há muito de existir, e a liberdade na linguagem tornou-se desenfreada, a ponto de o lugarejo simples e patriarcal das abas da Serra de Albardos, se parecer, um tanto ou quanto, com certas terras do norte, onde as palavras, por muito mal sonantes que sejam, se podem dizer diante de mulheres, que elas não còrarão por isso.

F

fadigado — Cansado, extenuado, afadigado, açodado — «Andas sempre fadigada, numa roda viva... não sei p'ra quê!»

faia — Pedante, casquilho, pimpão, vestido com afectação. — «Desde que esteve lá fora anda sempre vestido que nem um faia...»

falca — Pedaço de pão, pedaço de madeira que os serradores tiram ao toro para poderem serrá-lo mais fàcilmente. — «Aquilo nunca há-de valer nada. Com o caminho que leva, há-de acabar por andar à falca». Andar à *falca:* andar a pedir.

falhido (de *falha?* de *falhado?* de *falido?*). — Engelhado; aplica-se às sementes e grãos. — «O trigo êste ano é falhido; é uma pura gelha».

falhoscas — Fagulhas, chispas de lume que se desprendem da lenha ou do carvão quando está a queimar-se. Também lhes chamam *velhas.* É até um entretimento das crianças, quando estão à fogueira da lenha de carrasco, no inverno, verem subir as *falhoscas*, chamando, às mais pequenas, *novas* e às maiores *velhas.* E então começam uma cantilena, como se as fagulhas lhes obedecessem:

«Nova acima, velha abaixo!
«Velha acima, nova abaixo!»

falto — Demente, estontelado, mentecapto, apàtetado, que não tem «os seis alqueires bem aferidos», aquêle a quem falta «uma aduela». Quando vêem um indivíduo aparvalhado, dizem, com ar de comiseração: — «É faltinho, coitado». Falto, por falto de juízo.

faneco — Tora de pão, falca, fatia, naco de broa. — «Não querem comer à hora do quartel; mas depois, pela roda do dia, andam sempre de faneco na unha!» (de *fanega*, castelhano?).

fanfar — Recalcitrar, refilar, repontar. — «Anda lá p'ra diente e não me fanfes». — «A mania que vocês têm de fanfar quando lhes destinam qualquer serviço...!»

fardada — Batata *fardada*, cozida com a pele.

farejar — Procurar, servindo-se do faro (o cão); buscar; cheirinar, chavaniscar, maticar.

fareleiro — Rato pequeno, doméstico.

farófias — Prosápias, farroncas, presunções, atitudes de quem almoça sardinhas e arrota postas de pescada... basófias.

farófias de padre — Espécie de bôlo doce, que tem por principais ingredientes as claras de ôvo, açúcar, e canela.

farracho — Pedaço, bocado, crescença de pano. Emprega-se esta palavra para significar *casaco*, visto que o casaco tem mais comprimento que a jaqueta. — «Aquêle já usa

um farracho de pano pelas costas abaixo». — «F... já usa farrachaz». Querem dizer estas frases pitorescas que F... já usa casaco, contra o uso vulgar da terra, que era a jaqueta. Hoje, com a emigração para o Brasil e para a América, já se vêem menos jaquetas.

farragoilo — Pano ordinário e velho que para mais não serve do que para rodilha de cozinha, ou para limpar as medidas infarnadas de azeite. — «Dá cá êsse farragoilo para alimpar aqui êste alguidar» (de *ferragoilo*).

farrusco — Diz-se do cão que tem a pelagem escura e o focinho negro ou anegruado. Também chamam *farrusco* a qualquer cão quando pretendem chamá-lo, principalmente se é cão desconhecido.

fatacaz — Sentimento amoroso que se sente por alguém, em especial de rapaz para rapariga. O mesmo que

farnicoques — que são umas espécies de cócegas interiores, designativas do desejo de possuir pessoa do sexo diferente. — «Êle não a namora porque ela não quere, que êle tem por ela uns certos farnicoques que não enganam ninguém; só quem não tiver olhos».

ferida — A parte do arado, curva, entre o timão e a rabiça, onde se abre o furo para a cega.

ferrun-fun-fum — Guitarrada desafinada, sem tom nem som. O que toca desafinadamente uma guitarra, ou que não sabe tocar, produz o acto a que chamam *ferrun-fun-fum*.

ficar — Nem só significa *permanecer*, mas também pernoitar, dormir. — «Esta noite vou ficar a casa de meu tio. — Cômo lá, mas poucas vezes lá fico. — Êste é o quarto onde eu fico; naquele fica a minha tia».

figueira — Árvore muito apreciada e de que se cultivam na Serra várias espécies, como: *brancas*, *pretas*, *verdeais*, *bacorinhas*, *lampas*, *curigas* (as de maior valor e aprêço), *badalhouças*, *braçajotes* ou *bardachotes*, do Algarve, *raínhas*, *mulatas*, *moscateis*, etc. É o figo quási a única fruta que nas serras se cultiva. Além de serem dulcíssimos os figos da Serra (diz-se até que «na Serra nem os figos têm pícaro...»), as figueiras dão-se muito bem e produzem muitos *frutos*. Engordam os porcos com êles, fazem aguardente, que, quando velha é muito tolerável, e dão aos bois os resíduos da destilação.

filhós ou **filhoses** — Fritura de ovos e farinha, em azeite,

levando mel, por cima; constitue um dos antigos acepipes dos habitantes da Serra. Hoje já pouco se usa.

focinegro — O animal que tem o focinho negro, como o cão farrusco e o burro fusco. Qualquer dêstes animais é *focinegro*. Emprega-se para designar as ovelhas brancas que têm o focinho prêto.

fona — Indivíduo sovina, agarrado, que não dá nada a ninguém. Pressa. Andar numa fona; andar em lufa-lufa, apressadamente, andar em roda viva (Nos Açôres significa o ar expelido pelo ânus sem produzir ruído).

francela — Espécie de banca inclinada e com umas guardas em volta, na qual se dispõem os queijos a enxugar, até soltarem o sôro por completo.

frandulagem – Maltrapilhagem, garotada mal vestida e irrequieta (de *Flandres?*).

freguês — O que manda a azeitona ao lagar. Alta madrugada costumam os lagareiros subir ao ponto mais alto do muro do lagar e dali chamam os *freguêses*, servindo-se do funil, como de porta-voz: — «Ó freguês, venha tirar o azeite!...» E num grito mais prolongado: — «Venha cá já! Já!...»

freima – Pressa em fazer alguma coisa. Daqui o têrmo *afreimado*, que ali se emprega muito. — «Aquilo sempre tem uma freima para o trabalho...» É modo de dizer irónico a respeito de alguém que mostra pouca pressa para o serviço.

freima, freimão ou **fleimão** — Furúnculo, maldita, nascida. Em virtude de infecção.

freiras — Grãos de milho que, postos de môlho durante vinte-e-quatro horas, em água com alúmen, depois se põem a torrar, rebentando e ficando a mostrar o miolo branquinho revirado a tapar o amarelo da casca.

frio, frio! — Diz-se num jôgo que consiste em procurar um objecto escondido ou adivinhar qual dos jogadores fêz certo e determinado acto, quando o jogador se afasta do local ou indivíduo procurado: — «Frio! Frio! Frio». Ausência de calor. — «Hoje está frio com'a mil diabos!»

fuge — Imperativo do verbo *fugir*, quási sòmente empregado quando se dirigem às crianças, como sucede com o *curre!* do verbo *correr*. — «Fuje (ou fuge) daí, homem, que vem lá um lôbo que te come!» — «Fuje que te agarro!»

fundeira – As partículas sólidas que se depositam no fundo do caldo. Restos de coalhada que ficam no fundo do sôro...

estravar *(destravar?)*. — Diz-se da acção de defecar, aplicada aos animais, principalmente a bois e a cavalgaduras.

estrepe — O mesmo que *estipor*, malvado, malandro, etc.

estriga — A mancheia ou manucada de linho que se coloca na roca e foi o resultado de uma maçadoira dêle, depois de convenientemente gramado, tasquinhado e assedado. Mulher alta e magra.

estronso — Alteração da palavra *estrondo*, que nunca empregam (associação do *estrondo* com o *destroço*).

estrumar — Raramente se emprega no sentido de estercar. Significa espalhar o mato e as palhas inúteis nos pátios para que se transforme em estrume pela acção das patas, da bosta e das urinas dos animais. — «Você tem aqui uma bela estrumada; ¿aonde é que foi cortar êste mato?...»

eugariço (por *eguariço*) — O macho ou mula, filho de égua e de burro. O eguariço é mais elegante que o asneiro. Cresce mais, tem melhor sangue. Parece que estes híbridos herdam sempre em maior porção as qualidades e características da mãi, que do pai, ao contrário do que se dá, geralmente, com os outros animais.

excomunicado — Eufemismo para chamar *excomungado* a alguém. Entre esta gente que, de princípio, foi excessivamente religiosa, usaram-se assim muitas palavras que, sem velarem lá muito bem aquela que se quere dizer, não se escrevem contudo com as mesmas letras, o que, de certa maneira lhes tira o veneno de que podem vir eivadas. Êsse costume, que tinha o seu quê de delicado e salutar, deixou há muito de existir, e a liberdade na linguagem tornou-se desenfreada, a ponto de o lugarejo simples e patriarcal das abas da Serra de Albardos, se parecer, um tanto ou quanto, com certas terras do norte, onde as palavras, por muito mal sonantes que sejam, se podem dizer diante de mulheres, que elas não còrarão por isso.

F

fadigado — Cansado, extenuado, afadigado, açodado — «Andas sempre fadigada, numa roda viva... não sei p'ra quê!»

faia — Pedante, casquilho, pimpão, vestido com afectação. — «Desde que esteve lá fora anda sempre vestido que nem um faia...»

falca — Pedaço de pão, pedaço de madeira que os serradores tiram ao toro para poderem serrá-lo mais fàcilmente. — «Aquilo nunca há-de valer nada. Com o caminho que leva, há-de acabar por andar à falca». Andar à *falca:* andar a pedir.

falhido (de *falha?* de *falhado?* de *falido?*). — Engelhado; aplica-se às sementes e grãos. — «O trigo êste ano é falhido; é uma pura gelha».

falhoscas — Fagulhas, chispas de lume que se desprendem da lenha ou do carvão quando está a queimar-se. Também lhes chamam *velhas.* É até um entretimento das crianças, quando estão à fogueira da lenha de carrasco, no inverno, verem subir as *falhoscas,* chamando, às mais pequenas, *novas* e às maiores *velhas.* E então começam uma cantilena, como se as fagulhas lhes obedecessem:

«Nova acima, velha abaixo!
«Velha acima, nova abaixo!»

falto — Demente, estontelado, mentecapto, apàtetado, que não tem «os seis alqueires bem aferidos», aquêle a quem falta «uma aduela». Quando vêem um indivíduo aparvalhado, dizem, com ar de comiseração: — «É faltinho, coitado». Falto, por falto de juízo.

faneco — Tora de pão, falca, fatia, naco de broa. — «Não querem comer à hora do quartel; mas depois, pela roda do dia, andam sempre de faneco na unha!» (de *fanega,* castelhano?).

fanfar — Recalcitrar, refilar, repontar. — «Anda lá p'ra diente e não me fanfes». — «A mania que vocês têm de fanfar quando lhes destinam qualquer serviço...!»

fardada — Batata *fardada,* cozida com a pele.

farejar — Procurar, servindo-se do faro (o cão); buscar; cheirinar, chavaniscar, maticar.

fareleiro — Rato pequeno, doméstico.

farófias — Prosápias, farroncas, presunções, atitudes de quem almoça sardinhas e arrota postas de pescada... basófias.

farófias de padre — Espécie de bôlo doce, que tem por principais ingredientes as claras de ôvo, açúcar, e canela.

farracho — Pedaço, bocado, crescença de pano. Emprega-se esta palavra para significar *casaco,* visto que o casaco tem mais comprimento que a jaqueta. — «Aquêle já usa

um farracho de pano pelas costas abaixo». — «F... já usa farrachaz». Querem dizer estas frases pitorescas que F... já usa casaco, contra o uso vulgar da terra, que era a jaqueta. Hoje, com a emigração para o Brasil e para a América, já se vêem menos jaquetas.

farragoilo — Pano ordinário e velho que para mais não serve do que para rodilha de cozinha, ou para limpar as medidas infarnadas de azeite. — «Dá cá êsse farragoilo para alimpar aqui êste alguidar» (de *ferragoilo*).

farrusco — Diz-se do cão que tem a pelagem escura e o focinho negro ou anegruado. Também chamam *farrusco* a qualquer cão quando pretendem chamá-lo, principalmente se é cão desconhecido.

fatacaz — Sentimento amoroso que se sente por alguém, em especial de rapaz para rapariga. O mesmo que

farnicoques — que são umas espécies de cócegas interiores, designativas do desejo de possuir pessoa do sexo diferente. — «Êle não a namora porque ela não quere, que êle tem por ela uns certos farnicoques que não enganam ninguém; só quem não tiver olhos».

ferida — A parte do arado, curva, entre o timão e a rabiça, onde se abre o furo para a cega.

ferrun-fun-fum — Guitarrada desafinada, sem tom nem som. O que toca desafinadamente uma guitarra, ou que não sabe tocar, produz o acto a que chamam *ferrun-fun-fum.*

ficar — Nem só significa *permanecer*, mas também pernoitar, dormir. — «Esta noite vou ficar a casa de meu tio. — Cômo lá, mas poucas vezes lá fico. — Êste é o quarto onde eu fico; naquele fica a minha tia».

figueira — Árvore muito apreciada e de que se cultivam na Serra várias espécies, como: *brancas*, *pretas*, *verdeais*, *bacorinhas*, *lampas*, *curigas* (as de maior valor e aprêço), *badalhouças*, *braçajotes* ou *bardachotes*, do Algarve, *raínhas*, *mulatas*, *moscateis*, etc. É o figo quási a única fruta que nas serras se cultiva. Além de serem dulcíssimos os figos da Serra (diz-se até que «na Serra nem os figos têm pícaro...»), as figueiras dão-se muito bem e produzem muitos *frutos*. Engordam os porcos com êles, fazem aguardente, que, quando velha é muito tolerável, e dão aos bois os resíduos da destilação.

filhós ou **filhoses** — Fritura de ovos e farinha, em azeite,

levando mel, por cima; constitue um dos antigos acepipes dos habitantes da Serra. Hoje já pouco se usa.

focinegro — O animal que tem o focinho negro, como o cão farrusco e o burro fusco. Qualquer dêstes animais é *focinegro*. Emprega-se para designar as ovelhas brancas que têm o focinho prêto.

fona — Indivíduo sovina, agarrado, que não dá nada a ninguém. Pressa. Andar numa fona; andar em lufa-lufa, apressadamente, andar em roda viva (Nos Açôres significa o ar expelido pelo ânus sem produzir ruído).

francela — Espécie de banca inclinada e com umas guardas em volta, na qual se dispõem os queijos a enxugar, até soltarem o sôro por completo.

frandulagem — Maltrapilhagem, garotada mal vestida e irrequieta (de *Flandres?*).

freguês — O que manda a azeitona ao lagar. Alta madrugada costumam os lagareiros subir ao ponto mais alto do muro do lagar e dali chamam os *freguêses*, servindo-se do funil, como de porta-voz: — «Ó freguês, venha tirar o azeite!...» E num grito mais prolongado: — «Venha cá já! Já!...»

freima — Pressa em fazer alguma coisa. Daqui o têrmo *afreimado*, que ali se emprega muito. — «Aquilo sempre tem uma freima para o trabalho...» É modo de dizer irónico a respeito de alguém que mostra pouca pressa para o serviço.

freima, freimão ou **fleimão** — Furúnculo, maldita, nascida. Em virtude de infecção.

freiras — Grãos de milho que, postos de môlho durante vinte-e-quatro horas, em água com alúmen, depois se põem a torrar, rebentando e ficando a mostrar o miolo branquinho revirado a tapar o amarelo da casca.

frio, frio! — Diz-se num jôgo que consiste em procurar um objecto escondido ou adivinhar qual dos jogadores fêz certo e determinado acto, quando o jogador se afasta do local ou indivíduo procurado: — «Frio! Frio! Frio». Ausência de calor. — «Hoje está frio com'a mil diabos!»

fuge — Imperativo do verbo *fugir*, quási sòmente empregado quando se dirigem às crianças, como sucede com o *curre!* do verbo *correr*. — «Fuje (ou fuge) daí, homem, que vem lá um lôbo que te come!» — «Fuje que te agarro!»

fundeira — As partículas sólidas que se depositam no fundo do caldo. Restos de coalhada que ficam no fundo do sôro...

fusco — O burro cinzento que tem o focinho negro. Empregam também o têrmo na locução: — «Lusco-fusco. Ao lusco-fusco, ao cair da noite».

fusquetas ou **fosquetas** — Tagatés, fòsquinhas. — «Não estejas a fazer fosquetas lá adiante dos bois que êles não são certos e podem-te dar alguma chavelhada...» — «Nunca gostei que estivessem cá a fazer fosquetas. Quem me quiser dizer alguma coisa que o faça de cara a cara; não é estar, lá de largo, a fazer fusquetas».

G

gadanhos — Mãos. — «Parece que não tens gadanhos! deixas cair tudo das mãos». — «Venho com tanto frio que não tenho sírias nem gadanhos». Parece-me que a frase deve ser: *Não tenho sírias nos gadanhos.*

gadelhas — Farripas de cabelo, teimosas, que caem para o rosto, não se conservando penteadas. — «Alisa-me essas gadelhas, desmazelada! Já olhas para a sombra e não tratas de te zelar!»

gadelho — Pêlo, cabelo, cabeleira (alter. de *guedelha*).

gafanas — Parasitas imaginários que é *preciso tirar* a quem está ainda de olhos muito tapados, muito bronco. A quem chega de fora e não conhece os usos da terra, costumam tirar as *gafanas* para o espertar. Para isso fingem que lhe estão a catar qualquer coisa nas sobrancelhas ou mesmo nas pestanas, de que arrancam uma ou duas, o que faz doer ao paciente; mas... como é para bem seu... êle consente. Mas quando a coisa vai a mais e observa a risota dos circunstantes é que a vítima dá pelo lôgro e então é que percebeu a estupidez em que caíu e que as *gafanas* que lhe tiraram eram apenas uns pêlos das sobrancelhas! Hoje já isso não seria de estranhar desde que as senhoras deram em tirar as... *gafanas*, transformando os seus formosos olhos em olhos de vaca!

gaifonas — Fusquetas, salamaleques, gestos de desafio, feitos na frente de alguém para o arreliar. — «Deixa-te de gaifonas. Se tivesses mais um bocado de vergonha, trabalhavas em vez de estares para aí com engrimansos...»

gaitada — Repreensão, rabecada, desanda, descompostura.

gaitejar — Vadiar, andar à malta, andar ao laré. — «Parece que não tens que fazer! O teu serviço é andar a gaitejar duma banda para a outra, sempre de rabo no ar! Vê se tomas tento na bola! Nunca tens parança!»

galdéria — Mulher vadia, delambida, de comportamento duvidoso; tão certa como a água num cêsto.

galdrápio — «Assim que viu a gaveta a jeito deitou os galdrápios ao dinheiro e pirou-se» (deitar o *galdrápio*, deitar a unha, roubar).

galhardo — Bom, bonito, belo, vistoso, flamante. — «Estás um rapaz galhardo» — «O João tem agora uns bois galhardos» — «Ainda aqui devo ter um bocado de milho galhardo» (um bocado de milho bem bom).

Também se usa o nome de *galhardo*, para designar um dos bois da junta. O *cabano* e o *galhardo*; o *boirisco* (por *moirisco*) e o *galhardo*, etc.

galochas — Vergônteas novas, direitas, pujantes, principalmente das oliveiras, que se desenvolvem no ano seguinte ao do alimpo. — «As oliveiras que eu alimpei o ano passado estão muito bonitas! Têm cada galocha que é um louvar a Deus».

gambuzinos — Aves imaginárias com que se fazem partidinhas aos lorpas, que se querem armar em espertos. Ao cair da noite conduz-se o *espertalhão* a um sítio escuso, como o era dantes a Cova Alta, com os seus altos e escurecidos penedos e os seus medronheiros seculares, e, uma vez ali, coloca-se num sítio escolhido, de saco aberto e com uma lanterna acesa, emquanto os companheiros vão bater os matos dos arredores a-fim-de que os *gambuzinos* levantem vôo e venham precipitar-se no saco, com a maior docilidade, o que determinará depois patuscada de arromba, com a competente molhadura, que o *lorpa* pagará. Os companheiros vão-se escapando à surrelfa, e deixam o pateta que os acreditou, de saco aberto, até que, já farto de esperar e apercebendo-se do lôgro, manda ao demo os *gambuzinos* e já não vai ter com êles à taberna combinada, envergonhado como ficou da partida que lhe fizeram.

gáspeas de neve (não confundir com as gáspeas do calçado). Têrmo de comparação para uma coisa ou pessoa muito branca ou muito descòrada. — «A Rosa desde que esteve com as febres ficou branca como uma gáspea de neve!»

gateira — Buraco praticado nas portas, junto da soleira, pelo qual os gatos entram e saem livremente.

gatenho — Rasteiro; que não cresceu até à altura vulgar da sua espécie. — *Tojo gatenho:* espécie de tojo muito rasteiro, em oposição ao tojo alto e de potentes espinhos a que chamam *tojo bravo. Ervilhas gatenhas:* as que crescem pouco, dispensando os tutores a que se arrumam. — *Trigo gatenho:* espécie de trigo ribeiro de palha baixinha, que não atinge meia altura do trigo tremês, do trigo de barbas pretas, etc. (de *gato*).

gaurido (a) — Alteração de *gualdido*, empregada na frase: — «Sardinha que o gato leva, *gaurida* vai ela». — «Andas à cata do coelho que chumbaste?... Há que vaniços que êle estará gaurido!» (comido, papado).

gelmo — Criatura franzina; um débil-congénito; um paninho de armar. Animal raquítico, enfèzado, magro. — «Não façam mal ao pobre gelmo, coitado!»

genioso — De génio impulsivo, arrebatado, impetuoso. Homem que não é de águas mornas. — «É um homem genioso; não lhe morre o serviço nas unhas».

gineto — Gato bravo, tourão. Animal felino, entre o gato e o furão. — «Esta noite entrou-me o gineto na cortelha das galinhas e matou-me três».

gingar — Mangar, brincalhotar, não tomar a sério o que a sério se diz; fazer chacota, troçar, mofar. — «Põe-te a gingar e depois queixa-te ao papá!»

gonço (por *gonzo*) — Cf. *desengonçado*.

grama — Erva rasteira, de que usam muito em cozimentos, misturada com cevada, avenca, passas de ameixa, uvas, maçãs, etc. — Instrumento em forma de forcado, invertido, cuja parte mais extensa se encosta a uma parede, a-fim-de triturar as estrigas de linho, depois de serem maçadas. A parte que se encosta à parede, apoiada, do outro lado, no forcado que faz de pernas, é cavada em forma de V, ou calha, aguda, em cuja extensão encaixa uma espécie de comprida faca, que se chama *graminho*. Esta faca está sujeita à *grama* por um eixo e é accionada pela parte livre. As operações da *gramagem* do linho prestam-se a muitos ditotes trocados entre as mulheres que fazem êsse serviço.

gravanadas - Chuvadas quási sempre tocadas pelo vento, outras vezes acompanhadas de granizo, intervaladas com

olheiradas de sol. — «O dia está bom; se não fôssem estas gravanadas...»

gravanços — Grãos de bico, tomado como têrmo depreciativo. — «Jante cá, homem; temos aqui uns poucos de gravanços com arroz; foi o que se pôde arranjar, e viva o velho!» (Cf. o espanhol *grabanzos*).

gravaneiros — Quási o mesmo que *gravanadas*. São freqüentes os *gravaneiros* na Primavera, vendo-se às vezes a chuva a cair ao mesmo tempo que o sol dardeja os seus raios luminosos, encantadores, sôbre a terra que acorda para a vida. Os pastores alegram-se com êste tempo, precursor do verão, tempo de sestas, de colheitas, de serões com as descamisadas e malhadas... E cantarolam:

«Chover e a fazer sol!
«A raposa a balhar
«E a cantar o rouxinol».

grave — «Ah rapariga! para onde vás tu assim tão grave, tão bem vestida?... — Mas que grave que tu vens hoje!...»

gravelhos — A mesma coisa que *gravatos* e *gravetos*. Moitas a que já caíu a fôlha e que se vão ajuntar ao mato para trazer para casa, onde servem de acendalhos. — «Já que não tens que fazer, vê se vás buscar um braçado de gravelhos para o lume, ouviste?»

gravetos — Lenha miúda, para fazer atear a mais grossa.

grazinada — Chalrada; barulheira que os rapazes costumam fazer à saída da escola. — «A escola já acabou; devem ser três horas. Não ouves a grazinada que aí vem?»

grimpa — Cabeça, vaidade, orgulho. — «Tu agora andas muito emproada; mas se eu te vejo casada, logo abaixas a grimpa». — «Aquela tinha muita grimpa; mas já a perdeu. Não há nada como os trabalhos para a gente descer da burra!»

guiné — Sítio alto, exposto a ventanias, desabrigado; corrente de ar, — perfeito antónimo de *califórnia*. — «Tapa p'ra lá essa porta que vem aqui uma guiné, que se não pára». — «Tira-te dessa guiné, rapariga; quente do forno e ficas aí esmarrida. Assim é que se apanha um catarral». (Influência de *guinada?*)

I

ico — É o sufixo com que se formam os deminutivos familiares e mais ou menos depreciativos. *Ico, ica, icos, icas.* — «Trouxe-me um saquico cum nan sei canticas (não sei quantas, poucas) nozes e uns figuicos, qu'inté quem os comeu foi o mê Antonico».

imbutir — Comer de mais; comer sôfregamente; encher a pá do rabo; teimar em comer depois de se reconhecer que já não há apetite, nem necessidade de comer. (Em Angola, chamam os brancos sertanejos *imbutes* às plantas novas que servem para plantar no sítio em que hão-de ficar para crescerem. Que relação haverá?)

impalamado — Adoentado; emplastrado; engougado.

imprimar — Dar à lã a segunda cardada. Primeiro é escarduçada com a carda de bicos compridos; depois vai à segunda cardagem e é aí que se aperfeiçoa; chama-se a esta segunda operação *imprimar.*

imprir — Resistir. — «Eu não sei quem possa imprir com uma coisa assim».

imunicar — Enrolar desajeitadamente; apertar um lenço na mão; enrugar.

incumbado — Torto, no sentido de cima para baixo, em forma de arco levemente pronunciado.

indêz — O ôvo que fica no ninheiro da galinha para que ela continue a fazer ali a sua postura. Criança enfèzada, raquítica. — «Não sei o que hei-de fazer a êste indêz; está mesmo um pastel, cada vez mais magro».

infarnado — Impregnado, besuntado, untado. *Infarnado em vinho,* diz-se do que bebeu muito e tem o hálito de casco mal tratado. *Infarnado em cheiros,* diz-se do que foi a alguma festa ou feira e aparece em casa perfumado com qualquer mistela aromática que adquiriu e em que põe as melhores esperanças de se ver preferido pelas cachopas do lugar.

infarnar — Impregnar de azeite as seiras e outros utensílios do lagar, às primeiras moeduras que se fazem. Geralmente, a primeira azeitona que se moe é a dos *caroços,* isto é, a que é apanhada pelos olivais, da que o vento sacode, e que os mais pobres vão aproveitando para se regalarem também com a sua tiborna de azeite novo.

E, como azeitona de muita gente, serve para infarnar os utensílios, no que se perde muito azeite.

Quando não fazem moeduras de *caroços*, é uma moedura do dono do lagar, chamado *Senhorio*, que se faz em primeiro lugar, porque nenhum dos *fregueses* gostaria de que lhe fizessem uma das suas para que o seu rico azeite ficasse por lá agarrado às seiras, aos alguergues e às tarefas, medidas, engenho, etc.

infouçado (de *fouce*) — Curvado, emmagrecido, adoentado, ingoiado. — «Sempre estás um infouçado!... Come-lhe p'ra diente; cando não, vás p'ràs malvas. Se assim continuas, já não ouves o cuco!» (já não chegas à Primavera).

infundícias — A mistura a que abaixo se faz referência: água, urina sèdiça, excremento de porco e de galinha, e bôrras de azeite, — na qual se coloca a roupa em infusão a-fim-de lhe tirar as nódoas de gordura. E os princípios que as mulheres empregam lá têm o amoníaco, a potassa, a soda e outros produtos de saponificação. Quem lhes ensinaria esta química tôda?

infundir — Mergulhar a roupa na água em que se deitou uma misturada de bôrras de azeite, estrume de porco (excremento) e de galinha, e urina podre. A roupa fica nesta infusão (ou infundícias) até ao dia seguinte. É então bem esfregada nesta água de pestilente cheiro, passando depois a nova água, para lhe tirar o mau cheiro e a maior parte da porcaria. A esta água chama-se *esfregaduras*.

ingrezia — Barulheira, inferneira, grazinada de rapazes em liberdade; chalrada.

ingrilar — Ver com dificuldade, à custa de penosa aplicação da vista. — «Fartei-me de ingrilar, mas nan descobri nada».

injòrcar — Atamancar; arranjar atabalhoadamente; compor uma coisa apenas para remediar. — «Nan sei p'ra que estás a injòrcar isso; daqui a pouco tem de ser consertado outra vez...»

intejar — Aborrecer a comida; negar-se o estômago a receber certo e determinado alimento. — «Estive tão doente que até cheguei a intejar o leite».

intregado — Completo, perfeito. Muito usado na frase: — *inteiro e intregado*. — «Fui-lho levar inteiro e intregado».

inzemina — Ir à *inzemina*: ir ao padre para que êste o examine na doutrina, a ver se está capaz de casar. Hoje já se casam sem o exame, sem a doutrina, e até sem padre.

inzona — Tagatés, intrujice, mentirola para embaçar o parceiro.

inzonar — Fazer tagatés, enganar alguém com promessas falsas, mentirosas; meter macaquinhos no sótão.

inzoneiro — Aquêle que usa de tagatés, de sofismas, de mocanquices.

J

jagodes — Burro ordinário; nome que se dá a uma pessoa que se quere depreciar. — «Sempre estás um jagodes!»

jampalheirão (de *Jão* ou *João Palheirão*) — *Calmeirão*. Homem corpulento e desajeitado. *Panal de palha*, que para nada serve (note-se a paridade entre: *João Palheirão* e *Panal de palha*).

jamporrião — Refrêsco de água e aguardente ou vinagre e açúcar. — «Faz hoje muita calma; vê se me arranjas aí um jamporrião».

jimbrar — Correr às mil maravilhas; brilhar na sociedade. — «Aquilo agora já jimbra de outra maneira». — «Quem tem dinheiro é que jimbra».

jogalhar — Rebolar, rodar (segundo é esfera ou disco). Escorregar por um plano inclinado. — «Deitei-me a jogalhar pela ladeira abaixo e não aconteceu mal nenhum». — «Deita a bola a jogalhar e verás como ela corre». — Movimento que fazem as rodas de um carro quando desapertadas no eixo, jingando para todos os lados (de *jogar*?)

joina — A *joina* é uma espécie de morganiça de fôlha miúda, de flores rôxas, lindíssimas, que na Primavera cobrem as regiões onde vejeta. É daqui que deriva o têrmo *enjoinado* e *enjoinar* [1]. A joina, morganiça, alecrim e rosmaninho, são as principais espécies a que chamam vulgarmente *moitas* e constituem o mato das encostas. Na região denominada *a Corceira*, também se encontram muitas destas espécies, mas dá-se o predomínio do carrasco, tojo, sargaço, etc.

jones — Chapéu, chapéu pequeno, chapéu desajeitado e velho (importado do calão mindérico).

---

[1] *Enjoinado* — Emmurchecido, sem viço, prestes a secar.

L

labregar — Falar alto, discutir coisas inúteis ou dispensáveis; falaçar. — «P'ra que diabo estão vocês p'rài a labregar; era melhor cada qual ir à sua vida, e deixarem-se de mexericos».

lagareta e **lagariça** — O lagar de vinho. Nesta aldeia não há vinho, portanto não há lagares de vinho, lagaretas ou lagariças; mas, mesmo que houvesse, ninguém se atreveria a chamar-lhes *lagares*. Isso seria uma profanação. O lagar, essa casa negrusca, com um engenho de três galgas, duas varas que espremem o enseiradoiro de oito seiras, das quais vai escorrendo, brilhante, o azeite que é a maior riqueza, é para êles sagrado como um templo. Quando se pronuncia a palavra *lagar*, parece que se sente o cheiro da azeitona que as galgas vão esbagaçando!

laloeiro — Varapau, cajado comprido, varredoiro, etc. — «Se te não calas, pego daqui num laloeiro que te escangalho, ouviste?...»

lambaças ou **lambão** — Que come aporcalhadamente. Não é sòmente o que muito come, mas aplica-se ao que aporcalha os serviços que faz; lavajão, brutamontes (de *lamber?*)

lambarar — Espiançar, ir a casa desta ou daquela na mira de lhe darem qualquer coisa de comer. — «P'ra trabalhar não vem ela a minha casa; só aqui aparece para lambarar alguma coisa; a ver se lhe enchem a pá do bucho».

lambareiro — Guloso, espianceiro; o que aparece na ocasião da comida; o que se faz convidado para jantar, ainda que pouca seja a vontade de o sentar à mesa.

lambuça — Quási o mesmo que o precedente. O que, quando come, se besunta de gorduras ou de caldo.

lambuçar — «Que diabo, rapaz! Nunca és capaz de comer sem ficares todo lambuçado? Já é forte manha. A gente p'ra comer não é preciso lambuçar-se dessa maneira...» (Por *lambuzar*).

landeiro — Que é amigo de dar; que está sempre pronto a repartir com os que não têm. Árvore que produz muito fruto. — «Escusas de lhe azar a esmola, que a não apanhas, que êle é pouco landeiro» (por *alandeiro*, de *lande?*)

lapão — Brutamontes, estúpido, sujo, habitante das Serras de S. Bento a que chamam *o Sertão*.

laparão — Inchaço ou mesmo chaga, no lombo dos animais. Enfartamento das glândulas do percoço das bêstas.

laparoso — Chaguento, repugnante, mazelento.

larada — Resultado da evacuação do que anda com soltura.

larau — Lençolzinho com que se cobrem os alguidares do pão que leveda ou da carne que se deitou em *vinha-d'alhos*, por cima do *balau*, para se não sujar.

laréu o mesmo que **léu** — Andar ao laréu, à vela, à amostra. — «Não tens vergonha de andar com as pernas ao laréu!»

largar — Vender. — «Não me quis largar as oliveiricas senão a muito custo, e tive de lhe dar cinco libras por elas».

lascarino — Sem vergonha; cara estanhada; deslavado, atrevido.

lasim ou **lesim** — Fenda pequenina na tessitura da pedra ou do penedo; mácula; mazela por onde pode vir a destruïção de alguma coisa. — «Não faças aí o tiro que não serve de nada; ¿não vês que o penedo tem um lasim aqui dêste lado e que a fôrça da pólvora acode cá, e não o rebenta?...» (de *lesão?*)

lato — Ponta de corda, que serve para colocar no pano da cilha ou da sôbre-carga; arreata. (Alteração da palavra *látego*).

lava-cara — Reprimenda, descompostura, desanda.

lavaredas — Chamas; chamarelas; línguas de fogo. Homem de cabeça leve, doidivanas, sem assento, estarola.

lavarinto — Bulha; barulho; desordem; desarrumação; confusão. — «Por qualquer coisa fazem um lavarinto dos diabos». — «Deixaram tudo num lavarinto; não arrumaram nada». (De *labirinto?*) — Espécie de renda fina.

lazarar — Tremer com fome ou com frio, ou ainda com febre. Tremelicar de miséria. — «Anda sempre a lazarar com fome, coitado» (de *Lázaro*).

lazarento — Chagado, cheio de ferimentos e de miséria. Sarnento. (Aplica-se mais geralmente aos gatos e aos burros; parece que são estes os animais que maior desprêzo merecem depois de chegarem a velhos e de se impossibilitarem para os seus deveres...)

leifo e **leifinho** — Macio, leve, fôfo, vaporoso. — «O pão esta semana ficou-me tão leifinho que até parece pão de ló».

leiva — A porção de terra que se arranca com a enxada, com o ferro ou relha do arado, e que só com as chuvas do

inverno se desfaz, ou se esterroa com o ôlho da enxada. Quando as terras se alqueivam, no verão, ficam assim *à leiva*, para que o sol as beneficie, matando as raízes das ervas e fornecendo-lhes oxigénio.

lenço de cinco pontas — Os dedos da mão a que ainda muitos se assoam, por economia de tempo e de lenços. — «Olha: se êle refilar, dá-lhe uma assoadela com o lenço de cinco pontas» (dá-lhe umas bofetadas). Os serranos gostam muito e usam freqüentemente da linguagem metafórica.

lento — Não se emprega como *vagaroso*, mas sim como húmido, mal enxuto. — «Deixaste a roupa muito lenta, é capaz de ganhar bolor».

lentriscas — Os seios da rapariga adolescente. — As partes delgadas do toucinho da barriga dos porcos, quando se desmancham, e que, vulgarmente, se derretem para banha.

lentrisco — Arbusto pequeno de que se fazem vassouras para as eiras, ou para varrer as ruas nalgumas cidades, onde isso se usa já. Lentisco. (Não tem nada de comum com o *lentiscus* botânico que segrega um suco resinoso). Êste, pela aparência e pelo tecido da sua madeira, é muito próximo parente do aderne, mas com a fôlha mais comprida e muito mais delgada e fina que a da oliveira.

lépido — Ligeiro, delambido, esperto, que se saracoteia ao andar. — «Vens hoje muito lépida».

lestro (por *lesto*) — Usa-se muito na frase: *Pronto e lestro*. Ao terminar um trabalho, sacodem as mãos batendo-as uma na outra, e vem a frase consagrada: *Pronto e lestro!*

lêzaro — «Coitado do rapaz! Depois de tantas desandâncias, só lhe faltava aquilo!

— Que foi?

— Assombrado por um relâmpado, ficou lêzaro de um braço; ficou esquecido daquele lado, que até lhe custa andar!»

licranço — Réptil pequeno, que não mede mais de 25 centímetros, a que vulgarmente chamam *fura-matos* e *fura-panascos*. Tem a fama de ser terrìvelmente venenoso, de tal maneira que se roçar pela nossa pele é o bastante para produzir uma erupção incurável. Inofensivo.

linhas — Antigamente, e não se pense que vão decorridos mais de 70 ou 80 anos, era muito raro aparecerem linhas a vender na Serra de Santo António; e as primeiras que

ali se conheceram eram inglêsas, enroladas num cartão, que geralmente se adquiria em troca de um ôvo. Últimamente vieram caixitas azuladas, com um novelinho dentro, cuja ponta saía por um orifício feito na tampa da caixinha. Esta era ornada por uma gravurita que representava uma rapariga ajoelhada em frente de um cruzeiro rústico, e as linhas tinham como marca de fantasia: *Fil à la prière*. Eram francesas, e as nossas avós chamavam-lhes *linhas férreas*, por serem muito fortes, e eram, de facto. Os garotos chegavam a empregá-las como cordas das suas guitarras a fingir.

Eram as mulheres da aldeia quem fiava cuidadosamente e com a maior perfeição a sua estriga de linho para torcer em linhas. As brancas eram clarificadas com repetidas barrelas e banhos de luz; as castanhas eram tintas com o pó de fungão ou cogumelo especial para êsse fim procurado; e as pretas eram tingidas com uma combinação em que entravam diversas substâncias, entre as quais o anil, o pau de campeche e capa-rosa, ou sulfato de ferro. Eram as *linhas tintas*.

linhas-tintas — Os chouriços, farinheiras, negritos, etc., que são os enchidos vulgares dos fumeiros serranos. (Do calão mindérico).

lôba — Doença que ataca os asininos principalmente, e se manifesta como enorme chaga no peito do animal. De princípio, é uma espécie de eczema que vai alastrando e chagando, e se torna depois em ulceração crónica. Os serranos desconhecem remédio para esta doença, limitando-se a untar a parte ferida com o *unto-sem-sal*, que é a banha de porco sem sal, e, juntamente com o azeite, constitue um dos mais prontos remédios para grande parte das doenças que por ali se conhecem.

lôbo-manco — Trancalhadanças, desajeitado, rapaz corpulento, mas sem habilidade para nada. Que anda desajeitadamente.

lompreia — Mulher gorda e mole (como são quási sempre tôdas as mulheres gordas). Mulher que não prima pelo asseio do vestuário. (Alteração de *lampreia*).

lostra — Chaga muito grande e agravada. Úlcera purulenta. — «Como nunca se quis tratar com remédios da botica, fêz-se-lhe uma lostra na perna que o há-de acompanhar à sepultura» (de *ostra*?...) — Escarro.

lousa — Lura, toca, buraco na terra, cavado pelos coelhos, e onde a coelha grávida vai fazer o ninho e criar os filhos. Emquanto os filhos não nascem, deixam sempre a lousa tapada com terra; mas logo que êles nascem, deixam um buraquinho, para que o ar se vá renovando. É muito curiosa a forma como as coelhas fazem estas coisas.

M

machoqueira — Balsa, balseira, silvado, moiteira de carrascos, silvas e outros matos, onde a caça se pode esconder. — «Se as varas não ficarem armadas ao pé de uma machoqueira, assim do lado onde o sol bate de chapa, não penses em apanhar algum tordo».

madorna — Preguiça, sonolência, soneira (adaptação de *modorra*, que aos serranos não sôa tão pròpriamente).

maganagem — Ervas daninhas que a grade e o ancinho limpam da terra. — Pus que sai dos furúnculos ou bichocos.

maldita — Pequeno furúnculo, muito teimoso, que se cura com o tempo, quando não é agravado por qualquer atrito. É muito dolorosa a *maldita*, e pertence à classe dos ferimentos a que chamam *nascidas*, por não serem ocasionados por agentes externos; os que o são chamam-se *feridas*.

mal-empregado — Emprega-se êste têrmo irònicamente, como nestas expressões exclamativas: — «Mal-empregado se levas descaminho». — «Mal-empregado se não andas de corrente ao peito, à semana!» (ou em dia de semana).

malhetes — Dois pedaços de madeira ligados às mesas do carro (chedas ou chazeiros), para assentarem no eixo, que ali trabalha entre os còcões. São os còcões que sujeitam os malhetes às mesas do carro. O atrito do eixo nos malhetes é que produz o chiar característico dos carros serranos. A êste chiar especial chamam os boieiros *cantar*. — «O carro do João Valentim canta muito bem; não há aí nenhum...»

mama-cabra — Espécie de lagartixa de 20 a 30 centímetros de comprimento, amarelada, e com três riscas amarelo-claras no dorso, a qual goza do privilégio de sugar as têtas das cabras, sem que elas sintam essa ratonice.

manaça — Preguiçoso; pachorrento, que não quere trabalhar.

manaçar — Não querer fazer nada, andar à boa vida. — «Então hoje andas a manaçar?!...»

manguitos — Espécie de punhos de lã, que as raparigas usam nas manhãs frias de inverno, quando vão para os olivais apanhar a azeitona, por entre as leivas cobertas de geada. Como se disséssemos uns *mitenes* sem dedos e sem mãos... — Gesto vulgar, muito significativo, para calar maçadores, mas muito pouco cortês.

manjo — O animal que vem tomar da nossa mão, sem o menor receio, o cibato que lhe oferecemos. — «Êste carneiro é manjo; vem comer à nossa mão» (de *manjar?*)

Aplica-se, por semelhança, a pessoas:

— «Nan admira que êle a apanhasse; se ela era tan manja?! Era de crer!»

manteiga — As banhas do porco, juntamente com alguns pedaços de toucinho, perfeitamente derretidas ao lume, chamam-se, na Serra, *manteiga* e não *banha, pingue* ou *unto*, como noutras partes. A manteiga de vaca ainda ali não era usada há vinte anos (1936).

mantéu — Antiga saia (mais capa do que saia), que se atava à cintura com dois ourêlos, e fazia parte da indumentária feminina, no tempo das invasões francesas, juntamente com as roupinhas e a carapuça. O mantéu perdurou, como primeiro vestido de crianças de ambos os sexos, nos primeiros dois anos da sua idade, até há pouco tempo ainda. Devia ser muito curioso uma mulher de camisa de estôpa, lenço ao pescoço, carapuça enfeitada a trancinhas de côr, e de mantéu, com as chancas grosseiras, a caminho da missa, naqueles recuados tempos, já tão distantes da nossa actual civilização...

manucada — Mancheia; o que se pode abarcar com a mão. Manada (nos arredores de Leiria). — «Trouxeram-me uma manucada de nabos e foi isso que fiz para o nosso almôço».

maquia — Porção de género recebido pelo mestre do lagar ou pelo moleiro, em pagamento da moagem do grão ou da feitura da azeitona. — «Levas uma maquia, que te não ajudas a ela...» — Tareia, sova, comedia.

maranhoto — Feixe pequeno, pequeno molho de mato ou de lenha, que se traz em cima da cabeça, podendo trazer-se muito mais. O feixe que se fêz, pequeno de mais para as posses da pessoa que o há-de transportar, por preguiça, por mândria. — «Um tamanhão dêstes e não se envergonha de trazer um maranhoto de mato à cabeça!»

marianita — Transformação da palavra *marmita*. O povo, habituado às palavras *Maria* e *Mariana*, quando aprendeu, na tropa, o nome da caldeira de lata em que lhe davam o rancho, modificou-o logo para *marianita* e *marinita*. É uma espécie de panela de fôlha, sem asas, mas com um arco de arame, pelo qual se leva suspensa. Utilizam-na as mulheres para levar o jantar aos maridos e utilizam-na os serradores para cozinhar os seus alimentos; é, ao mesmo tempo, panela e prato...

marilho — Doença do gado suíno que faz que os seus excrementos saiam em bolas duras.

Quando os suínos têm *marilho*, costumam as donas de casa preparar uma bêta de lã suja, untada com azeite, que introduzem no intestino recto do animal, servindo-se de um talo de couve. Com esta lubrificação costumam os animais regular as suas funções intestinais.

marjavante — Mariolão; maltrapilho; maltês; matulão. Moinante; calatrão.

maromba — Trabalho apressado; lufa-lufa; azáfama; roda-viva. — «Não sei para que me serve andar sempre nesta maromba, desde o luzir do buraco até alta noite, pois não ganho mais por isso...»

marouço — Monte de pedras que se arrancaram numa arroteia, ou no amanho de um olival, mas dispostas em parga arredondada, e cercadas por uma parede bem feita, para se não arrasar. Debaixo dos extensíssimos olivais da Serra, vêem-se inúmeros grupos de *marouços*, tanta tem sido a pedra que por ali se tem mexido, arrancado e transportado para onde não possa impedir a apanha da azeitona e o amanho das oliveiras. Servem para sôbre êles se colocarem os sacos de azeitona, no tempo da colheita, a-fim-de que o gado que passa a não estrague.

marouvão — Matulão, marjavante, calatrão, manaça, preguiçoso; calmeirão.

marrada — Turrada que o boi, o carneiro ou a cabra dão com os chavelhos. — Pancada que alguém dá com a cabeça numa parede, num esteio ou numa árvore. — «Dei agora aqui uma marrada que ia partindo a carola!» — Porção de terra que ficou por lavrar em virtude de qualquer obstáculo, ou por qualquer fugida que os bois deram do rêgo, e que tem de ser cavada depois de se fazer a lavoira da terra. — «Aquêle lavra sem deixar marrada»: é o

mesmo que dizer «é cauteloso com o que faz; não deixa nada atrás». A *marrada* é maior que o *camalhão*.

marralheiro — Manhoso, astuto, vagaroso, velhaco.

marruncha — Corcunda; amarrècado.

mastronço — Homem desajeitado; calatrão, patêgo.

mataduras — Feridas nas cavalgaduras, produzidas pelo uso dos aparelhos e arreios, ou ainda pelas cargas que transportam. — «Traz o pobre animal cheio de mataduras, que é uma dor de alma, e mesmo assim não lhe tira o c. de cima, o mariolão».

mates — Duas malhas que se apanham com a mesma agulhada, quando se quere tornar mais estreito o tecido da meia ou da camisola. A biqueira faz-se a poder de mates, assim como a calcanheira se faz por meio de acrescentes.

matinada — Barulheira, algazarra, chalrada de crianças.

matinar — Teimar, instar, procurar convencer alguém; ralar-se para fazer compreender alguma coisa. — «Escusas de matinar...»

matulão — Jampalheirão, come-e-dorme, mariolão, marjavante, estroina, etc.

meda — Pequeno telheiro ou alpendrada, formado por três paredes, uma ao fundo e duas laterais, alongado, onde se recolhe o carro dos bois, a grade e o arado, para livrar estas abegoarias (como êles dizem) do sol e da chuva. — Porção de palha, de feno ou de mato, empargado e calcado, de forma que a chuva lhe não entre, mas que na Serra se não usa. Os pastos ali são relativamente poucos e arrecadam-se nos palheiros e respectivos sótãos.

medura — Evolução de *moedura*; a porção de azeitona que se lança no engenho ou moenda, para se moer por uma só vez. Na Serra de Santo António, uma moedura regular são vinte cêstos vindimos, cheios de azeitona, ou uns quinze a dezasseis sacos de cinco a seis alqueires cada um. É de ver que a moedura será uma quantidade tão arbitrária como o é a capacidade do engenho e a fôrça dos bois que o fazem mover. Nalgumas terras dos Bairros de Santarém, a moedura regula pelas mesmas quantidades, mas costumam dividi-la em duas *piladas* (de *pila*). Quando está meia moída a primeira pilada (meia moedura), lançam ao engenho a segunda, para assim se tornar mais favorável ao boi-motor. Na Serra ajudam essa ope-

ração lançando no engenho alguns cabaços de água quente, que ajuda a *deslaçar* a massa e alivia o animal da pesada carga.

melcatrefe — Patife, pelintra, maganote, cheque-neque.

melgueira — Abundância, fartura, mina. — «Agora é que tu descobriste uma melgueira que nunca mais se acaba!»

mei, tei, sei (por *meu*, *teu*, *seu*). — No dizer dos velhotes de algum dia, empregavam sempre estas alterações, mas com certa restrição. Diziam por exemplo: «o mê cão, o mê carro», e diziam: «o tê carneiro, o sê rabanho», mas referindo-se a pessoas de família, especialmente das mais antigas ou que já morreram, dizem-nos: — «Conheci muito bem sei pai! — Lembro-me muito bem de tei tio! — Ouvi muita vez dizer a mei avô que no tempo dêle ninguém comia com garfo, era tudo à mão».

merendeira — Pãozinho de trigo ou de milho que geralmente se coze, de propósito, para dar às crianças. As avós que têm muitos netos não se esquecem de cozer uma merendeira para cada um. Vid. *brindeira*. (De *merenda*?)

mesura — Curvatura de cabeça; cerimónias semelhantes às que os padres fazem nas igrejas. — «Deixa-te de mesuras e dize lá o que pretendes, homem».

mesureiro ou **misureiro** — Aquêle que todo se requebra para dizer alguma coisa, e muito especialmente quando quere ou pretende obter qualquer favor.

migalho — Bocado, pedaço, resto. — «Ainda haverá pão em casa? — Ainda aí há um migalho dêle» (de *migalha*).

miola — Medula dos ossos. — «Do qu'ê gosto mais é da queixada dos porcos, só p'ra le chupar a miola».

miôlos (nunca pronunciam miólos, a não ser tratando-se do cérebro). — «O mê almôço foi miôlos de broa num coisico de caldo que sobejou do jantar dontem». — «Só quem não tem miólos é que não gosta de miôlos bem azeitados».

môça — Criada de servir. Rapariga que serve mediante soldada, mais freqüentemente por ano que por mês, como se usa noutras terras. Era muito vulgar o ajuste *pelo S. Miguel* (29 de Setembro), a terminar no ano seguinte; e o pagamento era feito em dinheiro, *comedia* (vid. êste têrmo), dois fatos e um par de sapatos. Daí o ditado: — «Quem se ajusta pelo S. Miguel não se deita quando quer».

mocanqueiro — Mesureiro, que faz muitos tagatés ou salamaleques para conseguir alguma coisa; que se presta a «engraixar as botas de quem lhe pode vir a fazer bem ou a deixar qualquer coisa».

mocanquices — As mesurices que se fazem para agradar a alguma pessoa de quem se depende ou de quem se espera qualquer favor. As mesurices e mocanquices são quási sempre indício de velhacaria (de *macaquices*?)

mochila — Marruncha; corcunda que alguém leva. — «Chamar à mochila»: comer muito e com muita sofreguidão; comer aquilo que lhe não é destinado. — «Tinha ali um bocado de queijo para a merenda, mas tu já o chamaste à mochila».

mociço (por *massiço*). — Puro, sem mistura, sem ôcos. Denso. — «Êste leite é mociço; pode-o beber à sua vontade». — «Tenho um anel de oiro mociço». *Mociço*, referindo-se a leite, é o antónimo de *almícere*, ou *almece*. *Leite mociço* é aquêle a que ainda se não tirou nem a gordura, nem a caseína. O *almícere*, ou *almece*, é o sôro de que se desprendeu a gordura e o queijo.

modeio — Cão, cachorro, rafeiro. (É têrmo trazido do calão de Minde).

moega — Espécie de funil de madeira onde se deita o trigo e o milho, para que vá escorregando para o olhal da mó e possa ser triturado entre as pedras do moínho.

moeira ou **moira** — A vara mais comprida do mangual, que é uma das alfaias da eira para malhar o milho, o feijão, etc. O mangual compõe-se de uma vara que se empunha, a *moeira*, e, na outra extremidade, de um pedaço de pau mais curto e mais grosso que se chama *pírtigo* e a que os serranos chamam *prito*.

moirata — Dá-se êste nome à cabra que é mais escura para os quartos de trás e mais avermelhada para a frente.

mondonga ou **mandonga** — Mulher gorda e pouco asseada; mulher que, na lida da casa, tem por hábito limpar as mãos aos lados da saia. (Têrmo que deve ter vindo do sul de Angola, onde habitam os Mundongos, na região do interior de Mossâmedes).

morar — Servir por soldada; estar a morar com alguém é o mesmo que estar a servir. — «Não estou cá a morar; se faço alguma coisa é porque é muito da minha rica vontade». — «Tenho outra irmã, mas está a morar em Almeirim».

morrinha — Doença que vai dizimando os animais; epidemia do gado doméstico. *Carne morrinha:* a que não foi morta segundo os costumes da terra ou as prescrições da sanidade pública. — «Deus me livre! Eu?... Eu comia lá carne morrinha?... Antes queria morrer de fome. Olha lá...»

moscar — Diz-se dos bois que, no verão, acossados pelas picadas de certa espécie de mósca, desalvoram, correndo, até cansar, ou até que, pelo contacto com qualquer arbusto ou erva, a mósca se desprendeu do corpo do animal, aliviando-lhe o efeito da mordedura. Porque esta espécie de móscas só picam com o sol forte, ali pela hora do meio-dia, os serranos empregam o seguinte modo de dizer para significar o sol: — «Hoje levantei-me ainda se viam estrêlas no céu», ao que o outro atalha: — «Pois eu levantei-me com a *estrêla com que a boi mosca*», isto é, *já sol alto.*

mover — Emprega-se no sentido de abortar e não em qualquer outro. — «A minha vaca moveu; foi um prejuízo de umas poucas de libras».

musga — Têrmo que se emprega na frase: — *Estar à musga,* estar sem comer nem beber. Emprega-se especialmente quando nos referimos a animais. — «Foram-se embora e nunca mais pensaram no gado que p'rài esteve *à musga* todo o santo dia!» — «Vai deitar *bandeiras* aos bois, coitados, que estão *à musga* desde ontem à noite e têm de ir para a labuta do arado!»

N

nana — Designa-se por esta palavra o sono das crianças. O *ó-ó* que fazem os meninos. — «¿Vamos fazer uma nana, meu filho?» Também se emprega como *não* numa frase muito usada, como quem não concorda com a proposta: — *Então nana? (Então, não?)*

nascida — Ferida que apareceu no corpo sem que a produzisse qualquer agente externo. Chaga proveniente de infecção interna.

negalho — Resto, pedaço, rebotalho, desperdício. — «Não se vêem senão negalhos de pão por tôda a banda!»

nêja — O mesmo, ou quási o mesmo que *nanja.* Os dicionários registam *nanja* e não registam *nêja.* O *nanja* filiam-no

na conjunção dos advérbios *não* e *já*. O *nêja* tem outra filiação: — *não seja*, que eu suponho de mais fácil justificação. Se não, vejamos:

— «O tio quere-me dar uma lembrança; *nêja* eu que a aceite».

— «Antão vão tôdas às festas? (nunca se emprega o singular); *nêjas* tu que lá faltes!»

Ora há aqui um plural; portanto ficamos sabendo que se não trata de um advérbio que é invariável; vê-se claramente, o *não sejas tu*...

Poderemos admitir uma semelhança com o *nanja* dos dicionários; mas a mesma coisa não é.

ninheiro — O ninho de palha que é costume arranjar-se para que as galinhas ali vão pôr. O ôvo que é costume ali colocar-se para que a galinha vá sempre ao mesmo sítio, chama-se *indêz*.

nòrisma — Bebedeira, cardina, tòsguinha, piteira, touca (Influência de *aneurisma*?)

O

oca — Tinta amarela com que algumas mulheres pintam as cozinhas interiormente, a-fim-de se não perceberem tanto as manchas do fumo. As mulheres verdadeiramente asseadas caiam as suas cozinhas de branco; e, quando o fumo as mancha, voltam a caiá-las. *Ocre*.

olhalvo — O animal de côr escura que tem as olheiras de côr mais clara de que a usual. Animal que tem um círculo ou coroa circular, branca, em volta dos olhos. Animal que tem uma malha clara, apanhando-lhe um dos olhos.

ôlho-de-boi — Orifício redondo no outão de uma casa, que serve, geralmente, para dar ar a um sótão. — A antiga moeda de cinco tostões em prata. — «Ganhei um ôlho-de-boi (ou uma caliça) num instante».

onça — Pêso antigo que regulava por 30 gramas. Pacote de tabaco do mínimo pêso que se expõe à venda. — «Assim que soube que êle tinha chegado, fui logo a casa dêle; não me pesava o pé uma onça».

orça — Cavalo grande e gordo. Mulher corpulenta e gorda. — «Desde que se casou, anda gorda que nem uma orça inglêsa». Das antigas *orças* que puxavam à mala-posta,

e foram a admiração da gente das aldeias por onde tal carripana passava (do *horse* inglês?)

orçar — Medir e assentar moldes sôbre a fazenda, de que se há-de cortar qualquer prenda de vestuário. — «Estou aqui farta de orçar e ainda não sei bem se esta flanela me dará para duas blusas para as minhas raparigas».

otar — Tirar as impurezas que se vão juntando a um lado do crivo, quando se joeira o trigo. A mulher que sabe joeirar consegue juntar num pequenino espaço tôdas as impurezas que o trigo contém e não passaram pelos raros da joeira ou do crivo; e, com a mão, tira-as cuidadosamente, continuando a joeirar para que novamente se junte mais um montículo.

outão — Empena. Ponto em que se apoiam as duas extremidades da trave. Vértice. Junção das duas tacaniças. — «¿A casa que o teu pai fêz agora de novo é outão corrido ou é subeira?... — Nah! É outão corrido». Quere dizer que foi construída junto à que já existia, prolongando-a no sentido do comprimento.

P

padeiro — O homem que faz o pão. O traseiro, as pousadeiras. — «Escorregou e bateu com o padeiro no chão que até mudou de côr».

palmatorada — Pancada com palmatória. Nunca os serranos se resignarão a derivar de *palmatória* o vocábulo *palmatoada*. Falta-lhe ali um *r* que êles não dispensam. Depois, ligam ao têrmo a significação de *tora* (levar uma *tora*), e não há quem lhes faça abolir o *r*, e talvez tenham as suas razões, porque o *r* é letra própria, sempre que se trate de ralhos e das subseqüentes tareias.

palonga — Pangaluna; mandrião; palerma.

palonso — Estontelado; mentecapto; adoidado; falto de juízo; demente.

pampordeus — Os bôlos, a fruta, ou dinheiro que se dá às crianças no dia 1.º de Novembro, quando vão pelas portas, com o cestinho ou o saco no braço, ricas e pobres, gralhando:

«Ó tia, *pampordeus!*
«Se o tem e o não quere dar,
«Os ratos lhe comam a massa do alguidar».

É êste um uso curioso, se bem que um pouco deprimente, na nossa idade, porque traz certas reminiscências da pelintrice do nosso povo, no tempo em que só os ricos recebiam o oiro do Brasil e só os pretos de Angola é que trabalhavam nos campos, ao passo que a classe que poderia considerar-se média estoirava de fome, se não fôsse a pedincha de porta em porta e o caldo dos conventos, dado com o fim de os tornar toleráveis aos olhos do povo que sabia muito bem o que ia lá por dentro... — *Pão por amor de Deus.*

pampulhada — Pontuada com pau. Cornada de boi. Investida ou arremetida violenta. — «Quando mal me precatava, atirou-me uma pampulhada, que, se não lhe furto o corpo, varava-me de um lado ao outro. Nah! É preciso cautela co'êsse boi!» (por *pampilhada?*)

panca — Êste vocábulo que não conheço como fazendo parte dos têrmos consagrados da língua, usa-se na frase: — *Estar à panca;* o mesmo que estar à espera de quem se demora muito. — «Tu lá dentro, muito descansado, a comer e a boêr, e eu aqui *à panca*... Deixa estar que, para a outra vez...»

pângaluna — Palerma; pacóvio; homem dado à boa paz; o que se não importa muito que a água corra para cima ou para baixo. (*Pângui*, em Kimbundo, quere dizer amigo. Benguela e dali para o sul).

paninho de armar — Mulher débil, fraca, adoentada, de compleição melindrosa. «Sant'antoninho-onde-te-porei». — «A Maria Rosa está mesmo um paninho de armar; parece mesmo que lhe não toca uma réstea de sol!»

pano apisoado — O chamado *pano de varas*, depois de ir ao pisão, para encorpar e alisar, a-fim-de ficar mais próprio para os fatos dos homens. Durante muito tempo (ainda me recordo), os serranos não iam à loja buscar nada para se vestirem, salvo os botões e as agulhas. Com a lã das ovelhas pretas faziam o pano de varas, pano apisoado, para as calças e para a jaqueta; e, para variar um pouco, e mesmo (porque não?) por um pouco de luxo, da lã das ovelhas brancas faziam o pano azul (com a mesma contextura e trato), de que eram talhados os coletes. E faziam um figurão. Do linho das suas terras fabricavam as mulheres o belo pano de linho para as camisas e o pano de estôpa para as ceroulas e as linhas

com que se cosiam. E o que é certo é que nesse tempo sabiam êles «as linhas com que se cosiam», porque não eram linhas de partir com duas razões. Para as obterem pretas era à fôrça de pau de campeche e um cheirinho de capa-rosa; para as de côr de castanha usavam uns fungos que se apanham nas terras e de que faziam uma tinta que não desbotava. As agulhas é que não faziam, mas faziam, em épocas mais atrasadas, botões de couro, de chifre e de ôsso, e houve tempo em que os pastores chegaram a servir-se de agulhas feitas de madeira de urze...

pano de varas — Vid. *pano apisoado*.

panturra — Aquêle que, valendo pouco, pretende inculcar-se de pessoa importante.

parga — Monte; montão; a moreia de palha que se junta ao lado da eira, a seguir à debulha do trigo.

parisal e **parisel** — Garotoilo alto e magro, escanzelado. — «Por mais que cômas, não passas de ser um parisal que não vales dez réis».

parrana — Aparvalhado; mandrião; molangueiro; manaça; calatrão. — «É mesmo um parrana, que não tem jeito para nada».

parrameiro — Broínha amassada com azeite, para o que se aproveitam os arrapalhos do alguidar, e se coze junto da braseira do forno. — A vulva da criança. — «Ó rapariga, vê se me acautelas essa saia; por mais um pouco amostravas o parrameiro».

pastel — Pessoa que come debicando, sem apetite; pessoa niquenta.

patacoada — Pilhéria em que se quere mostrar a importância de alguém. Barulho, estropeada que alguém faz correndo (de *pataco*).

patamal ou **patameiro** — Chiqueiro, lamaçal, sítio exposto à freqüência de animais e pessoas, no qual se vão aglomerando lixos e dejectos. Sítio mal limpo. — «Já hoje esfreguei esta baranda e já a encontro num verdadeiro patamal».

patracol — Embrulho, volume que se leva debaixo do braço; taleigo. — «Deixa aí isso que logo o levas; escusas de ir agora com êsse patracol debaixo do braço (de *protocolo?*)

peganhento — Pegajoso; diz-se de qualquer coisa que cria uma lia mais ou menos gomosa, como o queijo.

percial — Homem cordato; prudente. Homem que se dá com tôda a gente, sem olhar a classes ou a teres.

pesga ou **pezga** — Uma colagem em que entra o pez e o azeite para brear os odres e borrachas, interiormente, a-fim-de os tornar aptos para levarem vinho (de *pez*).

pêta — A *orelha* do podão, com que se pode cortar, quando se não quere usar o *peito*, ou quando o corte a êste se não ajeita. A parte do podão em forma de machadinha.

petisco — O isqueiro, o fuzil e a pederneira para *petiscar lume*. — «Trazes aí o teu petisco? Deixa-o cá ver para acender esta beata».

pícaro — O pedúnculo do figo. Para se significar que, nas serras, onde nada se encontra que comer, não há nada que não saiba bem, é costume dizer-se: — «Os figos na serra não têm pícaro».

pifre — Pífaro, ou pífano, de lata, de cana ou de madeira de sabugueiro. O *pifre* difere da flauta apenas na maneira de o tocar, porque, quanto ao tamanho e quanto ao número de buracos, vem tudo a dar na mesma. O pífaro toca-se introduzindo na bôca o bocal de forma de cunha como se fôsse um clarinete; e a flauta toca-se soprando lateralmente, no sentido perpendicular ao eixo do orifício a que chamam *ouvido*.

«Dizem que o berimbau é gaita;
«Mas é 'strumento real.
«Toca-me nessa folaita
«Que se oiça em Arrimal».

pilha-cadelas — Andarilho; pessoa que não pára; indivíduo que dá muitas voltas à procura de mulheres. Chavanisqueiro.

pilha-galinhas — Ratoneiro, larápio, gatuno.

pinheira — Diz-se da cabra que tem os chifres muito aprumados, apinheirados.

pino — Ponta de cana que os sapateiros utilizam como um prego para sujeitar a sola à palmilha quando *enformam* o calçado. — Posição em que os rapazes se colocam, apoiando as mãos e a cabeça no chão e mantendo os pés no alto, com as pernas aprumadas. — *Jogar o pino:* dar cambalhotas, voltando a cabeça por debaixo do corpo. — *Segurar o pino:* conservar-se com as pernas ao alto.

pinta — Franga pequena. — Sinal que alguém apresenta no rosto ou nos braços. Sinal que determina uma raça ou uma família. — «Tu és da família de F... Tiram-te bem pela pinta» (No Pôrto e nos Açôres é têrmo indecente).

piorno — Coisa amarga. — «Isto amarga como piorno». Giesta de que se fazem vassouras e de que os rapazes, aproveitando-lhe as hastes fininhas e colocando-lhes uma bola de barro que deixam secar ao sol, fazem os seus *foguetes*, atirando-os ao ar alegremente, emquanto, com a bôca, imitam os estalos das bombas...

pireza — Na frase: *pôr-se na pireza*: raspar-se; escapulir-se; esgueirar-se.

pisão — Sítio ou máquina onde se vai apisoar o pano (Veja-se *pano de varas*).

pisgar-se — Escapar-se; fugir; esgueirar-se.

portal — O vão destinado a receber a porta da casa. Compõe-se de quatro pedras, divididas em dois pares: um de pedras mais compridas e outro de pedras mais curtas. A soleira da porta, aquela sôbre a qual passamos para entrar em casa ou para sair dela, chama-se ali o *batente*, ou o *rebate da porta*. — «Olhe, comadre: venha para aqui para o meu rebate que aí no seu já não faz sol. Sente-se aqui no meu batente e converse um pouco co-a gente». A de cima chama-se *verga* e *padieira* ou *paveeira*; e as que ficam dos lados chamam-se *prumos* ou *ombreiras*. — Abertura praticada numa parede de um chouso ou de qualquer terra, por onde se entre e sai. Quando se quere entrar com o carro ou com qualquer animal, abre-se o portal, retirando para os dois lados dêle tôdas as pedras que o tapavam; à saída, faz-se o contrário: com as mesmas pedras tornamos a tapar o que havia ficado às escâncaras.

portela — Portinha; entrada de uma garganta ou desfiladeiro. Alto de uma serra à descida para um vale.

portêlo — Portela pequena. Porta estreita para se entrar numa propriedade.

portinhola (1) — Espécie de adufa ou cancela de madeira que se coloca entre os taipais do carro, adiante e atrás, para formar a arca do carro de bois, a-fim-de se poder transportar azeitona, areia, terra, estrume, maçarocas de milho, etc.

portinhola (2) — Espécie de pala, ou carcela, colocada de baixo para cima a-fim-de tapar a braguilha das calças, de há

muito em desuso na Serra. Calças de portinhola (Ainda há uns 40 anos havia dois ou três vèlhotes que usavam calças de portinhola).

pouso — A mó de baixo; a que se conserva fixa, para sôbre ela rodar a outra. O pouso é muitíssimo mais grosso que a mó. Lugar em que se coloca o jogador *que ficou* no *jôgo do couto* ou *das escondidas*.

p'r'amor-de — Por amor de... por via de... por causa de...

p'r'amordeus — «Dê-me almacoisinha p'r'amordeus!» É a lamúria com que os pedintes ali se dirigem às portas a pedir, e, sabendo que aquela gente é muito religiosa, assim que lançam êste apêlo à benevolência e generosidade alheia, começam logo: — «Por alma das suas obrigações, por amordeus, padre-nosso...», e rezam uma enfiada de padre-nossos, em que relembram todos os defuntos da casa, emquanto não chega a esmola. Se é uma golada de azeite que lhes deitam no cantil... vá, seguem sem novidade, mas se a esmola consta de um punhado de batatas, suspende-se imediatamente a reza e vão andando e soltando um verdadeiro rosário de pragas a quem os carregou com coisa de tão minguado valor.

prito — A vara mais curta do mangual. A mais comprida chama-se *moeira*, ou *moira* (Vid. *moeira*). Pírtigo.

p'romodo — Expressão que termina quási sempre a afirmação que se faz sem se ter a certeza no que se afirma. Equivale a *consta, dizem*. — «O Manuel já veio?... Já aí está... p'romodo; que eu ainda o não vi». — «Já se não faz a festa do verão, p'romodo» (pelos modos; ao que consta).

pronóstico ou **prumático** — Homem afectado no trajar; aperaltado; aprimorado; janota. — «¿Onde vais hoje, que estás tão pronóstico?...» Prumático (de *diplomático?*)

pua — Palheta que faz parte do pente do tear, destinando-se a separar os fios dos cabrestilhos que, por sua vez, constituem a urdedura da teia.

puridade — De propósito; exclusivamente com um fim. — «Vim aqui de puridade para te contar isto».

pustela — Pùstulazinha, a crosta que se forma após um ferimento que interceptou a pele.

Q

quartel — Quarto pequeno. — Qualquer refeição. O quartel da manhã, ou o primeiro quartel: — o almôço. Na Serra costumam comer-se três quartéis cada dia. — «Eu quero que vòcês comam à hora dos quartéis; êsse costume de andar a comilhar pela roda do dia há-de acabar». — A quarta parte do dia de trabalho. — «Os homens só puderam fazer três quartéis por via da chuva». É o mesmo que dizer que trabalharam desde manhã até meio da tarde.

queijo — O traseiro; as pousadeiras. — «Anda por aí a rebolar o queijo e a respeito de serviço... os outros que o façam».

queimada — O fogo que se lançou aos restolhos ou fenos velhos para que, na Primavera, recebolem os pastos. — «¿Vês aquêles enormes clarões lá para as bandas do Alentejo?... São queimadas que os pastores fazem para terem depois melhores ervas para o gado». — «Na Corceira anda uma grande queimada! Deus queira que ela não dê cabo de algum olival».

queixas — Uma das partes do tear, onde se coloca o pente. Como o pente tem dentes e é colocado entre os dois *queixos* do tear, por semelhança lhe chamaram as *queixas*. É a puxar por elas que a tecedeira faz que o pente bata no fio de tecer para fazer o tecido mais compacto. As *queixas* estão pendentes da travessa e giram entre o órgão de diante e o de trás.

quilhar — Matar. Lixar. — «Se tornas lá a meter as cabras no meu cerrado, quilho-te». Êste têrmo deve ser importação do inglês *to kill* e, certamente apanhado aos soldados do exército anglo-luso, no tempo das invasões. E, como êste, temos ainda os *butes*, ir para a *chulipa*, as *chulipas* do caminho de ferro, do verbo *to sleep*. Temos o *chumeco*, o *bote* e tantos outros vocábulos.

R

rabialvo — Animal escuro que tem a ponta do rabo branca. — «Os carneiros que comprei são todos rabialvos; e um dêles é calçado dos pés e outro é estrelado». (Já se sabe que os carneiros eram pretos, mas apresentavam as manchas brancas apontadas).

rabicho — É o animal que não tem rabo, ou porque lhe caíu por efeito de qualquer doença, ou porque lho cortaram, como sucede com algumas raças de cãis e com as ovelhas.

rabilongo — Que tem o rabo comprido. É costume, na Serra, para facilitar a ordenha e para tornar esta operação mais asseada um pouco, cortar o rabo às ovelhas, emquanto são pequeninas; mas, como nalgumas terras não há êsse costume, porque, dizem, o rabo também dá lã, as ovelhas que aparecem de rabo por cortar, ou de rabo comprido, são *rabilongas*.

rabisco — O resto de fruto que ficou depois do dono fazer a sua colheita. Vareja-se uma nogueira; depois disso, se o dono vir andar os rapazes em cima dela em busca de qualquer noz, nada lhes diz. — *Andam ao rabisco.* O mesmo sucede quando se acabou a apanha da azeitona. A que fica é de quem a apanhar, e é a isso que se chama *rabisco.* Há ali quem não tenha olivais e consiga ajuntar azeitona que dê 15 e 20 litros de azeite. Não há muito, as autoridades proïbiram aos lagares que recebessem azeitona a pessoas que não tivessem olivais, a-fim-de evitar os roubos. Os furtos de azeitona não se evitaram, porque há sempre quem os compre, e os pobres ficaram privados de ir ao *rabisco,* aproveitar a azeitona que fica perdida e a ninguém aproveita. Medidas como estas é que revoltam os pobres, fazendo-os maus.

regôas — Rachas, estaladelas, fendas. — «Os figos já estão regoados que é um regalo vê-los» — «A broa esta semana ficou-me regoada; a massa estava alguma coisa mole, ao tender».

reguingar — O mesmo que sarnir, resingar, moer a paciência, maçar, secar os fígados de alguém...

reima — Veneno, princípios indigestos ou reimosos. — «Êsse pepino é preciso debulhá-lo para estar de môlho a largar a reima». — «Não cômas sardinhas que são muito reimosas».

rejeitar ou **arrejeitar** — Arremessar com fôrça, e quási rente à terra, pedra ou cajado, sendo mais aplicável a pau que a pedra êste têrmo. — «Arrejeitei-lhe o cacete, que, se êle não foge...»

relampadejar ou **relampejar** — Dar relâmpagos, fazer relâmpagos.

relaxado — Ordinário, mariola, patife. — «Sempre és muito relaxado!» — Dobradiças, gonzos ou lemes que se desgastaram de mais e já não *tem rigor*. — «Esta fechadura já está relaxada, abre-se mesmo sem chave».

renger e **ringir** — Ranger. — «Não me estejas a renger os dentes, que eu não tenho mêdo de ti!»

rescender (1) — Cheirar. — «Ó comadre, o seu jantar cheira que rescende. Não se me dava nada fazer-lhe companhia a êle».

rescender (2) — Descender, ter origem, ser oriundo. — «Não admira, êle ainda rescende daquela gente lá da Beira...» — «A briga que nós tivemos rescendeu daquêle negócio das cabras, da outra vez, lembras-te?...» — «Isso é má rôlha! Êle rescende lá de casa de mil diabos... ¿sabe-se lá de que família êle é?»

resingar — Maçar alguém, sarnir, moer, repetindo sempre a mesma admoestação ou censura. Matar o bicho do ouvido. — «Desde que chegou a casa, começou a resingar, que nunca mais ninguém o calava, mas eu... nem piu; quando se fartou de falar às paredes, calou-se».

restêlo — Instrumento de tecedeira, que é um dos acessórios que se empregam para guiar os cabrestilhos, quando se está a carregar o tear com a teia já urdida. É uma espécie de pente, de madeira, com os dentes separados uns dos outros, obra de três ou quatro centímetros, dentes que estão implantados numa das partes, ficando livres na outra extremidade, que se introduz numa ranhura da outra peça. O restêlo abre-se e fecha-se como se fôra uma navalha.

resteva — Restolho em que o pasto é abundante. Terra onde ficou muita erva ainda fresca, depois de fazer a colheita do cereal. — «Êste ano tens tu aqui uma bela resteva para o gado; quási que não precisas de ir com êle para a *ribeira*».

retenir — Tocar fortemente; som que retine: estridente.

«Toca-me nessa guitarra,
«Que ma faças retenir:
«O meu amor anda longe,
«Quero que o faças ouvir...»

rexelo ou **rechelo** — Carneiro, cabra, ovelha, borrego, cabrito, etc. (de *reichelo?*)

ribeira — Sítio húmido e fresco, perto de correntes de água, para onde os serranos transportam os seus gados de verão, não só pela falta de água para êles, mas por falta

de pastos. — «Agora tem ela ali uma *ribeira*, como ela nunca esperava...» (Agora está ela na fartura).

rilar — Emprega-se sempre em vez de rilhar. *Rilhafoles*, diz-se ali *Rilafóis*. — «Quem não tem carne rila os ossos».

rima — Parga, montão, ruma, meda, etc. — «Tens aí uma rima (ou ruma) de lenha que te chega para todo o inverno...»

riscada — Diz-se da cabra que apresenta dois traços de côr diferente da da sua pelagem, dispostos verticalmente, entre os olhos.

riscadilho — Tecido de linho e lã, urdido em algodão, de que se faziam saias de mulher, travesseiros e até colchões. Era um pano tão usado que não havia rapariga ou mulher que não apresentasse a sua saia de *riscadilho*, espécie de saia de baixo, imprescindível a quem se sabia vestir. Hoje já está quási em desuso.

roca — Simples instrumento de fiar, que se compõe de uma haste de madeira a que se adaptou uma rodela de cortiça, em volta da qual se sujeitaram umas varetas de cana, e às quais se enrola a estriga de linho ou o *armo* de estôpa. Em volta ata-se o cintal que se segura com a agulheta.

rocas — Espécie de coscorões que, talhados com a carretilha, ficam do feitio de uma grade agrícola.

rodilha — Pano de cozinha. Toalha velha.

rodilha feitiça — Rodela que as mulheres fazem para colocarem sôbre a cabeça, a-fim-de melhor suportarem a quarta de água, a gamela, ou o alguidar de roupa. Rodilha. Sogra. (Em Leiria, onde lhe chamam *rodelas*, fazem-nas muito artísticas. Aqui são feitas de qualquer enchimento de pano e recobertas de ourelos de côres).

roupinhas — Espécie de casaquinha, muito justa ao corpo, semelhante a um *frack* sem abas, abotoado à frente, na cintura com um ou dois botões, deixando abertas as bandas; e para que os seios não ficassem desacautelados, usavam as mulheres, como complemento de vestuário, um vistoso lenço de ramagens, ao pescoço, traçado à frente, tapando o peito. Usaram-se roupinhas até 1880, mas o mantéu e a carapuça, que também faziam parte do vestuário feminino, deixaram-se de usar 50 anos mais cedo.

roupido — Vestido; enroupado. — «Êle parece que se não deu por lá muito bem. A fartura não devia ser muita; vinha tão mal roupido, coitado!»

roupir — Vestir, fornecer fato e calçado. — «Ajustou-se por um ano, mas os amos têm de o roupir».

roxio — Forma correntia da palavra *rossio*. Terreno público, dentro do povoado, por onde fossam e passeiam os porcos e debicam e se espanejam as galinhas.

S

saltadoiro — Uma parte mais baixa, na parede, geralmente provida de umas pedras salientes que servem de degraus, por onde se salta ou transpõe o muro de uma propriedade. — «Se fôres à eira, não te esqueças de pôr o azerve no saltadoiro».

salvar — Saltar por cima de um obstáculo sem lhe tocar. — «¿Não és capaz de salvar esta fogueira, pois não? — Sou muito bem capaz de a salvar sem me queimar».

samoucal — Pau, cajado forte, de respeito. Tira-teimas. Os frades da Serra chamavam a esta arma primitiva um *timebunt gentes;* mas esta designação escapou à fraca erudição do povo serrano. Êste vocábulo provém de uma região denominada *Samoucal*, onde antigamente se cortavam magníficos cajados de carvalhiça, azinheiro ou zambujo. Mais ou menos tortos, os serranos levam-nos ao forno, ainda verdes, a-fim-de os endireitarem com facilidade. Depois besuntam-nos de cal viva, que lhes dá a côr avermelhada. Um pano untado de azeite faz o resto.

sanfona — Homem maçador; pessoa sem crédito, sem responsabilidade; aquêle que não sabe alinhar duas frases, ou que repisa o que diz.

sanguinho — Arbusto de fôlhas ovaladas e ligeiramente serrilhadas, de madeira de um amarelo vivo e que, exposta ao ar, se torna escura, devido isto ao tanino que contém. (Sangüíneo). O mesmo que *zanguinho*.

sanjoão — As regras femininas.

sansadorninha — Môsca-morta; mulher que parece que não parte um prato; papalva; preguiçosa ou velhaca, ou uma coisa e outra.

sape-gato — Palmadinha que se dá em alguém, ou por brincadeira, ou como provocação. Palmadinha na mão da criança: como se se desse num gato (*sape* é a palavra com que se enxotam os gatos).

sara — Chama-se assim à cabra que tem as orelhas de côr pigarça, ou sal e pimenta, excepto quando todo o corpo do animal seja dessa côr, que então trata-se de uma cabra *azuleira*.

sarnir, sarrazinar ou **serrazinar** — Rezingar; sesinar; repisar muito o que se diz; pegar por tudo; aproveitar tôdas as coisas para ralhar, sem outra intenção que não seja incomodar a pessoa ou pessoas que ouvem.

sebocado ou **sebucado** — «Apareceste tão de-repente que até fiquei sebucado» (adaptação de *sufocado*).

sêda de água (ou *sêde de água?...*) — «Fui a casa dela algumas vezes; pois nunca me ofereceu nem uma sêda de água...»

sedeiro — Estrado de madeira que as mulheres seguram debaixo da barriga das pernas, quando sentadas no chão, tendo ao meio um cepo crivado de bicos ou puas de aço, por onde se faz perpassar a estriga de linho para o separar da estôpa. A primeira estôpa que se tira chama-se *tomentos*.

segurelha — Peça de ferro em forma de picola, ou de X, que, colocada na extremidade do veio do moínho, e introduzida numa cavidade da mó, faz girar esta sôbre o pouso.

seivar ou antes **ceivar** — Tratar dos bois em jornada. Descansar para dar de comer ao gado. — «São horas de seivar; vamos aproveitar estas sombras, tanto mais que temos aqui água perto...» (de *ceva* ou de *seiva?*)

selado — Curvado, apresentando uma depressão como se fôra uma sela. — «Êste cavalo é muito selado».

serigaita — Mulher metediça, que anda constantemente a chavaniscar de casa para casa, para ouvir e contar; quadrilheira.

serigóla — Correia que, partindo de uma das faceiras da cabeçada do animal, passa por debaixo dos queixos para ir afivelar do outro lado.

sineta — Sino pequeno. Saia muito rodada e curta. — Pequeno copo de aguardente, que nos bons tempos de antes da guerra se pagava com dez réis. Dez réis dela, uma *sineta*, ou uma *chineta*. Vid. *chineta*.

sírias — Sensibilidade nas mãos; fôrça. — «Estou regelado; não tenho sírias nem gadanhos» (ou antes: não tenho *sírias* nos gadanhos). Vid. *gadanhos*. Ter *sírias*: ter fôrça. — «Aquêle tem sírias, não é bom de dobrar»: aquêle tem unhas.

sobrado — Soalho de casa. Casa de sobrado: casa de primeiro andar.

«Se fôssem pedras, as lágrimas
«Que por ti tenho chorado,
«Já pudera levantar
«Altas casas de sobrado».

sôbre-céu — Dossel. Paninho gomado com que se arma o altar num oratório, ou sôbre uma mesa quando o doente vai ser sacramentado.

socairo — Correia, torcida, que, partindo dos cangalhos interiores, passa por diante do chavelhão para manter o equilíbrio da canga em cima do cabeçalho do carro.

soleira — Lagem, ou pedra larga sôbre a qual se assentam as ombreiras da porta e na qual antigamente se cavava um sulco para nêle girar o coice da porta, ou se fixava o bancal onde trabalhava o *ponto* da mesma couceira. Para que a porta não arrastasse pelo desgaste do coice, costumavam os serranos colocar-lhe debaixo uns pedacitos de sola para fazer altura. ¿Será daí que deriva o nome de soleira, dado à pedra a que se chama ali, vulgarmente, *batente?* Nos Açôres chama-se *soleta* da porta.

solheirento — Sítio exposto ao sol. Casa solheirenta.

somadre — Trave que se coloca sob a tacaniça do telhado, em sentido paralelo à trave principal ou pau de fileira ou *feleira* como êles dizem, a-fim-de agüentar os barrotes, não os deixando tomar grande curvatura. — «O telhado está a fazer uma grande barriga; tem que levar uma somadre».

sombreiro — Porção de terreno entre duas rochas de fácil rotura, quási sempre aproveitado para nêle se plantar uma figueira. Os terrenos laboráveis da Serra de Santo António têm um subsolo formado por argila vermelha que, por sua vez, assenta sôbre rocha; por isso está tão calcada e compacta que uma enxada de pontas, mandada pelos braços vigorosos do cavador serrano, não penetra mais de três ou quatro centímetros. Há, aqui e além, taliscas apertadas entre duas fragas, cujo terreno é fàcilmente perfurável, porque vai dar a um espaço vazio, mais ou menos profundo, a que se chama *algar*.

sugo — Nome que serve para chamar um carneiro.

sumítico ou **sumitego** — Sovina, cicata, fona, avarento, que não larga a lã pelos carrascos.

surjão — Cirurgião, curandeiro, sangrador.

surrafar (por *sarrafar*) — Cortar qualquer coisa com instrumento mal aparelhado; esfregar com um ferro em qualquer superfície dura.

surrar — Pelar o cabelo da pele que se quere preparar para qualquer uso. Surrado, roçado, esfregado, gasto. — «Ainda outro dia estreaste essa manta, já a trazes bem surrada».

surro — Gordura própria da lã dos carneiros emquanto não está lavada.

T

tacos — Remenditos (às vezes de côres diferentes) que as mulheres aplicam nos fatos dos homens. — «Quem no viu e quem no vê! Se êle alguma vez pensou que ainda havia de andar com as calças cheias de *tacos!*»

tagalho — Rebanho pequeno; *trapel;* meia dúzia de cabeças. — «Antão já tens um rebanho como um homem, an?...» — «Ora! É um tagalhico para ir entretendo os cachopos».

talisca — Fenda, engra, fresta entre duas rochas, no sentido vertical ou de profundidade.

tamueiro ou **tambueiro** — Pedaço de correia muito larga, que, unindo a canga ao cabeçalho do carro, suspende êste daquela e agüenta todo o esfôrço dos bois.

taranta — Aquêle que mal se sustém nas pernas; inguiço; azemel.

tardinheiro — Tardio. Se aprende a falar muito tarde, *tardinheiro em falar;* se aprende a andar muito tarde, *tardinheiro em andar.*

tarraçada — Uma boa porção de qualquer líquido, especialmente de leite. — «A chiba é nova, mas já dá boas tarraçadas de leite» (de *tarro*).

tarrafiar — Quási o mesmo que sarrazinar, sarnir, principalmente referido a garotos.

tarro — Vasilha larga e baixa, com duas asas e um bico. É para o tarro (de fôlha ou de barro) que se ordenham as cabras e as ovelhas.

tasquinha — Espadela ou grande faca de madeira com que se espadela ou tasquinha o linho, segurando-o na borda de um cortiço.

tear — Aparelho primitivo em que os serranos tecem o linho das suas belgas e a lã das suas ovelhas, depois de terem

fiado o linho nas rocas e a lã na roda. Compõe-se de duas mesas, quatro prumos, seis travessas, dois ou três órgãos, uma roseta, as queixas, liços, pente, lançadeira, restêlo (rastrêlo), duas roldanas, um dormente, duas prumadeiras, uma alinhadoira e... creio que nada mais.

A tecedeira, descalça, coloca os pés sôbre as prumadeiras (pedais), que faz baixar, ora uma, ora outra, à maneira que vai passando a lançadeira, da esquerda para a direita e vicè-versa, por entre os fios da trama. E assim se vão aumentando as varas da teia...

tei, sei, mei — Vid. a palavra *mei.*

terrantez ou **tarrantez** — Emproado, imponente, empavezado, que se não deixa dobrar com facilidade.

tiborna — Fatia de pão de milho torrado na fornalha do lagar e mergulhado na tarefa do azeite. É uma torrada saborosíssima. Por costume e tradição, todos os lagares tinham sempre na sua prateleira uma ou duas broas; e tôdas as crianças que fôssem chegando recebiam a sua *tiborna.* Era uma espécie de repartição da riqueza que é o azeite, a-fim-de que chegasse a todos.

tibornada — Uma boa *tibornada;* uma boa porção de azeite. — «Êste ano não há grande safra; mas ainda se arranja uma boa tibornada».

ti-Domingos — O escuro. — «Temos de ir embora p'ra casa que já aí vem o ti-Domingos». Deriva de ter havido ali, há uns 80 anos ou mais, um velhote muito escuro, excessivamente moreno, que se chamava *Domingos,* e tôda a gente da aldeia o conhecia por *ti-Domingos.* Um tio que eu tive, que era um santo homem e muito bem o conheceu, dizia que êsse bom velho era escuro da pele, mas tinha uma alma branca como a neve. Continuemos a prestar culto à sua bondade...

tingerna ou **tanjerna** — Avezinha do tamanho de um pardal de telhado, mas com as asas de um negro profundo e o peito alvo. A fêmea tem as asas mais desbotadas um pouco, e o peito é de um branco mais sujo. Faz o ninho debaixo dos caneiros das oliveiras, ou nas paredes, junto ao chão. Os cucos fêmeas colocam os ovos muitas vezes nos ninhos destas pobres aves para que elas lhes criem os filhos, visto que êles não têm calor para isso. Há quem lhes chame *tanjasnas* (de *tange asno*), imitação da voz que se usa para excitar os burros.

tiradoira — Varola de madeira, com um gancho de ferro, que engata na grade com que os bois gradam a lavoura, ou no cabeçalho do carro, se é preciso dar dianteira a qualquer junta. Nalgumas terras chamam-lhe *solas*.

titela — Alt. da palavra *tutela*, mas não significa o mesmo que esta. — «Se não ganhas titela co'a vida, não te dou nada pela caçada». — «Para fazer um negócio dêsses é preciso titela; é preciso pensar bem no caso».

toca... — O uso dêste têrmo é, geralmente, insignificativo, como é a palavra *tal*, e outras que se empregam por hábito, por costume, por estribilho que se adquiriu. Vejam-se as seguintes frases: — «¿Então toca a semear nêle?», frase com que alguém enceta conversa com aquêle que anda a trabalhar na sementeira. — «¿Então toca a arrecadar o milho, an? Não que pode vir chuva... Toca a cavar que eu queria ver se ainda hoje deixava os grãos debaixo da terra...»

toiril — O montículo de excrementos de coelho, evidente sinal de que costuma vir àquele sítio durante a noite, podendo-se armar ali a ratoeira, com tôdas as probabilidades de ela aparecer com caça no dia seguinte.

tomado — Apanhado que se faz em volta da saia, para a tornar mais curta e também para a enfeitar. Geralmente usam dois e três tomados nas saias de lãzinha, que era o que se empregava nas saias para a semana, ou de trabalho, e nas de riscadilho ao domingo.

tomentos — Restos mais ásperos e lenhosos do que a estôpa, que vão caindo do linho não só quando se grama, mas ainda quando se tasquinha. Só o que dêle se tira quando se asseda é que se chama *estôpa*.

topinho ou **topinha** — É a cavalgadura que, quando caminha, assenta a ponta do casco sem que o talão pouse na estrada, o que é grande defeito.

torneiro — Carneirão; teimoso; embirrante; que nunca desce da burra; que nunca se aparta da sua opinião.

tornel — Pedaço de madeira ou de ferro, no qual se mete a corda que prende os animais, para que êles, andando em volta, não a possam destorcer e estragar.

tortura — A peça de roupa que acabou de se lavar e torcer, e assim se deixa para comodidade de transporte do lavadoiro até ao estendal, e só aí se alarga.

tòsguinha — Bebedeira; turca; nòrisma; carraspana.

tosquia — Operação de tirar a lã às ovelhas, que ainda ali se faz com a tesoura manual. O animal é apernado (atado pelas pernas), e seguro entre os pés do tosquiador que, curvado, dobrado pela cintura, e sem que ninguém o ajude naquela posição incómoda, vai tirando ao carneiro o seu valioso velo. — (*Passar uma tosquia:* dar uma descompostura). Parece impossível que os tosquiadores ainda se não resolvessem a cortar a lã das ovelhas com estas deitadas sôbre um taipal, ou sôbre uma porta velha, à altura dos braços do operador, que as ia tosquiando, emquanto um garoto as segurava com a maior facilidade depois de apernadas! O que é a rotina!

trabucar — Fazer barulho, trastejar; trabalhar fora de horas, fazendo barulho. — «Quem não trabuca, não manduca». — «Tôda a noite aquela alma trabucou, que nem deixou descansar ninguém». — «Nem por muito trabucar há-de amanhecer mais rico».

trafêgo — Lufa-lufa; azáfama no serviço; trabalheira.

trafulha — Burlão; vigarista. Nos Açôres usa-se muito a frase: — *Já não tem trafulho,* que é o mesmo que: *Já não tem remédio.*

trambela — Tranqueta pequena de madeira com que se seguram as portas dos currais e palheiros. — *Dar à trambela,* dar à língua. *Trambelar, labregar,* é o mesmo que falar de mais.

trambelhos — «Não tens trambelhos para nada». Não tens jeito para nada.

trambola — Boneco ou moínho em miniatura, que o vento move, accionando nesse movimento uma espécie de castanholas para amedrontar os pardais que atacam as sementeiras e as searas. Espantalho sonoro.

trambolho — Pessoa que só serve para impedir e empatar o trabalho alheio. — «Tira-te daqui, trambolho, que não serves senão para estorvar os outros!»

trampolina — Caranguejola mal armada e pouco segura, que pode desabar de um momento para o outro. Andaime mal preparado. — «Cautela com essa trampolina que não tarda nada que não venha cá parar abaixo» (de *trampolim?*)

trancinha — Espécie de nastro ou fitilho, em bicos ou em ziguezague, com que antigamente se enfeitavam as roupas brancas das mulheres. Fazia-se também, a trancinha, com a agulha de malha.

tranco — Ramo de árvore, devidamente esgalhado, que só serve para queimar. — «Dá-me daí um tranco para prantar no lume».

trangolamango — Em vez de *tranglomango*. *Trancalharanças* (por *trancalhadanças*), desajeitado; calatrão; paspalhão.

tranquilha — Diz-se da bêsta que por fraqueza ou doença troca um pelo outro os membros posteriores.

trapaça — Buraco que se faz no chão do caminho e se disfarça de maneira que, quando alguém passa, ponha um pé em falso, dando um trambolhão e podendo mesmo quebrar uma perna.

trapaceiro — Mentiroso, trapalhão, burlão.

trapeça (alteração de *tripeça*) — Roda de madeira grossa, com três pés. É o conhecido assento do sapateiro, que ali é conhecido pela designação de *Doutor de Tripeça* e de *chumeco*, que é mais um têrmo importado do inglês *shoomaker*.

trapel (de *tropel*) — Rebanho pequeno de gado miúdo. *Tagalho.*

travinca — Pedaço de madeira, recurvado, naturalmente, em ângulo obtuso, que se coloca nas pontas da cilha ou da sobrecarga, para sôbre ela ir escorregando o látego que as aperta. Há também quem use a travinca direita, com uma espécie de ranhura ou delgado ao centro, onde a corda passa.

travisco (por *trovisco*) — Planta de pouco porte, que não excede 70 a 80 centímetros de altura. A casca tira-se-lhe de maneira que forme correia, servindo para atar as vassouras da eira. Até os pastores a usam para encanar a perna partida de qualquer animal, quando mais nada têm para isso. Com uma vara de trovisco costumam os pastores bater na orelha que cortaram ao animal que sangraram, a-fim-de excitar a saída do sangue. O leite ou seiva do trovisco tem propriedades vesicantes; e é perigoso levar as mãos à bôca e aos olhos quando se esteve mexendo em casca de trovisco. Também lhe chamam *trevisco*.

trem — Carro de luxo, em que só podem viajar pessoas graves, ou os cartolas. — A roupa do recém-nascido ou da criancinha de peito. — «Ó comadre: fique-me aqui um poucachico emquanto eu vou lavar o trem do meu menino».

trena — Trança de lã com que as tecedeiras debruam os alforjes e algumas qualidades de mantas.

trincha — Tábua redonda sôbre a qual se aperta o queijo.

trízia (alteração de *icterícia*) — Curam esta doença, ou supõem que a curam, fazendo que o paciente vá urinar nove dias seguidos sôbre o marroio; ao fim dêles, o doente está curado e o marroio sêco.

turca — Uma bebedeira; uma nòrisma; um *barrete de uvas;* uma carraspana.

turrada — Marrada de carneiro ou de chibo, quando desafiamos êsses animais, por brincadeira, a que venham marrar-nos na mão aberta, dizendo-lhes: — *Turra, carneiro!*

turras — Teimas; embirrações; casmurrices. — «Êles são amigos; mas, de vez em quando, têm as suas turras...»

tutelimunde — Tôda a gente; tôdas as coisas. Também se emprega na errada significação de *tate-bitate.*

U

ugal — Alteração de *igual,* como se usa por muitas terras do nosso País. — «A cachopa mais nova está acaje ugal à mais velha». — «Cada qual com sê ugal».

ugar — Igualar. Acertar e igualar os fios de uma teia; e dizem: — «Uga lá isso, mulher; cando não, nã me atrevo a acertar os cabrestilhos».

unha-gata — Erva rasteira, armada de espinhos recurvados como as unhas dos gatos, qualidade donde se formou o nome. É o terror das mulheres e dos homens que ceifam; e cresce nos terrenos brancos do norte da povoação, por entre poejos, mentrastos, grama, verdizela, etc.

V

valentaço — Fanfarrão; que apregoa grande poder e que, se lhe batem os pés, é muito capaz de fugir.

vaniços — Tempos passados; lapso de tempo que há muito decorreu e de que já se não fala. — «Há que vaniços que isso foi!...»

vasculho — Pau comprido como uma vassoura, ou esfregão, na extremidade, para vasculhar ou tirar o pó a sítios onde não podemos chegar com a vassoura; o mesmo de que nos servimos para *varrer* o forno antes de deitar o pão. Varredoiro.

velga — Belga. Pedaço de terreno estreito e alongado, às vezes situado entre duas rochas. Courela. — «Por causa de uma velga de terreno, que pouco mais tinha que uma grade de chão, valia lá a pena bater no homem. — Sete palmos de terra bastam para nos tapar todos e até para nos encher a bôca!»

verdizela — Erva trepadora que cresce nas searas de milho e trigo, a cujas hastes se enrosca. É a *verdezelha* ou *corriola* de outras regiões.

vernes (alteração de *vermes?*) — Pela Primavera, quando os bois começam a *largar a carepa*, a *perder a lêndea*, a engordar, aparecem-lhes, pelo lombo, uns *botões*, que, espremidos por quem sabe, e quando estão na devida altura, deitam umas larvas brancas maiores que caroços de azeitona. Dizem os serranos que os *vernes* são um sinal de medra.

versas — Ervas comestíveis, que se utilizam no tempo em que não há hortaliças. Há diversas espécies: *papoilas*, *gordas*, *azedas*, *canelas*, *chicórias*, *pardas*, *saramagos*, *mostarda*, *pampostos*, *diabelhas*, *serralhas*, etc. Comem-se simples, com azeite, ou com feijão branco. Não é comida de apetecer. — «Gostas tanto dêle como de versas sem azeite».

visco — Também conhecido por *visgo*. Matéria pegajosa que os rapazes colocam nos ramos de certas plantas onde pousam os passarinhos, a-fim-de os apresarem com facilidade. Atractivo. — «Nunca te tiras de casa dêle; parece que encontraste lá algum pouco de visco...»

vista-baixa — O porco, carne de porco (do calão minderico).

Z

zaburro — Milho, em calão minderico.

zanaga — Cambaio; torto das pernas: que encosta os joelhos um ao outro quando marcha (não se aplica aos que entortam a vista quando nos fitam: estes são *zarolhos*).

zanguinho — Sangüínio, arbusto que já se descreveu sob a designação de *sanguinho*.

zarolho — O que tem a vista torta; o que desvia os olhos irregularmente para fixar alguma coisa. Trigo que não está ainda bem sêco, que está ainda verdoengo. Diz-se que se deve ceifar o trigo ainda meio verde e a cevada só quando estiver bem sêca: — *Cevada sêca, trigo zarolho.*

zipla ou **zipéla** (alteração de *erisipela*) — Curam esta doença com diversas mèzinhas, entre elas, a mais vulgar, umas lavagens de água em que se cozeram fôlhas de nogueira (adstringentes), polvilhando depois com sêmeas ou com farinha de milho a parte afectada.

O que aqui fica é um colectâneo de têrmos que me foram lembrando durante uma longa convalescença. Pena tenho eu de não poder demorar-me no local próprio, para fazer colheita mais ampla.

Santarém — Outubro, 1936.

F. Santos Serra Frazão.

NOTAS DE ETNOGRAFIA DA TERCEIRA

I

INSTRUMENTOS MÚSICOS

Como já notou Arruda Furtado (1), o povo açorense tem excelentes disposições para a música. São muitas as canções populares do arquipélago, algumas das quais, pela sua forma melódica, parecem ser de origem antiga, talvez vélhas canções portuguesas trazidas pelos primeiros povoadores, que se conservaram até hoje, graças ao isolamento insular, sofrendo apenas as modificações resultantes de uma natural evolução, sem mistura de elementos estranhos. Outras, pelo seu ritmo, parecem ser de origem sul-americana, trazidas, possìvelmente, do Brasil para os Açôres por colonos repatriados.

Tornadas mais freqüentes as relações entre as ilhas e o continente português, algumas canções de lá têm vindo, a maior parte das quais cai, passado algum tempo, no esquecimento, não se tornando tradicionais. O mesmo sucede com a poesia popular. Há muitas quadras comuns às ilhas e ao continente, e mais provável é que dêste tenham vindo do que tenham ido dos Açôres para êle.

As *modas*, assim se designam os bailes e canções populares, são sempre acompanhadas à *viola*. É êste o instrumento popular por excelência e o seu uso nos Açôres é antigo, como se vê das referências a bons tangedores de viola, que faz Gaspar Frutuoso nas *Saüdades da Terra* (2).

A viola popular é a chamada *viola de arame*, por serem metálicas as cordas.

Para ela escreveu um método, em 1789, Manuel da Paixão

---

(1) *Materiaes para o estudo anthropologico dos povos açorianos. Observações sobre o povo michaelense.* Ponta Delgada, 1884, pág. 28.

(2) P.e Ernesto Ferreira — *A alma do povo micaelense.* Ponta Delgada, 1927, pág. 75.

Ribeiro (1), e foi exímio violista o Dr. José Dória, médico em Coimbra (2).

Tem cinco grupos de cordas, parcelas, três de duas cordas e dois de três cordas, afinados do grave para o agudo em *lá, ré, sol, si, mi.* Modernamente, talvez por influência do violão, impròpriamente chamado *viola francesa* (3), tem mais um grupo de três cordas afinadas em *mi* (viola de seis parcelas).

As duas cordas de *mi* denominam-se *primas*, as de *si*, *segundas*, as de *sol*, reünião de um bordão delgado e uma corda de metal, *toeiras*. Os bordões são hoje designados pelo tom em que são afinados, *bordão de ré, de lá,* ou *de mi.* Êste, na viola de seis parcelas, é acompanhado de outro bordão delgado, como o das toeiras (requintado), e as cordas que formam parcela com os bordões são afinadas uma oitava alta dêstes.

Em S. Miguel, os grupos de duas cordas, primas, segundas e terceiras, denominam-se *requintas*, e os de três, *toeiras*, sendo o *bordão de ré, bordão de requinta*, e o *de lá, bordão de toeira* (4).

As violas são feitas por violeiros ilhéus, alguns dos quais têm gozado de certa celebridade pelos bons instrumentos que fabricam.

---

(1) «Nova arte de viola, que ensina a tocalla com fundamento e sem mestre, dividida em duas partes, huma especulativa e outra prática, com estampas das posturas ou pontos naturais e accidentais; e com alguns Minuettes e Modinhas por Musica e por Cifra. Obra útil a tôda a qualidade de pessoas; e muito principalmente as que seguem a vida literária e ainda as senhoras. Dada á luz por Manuel da Paixão Ribeiro, Professor Licenceado de Grammatica Latina e de ler, escrever e contar, em a Cidade de Coimbra. Coimbra na Real Oficina da Universidade M.DCC.LXXXIX. Com licença da Real Mesa da Comissão Geral sôbre o Exame e Censura dos Livros».

(2) Joaquim de Vasconcelos — *Os Músicos Portugueses*, vol. I, pág. 82.

(3) Ernesto Vieira — *Diccionário Musical.* Lisboa, 1890, pág. 401.

(4) P.e Ernesto Ferreira — *Ob. cit.*, pág. 77.

Na viola há o *tampo de cima*, na parte inferior do qual está colado o *cavalete*, onde se prende, em pequenos botões de osso ou metal, a extremidade das cordas. Sôlto, logo acima do cavalete, há um delgado filete de madeira, o *contra-cavalete*, sôbre que passam as cordas.

A meio do *tampo de cima*, quási na parte mais estreita, há um orifício circular de cêrca de cinco centímetros de diâmetro, a *bôca da viola*, que em S. Miguel tem geralmente a forma de dois corações unidos (1). Paralelo ao *tampo de cima*, está o *tampo de baixo* ou *costas*, e entre ambos, formando os lados da caixa harmónica, há as *costilhas*.

À parte superior da caixa harmónica liga-se o *braço*, que se termina na *pá* com as cravelhas. Sôbre o braço assenta uma fôlha de madeira, *escala*, com os tastos ou pontos em número igual aos do violão, e no extremo, junto à pá, há um filete delgado, *pestana*, sôbre que assentam as cordas.

Internamente, em roda de cada tampo, há uma guarnição ou virola de madeira *(fôrças)*, e na parte inferior da caixa harmónica há o *calço* a que vem prender-se as costilhas e as fôrças. Transversalmente, apoiados nas fôrças, há os *tirantes* que dão maior solidez ao conjunto.

A viola é armada num molde de madeira, *fôrma*, e as costilhas são arqueadas ao calor sôbre um tubo de ferro com brasas dentro.

O tampo de cima é sempre de pinho branco, e o resto do instrumento, conforme a qualidade dêle, é de jacarandá, castanho, nogueira, nogão ou acácia.

Em roda da bôca e do tampo de cima, colocam embutidos alguns fios de madeira preta, e antigamente faziam embutidos de forma de fôlhas, flores, grinaldas, etc., com madre-pérola e madeira de diferentes côres. A viola é sempre polida e nunca envernizada.

Nos descantes e bailes há geralmente duas violas, uma que faz o canto e variações *(ponteados)*, outra que faz o acompanhamento, e que hoje vai sendo substituída por um violão.

Nos grupos de cantores e instrumentos que acompanham os bezerros do Espírito Santo, e nos ranchos que, na noite do Ano-Bom ou dos Reis, cantam pelas portas das casas, há sempre violas.

---

(1) P.e Ernesto Ferreira — *Ob.* e *loc. cit.*

Como a viola é o instrumento mais querido do povo, não admira que êste se lembre dêle no cancioneiro e até nos seus dizeres:

A viola sem a prima
É como a filha sem pai;
Cada corda seu suspiro,
Cada suspiro seu ai.

Viola, minha viola,
Viola de pau d'aresta,
Ou as cordas não são boas
Ou o tocador não presta [2].

Senhor mestre da viola,
Dizei se quereis ou não
Que eu cante uma cantiga
Ao toque da vossa mão.

A viola está dizendo
Para mim: vem cá querida,
Vem-me ajudar a passar
Estes dois dias de vida.

O tocador da viola
Carece duma jaqueta;
Haja quem lhe dê o fôrro
Que eu lhe darei a bareta.

A viola e a rabeca
São o *rôbo* das cantigas,
A perdição dos rapazes,
Por causa das raparigas [3].

O tocador da viola
Precisa bem duns calções;
Haja quem lhe dê o pano,
Que eu lhe darei os botões [1].

Viola, minha viola,
Senta-te comigo à mesa,
Tu és a minha alegria
Assim que eu tenho tristeza [4].

Da viola fala-se ainda no romance *Silvana Abandonada*, recolhido em S. Jorge e publicado por Teófilo Braga:

Viola de oiro ao peito
Pois ela bem retenia
. . . .

Com sua viola à cinta
Melhor balanço fazia [5].

O povo, para indicar que uma coisa ou pessoa aparenta mais ou melhor do que é, diz, como no continente: — *por fora*

---

(1) S. Jorge e Terceira. Teófilo Braga — *Cantos populares do arquipélago açoriano*. Pôrto, 1869, pág. 3.

(2) Terceira.

(3) S. Jorge. José Leite de Vasconcelos — *Mês de Sonho*. Lisboa, 1926.

(4) P.e Ernesto Ferreira — *Ob. cit.*, pág. 78.

(5) *Cantos populares*, pág. 197.

cordas de viola, por dentro pão bolorento; e, como o violista é sempre pessoa festeira que anda nos têrços do Espírito Santo, nas desfolhas do milho, nos arraiais e desafios, diz também que *viola em casa de pobre faz a mulher doida*. Quando alguém, numa altercação, ouve coisa que lhe não agrada e se cala, o povo aludindo a trazer o tocador a viola sempre numa saca, em geral de chita vermelha enramada, em que a guarda quando acaba a festa, diz: — *meteu a viola no saco*. Há uma adivinha cuja decifração é viola: — *Pança com pança e um palmo de carne faz uma dansa.*

Depois da viola deve mencionar-se a *rabeca*, que entra obrigatòriamente no acompanhamento dos bezerros do Espírito Santo na Terceira e, em S. Miguel, é um dos instrumentos que tocam os foliões ([1]). Como os tocadores são poucos, as rabecas passam de uns para outros de geração em geração. Há-as muito antigas, ainda que, no geral, de má qualidade. Alguns violeiros mais hábeis fazem às vezes uma ou outra rabeca, quási sempre de bom aspecto, mas de mau som, talvez por motivo da má qualidade do material empregado, sobretudo do verniz.

Caso digno de nota, o rabequista popular, como não passa da primeira posição e não tem necessidade de deslocar a mão esquerda, não segura a rabeca com o queixo; apoia-a no ombro, como faziam os tocadores da antiga viola de braço, designadamente da *viola-tenor*, à qual por isso os italianos chamavam *viola da spalla* ([2]).

A raridade dos tocadores de rabeca, pouco hábeis com raras excepções, deu origem à alcunha de *Rabequista*, pela qual são conhecidos diversos indivíduos ([3]).

Também no acompanhamento dos bezerros e nos ranchos de Reis entram *clarinetes* e um *bombardino*, costume que é possível ter começado com a organização das filarmónicas, hoje espalhadas por tôdas as ilhas.

([1]) Luís Bernardo de Ataíde — *Etnografia Artística* (S. Miguel). Ponta Delgada, 1918, pág. 102.

([2]) Miguel Ângelo Lambertini — *Violas d'arco*, na revista «A Arte Musical», ano VI, n.º 121, pág. 13.

([3]) Possìvelmente tem a mesma origem a alcunha *Rabeca* que existe no continente. José Leite de Vasconcelos — *Antroponímia Portuguesa*. Lisboa, 1928, pág. 189.

O *tambor* é instrumento que desempenha papel importante nas funções do Espírito Santo. Acompanha o canto dos foliões juntamente com o *pandeiro*, sublinha a leitura dos pelouros à porta do Império e toca sempre durante a distribuïção do bodo.

Há uma dança popular, a *Campona*, muito usada nos Reis e Ano-Bom, quando o rancho entra na casa aonde foi cantar, que é geralmente acompanhada só a tambor.

Modernamente tem-se generalizado o gôsto do *acordeão*, o que sucede também no continente ([1]).

Instrumentos populares infantis há as *castanhetas*, feitas com duas conchas de lapa, molusco muito abundante nos mares dos Açôres ([2]), o *tambor* quási sempre improvisado com uma lata vélha ou uma caixa de madeira, o *berimbau*, o *pífaro de lata*, as *gaitinhas* feitas com um tronco de milheiro ou um canudo de cana verde, no qual se fêz à navalha uma palheta, e modernamente a *harmónica (gaitinha de bôca)*, de fabrico alemão, que alguns rapazes tocam com perfeição notável.

Os rapazes também usam a *rasga*, instrumento formado por uma cana sêca, de cêrca de três decímetros de comprido, na qual se fazem à navalha algumas mossas, e que se segura com a mão esquerda, passando com a direita por cima das mossas um outro pedaço de cana, mais delgada.

Êste instrumento também se usa em certas danças populares.

II

NOMES DE ANIMAIS

Antigo é o costume de pôr nomes aos animais: e o povo da ilha Terceira observa-o em geral, usando para isso de algumas palavras que se me afiguram dignas de registo.

Umas vezes, logo que o animal nasce, põe-lhe o nome; outras, só mais tarde o ficam designando por uma palavra relativa a qualquer acidente da sua vida que o notabilizou.

([1]) Ernesto Vieira — *Ob. cit.*, pág. 31.

([2]) Prática semelhante há no continente. José Leite de Vasconcelos — *Ensaios Etnográficos*, vol. IV. Lisboa, 1910, pág. 300.

Até acontece êste nome substituir o que primeiro lhe puseram, fazendo as funções de uma alcunha. É com os touros que isto se dá com mais freqüência.

Assim, a um touro que em certa tarde, lidado de canastra, arremeteu furiosamente contra ela, puseram-lhe o nome de *Canastra*. Outro que numa tourada à corda colheu um *aficionado* e lhe rasgou o fato, ficou-se chamando *Alfaiate*.

Semelhantemente há o *Dentista*, porque partiu os dentes a um pastor; o *Cancela*, porque, na pastagem, derrubava e escangalhava as cancelas dos portais; *O da lata*, porque numa tarde de touros o magoaram atirando-lhe uma lata vélha; o *Gravata*, porque rebentou a corda e ficou muito tempo com o laço no pescoço sem ninguém lho poder tirar; o *Talhinha*, porque deu uma sova mestra num homem que tinha essa alcunha; o *Trovão*, por igual motivo; o *Escangalha caixões*, por ter conseguido quebrar as tábuas do caixão onde o tinham metido para embolar; *O da Senhora*, por ter sido oferecido pelo *criador* a sua espôsa.

A maioria dos nomes de animais, sobretudo no gado vacum, é tirada do aspecto da pelagem, e são até estes os nomes mais curiosos. Temos assim os seguintes nomes de touros: *Sete-lãs*, pêlo riscado ou malhado de diversos tons de côr; *Caraça*, cabeça branca e corpo de uma só côr; *Roseiro*, pêlo amarelo escuro, que o povo diz vermelho, com malhas brancas; *Mascarado*, focinho branco na frente desde os galhos até às narinas; *Risca*, pêlo de uma só côr com a espinha branca; *Chapado*, pêlo de uma só côr, com uma malha branca junto à pá da mão; *Mulato*, de côr preta não carregada; *Raposo*, cinzento como a raposa.

Nas vacas há também as denominadas: *Pombinha*, tôda branca; *Lebrina*, mesclada de prêto ou amarelo e branco; *Bragada*, de côr com uma só malha branca ou vice-versa; *Marchana*, o mesmo que *Bragada*; *Lagarta*, riscada de prêto e branco; *Estrêla*, de uma só côr com uma pequena malha branca na testa; *Marvoa* ou *Retinha*, de côr preta muito escura; *Sara*, mesclada; *Calçada*, com as patas brancas; *Calcêta*, com uma só pata branca; *Bandeira*, quási cinzenta; *Picarda*, o mesmo que *Sara*; *Trigueira*, *Chapada*, *Viúva*, *Negriça*, *Lustrosa* e ainda *Damasca*, se o pêlo é avermelhado.

As qualidades morais do animal e o feitio do corpo também servem para o designar; por exemplo: *Valente*, *Atrevido*, *Requinta* (do verbo *requintar*); *Vidraça* (de *vidrento*,

bravo, fácil de acometer e de se irritar); e as vacas, *Mimosa*, *Nobreza*, *Altiva*, *Viçosa*, *Liberta*, *Ligeira*, *Travessa*.

A um touro de galhos desiguais chamam-lhe *Bronco*, palavra brasileira que nos veio naturalmente da emigração; a outro que tinha o galho esquerdo recurvado para a frente, puseram-lhe o nome de *Canhoto*. Se o animal é magro e nunca engorda, chamam-lhe *Saramago*, por influência da comparação popular *magro como um saramago*, cujo segundo têrmo foi escolhido provàvelmente por causa da rima, visto o povo dizer *saramagro*. Se não tem cauda ou a tem curta e delgada, chamam-lhe *Rabão*; se o focinho é estreito e em ponta, *Bicudo*.

O mesmo se dá com as vacas, que tomam os nomes de *Airosa*, *Catita*, *Bemfeita*, *Velida*, *Cintura*, *Redonda*, *Sapata*, se tem a unha larga; *Selada*, se a espinha é curva como a do cavalo; *Armada*, se as hastes são grandes e bem lançadas.

A-par destas denominações, outras há de fantasia, como por exemplo, quanto a touros: *Catorze*, touro vindo do continente, cujo ferro era aquêle número; *Catrina* e *Caixeiro*, por terem pertencido a criadores dessas alcunhas; *Vega*, nome de um vapor que fêz durante anos carreiras para a América, e que deu muito que falar entre o povo, por levar com freqüência emigrantes clandestinos; e, quanto às vacas: *Coimbra*, *Donzela*, *Montanha*, *Condessa*, *Princesa*, *Laranja*, *Tangerina*, *Brazida* (?), *Piruga* (pronúncia popular de *perua*); *Fragosa* (?), *Macaca*, *Solteira*, *Romeira*, *Velhuda* (?), *Bandarra*, *Amada*, *Querida*, *Devisa*, *Monarca*.

Certos criadores aristocratas tinham por costume pôr às suas vacas nomes de origem mais ou menos culta, como *Toscana*, *Mascote*, *Marroquina*, *Mexicana*, *Japonesa*, *Veneza*. Estes nomes passaram a ser empregados também pelo povo na denominação dos seus animais, mas, em regra, só os dão a vacas bravas (vacas de cima) os criadores de touros.

Os bois, os cãis e os gatos também recebem o seu nome.

Nomes de bois há, por exemplo: *Amante*, *Brilhante*, *Amado*, *Querido*, *Escravo*, *Chapado*, *Catido (Cativo?)*, *Calçado*, *Estrêlo*.

Se dois bois formam uma junta e ambos puxam bem o carro, melhor mesmo do que outros quaisquer, a um dêles chamam *Ajuste* e ao outro *Contrato*.

Nomes de cãis e cadelas mais usados são: *Rasteiro*, *Marujo*, *Ligeiro*, *Calçado*, se tem as patas de côr diferente

do corpo; *Funchal, Mondego, Moleque* (cão prêto); *Fanica* (cadela de caça com o pêlo prêto); *Teimosa, Barbado, Carela* (focinho com manchas irregulares); *Bugio, Penhora, Charrete* (?); *Fadinho, Farrusco* (mesclado); *Marquês, Cavalheiro, Terror, Magano, Suspiro* (pêlo branco); *Violeta, Malhado, Gigante, Piloto* (nome de um cão que figura num folheto de literatura de cordel muito lido e apreciado pelo povo *O Menino da Mata e o seu cão Piloto)*; etc.

Também lhes põe às vezes o nome de uma personalidade em evidência. Durante muito tempo houve bastantes cãis com o nome de *Bismark*.

Os nomes mais triviais de gatos e gatas são: *Junquilo*, quási sempre de gato amarelo; *Maltês* (gato cinzento); *Tareco, Chanico, Pechuga* (nome de um toureiro que há umas dezenas de anos entusiasmou a população com a sua lide); *Êle te diga, Sécia* (asseado, bem pôsto, e também nome de uma flor na linguagem popular); *Vicência, Vadio, Pisco, Belota* (o povo pronuncia *Berlota*); *Castanha, Zizi*, etc.

As galinhas e os galos em regra não têm nome, mas sei de um galo a que chamaram *General*, por ter pertencido à capoeira de um oficial do exército dessa patente, que se dedicava à criação de galináceos, e uma galinha de nome *Já-cá-lá*, série de sons que ela parecia emitir quando cantava.

Nomes de cavalos há: *Sultão, Luso, Carôcho* (cavalo prêto); *Lidador, Saloio, Pavão, Paulista, Gentil, Garoto, Pimpão, Ruço* (prêto e branco); *Estrêlo, Belmonte* (nome de um toureiro célebre); *Damasco, Galhandra* (?).

III

ALGUNS JOGOS INFANTIS

O jôgo do homem:

Traça-se no chão um rectângulo com uma circunferência tangente a um dos lados menores, e outros dois rectângulos mais pequenos junto daquêle lado, mas sôbre os lados maiores. A circunferência é a *cabeça*, e os rectângulos menores as *orelhas*.

O rectângulo grande é dividido em quatro partes por três linhas paralelas aos lados menores e a última destas partes é subdividida por uma linha paralela aos lados maiores em duas porções iguais *(mamas)*.

O jôgo consiste em o jogador fazer passar um caco por tôdas as divisões da figura, impelindo-o com a ponta do pé direito e marchando com o outro pé levantado.

O jogador que puser os dois pés no chão, perde, salvo se puser um numa divisão e o outro noutra.

Para maior complicação subdividem às vezes cada uma das partes da figura com duas diagonais cruzadas *(barriga)*, ou com uma linha paralela aos lados maiores no último rectângulo *(pés)*, etc.

O peão:

O peão tem o *cabeçalho* onde se prende a corda *(frieiras)*, e o *bico (ferrão)*, e joga-se por diversas maneiras.

Maneio — Põe-se no chão um peão vélho, e cada um dos jogadores deita o seu peão que apara na mão e, em movimento, bate com êle no peão que está deitado.

Se o não consegue, perde.

Amolha — Um dos jogadores cospe no chão, e cada um dos outros deita o seu peão, procurando bater no lugar onde ficou o cuspo, ou, pelo menos, aproximar-se dêle o mais possível. Os que ficam mais longe, põem os seus peões no chão *(abaixam)*, encostados uns aos outros *(amolha)*. Os que jogam procuram desmanchar a *amolha*, isto é, separar os peões e, quem o não consegue, *abaixa*.

Catazola — Faz-se no chão uma circunferência e no centro põe-se um peão.

Cada um dos jogadores atira o seu peão de maneira que deite fora do círculo *(catazola)* o peão que está dentro, e, se o não consegue, o seu peão vai ocupar o lugar do que está na *catazola*.

Nico no ar — Fazem-se dois riscos no chão, a cinco ou seis metros de distância um do outro. Em meio do espaço, entre os dois riscos, abaixa-se um peão, e os jogadores, próximo dêste, deitam os seus peões de lado por modo que empurrem o peão, que está no chão, para além de um dos riscos. Se o não conseguem, os outros jogadores racham-lhe o peão à pedrada.

O peão joga-se no Espírito Santo, isto é, do domingo de Páscoa ao da Trindade, e, às vezes, começa-se a jogar na Quaresma, mas nunca na Semana Santa, porque isso seria *dar nicos na cabeça de Nosso Senhor*. Por *nico* designa-se a

pancada com o ferrão do peão, e ao peão que *abaixa* chama-se *peão dos nicos*. Daqui provém a frase que a gente do povo diz, quando alguém topeta com outro atacando-o com baldas certas: — *Eu não sou peão dos nicos.*

A garalha:

Traçam-se no chão duas linhas à distância de cinco ou seis metros uma da outra, e no meio de cada uma faz-se uma pequena cova.

Numa das linhas põem-se deitadas duas canas de um metro de comprido *(pateiros)*.

Cada um dos jogadores, munido de uma cana de meio metro de comprimento *(garalha)*, vai para a outra linha e daí atira a *garalha* para os *pateiros*. Os dois que mais próximos dêstes as colocam são os que vão jogar com os *pateiros*. A isto se chama *tomar ponto*.

Os dois jogadores primeiro classificados, cada um com seu *pateiro* na mão, põem-se em frente um do outro, nas duas linhas, e enfiam a ponta do *pateiro* cada um na sua cova. Os outros dois jogadores, imediatamente classificados no ponto, atiram as *garalhas* do mesmo sítio.

Os primeiros com os *pateiros* batem nas *garalhas* quando vão pelo ar, arremessando-as para longe, e trocam os lugares enfiando as pontas dos *pateiros* nas duas covas, emquanto os segundos vão buscar as *garalhas* e procuram chegar com elas a tempo de introduzirem a ponta na cova, antes dos outros meterem aí a ponta do *pateiro*.

Se algum o consegue entrega a *garalha* ao outro e toma o *pateiro*.

O pulga-piolho:

É jogado por seis ou mais rapazes sempre em número par.

Para fazer o ponto tomam-se tantos pedacinhos de pau quantos os jogadores, metade com o dôbro do comprimento dos outros. Um dos jogadores segura os pedacinhos de pau entre o polegar e o indicador da mão direita, com as extremidades à mesma altura, por forma que não se distingam os maiores dos mais pequenos. Põe a mão atrás das costas e cada um dos outros vai tirar um pedacinho de pau. Se tira dos maiores, vai saltar; se dos mais pequenos, vai abaixar.

Dos jogadores que abaixam, um, meio curvado, encosta-se a uma parede, e os outros encostam-se a êle na mesma posição. Os restantes saltam para cima.

Se o pêso é grande, algum, quando já não pode suportá-lo, diz *pulga*, o de cima responde *piolho*, dito o que, descem todos. Se algum dos que abaixam não agüenta o pêso dos outros e cai, os que se abaixam passam a saltar e os que saltavam abaixam-se.

Jôgo das marcas ou botões:

Faz-se uma covinha junto de uma parede e, à distância de cêrca de três metros, traça-se uma linha paralela à parede.

Cada um dos jogadores, colocado junto da linha, procura atirar para a cova *(coveta)* um pequeno disco de chumbo *(chumbeta)*. Se mete o disco dentro da cova, ganha e fica *rei*; se não mete, o outro jogador procura metê-lo, dando-lhe um pequeno impulso com o dedo polegar da mão direita, e se o consegue ganha. O que perde dá ao outro uma marca ou botão.

O bilro:

É mais um jôgo de adultos do que de crianças.

Dois paus grossos de um metro de altura *(bilro)* são postos em pé num terreno lajeado ou endurecido, à distância de cêrca de cinco metros entre ambos.

Cada um dos jogadores, a três ou quatro metros dos *bilros*, arremessa um pedaço de tronco de madeira de trinta centímetros de comprido *(malha)*, tentando deitar o *bilro* no chão. Se bate na parte inferior do *bilro* e o derruba, marca quatro pontos; se lhe acerta na parte superior ou se a malha bate primeiro no chão, marca dois pontos; se lhe toca, mas não o derruba, marca um ponto.

São sempre dois os jogadores.

IV

FÓRMULAS E LENGA-LENGAS INFANTIS

Quási tôdas estas fórmulas e lenga-lengas infantis se dizem com leves variantes em diferentes localidades do continente (1):

Creio em Deus Padre
Todo poderoso;
Joaquim Cardoso
Subiu ao céu
Tirou o chapéu,
Desceu à terra
Quebrou uma perna.

Pelo sinal
Da mão do gral,
Comi toucinho
Não me fêz mal,
Se mais houvesse
Mais comia,
Adeus senhor padre
Até outro dia.

Padre Nosso
Comer não posso,
Estou afogado
Com uma espinha de sal.

Salve-Raínha,
Salta na vinha,
Com uma faquinha,
P'a comer as uvas
Da nossa vizinha.

Sapateiro marralheiro
Come tripas de carneiro,
Bem assadas, mal assadas,
Sempre lhe corre m... pelas barbas (2).

Tão-balalão
Cabeça de cão
Cozida e assada
No seu caldeirão.

Dedo mendinho,
Seu vizinho,
Pai de todos,
Fura bôlos,
Mata piolhos.

Ao almôço
Peles do pescoço;
Ao jantar
Borda de alguidar;
À ceia
Morrão de candeia.

---

(1) Vid. *Revista Lusitana*, volumes XVII, págs. 630 e segs.; XVIII, pág. 190; XIX, pág. 130; XX, pág. 232; XXII, pág. 127; etc.

(2) No continente aplica-se uma forma semelhante contra o nevoeiro. Vid. *Trad. Pop. de Portugal*, de L. de Vasconcelos, § 112.

Ana,
Bagana,
Rabeca,
Susana;
Lázaros
E Ramos,
Na Páscoa
Estamos (1).

João Garanhão
Vende vinho a tostão
Detrás da Conceição.

Senhor Elias
Come pão, c... fatias,
O seu cão c... sabão,
A sua gata c... nata,
O senhor Elias tudo rapa.

Joãozinho foi ao vinho
Partiu o jarro no caminho,
Ai do jarro, ai do vinho!
Ai do c. do Joãozinho!

Antão era moleiro,
Fazia anzóis
Para apanhar caracóis.

Eu te enguiço
Pela porta do carriço,
Que não cresças
Mais do que isso (2).

Muito bem se canta na Sé,
Uns sentados, outros em pé.

Caracol, caracol,
Põe os corninhos ao sol.

Ó João, olha a burra no feijão;
Ó Tomé, amarra a cabra pelo pé;
Ó Chico, trá-la pelo bico.

Sete alfaiates,
Que vieram de Espanha
Com sete tesouras,
P'ra matar uma aranha.

O arco da vélha
No meio do mar,
Doe-lhe a bexiga
Não pode m...

Quem vai ao ar
Perde o lugar,
Quem vai ao vento
Perde o assento.

Quem dá e torna a tirar
Ao inferno vai parar

ou:

Quem dá e torna a tirar
Nasce-lhe uma giga nas costas.

Bê-à bá, fugiu a burra,
Bê-è bé, manca dum pé,
Bê-i bi, eu bem a vi,
Bê-ò bó, é tua avó,
Bê-u bú, beija-lhe o c.

Palminhas, palminhas,
Palminhas do né-né,
O papá dará sopinhas,
A mamã dará maminhas.

(1) Domingos da Quaresma.
(2) Praga que uma criança roga a outra.

Era não era
No tempo da era,
Três ratos podres
Numa panela
Para aquêle que falar primeiro,
Fora eu que sou juiz (1).

Amanhã é domingo,
Do pé do caminho,
Do galo montês;
A rês era de barro,
Toca no adro;
O adro era fino,
Tona no sino;
O sino era d'ouro,
Toca no touro;
O touro era bravo,
Mata o fidalgo;
O fidalgo era valente,
Mata a sua gente,
E enterra-a na cova dum dente

V

ALCUNHAS TERCEIRENSES

Ala-bicho — Ignoro a origem.

Alamo — De origem geográfica. Na toponímia terceirense há nomes de lugares, onde entra esta palavra: — *Chafariz do Alamo, Alamos Bravos, Casa do Alamo*, etc.

Alfarroba.

Alferes — Diz uma quadra popular:

Na Terceira são alferes,
Em S. Jorge capitãis,
No Pico são picarotos,
No Faial finos *ladrãis*.

Alhinho — Fino, esperto. Na *Antroponímia Portuguesa* de José Leite de Vasconcelos, pág. 260, regista-se *Alho*.

Alma de m... — Poltrão.

Arrasta a vélha (?)

Atentado — Impulsivo, obstinado. Era a alcunha de um gatuno.

Bacalhau — Magro, sêco. É também alcunha continental. *Antroponímia*, pág. 216.

Badilho — Apelido ou alcunha antiga. Ferreira Drumond, nos *Anais da Ilha Terceira*, vol. II, pág. 9, fala de um *Diogo Badilho*.

Baeta — Alcunha alusiva a instrumento de trabalho, segundo a *Antroponímia*, pág. 272.

Bagaça.

Baila-bem — Alcunha de um pescador.

---

(1) Para impor silêncio.

Bailão — Alusiva à forma de bailar ou de andar saracoteado. *Antroponímia*, pág. 195.

Baleia — Alcunha de uma mulher gorda. Nas *Saüdades da Terra* de Gaspar Frutuoso, S. Miguel, vol. I, pág. 128, fala-se de um indivíduo com esta alcunha.

Barata — Alcunha e também apelido. Na *Ant.*, pág. 322, diz-se ser de origem francesa. Na ilha Terceira, creio ser de origem zoológica, alusivo a qualidades morais, irascibilidade, mau génio. O povo diz: *Escamado* ou *fulo como uma barata.*

Barba-branca — Alcunha antiga, que aparece nas *Saüdades da Terra*, Santa Maria, pág. 58.

Barbela (?)

Barca-Sara — Alcunha de uma mulher baixa e muito gorda, e também nome de um navio de vela, que fazia freqüentes viagens para os Açôres.

Barrela — Neto de uma lavadeira.

Barriga de bicho — Barrigudo.

Barriga de égua — Barriga arredondada. Na *Antroponímia*, encontram-se alcunhas semelhantes.

Barrilinho — Alcunha de um músico militar reformado, gordo e baixo.

Batata — Segundo a *Antroponímia*, pág. 261, refere-se ao feitio das cabeças dos dedos; na Terceira, creio que se refere ao nariz, a que o povo chama *batata*, quando é grosso, volumoso ou rubicundo.

Batata doce — Branco e louro.

Batatal.

Bate-calças — Semelhantes na *Antroponímia*, pág. 278.

Baú.

Beiço-rachado.

Belerique — Alcunha que é hoje apelido. Não me foi possível saber a significação da palavra.

Bem entendido — Sensato, sentencioso.

Besouro.

Bexiga.

Bica.

Bicanca — Nariz grande.

Bicha-fria — O povo chama *bicha* a uma mulher zangada e de mau génio: — *Má como uma bicha*, e também à minhoca, e aos órgãos genitais masculinos.

Bicha-pechinchinha — *Pechinchinho* é forma deminutiva popular de pequeno.

Bicharouco — Bicho pequeno e desconhecido, alcunha de um pescador.

Bicho-feio — Alcunha de um marítimo.

Bicho-negro — Trigueiro. Na *Antroponímia*, pág. 217, encontra-se *Bicho*.

Bico-roxo — Com uma mancha roxa no lábio.

Bochechas de gato — Bochechudo.

Bodica — Na *Antroponímia*, pág. 217, há *Bode* e *Bodalho*.

Boga — Espécie de peixe e alcunha de um pescador. *Antroponímia*, pág. 217.

Boião — Alcunha de um padre gordo e baixo.

Boi-negro — Alcunha familiar antiga, que se encontra em Drumond, *Anais*, vol. III.

Bôlha — Indivíduo amalucado; o povo diz: — *Zé bôlha, grande bôlha, deu-lhe na bôlha.*

Borda de água — Indivíduo cuja figura tinha semelhança com a gravura da capa do popular almanaque daquele nome.

Borda de pedra (?)

Braço-forte.

Bretão — Hoje apelido de origem geográfica e antiga alcunha, segundo as *Saüdades da Terra*.

Brindeira — Forma popular de merendeira.

Brioso.

Burra do Manuel Amado — Alcunha de mulher. Tornou-se célebre, entre o povo, uma burra amestrada, pertencente a um palhaço daquele nome que viveu alguns anos na ilha. Creio aludir a alcunha a qualidades morais, pretenciosismo, da alcunhada.

Cabaça — *Antroponímia*, pág. 261.

Cabaço — O povo chama *cabaço* à virgindade: — *Tirou-lhe o cabaço*, e também ao facto de uma rapariga rejeitar o namoro de um rapaz: — *Deu-lhe um cabaço.*

Cabeça — *Antroponímia*, pág. 198.

Cabeçudo — *Antroponímia*, pág. 197.

Cabedal — Tem origem no emprêgo freqüente da palavra na conversa, ao que o povo chama *um bordãozinho*, no sentido de grande quantidade: — *Cabedal de gente, cabedal de porcos*, etc.

Caboz — Nome de um peixe e alcunha de um pescador.

Cabra.

Cabreiro.

Cabrita e Cabrito — *Antroponímia*, pág. 218.

Caçador — *Antroponímia*, pág. 189.
Cação — *Antroponímia*, pág. 218.
Caçapo — *Antroponímia*, pág. 218.
Cacêna ou **Cassêna** — *Antroponímia*, pág. 313.
Cachaça — Bêbado e também referente à forma do pescoço largo e gordo, como *Cachaço* e *Cachaçudo*, alcunhas também existentes na Terceira, e ainda *Peilaça*.
Cachimbo — Alcunha de um brasileiro.
Cadelinha — Na *Antroponímia*, pág. 218, *Cadela*.
Ca-del-rei — Forma popular de *a que d'el-rei*. Ignoro a origem da alcunha.
Cafúa.
Caixa d'óculos — Pessoa que usa óculos.
Calafate — *Antroponímia*, pág. 190.
Calçado — Antiga alcunha, hoje apelido.
Calhoca (?)
Camarão — Alcunha de pescador. *Antroponímia*, pág. 218.
Cambado — *Antroponímia*, pág. 193.
Campôna — Espécie de dança popular; alcunha alusiva à forma de andar.
Canadinha e **Canadinhas** — De origem geográfica; a palavra *canada*, caminho vicinal ou particular e até municipal, entre paredes, é de freqüentíssimo emprêgo na toponímia.
Canário e **Canarinho** — Na *Antroponímia*, pág. 219, *ágil*, *ligeiro*.
Candeias.
Caneca.
Canelas — Na *Antroponímia*, pág. 166, atribue-se-lhe origem geográfica.
Caneta (?)
Canha e **Canhanha** — Canhoto.
Canhoto — *Antroponímia*, págs. 18, 193 e 196.
Cantador — *Antroponímia*, pág. 189.
Canzorra — Má cara.
Capa-porcos — *Antroponímia*, págs. 180 e 219.
Capinha.
Capoeira — Alcunha de marítimo, que me parece referir-se ao conhecido jôgo brasileiro, que se enraïzou na Terceira.
Capote — *Antroponímia*, pág. 268.
Caracol — *Antroponímia*, pág. 219.
Cara de cão e **Cara de ferro** — Semelhantes na *Antroponímia*, pág. 198.
Carangão.

Cara suja — Alcunha de um ferreiro.

Carauta — Alcunha na ilha Terceira e apelido na ilha do Pico, de onde veio a família que é conhecida por êsse nome.

Carcereiro — *Antroponímia*, pág. 187.

Careana — Alcunha de mulher. É forma popular do *acordeon*, instrumento músico, que o povo diz *acordeano*.

Carne-sêca — Magro. Semelhantes na *Antroponímia*, págs. 195 e 217.

Carneiro — Na Terceira o povo chama *carneiro-môcho* ao que não tem cornos.

Carneiro-môcho — *Antroponímia*, pág. 219.

Carôço — *Antroponímia*, pág. 261.

Carrasco — Segundo a *Antroponímia*, pág. 261, é alcunha referente ao reino vegetal. Na Terceira, onde não existe a planta daquele nome, creio referir-se a qualidades morais: — *mau, sem piedade*, pois o povo chama *carrasco* a quem as tem, ou é então alcunha vinda do continente.

Casaca — *Antroponímia*, pág. 268. A *casaca* era trajo da gente da cidade que o povo dos campos nunca usou.

Casacão de ferro — Alcunha de um indivíduo que usava um sobretudo amarelado de fazenda muito grossa.

Castelo — *Antroponímia*, pág. 166. Na Terceira deve ter origem geográfica, pois o povo assim chama aos muitos fortes que há na costa da ilha, e, designadamente, à fortaleza filipina do Monte-Brasil, na cidade de Angra, fronteira à fortaleza de S. Sebastião, no outro extremo da baía, conhecida por *Castelinho*. Na linguagem popular, *ir para o castelo* significa ir prestar o serviço militar.

Catrina — Forma popular de *Catarina*. Tem origem no nome de uma mulher da família da pessoa a quem foi posta a alcunha.

Cavala escalada — Alcunha de pescador. Na linguagem popular significa *cavala salgada*. *Antroponímia*, pág. 220.

Cavalas (F. das) — Alcunha de uma família de pescadores.

Cavalo, Cavalo vélho, Cavalinho e **Cavalo de pau.**

Cavalo do Matelto — Alcunha de um entusiasta com touradas, que uma vez trouxe às costas em triunfo um toureiro daquele nome.

Cebola-branca — Indivíduo branco e louro. Na *Antroponímia*, pág. 261, há *Cebola*.

Cega-pintos (?)

Ceila redonda (?) — Alcunha de mulher.

Cevana — Alcunha de mulher pouco aceada; de *cevar*, sujar, emporcalhar.

Chama — Alcunha ou apelido antigo de que se fala nos *Anais da Ilha Terceira*, vol. I.

Chamarrita — Nome de uma dança popular e alcunha de um homem baixo e muito magro que tocava viola.

Chapado (?)

Chapéu de ferro — *Antroponímia*, págs. 260 e 268. É também designação genérica de homem avarento.

Charamba — Dança popular.

Charnecas — *Antroponímia*, pág. 166.

Chaveca — Era alcunha de mulher. *Chaveco*, na linguagem popular, é um barco ou navio vélho em más condições de navegar.

Chega-lhe-a-manta (?)

Cheira-vintém — Ganancioso. É alcunha familiar antiga.

Chibança — Alcunha de um padre. Na *Antroponímia*, pág. 220, *Chibo*.

Chicharro — *Antroponímia*, pág. 220.

Chilão (?)

Chora — *Antroponímia*, pág. 267.

Chora sopas e **Chora fachinas** — Esta, alcunha militar.

Chorica e **Chorona.**

Chupista — Amigo de comer ou beber à custa alheia. *Antroponímia*, pág. 196.

Chuva.

Chuvinha — Na *Antroponímia*, págs. 275 e 333.

Cóca — Ser fantástico com que se mete mêdo às crianças (J. Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*, pág. 297), e que na Terceira é vulgarmente substituído pelo *Papão.*

Côco e **Bacôco** — Atoleimado.

Coquêta — Forma popular de francês *coquette*, janota, cheio de si.

Cordoeira — Mulher magra.

Cornota — Alcunha que umas vezes se refere a nariz grande, outras ao serviço militar.

Coronel-amador — Alcunha de um soldado veterano.

Coxo — *Antroponímia*, pág. 196.

Cucas — Na linguagem corrente, esta palavra designa a maçã de cuco que na Terceira se não conhece. Será de origem brasileira? Não me foi possível saber a acepção em que o povo emprega a palavra.

Cupido — Alcunha e apelido.
Dá de galho — Alcunha alusiva à posição da cabeça e modo de andar.
Dançarino.
Delgado — *Antroponímia*, págs. 193 e 194.
Dèrreizinhos — Forma popular deminutiva de *dez-réis;* insignificante, pequeno; corresponde aos modos de dizer populares: — *Dez-réis de gente.* — *Quem nasceu para dez-réis nunca chega a vintém.*
Descarado — Afoito, sem vergonha.
Discreto — Inteligente. O povo diz de uma pessoa inteligente que é discreta.
Embala bonecos — Alcunha de uma meretriz.
Escardeado — Alcunha de um homem sardento.
Escorrega — Alcunha de um marítimo.
Esgaça (?)
Espada — *Antroponímia*, pág. 278.
Espanhol — Fanfarrão, e também alcunha de origem geográfica.
Espanta-cavalos (?)
Estoque (?)
Estraga albardas — Estroina, estragado.
Estrêla.
Exposto — *Antroponímia*, pág. 351.
Faceira — Alusivo ao rosto gordo e flácido.
Facheiro — Alcunha profissional. O povo chama *facho* a um pôsto semafórico.
Fadinho — Na *Antroponímia*, pág. 189, *Fadista.*
Faial — De origem geográfica.
Faísca.
Fandulho e **Fandulheiro** — Mal trajado. Alcunha de pescador. *Fadulhos*, na linguagem popular, designa calças vélhas e trapos.
Faneca — Fraco, insignificante. *Antroponímia*, págs. 222 e 206. *Faneco* diz-se, na linguagem popular, dum trabalho feito fora das horas próprias. Na toponímia há também *Faneca* e *Fonte-Faneca.*
Farfalha — Falador, gabarola.
Farrouco — Alcunha de origem geográfica; nome de um lugar nos arredores da cidade de Angra.
Faveira — Alto e magro. Na *Antroponímia*, pág. 262, *Fava.*
Ferra a vélha (?) — Era alcunha de um veterano.
Ferra-diabos — Mau.

Ferra-um-pau — Alcunha, e hoje apelido.

Fialho — Hoje é apelido, que devia ter sido alcunha relativa à qualidade de falador. O povo chama *fialho* e fazer *fialho*, a uma narração interminável. Como apelido é antigo, pois Drumond, nos *Anais*, vol. II, pág. 7, fala num *António Pires Fialho*, procurador dos mesteres em 1640.

Fiança (?)

Filós (?) — É o nome de um bôlo que se faz no Carnaval semelhante às *farturas* do continente.

Flor do comércio — Alcunha de um mendigo que fêz parte da tripulação de um navio com êsse nome.

Foguete e **Foguete-queimado** — Magro, alto e trigueiro.

Fole e **Foleja** — Indivíduo mentiroso. O povo diz *folejar* no sentido de mentir.

Folhinha de rosa — Alcunha de um antigo mestre de escola regimental.

Foninha — Avarento, mesquinho. O povo chama *fona* a um avarento (*A Língua Portuguesa*, vol. IV, pág. 267).

Frade e também **Bicho-frade** — Alcunha de um curandeiro que fôra egresso. *Bicho-frade* é o nome vulgar de um insecto.

Fralda — Medroso, sem opinião segura. O povo chama *c. de duas fraldas* a um indivíduo que pensa e diz uma vez uma coisa e logo outra diferente.

Freijoeira — Alcunha de um marítimo.

Frieza — *Antroponímia*, pág. 191. *Frígidas*, alcunha antiga.

Frisa — Alcunha de um marítimo de cabelo muito anelado.

Fura-olhos — Indivíduo magro. É também o nome vulgar da libélula.

Fura-paredes — *Antroponímia*, pág. 278.

Fusquita — Alcunha de mulher baixa, magra de feições miüdinhas.

Gago — *Antroponímia*, pág. 191.

Gaguinha — Alcunha de uma meretriz.

Galante.

Galarito (?) — Alcunha de um pescador.

Galhano (?)

Galhé (?) — Alcunha de marítimo.

Galhestra — *Galhastro* é palavra popular transmontana que significa animal com um só testículo (Cândido de Figueiredo, *Novo Dicionário*).

Galhinho (?).

Galinha e **Perninha de galinha** — *Antroponímia*, pág. 222.
Galo-branco.
Ganga — É o nome de um animal, ave galinácea. Na Terceira significa também estroina, pândego, e é o nome de uma fazenda amarela que hoje se não usa.
Garça.
Garoupa — Alcunha de pescador.
Garrano — *Antroponímia*, pág. 223.
Garrão.
Gato — Alcunha e apelido.
Gato-bravo — *Antroponímia*, págs. 224 e 236. Nas *Saüdades da Terra*, S. Miguel, vol. I, pág. 54, fala-se de um indivíduo com esta alcunha.
Giraldinha — Alcunha de certo mendigo atoleimado. Creio ter origem numa canção dêste nome, que foi muito popular em certa época, e que êle cantava freqüentes vezes.
Gorgita — Alcunha de marítimo, em vias de se transformar em apelido.
Gracioso.
Grande — *Antroponímia*, pág. 18.
Granito (?) — A rocha dêste nome não existe na ilha.
Graveto e **Graveto-sêco** — Magro.
Grilo — *Antroponímia*, pág. 224.
Hora e meia (?)
Já deu — Alcunha de um indivíduo a quem tinham amputado os braços e hoje transmitida aos filhos.
Janeiro — *Antroponímia*, pág. 182.
Japão — Alcunha de um rapaz baixo com feições de japonês.
Joanete — Nome de peixe e alcunha de pescador.
Joaquim das duas portas — Alcunha de um vélho comerciante. Alude ao facto de, até há um século, quási tôdas as lojas terem janelas e uma porta.
Joeireiro.
Joreta (?)
José da lata — Alcunha de um pastor que, em pequeno, transportava todos os dias uma grande lata de leite.
José do morgado — Antigo criado de um morgado.
Justiça da noite — Alcunha de um noctívago.
Labandeira — Alcunha de marítimo; nome popular da arvéola.
Lagarto — *Antroponímia*, pág. 224.
Lambuza.
Laranjinha — *Antroponímia*, pág. 262.

Larga a tranca — *Antroponímia*, pág. 279.
Lazeira.
Lestinho.
Ligeiro.
Limpriça — Magro e alto.
Lindinho — Alcunha de marítimo. *Antroponímia*, pág. 549, *Lindo*.
Lombriga-sêca.
Lourinho — *Antroponímia*, págs. 195 e 278.
Macaca — Na *Antroponímia*, pág. 226, *Macacão*.
Maçãzinha — *Antroponímia*, pág. 198.
Maduro — Apelido que devia ter sido alcunha. O povo diz *homem maduro*, pessoa prudente ou idosa, e *maduro*, telhudo.
Magina — Deve referir-se a qualidades morais, *magina* por imagina, pois o povo diz *maginar* por imaginar.
Malagueta — Alcunha familiar.
Malhado — Indivíduo com malhas vermelhas no rosto.
Malha-frades — Era a alcunha de um padre muito alto. Nas *Saüdades da Terra* fala-se de um *Calca-frades* (vol. II, pág. 132).
Manada — Alcunha de origem geográfica; freguesia das *Manadas*, na ilha de S. Jorge.
Mança e Maunça.
Mancebo — Alcunha e apelido.
Manjaricão.
Manuel do leite — Alcunha referente à profissão, vendedor de leite.
Manuel da Vila — Geográfica.
Mãos-grandes.
Mãozinhas — Alcunha de um indivíduo aleijado das mãos. Na *Antroponímia*, págs. 199, 265 e 266, alcunhas semelhantes.
Marau — Alcunha de um marítimo.
Maroto.
Marrajana — Era a alcunha de um vélho mestre de escola. O povo chama *marrajana* a uma trapaça.
Marreca.
Marujo.
Mau.
Melão — *Antroponímia*, pág. 263. Nas *Saüdades da Terra*, S. Miguel, vol. III, págs. 10, 20 e 63, fala-se de um indivíduo com esta alcunha. Na Terceira, a palavra, além da significação própria, tem mais a de *cabeça calva* ou *tosquiada*.

Melro — *Antroponímia*, pág. 226.
Mestra (F. da) — *Antroponímia*, págs. 188 e 189.
Milhafre — Alcunha antiga que se encontra nas *Saüdades da Terra*, S. Miguel, vol. I, pág. 343.
Minhas-terras — Alcunha antiga de dois irmãos tanoeiros que, segundo Drumond, nos *Anais*, tiveram papel importante na Restauração de 1641.
Mira-telhados (?)
Mogango.
Molhelha (?)
Moreno.
Morrão.
Morto e **Morte.**
Motreta — Era alcunha de um cego vendedor ambulante.
Muzelo (?)
Nabiça — Alcunha de origem profissional, vendilhão de peixe, a que o povo chama *nabiça*. Nas *Saüdades da Terra*, S. Miguel, vol. III, pág. 28, fala-se de um *Cosme Nabo*, mas a origem da alcunha ou apelido deve ser outra.
Narigão e **Narigueta** — *Antroponímia*, pág. 192.
Negrinho — *Antroponímia*, pág. 192.
Nordeste — Alcunha de origem geográfica; nome de duas freguesias em S. Miguel e em S. Jorge.
Oculista — O mesmo que **Caixa d'óculos.**
Olhinho de congro — *Antroponímia*, pág. 198.
Olho de vidro.
Orelha cozida.
Padre-cura.
Padre-mestre.
Padre-rapinha — Alcunha de um rapaz estudante do liceu, que fôra seminarista.
Palhaço.
Pândego.
Pano-cru e **Pano da terra.**
Pão-alvo, Pão-leve, Pão de ló, Pão de milho e **Pão de rala** — *Antroponímia*, pág. 271.
Papa-bôlos e **Papa-léguas** — Na *Antroponímia*, págs. 278 e 279, encontram-se alcunhas semelhantes.
Papagaio — Alcunha de um comerciante que tinha um papagaio no estabelecimento. Foi primeiro precedido da preposição *de*. *Antroponímia*, pág. 227.
Papas.

Paredeiro.
Parola — Falador.
Parreira — É apelido e alcunha. *Antroponímia*, pág. 166.
Pássaro — *Antroponímia*, pág. 227.
Pastor — *Antroponímia*, pág. 189.
Patacho — *Antroponímia*, pág. 190.
Pataco-falso.
Patinho — *Antroponímia*, pág. 227.
Pato.
Patola — De pés ou mãos grandes.
Pau-prêto — Muito trigueiro. É alcunha no Alentejo e Algarve. *Antroponímia*, pág. 276.
Pau-real (?)
Pavão — É apelido e alcunha. *Antroponímia*, pág. 227.
Pé de alho (?)
Pé de chita — *Antroponímia*, pág. 200.
Pega p'rò ar (?)
Peixe-rei — *Antroponímia*, pág. 228.
Péla.
Pelado — *Antroponímia*, pág. 201.
Pequeno — *Antroponímia*, pág. 191.
Perna teza, Perneta, Perna de pau.
Peru — *Antroponímia*, pág. 229.
Pescante (?)
Pêssego.
Petisco.
Picão — De nariz grande. *Antroponímia*, pág. 277. Nas *Saüdades da Terra*, S. Miguel, vol. II, pág. 97, fala-se num indivíduo com esta alcunha.
Pinguela — Alcunha de mulher. *Antroponímia*, pág. 323.
Pinhão — Na *Antroponímia*, pág. 166, *Pinho*.
Pintado — Na *Antroponímia*, pág. 230, *Pintalho*.
Pintaínho.
Piolho — *Antroponímia*, pág. 231.
Pitôco (?)
Poleiro (?)
Porca assada — Indivíduo com a pele muito vermelha.
Prosa — Vaidoso.
Pu-Pu (?)
Pulga — *Antroponímia*, pág. 232.
Quartilho — Medida antiga, que é a quarta parte da canada. Foi alcunha, hoje é apelido.

Queimado — Trigueiro, moreno. *Antroponímia*, pág. 195. Na Terceira refere-se também a qualidades morais. *Queimado* é o nome popular do milhafre, e o povo chama *queimado* a um indivíduo esperto e agarotado.
Queixudo — *Antroponímia*, pág. 198.
Quilo.
Rabada (?)
Rabequista.
Rabiça.
Rachado (?)
Raínha das ervas — Alcunha de mulher, semelhante a *Morgada dos farelos*.
Rapa e **Pastor da rapa** — *Rapa* é o nome que o povo da Terceira dá a uma espécie de urze.
Rapagão.
Raspinha (?)
Rata-parida — *Antroponímia*, pág. 232.
Rato-inchado.
Rebôlo — É hoje apelido, mas devia ter sido alcunha relativa a profissão.
Regalo.
Repôlho.
Reserva da morte — Alcunha de certo militar vélho, muito pálido e magro.
Ressoneca.
Reza-reza.
Rodeira — Ignoro a origem, mas creio relacionar-se com o Hospício dos expostos a que o povo chama *Roda*.
Rola-cestos (?) — É alcunha de mulher.
Romeiro — Devia ter sido alcunha, e hoje é apelido.
Rouco e **Roncoulha.**
Saboga.
Saínha — Alcunha de um rapaz que, por virtude de doença, usava um casaco até aos pés, semelhante a uma batina.
Salgado — Alcunha prestes a transformar-se em apelido. *Antroponímia*, págs. 194 e 266.
Salsêna (?)
Salsinha — *Antroponímia*, pág. 264.
Salta-paredes.
Salta-pocinhas — *Antroponímia*, págs. 278 e 279.
Saquitel.
Sardinha — *Antroponímia*, pág. 233.

Saro — De cabelo ruivo e branco.

Saúde.

Sêco — *Antroponímia*, págs. 192 e 318.

Segrêdo.

Selá (?) — Era alcunha de um músico militar.

Senata — Refere-se à pronúncia viciosa de *serenata*, do indivíduo, amador de música, que tinha a alcunha.

Serrilha — Designação popular da antiga moeda de prata de 200 réis.

Sete-falinhas — *Antroponímia*, pág. 274.

Sete-línguas — Maldizente. Alcunha de mulher. *Antroponímia*, págs. 269 e 274.

Sete e meio.

Sete-metros — Alcunha de um homem muito alto.

Sete-vinténs.

Simôa — Forma popular feminina de *Simão*. Alcunha de mulher, já mencionada nas *Saüdades da Terra*, S. Miguel, vol. I, pág. 89. Formas femininas semelhantes na linguagem popular terceirense encontram-se muitas. Por exemplo: *Maria Ribeira, Tereza Machada*, etc.

Simóca (?)

Sineiro — Alcunha profissional.

Siúpe — Imitação fonética de certa voz de comando dada por um militar a quem foi posta a alcunha.

Soldado.

Sono.

Sopa — Na *Antroponímia*, pág. 271, *Sopas*.

Sossega.

Sòzinho — Alcunha e hoje apelido.

Tá-bum-vá-lá — Frase muito repetida por um bêbedo, que foi assim alcunhado.

Taínha — *Antroponímia*, pág. 53.

Tamoeiro — Correia da canga de bois, e alcunha de um homem muito forte, que com ela amarrava um molho de lenha.

Tamujo.

Tarimbeiro.

Téque-Téque — Alcunha de mulher que andava com passo muito miüdinho.

Tesoura de cortar buxo — Alcunha de um coxo.

Testa de égua.

Tinhoso — *Antroponímia*, pág. 193.

Toste — Apelido que devia ter sido alcunha referente a qualidades morais; fino, esperto.
Tótó (?) — Designação do cão pequeno de luxo.
Toucinho — *Antroponímia*, pág. 271.
Trambolhão.
Tramoia — Enredador, indivíduo de má fé.
Três-orelhas — Na *Antroponímia*, pág. 198, *Três-beiços*.
Trinca-espinhas e também **Chupa-espinhas** — Magro.
Trombone — Alcunha de um filarmónico.
Vagarinho — Alcunha de um carpinteiro demorado no trabalho.
Valente.
Valha-me-Deus — Alcunha de marítimo.
Varejão — Indivíduo com as pernas grandes.
Vélho e **Vèlhote.**
Veneno — *Antroponímia*, pág. 278.
Veredas — De origem geográfica.
Vergante (?)
Vigairinho — *Antroponímia*, pág. 186.
Vila.
Vinte-e-um — Alcunha de origem militar.
Vira o lenço — Alcunha de uma mendiga.
Zanôlho — Vêsgo.
Zaranza — Andar incerto.

Angra do Heroismo — Maio de 1938.

Luís da Silva Ribeiro.

VOCABULÁRIO ALENTEJANO

(Subsídios para o léxico português)

(Continuação do vol. XXXV, págs. 155-160)

E

esbarrigar, v. t. — *Prov. alent.* — Parir. Rasgar o ventre de: «a última tripa de um cónego ou de um rei *esbarrigado...*» Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 761.

— Não conheço o têrmo com êste significado, mas sim *desemborrachar* ou *esborrachar*, q. v.

* **esbeloitada** *('sblôtada)*, adj. — *Pop.* — Diz-se da bilha de barro *(cântaro* e *enfusa)* partida na *bôca*. O mesmo que *desbocadado.*

* **esberregar-se,** v. p. — Chorar demasiadamente; *desfazer-se em chôro.* — É forma pop. de *esbarrigar(-se)*? Cp. os adjectivos *desbarbado* e *desbarrigado* (Reguengos).

* **esberriar-se,** v. p. — *Embezerrar-se* (Elvas — T. Pires). Vid. *entoirar.*

esbodègar-se, v. p. — Tornar-se froixo, brando (referido a pessoas). *Estar esbodègado*, fatigado; estafado (Baixo-Alentejo).

— «Andava sempre numa roda viva, *esbodègado*, consumindo uma actividade enorme... para não fazer nada». Cf. Camacho, *G. Rústica*, 122.

— Segundo C. de F. é de uso no Brasil como têrmo familiar.

esboleimar, v. t. — *Pop.* — Esmagar, *esborrachar.*

— «*Ô assentar-me* ia *'sbolêmando* o gato que *'tava* na *cadêra!*» (Serpa).

* **esboqueirado,** adj. — V. *desbocadado* (Cabeça Gorda).

• **esborrachar,** v. t. — *Fig.* — Parir. O mesmo que *desemborrachar*, ou *esbarrigar*, q. v.

— «A minha *patroa* (mulher) *esborracha pur* estes dias: Aquilo *'tá à porta!...*» (Portel — Us. em Serpa).

• **esborretear,** ou **esborrotear-se,** v. t. e p. — V. *embolar-se*, ou *enlocar-se* (Idem — Em Elvas, segundo T. Pires).

* **esbragar,** v. i. e p. — Diz-se do trigo, principalmente, cujos bagos por muito desenvolvidos se separam da espiga. Deixar cair os *grãos.*

— «*Tá* o trigo *tã* bom, *tã* grado — *benz'ó Deus!* — que já começa a *'sbragar-se*». É forma pop. de *esbagoar-se?* (Colhido em Beja).

«**esbrucinar-se,** v. p. — *Prov. alent.* — O mesmo que *debruçar-se*» *(Novo Dic.).*

— A pronúncia pop. é também muitas vezes — *esburcinar-se.* V. *desburcinar-se* (Dist. de Évora e Beja).

• **escabeche,** s. m. — *Pop.* — Banzé, barulho. O mesmo que *labarito.* É têrmo de gíria? (Dist. de Évora).

• **escabrear,** v. t. — Afugentar, maltratando.

— «*Eim* entrando no *quentáli,* o que faz *éi 'scabrear* os *alimais*» (Colhido em Évora — Us. em Beja, Cabeça Gorda).

— No vocabulário geral tem sentido muito aproximado: *irritar, enfurecer.*

* **escafa,** s. f. — *Fig.* — O mesmo que *estafa* (acto ou efeito de *estafar,* gastar pròdigamente). Estrago.

— É têrmo popular. — «Deves calçar as botas, que já *'tão* vélhas, *pra le* dares *escafa*».

— Às vezes também se ouve *escalfa,* q. v. (Serpa).

* **escafular,** v. t. — O mesmo que *escarpelar (escrapelar).* Arranhar, ferir ligeiramente: — «*Téim* os joelhos *escafulados*» (Idem).

— ¿É forma popular de *escafelar,* ou de *esfolar?*

— O *Novo Dic.* regista como *prov. trasm.* o vocábulo seguinte: *escafulada,* esfolhada, etc.

escagaitear-se, v. p. — *Pleb.* — O mesmo que *esganiçar-se,* cantar *esganiçado,* com voz aguda, etc. (Évora). Cp. *cagaitice.*

* **escaimósa,** adj. — Diz-se da pessoa virtuosa, mas cheia de esquisitices (?) (Serpa).

• **escala,** s. f. — *Pop.* — Descompostura, reprimenda; censura.

— Parece vocábulo, nesta acepção, de gíria militar (Évora e Montemor).

* **escalaficado,** adj. — *Pop.* — Bem limpo, asseado. O mesmo que *descasqueado* ou *desencasqueado* (referindo-se a cousas).

— «Agora *dês* que a Maria lava a roupa (louça, etc.) vem sempre *munto 'scalaficada*» (Reguengos).

— Forma popular de *clarificado?*

* **escalamòcado** e * **escalamoucado,** adj. — O mesmo que *desnocado,* partido, escangalhado, falando-se de objectos. Em sentido figurado e referindo-se a pessoas, significa: adoentado, cheio de dôres, etc. (Dist. de Évora).

* **escalamòcar** e * **escalamoucar,** v. t. — *Pop.* — Despedaçar, partir em pedaços. V. *desnocar* (Idem).

escalão, s. m. — Pessoa de génio violento que maltrata os seres inferiores, que não tem qualidades afectivas, mesmo para pessoas (V. *escalda-favais, espalha-brasas* e outros).

— «Nunca *le* confio o *mê* burro, êle *éi mêmo* um *'scalão,* tratava-mo logo *máli.*

— «*Nã téim amôri* a *nenguéim; éi mêmo* um *'scalão*» (Évora).

— Já vem arquivado no *Novo Dic.* como *prov. alent.*

escalda, s. f. — «Sopa de pão em caldo de peixe, e com bastante pimentão picante». Cf. T. Pires na *Rev. Lus.*, XXIX, p. 220 (Elvas).

• **escaldados,** s. m. pl. — Bôlos feitos de farinha de trigo, ovos, açúcar, e azeite frito, ou *manteiga de vacas* derretida (Idem, *ibid.*) (Elvas).

escalda-favais, s. m. — O mesmo que *espalha-brasas,* irriquieto, estouvado. Cp. *escalhavardo* e *mija-vinagres.* Na seguinte cantiga popular encontra-se o vocábulo:

«O *mê* lindo *amôri*
É alto de mais;
Por isso *le chamom*
O **'scalda-favais**».

(Reguengos).

— C. de F. já registou o têrmo no seu *Dic.*, dêste modo: «**Escalda-favaes,** m. fam. — Pessoa irritável, que toma calor com qualquer coisa. *Prov. alent.* — Homem, que maltrata animaes».

— T. Pires arquivou-o com o significado de *rapaz turbulento* (Elvas).

* **escalfa,** s. f. — *Pop.* — Acto ou efeito de *escalfar.* Cp. *escafa.*

— «*Onte* foi *ó* «monte» na égua, sempre *le* pregou *'ma escalfa!*» (Portel).

* **escalfadela,** s. f. — O mesmo que *esfalfadela.* Cansaço ligeiro, fadiga (Idem).

* **escalfamento,** s. m. — Grande cansaço. O mesmo que *esfalfamento* (Idem). É também vulgar em Elvas, segundo T. Pires, e no Algarve, segundo o sr. dr. Estanco Louro.

escalfar, v. t. — O mesmo que *esfalfar,* fatigar, tornar fraco devido a grande trabalho, etc. (Dist. de Évora).

— O *Novo Dic.* já o arquiva como *prov. alentejano.*

* **escalha,** s. f. — Escada, que comunica com a *mina* da nora? O mesmo que *contramina*?

— No verbete respectivo não tem localização.

1. * **escalhavardo, -a,** s. m. e adj. — Diz-se da pessoa doida, alvoreada, irriquieta, etc.

— «O rapaz *nã* se pode aturar, *nã* pára nada co'êle: *éi* um *'scalhavardo*». (Dist. de Évora — Serpa).

2. * **escalhavardo,** s. m. — Dança popular antiga (V. *escovinhas*).

— Era tão violenta que os dançarinos ficavam exaustos, depois de alguns minutos de a executarem (Colhido em Évora. — Consta-me que em algumas localidades do dist. de Beja era assim igualmente conhecida).

1. **escalmorrado,** adj. — O mesmo que *encalmado*, cheio de calor, suando.

— O *Novo Dic.* classifica-o de *prov. alg.* É também usado no Alentejo, pelo menos em Beja.

2. • **escalmorrado** (ou *escalmurrado*?), adj. — Derrotado, vencido, em qualquer luta, mesmo apenas moral. Maltratado; adoentado.

— «Foi desafiar o rival, e veio *escalmorrado*». — «Tinha grandes prosápias de *fazer boa figura* co'os discursos, mas afinal ficou *escalmorrado*». — «Êle ficou *munto escalmorrado* desde aquela *garrêa*» (Colhido em Évora).

— Em Elvas chamam *escâmurrado* ao enfêrmo, doente. Cf. T. Pires, *Voc. Alentejano*, 40.

escamalhar, v. t. — Pôr em desordem; espalhar, o mesmo que *escangalhar* (Baixo-Alentejo).

— O *Novo Dic.* já regista o vocábulo como *prov. trasm.* É também *alentejano*.

• **escamel,** s. m. — Rapazola de 12 a 17 anos, que no «monte», faz os serviços ligeiros; que vem à povoação aos *mandados*, etc. V. *mandalete*, *paquete* e *rapa* (Reguengos).

* **escancha,** s. f. — O mesmo que *saltada*, salto, pulo.

— «Foi duma *escancha* que atravessou o regato» (Serpa).

escândula, s. f. — Ofensa, agravo; motivos de queixa, etc. (Dist. de Évora).

— Também pronunciam *escândala*, *escândela* e *escând'la*. — «*Cal* foi a *escândula* que teve minha..., diga, *par nã* vir à minha casa?!...» (Portel).

— É têrmo popular já registado por C. de F. e por

outros lexicólogos, como por exemplo os srs. dr. Agostinho Fortes e Tomás Pires, os quais o grafaram com *o*: *escândola*.

— Note-se nesta cantiga popular o vocábulo com a significação apontada:

«*Nã ôlhes pará noguêra*,
Qu'ela nozes *téim* só duas.
Ôlha aqúi pró mê pêlo,
Que *'stá* cheio d'**escândulas** tuas».

(Évora).

* **escanifra**, s. m. — *Pop.* — Homem magríssimo. Cf. T. Pires, *Vocabulário*, 40 (Elvas). O mesmo que *escanifrado* e *escanifre (Novo Dic)*.

• **escano**, s. m. — Cadeira de braços? É o mesmo que *escabelo?* (Colhido em Gavião — Us. em Niza).

escanzelado, adj. — *Pop.* — Magro (como um cão), magrizela; adoentado. Cp. *esgalgado*.

— «Estou a vê-lo, de estatura meã, *escanzelado*, macilento, glabro da cara, excepto no lábio superior...» Cf. B. Camacho, *obra cit.*, 7 (Baixo-Alentejo).

— «Apareceu um dia no Monte, magro, *escanzelado*, consumido pelas febres, havia três meses a contas com umas quartãs que o não largavam *nem à mão de Deus Padre*» (Idem, *ibid.*, 23).

escaparate, s. m. — Mesinha de cabeceira (Campo Maior, única terra do Alentejo onde sei ser de uso).

— Na referida acepção diz C. de F. ser têrmo açoriano.

escapatório, adj. — *Pop.* — Razoável, sofrível. Corresponde à loc. adv.: *assim-assim*.

— Deve ser têrmo geral no Alentejo, e talvez em todo o país. Conheço-o em vários registos.

* **escapelão**, s. m. — *Pop.* — Pequena ferida, feridinha. Também dizem *escapelãozinho*.

— «Isso *nã éi* nada: *éi* um *'scapelãozinho* na pele» (Évora).

escapósa, adj. — O mesmo que *escaimósa*. Diz-se da pessoa esquisita, que se prende com coisas fúteis, etc. É adjectivo só usado na forma feminina (Serpa).

* **escapulida,** s. f. — *Pop.* — Fugida, saída; ausência, etc.
— «Durava a folia uma meia hora, porque eu precisava chegar ao Monte com o compadre Rabino, que me serviria de testemunha abonatória, caso minha mãi tivesse dado pela minha *escapulida*». Cf. B. Camacho, *obra cit.*, 35 (Baixo-Alentejo — Dist. de Évora).

* **escarafunchadela,** s. f. — *Pop.* — Acção de *escarafunchar* (esgravatar) (Portel).

1. ● **escarafunchar,** v. i. — *Pop.* — O mesmo que *dançar* (Vid. *escarafuncho*). Tem ainda sentido *chulo*.
— É têrmo popular colhido em Mértola.

2. ● **escarafunchar,** v. i. — *Pop. fig.* — Limpar bem, assear.
— «Foi sempre boa criada: gosta *munto* de *'scarafunchar* as casas» (Colhido em Évora onde também ouvi o seguinte: — «*Despôis* de vir do trabalho, *arrenja-se*, aparece logo *munto 'scarafunchado*»).

«**escarafuncho,** s. m. — Bailarico». *(Novo Dic.)* (V. *escarafunchar*, 1). É também usado em Mértola?

* **escaramòcado** e * **escaramoucado,** adj. — *Pop.* — O mesmo que *escalamòcado*. Ferido ligeiramente. Escalavrado.
— «Foi-se meter na *garrêa*, ficou todo *'scaramòcado*» (Évora).
— Em Elvas dizem *escrâmòcado* (T. Pires).

* **escarapanta,** s. m. — *Fam.* — Indivíduo (ou animal) irriquieto, arisco, desassossegado. Cp. *escalão*, *escarapão*, *espalha-brasas* e outros (Serpa).

* **escarapantar,** v. t. — Espantar, afugentar; enxotar. O mesmo que *escabrear*, q. v. (Serpa — Us. em Portel e Reguengos).

«**escarapão,** s. m. — *Prov. alent.* — Cobra inofensiva, sem peçonha, de dorso escuro e barriga amarela. *Fig.* — Indivíduo irrascível». Cf. C. de F., *obra cit.*, I, 768 (Dist. de Évora).
— Com a primeira das acepções já foi também registado o têrmo pelo sr. dr. Agostinho Fortes (V. *Nótulas*, 27); com a segunda significação, acrescentando-lhe *animal indócil, espantadiço*, foi arquivado pelo sr. dr. Estanco Louro (V. *O Livro de Alportel*, 267). Cp. na parte respeitante — *espirra-canivetes, mija-vinagres* e outros.

«**escaravelha,** s. f. — O mesmo que *cravelha* de viola ou de outro instrumento de cordas». — É desta maneira que o voc. vem registado no *Novo Dic.* como *prov.* sem localização. É usado no Alentejo, dist. de Évora, onde a pronúncia popular é *'scravêlha*.

* «**escarduça**, s. f. — Dentuça». Cf. T. Pires, *Vocabulário*, 40 (Elvas. Nesta cidade há uma família assim apelidada). Cp. o têrmo geral *escarduçar*, cardar com *carduça*.

* **escariote**, s. m. e adj. — *Fam.* — Criança traquina, turbulenta (V. *espirra-canivetes*) (Colhido em Vila-Viçosa — Us. em Serpa).

* **escarneadeiro**, s. m. e adj. — É forma menos usada que a seguinte (Serpa).

* **escarneador**, s. m. e adj. — O mesmo que *escarnecedor*, o que escarnece. Trocista (Idem).

* **escoente**, s. m. — O mesmo que *escoante* (declive, inclinação, etc.). Cp. *esguelhão* (Colhido em Évora — Us. em Serpa).

* **escolateira** (1), s. f. — Forma popular de *chocolateira* (Dist. de Évora).

* **escondalhas**, s. f. pl. — O mesmo que o conhecido jôgo popular das *escondidas* (V. *esconde-esconde*).

— O sr. H. Brunswick no *Diccionario da Antiga Linguagem Portugueza* (1910), 114, traz êste artigo: «**escondedalhas**, subterfugios, escapatorios. — Invenções e modos de esconder».

1. **escondarelo**, s. m. — Corruptela alentejana de *esconderelo*, o mesmo que *esconderijo* (*Novo Dic.*). É têrmo vulgar no distrito de Évora.

2. • **escondarelo**, s. m. — *Fig.* — O mesmo que *espera*, 1. Vid. ainda *choça* ou *chôço*, *chôcho* e *parrocha*, etc. (Reguengos e Mourão).

esconde-esconde, s. m. — Jôgo de rapazes (Em Elvas, segundo T. Pires).

— O *Novo Dic.* já regista sem a indicação de ser *provincianismo*, e pregunta se é o mesmo que *escondidas*. Evidentemente que é.

esconderelos, s. m. pl. — O mesmo que *escondidas*, jôgo (*Novo Dic.*).

---

(1) Nas falas populares alentejanas a sílaba inicial *cho* transforma-se em **es** = **'s**. Outros exemplos: *chocalho* = **escalho, 'scalho**; *chocolate* = **escolate, 'scolate**, etc.

Acêrca desta e doutras características notáveis dos falares do povo, vejam-se, por exemplo, todos os volumes desta *Revista*, e *O Livro de Alportel* de Estanco Louro.

— O sr. dr. Agostinho Fortes nas *Nótulas*, 28, arquiva *escondarelos* e descreve com minúcia êste jogo popular, e diz que é jogado pelos rapazes no tempo das eiras e da debulha do trigo (Mourão).

* **escórcha,** s. m. e adj. — Pessoa interesseira, que procura obter lucros de qualquer modo; egoista, explorador, etc. (Colhido em Évora — Us. em Elvas).

— Do têrmo antigo *escorchar*, roubar?

* **escorchice,** s. f. — *Pedintaria* — «Aquêle anda na *escorchice*» Cf. T. Pires, *Vocabulário*, apêndice, 127 (Elvas).

escorcioneira, s. f. — Doce preparado com a raiz cristalizada da escorcioneira. Julgo que só em Évora a raiz é assim aproveitada. Desconheço se o fazem noutra região.

— O *Novo Dic.* refere-se sòmente à planta (*scorzonera hispanica*, Lin.) e não ao doce.

* **escòsinhado,** adj. — *Pop.* — Diz-se da roupa esfarrapada, esburacada. Descosido? (Serpa).

escovinhas, s. f. pl. — «Danças regionais do Alentejo, como as *saias*. Cf. Luís Chaves, na *Rev. Lus.*, XIX, 318 (Santa Vitória do Ameixial — Estremoz).

— V. *escalhavardo*. É dança também usada no Algarve. Cf. Estanco Louro, *O Livro de Alportel*, 268.

* **escravilheira,** s. f. — «Porca que tem tido muitas crias». Cf. A. Bessa, *A Gíria Port.*, pref. XXVII (Odemira). Cp. *calhameira* usado em Gaivão.

* **escrugeirar,** v. i. — Morrinhar, *corujar* (vid. êste têrmo) (Cabeça Gorda — Beja).

* **escumarêda,** s. f. — O mesmo que * *espumarêda*, grande quantidade de *escuma*.

— «Tal *éi* a *carremaça*, que vens a *dêtári 'scumarêda* da bôca!» (Dist. de Évora).

* **esfalripar,** v. t. — Desfazer em *falripas*, esfarripar (Évora).

* **esfarrajar,** v. t. — *Pop.* — O mesmo que esfarrapar, rasgar. Cp. *esfatajar* (Serpa).

● **esfarripar,** v. t. — O mesmo que *varejar?* — «... põem-se a *esfarripar* ou varejar *(avarjadores)* os ramos da oliveira». Cf. revista *Terra Nossa* (1916), II, 29 (Estremoz e Elvas). Cp. *esfalripar*.

* **esfatajar,** v. t. — Despedaçar, desfazer em *fatachos?* O mesmo que *farrajar*, q. v. (Reguengos).

* **esferrunchar,** v. t. — Vestir trajes carnavalescos. É têrmo popular. Cp. *aferrunchado* e *ferrunchão* (Mértola).

esfoladiço, adj. — *Prov. alent.* — Que se pode esfolar (falando-se de carne, como a do carneiro, do chibato, etc.). Cf. C. de F., *Novo Dic.*, adit., II, 983 (Baixo-Alentejo).

— Nesta acepção também regista o têrmo *esfoladio* usado em Arganil. Estes dois vocábulos encontram-se já com idêntico significado no livro *Camilo e o Povo*, de Costa Leão, o que me leva crer, que foi desta obra que o falecido dr. Cândido de Figueiredo os recolheu, embora o não cite.

— Eu não conheço o uso das formas masculinas apontadas — a do Alentejo, especialmente —, mas sim, *esfoladiça* e *esfoladia* (carne), o que tem alguma razão de ser por êste adj. no dist. de Évora, pelo menos, andar sempre acompanhado da palavra «carne». Assim, dizem: *carne esfoladiça, carne esfoladia.*

* **esforinhador,** * **esfulinhador** e * **esfrunhador,** s. m. — Vassoura de *gizbarbeiro* (gilbarbeiro) ou mesmo de palma, ligada na extremidade duma cana, formando cabo comprido, com que se *esforinham* (de teias de aranha) os tectos, paredes das casas, etc. (Colhido em Évora — Us. em Portel. Cp. *sacudidor.*

— O sr. dr. Estanco Louro em *O Livro de Alportel*, p. 268, traz o artigo seguinte: «*Xflunhador* e *Xfrunhador* — o mesmo que *Basculho*». Aqui, certamente, o vocábulo *basculho* deve designar «vassoura de cabo comprido, para limpar tectos ou objectos altos» (*Novo Dic.).*

* **esforinhar,** * **esfrunhar** e * **esfurinhar,** v. t. — O mesmo que *esfulinhar*, limpar teias de aranha, etc., com o *esforinhador* (Idem).

— São usados em Elvas, segundo T. Pires; no Algarve, segundo Estanco Louro.

esfregados, s. m. pl. — Esfregaduras — «Hoje é dia de *esfregados*». Cf. *caiados.* T. Pires, *Vocabulário*, apêndice, 128 (Elvas). Cp. também *lavados* e *varridos.*

— Já vem registado no *Novo Dic.* como têrmo popular.

* **esfregamaço,** s. m. — *Pop.* — O mesmo que *esfregamento*, acto de esfregar insistentemente.

— «*Pra* ter os *soalhos* assim *tã brancos*, é sempre um *'sfregamaço* pegado!» (Serpa).

* **esgalamido,** adj. — «Exinanido, magro, debilitado». Cf. T. Pires, *obra cit.*, 40 (Elvas. É também usado em Évora). Corresponde ao *prov. trasm.* **esgalmido?**

esgalgado, adj. — O que anda *esfomeado*. — «Fome é *galga*; o que anda esfaimado, anda *esgalgado*» (Cf. *Rev. Lus.*, XXX, 303, artigo do sr. dr. Fradinho. Reguengos). Cp. *escanzelado*.

— O *Novo Dic.*, como têrmo geral, dá-lhe êste significado: — «Magro como um galgo; que anda *caindo de lazeira*».

esgalgueirado, adj. — O mesmo que *esgalgado* (Portel e Serpa).

— O *Novo Dic.* regista já, desta maneira, o voc. como *prov. trasm.*

* **esganota,** s. f. — *Pop.* — Risota; galhofa (Lavre, conc. de Montemor).

* «**esgarnacha** *(fazer —)*, quebrar louça, e partir madeira». Cf. T. Pires, *Voc. Alentejano*, 41 (Elvas).

* «**esgarnachar,** esgarrar, e quebrar» (Idem, *ibid.*).

— Parece-me que em Montemor e Mora, respectivamente, nas freguesias de Lavre e Pavia, neste sentido, dizem * *esgarnar*. — «A pernada *esgarnou* com o pêso da fruta».

esgazear, v. i. — Levantar o tempo, depois de chover. Limpar-se o céu (de nuvens), etc. Quási o mesmo que *escampar* e *estiar* (Serpa).

— O *Novo Dic.* regista *prov.* colhido em Turquel, assim definido: adelgaçarem-se as nuvens, depois de chover: *se esgazear, ainda hoje vou à quinta.*

* **esgravulha,** s. m. — *Pop.* — Homem — ou rapaz — irriquieto, turbulento, desassossegado, traquina, etc. (Évora e Beja).

— É assim também conhecido o pião que gira aos saltos e que pôsto na mão não incomoda. O pião que *balha* bem, brandamente, aquêle que pôsto na mão quási se não sente, é *pianinho* (Portel).

— Com os primeiros significados regista C. de F. o têrmo *esgarabulhão*.

* **esgravulhar,** v. t. — Remexer, revolver, etc. — «Que andas aí a *esgravulhar* nas gavetas?» [1] (Colhido em Évora — Us. em Portel e Serpa. Em Elvas, segundo T. Pires).

* **esgrimido,** adj. — Diz-se do local acanhado, estreito, com pouco espaço. V. *ensampado*, 1 (Serpa).

---

(1) Acêrca dêste voc. publiquei um artigo nos *Brados do Alentejo* (Estremoz), n.º 141, 8-X-933.

* **esgrimidouro,** ou **esgrimidoiro,** s. m. — Local *esgrimido*, pouco espaçoso (Idem).

• **esguelhão,** s. m. — *T. caç.* — Outeiro com as encostas muito ingremes. Cp. *escoente* (Idem).

— O *Novo Dic.* regista a palavra como antiga, significando: *flanco, ilharga.*

* **esguelhudo,** adj. — Aquilo que está de *esguelha*, torcido. Que segue direcção tortuosa (referindo-se a estradas).

— «Esta estrada é *esguelhuda* com' um diabo!» (Idem).

esguiche, s. m. — O mesmo que *esguicho* (jacto de um líquido) (Portel e Serpa).

— C. de Figueiredo regista o têrmo como *prov.*, sem o localizar. É usado no Alentejo.

* **esmarouvado,** adj. — *Pop.* — V. *emmarouvado.* (Colhido em Évora — Monte).

esmirraçado, adj. — *Pop.* — O mesmo que *mirrado*, definhado etc. (Montemor).

— Ignoro se empregam o verbo.

• **espaldeirar-se,** v. p. — *Pop.* — Estatelar-se, cair.

— «Andas sempre com *brincas*, *nã* tardará *munto* que *nã* te *'spaldêres* no chão» (Alandroal).

espalha-brasas, s. m. — *Fam.* — O mesmo que *escalda-favais*, q. v. Doidivanas; desordeiro.

— É usado no Brasil, segundo C. de F.; no Minho, segundo o sr. O. de Pratt (*Rev. Lus.*, XVIII, 109-110).

* **espampaneirar,** v. t. — Forma popular de *espamparar*, o mesmo que *escancarar* (Cabeça Gorda, conc. de Beja).

* **espancadear,** v. t. — *Pop.* — Espancar, dar pancadas. Cp. *espingardear* (Serpa).

* **espanhóis,** s. m. pl. — Faúlhas expelidas do lume, da braseira, etc. O mesmo que *vélhas.* V. *castelhano.*

— É quási sempre usado no plural (Évora).

— Na linguagem familiar de Freixo-de-Espada-à--Cinta é o têrmo igualmente usado. Em S. Pedro do Sul chamam-lhe *fachôpas* (*Rev. Lus.*, XVI, 237-239).

* **espantalhão,** s. m. — O mesmo que *parvalhão*, lorpa, imbecil, etc. (Portel).

* **espaparrotar,** v. t. e p. — *Espapaçar-se*, tornar-se mole. *Fig.* — Tornar-se sem graça, etc.

— «*Nã sê* o que fizeste *ó* arroz, que *'tá hõis* todo *espaparrotado*» (Serpa).

* **espàrear,** v. t. — *Pop.* — O mesmo que *espairecer*, distrair (Safára, Moura).

— Terá relação com *espraiar?*

esparrela, s. f. — *Pop.* — Lôgro, cilada; partida, arriosca, etc. (V. *enxó*).

* **esparvado** e • **esparvoado,** adj. — *Pop.* — O mesmo que *emparvecido*, aparvalhado (Serpa).

* **esparvecido,** adj. — *Pop.* — O mesmo que o antecedente (Idem).

* **esparvúa,** s. m. e adj. — Homem parvo (Évora e arredores).

* **espatarralhado,** adj. — *Pop.* — O mesmo que *estatelado*, caído no chão.

— «Caíu do cavalo, e ficou todo *espatarralhado* no chão!» (Évora).

* **espenicão** e * **espernicão,** s. m. — O mesmo que *beliscão*. É têrmo popular colhido em Portel.

— O último vocábulo é usado em Odemira. Em Montemor e Beja dizem *pernicão*.

espenicar e * **espernicar,** v. t. — O mesmo que *beliscar* (Évora e Beja).

— E também designa *debicar*, picar com o bico, quer no sentido próprio, quer no figurado. Vejam-se estas duas cantigas populares:

«Adeus, vila do Redondo,
Tudo à roda são *quentais*;
As mocinhas *más* bonitas
Sã as **'spenicadas** *dos pardais*».

(Redondo).

«Ó vila de Monsaraz,
'Tás cercada de olivais;
Todá môça que lá mora
'Tá picada dos pardais».

(Reguengos).

Ser espenicada dos pardais e *estar picada dos pardais* são locuções com evidente sentido pejorativo, logo, pouco lisongeiras para a dignidade das *môças* a que fazem referência (1).

1. **espera,** s. f. — O mesmo que *chôcho* (esconderijo onde o caçador *espera* a caça). Tem quási o sentido geral do têrmo: «lugar, em que se espera» (Mértola).

---

(1) Nos *Brados do Alentejo* (de Estremoz), n.º 226 de 26-v-935, saíu um artigo meu acêrca dêste vocábulo.

2. **espera,** s. f. — O mesmo que *mata-boi, chavelha* e *chavelhão,* q. v.

— O *Novo Dic.* já arquiva o vocábulo como *prov.*, sem localização. É usado no Alentejo, pelo menos, em Reguengos.

— Em Portel é o *descanso* da *prítica* do carro alentejano, da carreta, etc.

* **espêta,** s. f. — Chave de ferro com que se abre furo nos tunéis, para a entrada do *sangrador* (vid. êste têrmo) (Évora).

— Em Portel há o *jôgo da espeta,* que consiste em atirar de longe com uma navalha aberta, ou escápula, para ver se se consegue *espetar* uma *belencia.*

«**espiguenho,** adj. — *T. de Évora* — Diz-se do bácoro, nascido em Julho ou Agôsto». Cf. *Novo Dic.*, adit., II, 983 (V. *erviço*).

espinha-carnal, s. f. — *Fig.* — Película, às vezes muito dolorosa, que aparece em volta das unhas. O mesmo que *imigos,* q. v. (Portel).

— O *Novo Dic.* regista *espinha-carnal,* ou *espinha-brava,* como têrmos populares, dizendo serem o mesmo que *furúnculo.* Em Turquel, segundo o sr. José Diogo Ribeiro, é o mesmo que *terçol.*

— No Alentejo é o que deixo dito.

espirra-canivetes, s. m. e f. — *Pop.* — Pessoa fàcilmente irritável. *Escalda-favais (Novo Dic.).* V. *mija-vinagres* (Évora — Us. em Portel).

* **espoado,** s. m. — *Pop.* — O mesmo que *cabaço,* 1, *cambalhota, estroncadela* e outros. *Apanhar (um) espoado,* ser abandonado pelo namôro (êle ou ela), sem motivo (Estremoz).

• **espòjeiro,** s. m. — *Fig.* — Altercação, desavença. O mesmo que *labarito.*

— «Por *môr* das partilhas armou lá um *'spòjêro* que teve que ver!» (Évora e Beja).

espòjinho, s. m. — *Pé de vento* que faz remoínho e levanta pó (Dist. de Évora e Beja).

— Já foi registado pelos srs. drs. Cândido de Figueiredo, Agostinho Fortes e outros.

— O dr. Fradinho na *Rev. Lus.*, XXX, 303, arquivou-o desta maneira: — «Um turbilhão de pó é um *espòjinho,* dentro do qual acreditam que se agita o diabo. Por isso

quem vê um *espòjinho*, põe os dedos em cruz e grita: *o diabo tem pata de cabra*» (Reguengos).

— Na localização por mim acima indicada, e em sentido figurado, também significa: barulho feito por *pessoa que ferve em pouca água*. O mesmo que *espòjeiro*.

esquila, s. f. — Instrumento pequeno, de metal — cobre, latão, etc. — com badalo também de metal, que se põe ao pescoço do *gado*.

— No significado dêste têrmo, salvo melhor opinião, os ilustres lexicógrafos que vou citar, confundem, a meu ver, *chocalho*, *esquila* e *guizo*, e alguns até, *campaínha*. Para confirmação do que digo, vejamos:

— Cândido de Figueiredo, no *Novo Dic.* (3.ª ed. — 922), traz os artigos seguintes:

«**esquila,** f. — *Prov. alent.* — Pequeno chocalho. O mesmo que *esquilha*» (I, 803).

«**esquilão,** m. — *Prov.* — Chocalho grande» (Idem).

«**esquilha,** f. — *Prov. alg.* — O mesmo que *choquilha*» (Idem).

«**choquilha,** f. — *Prov. alg.* — O mesmo que *chocalho*: «repicando a choquilha». J. de Deus (I, 442).

— Na *obra citada*, as definições de *campaínha*, *chocalho* e *guizo*, atrevo-me a dizer que estão boas.

— Alberto Bessa, na *Gíria Portugueza* (1901), pref., XXVII, arquiva:

«**esquilha** — Chocalho pequeno» (Odemira).

— Tomás Pires, no *Vocabulário Alentejano* (1913), traz:

«**esquila** e **'squila** — Deminutivo de *chocalho*» (Elvas).

— Estanco Louro, em *O Livro de Aportel* (1929), regista:

«**xquilha** e **xquila** — Choquilha ou chocalho (Algarve).

— Agostinho Fortes nas *Nótulas àcêrca dum falar da margem esquerda do Guadiana*, etc. (1933), diz:

«**esquila** — Campaínha ou chocalho pequeno» (Mourão).

— E por último, Cunha Gonçalves em *A Vida Rural do Alentejo* (1922), diz: «As campaínhas, conforme o tamanho e o feitio, são chamadas *campanilho*, *piquête*, *beirôa*, *chocalha*, *picadeira* e *reboleiro*; e os guizos chamam-se *esquilão*, *esquila*, etc.».

— Estas *campaínhas* são *chocalhos*; os *guizos* são *esquilas*. É assim em Évora, Portel, Reguengos, etc., pelo menos, e não tenho grande dúvida em acreditar que assim seja no resto do Alentejo, onde certamente,

campaínhas, *chocalhos*, *esquilas* e *guizos*, são coisas muito diferentes.

* **esquiparate,** s. m. — Forma popular de *escaparate* (vid. êste têrmo) (Em Safára, Moura, e Aldeia Nova de S. Bento, Serpa). E também em Elvas.

* **esquisitar,** v. t. — Escogitar. Procurar com insistência. Descobrir.

— «*Néim* qu'*ê* vá *'squisitar aléi ô* fim do mundo, mas *hê*-de encontrar *larenjas!*» (Serpa).

— Será forma popular de *escogitar?*

* **esquita,** s. f. — Medida de meio decilitro de azeite? É têrmo de calão? (V. *chenita*). Contracção de *chiquita?* (Mina de S. Domingos — Mértola).

esquitação, s. f. — *Pop.* — O mesmo que briga, *garreia*. Relaciona-se com *desquitação?* (Cortiçadas — Montemor-o--Novo).

* **esquitar,** v. t. — Brigar, *garrear*. Relaciona-se com *desquitar?* (Idem).

— Estes dois têrmos constam apenas de uma lista que me foi fornecida pelo sr. Caetano Silva, prof. primário oficial na referida localidade. Não duvido da sua existência ali, mas acho conveniente fazer esta observação até à confirmação do seu uso.

● **estado,** s. m. — *Pop.* — Assim é conhecida a mobília e outros utensílios dos noivos (V. *esteio*).

— «O *Chico do Monte Novo* já anda fazendo *estado*» (Serpa — Us. em Évora e Portel).

— Deve relacionar-se com o *tomar estado* ou *mudar de estado*, que é o mesmo que *casar*.

● **estadulho,** s. m. — *Pop.* — *Fig.?* — Desordem, barulho. O mesmo que *estardulho*, *estardalhaço* (Montemor).

* **estafalhar,** v. t. — *Pop.* — Rasgar, fazer em pedaços, *esfrangalhar* (V. *esfatajar*).

— «O cão *'stafalhou*-m'as calças tôdas» (Évora — Portel).

* **estalador,** s. m. — Espécie de funda *(afunda)* de pita com que os vinheiros, nas vinhas, espantam os pássaros. Na pronúncia popular é *estralador*, que dá *estralos* (Serpa).

estâmagado, adj. — *Fig.* — Vexado, envergonhado, embaçado. *Com o estômago cheio.*

— «Disse-*le* tantas e tais coisas qu' o *dêxê 'stâmagado*» (Évora e Beja).

— Como *prov. trasm.* significa: cansado, fraco *(Novo Dic.)*.

1. «**estamarrado,** adj. — *T. de Serpa* — Casual. Imprevisto, extraordinário: *teve uma febre estamarrada*». Cf. C. de F., *obra cit.*, I, 807.

2. • **estamarrado,** adj. — *Pop.* — Isolado, perdido. Sòzinho.

— «Foi o rebanho embora, ficou um borrêgo *estamarrado*» (Montemor).

— «De tantos pinheiros, só ficou êste aqui *estamarrado!*» (Évora).

* **estampada,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *estampilha*, bofetada (Cabeção, Móra).

— Como têrmo familiar temos «*estampar*, assentar, com fôrça, bofetada ou pontapé», como se vê no *Novo Dic.*

estância, s. f. — Tábua grande, onde põem a argamassa. Esta é levada pelos serventes nos *tabulachos*, e utilizada pelos pedreiros nas *trôlhas* (Reguengos).

— Nesta acepção já vem no *Novo Dic.* como *prov. algarvio.*

* **estapatório,** s. m. — *Pop.* — Falatório, etc. Dizer disparates, por motivos insignificantes. Cp. *casório, escapatório* e outros (Serpa).

* **estaqueiro,** s. m. — Veado de um ano? (Idem).

estar, v. — Algumas *locuções verbais* formadas com êste verbo:

— *Estar a pino*, estar levantado (da cama). — «Desde as 5 horas da *manhẽim* que *'tou a pino*» (V. *erguer*) (Montemor — Portel).

— *Estar à fala*, assim se diz que estão duas herdades, quando confrontam uma com a outra, se estão próximas (Beja).

— *Estar cavalheiro*, estar bem de haveres, levar ou ter boa vida (uma pessoa). — «O *Ênacio da Quinta, despôis* que *le* morreu o pai é que *'tá cavalheiro*» (Portel — Montemor). O mesmo que *estar nas suas sete quintas.*

— *Estar de adufa, de tromba, de ventas, estar a prender o burro* ou *burrinho*, etc., amuar-se. — «Ora *vejom* lá! *'stá de adufa* porque o *nã levom à fêra!*» (Montemor).

— *Estar de etiquetas*, questionar, e às vezes brigar (Idem).

— *Estar de galinheiro*, não sair à rua, por estar envergonhado, em vista de ter apanhado uma sova, haver-lhe sucedido qualquer percalço, etc. (Idem).

— *Estar de perigo, de proveito, de respeito*, é o mesmo que *ter a barriga à bôca*, estar gràvida (Dist. de Évora e Beja).

— *Estar de pé atrás, de pé calhado, estar* (ou *ter* a) *com pedra no sapato, na bota*, a *pulga no ouvido*, etc., desconfiar (com várias modalidades), duvidar, etc.

— *Estar em tiradoiro*, estar a morrer, mas com morte demorada, com prolongado sofrimento. — «O *Chico das Taipas teve* três dias em *tiradoiro*». Cp. *dar às naças, estender a apeiragem, esticar a canela, o pernil*, etc.

— *Estar(-lhe) na massa do sangue*, ter em si próprio a boa ou má qualidade referida. Vulgarmente diz-se dos defeitos que alguém tem.

— *Estar nas mantas, abarracado, estar* (ou *cair*) *de bôrco, estar acarrado*, estar de cama devido a pequena doença ou febre (Dist. de Évora).

— *Estar para lavar e durar*, é o que acontece à pessoa que, embora de idade, está bem conservada (Idem).

— *Estar* (ou *ser*) *rijo que nem um pêro*, gozar de boa saúde, boa disposição (Idem). É comparação popular. Etc., etc....

— Não verifiquei se tôdas estas *locuções* já vêm registadas no *Novo Dic.*

«**estardalhaço,** s. m. — *Pop.* — Grande barulho; borborinho. *Fig.* — Ostentação ruidosa». Cf. *Novo Dic.*, I, 809 (Dist. de Évora).

• **estardalho,** s. m. — *Pop.* — O mesmo que o antecedente. V. *estadulho* (Idem).

estarola, s. m. e f. — Estouvado, pessoa estroina, leviana (Dist. de Évora).

— O *Novo Dic.* diz ver *prov. beirão*. É também *alentejano*.

* **estarrabagido,** s. m. — V. *estardalhaço* (Ourique).

* **estavanejo,** s. m. e adj. — V. o seguinte (Portel).

* **estavanês,** s. m. e adj. — *Pop.* — Indivíduo estouvado, doidivanas (Idem).

* **estefêgo** e * **estufêgo,** s. m. — *Pop.* — Grande trabalho, serviço muito atarèfado, trabalhoso.

— «*Hõis* co' o asseio das casas tôdas, tal *éi* o *'stefêgo* que *pràí* vai...» (Reguengos — Portel).

— Relaciona-se com *trafegar?* Alteração popular de *trafêgo*, o mesmo que *tráfego*, trabalho?

● **esteio,** s. m. — O mesmo que *estado*.

— «F. já *téim* o *esteio acais* todo comprado» (Serpa).

estêrco, s. m. — *Fig*. — *Pleb*. — Desordem, barulho. O mesmo que *estarrabagido*.

— «*Êim* a rapaziada s'apanhando à larga, fazem um *'stêrco* que *dão cabo* dos ouvidos à gente» (Évora e Portel).

— O *Novo Dic*. classifica-o de *prov. minhoto*. É, como se vê, também *alentejano*.

* **estibordadura, estabordadura** e **estrabordadura,** s. f. — O mesmo que *trasbordura*, q. v. — Porção de leite (ou de qualquer outro líquido) que *trasborda* depois da medida cheia (Évora e Beja).

— Em Évora as vendedeiras de leite recebem êste medido; uma porção de *vendagem*, e uma outra para *estibordaduras*, para compensar as quebras da quantidade total, na medição de pequenas porções.

● **estilhaço,** s. m. — *Fig*. — O mesmo que *estardalhaço*. É têrmo popular (Évora).

● **estilo,** s. m. — Música das canções e *modas* populares.

— «Sabes a *letra* da *cantiga*, mas *inda nã* aprendeste o *estilo!*» (Dist. de Évora — Beja e Serpa).

— Já foi registado pelo dr. Agostinho Fortes (Mourão).

estirada, s. f. — *Pop*. — O mesmo que *estirão*, caminhada (Évora e Portel).

— O *Novo Dic*. já regista o vocábulo como *prov. beirão*.

1. ● **estio,** adj. — *Fig*. — Magro, delgado.

— «A senhora *despôis* da doença ficou *muito más 'stia*» (Dist. de Évora).

— Na mesma acepção é usado em Elvas (T. Pires); no Algarve, *xtio* (Estanco Louro).

2. ● **estio,** adj. — O mesmo que *estiado*, sereno (falando-se do tempo). Cp. *esgazear* (Dist. de Évora e Baixo-Alentejo).

* **estó!,** interj. — Basta! Alto lá! Também serve para enxotar os cãis. Às vezes dizem: *destó!* e *testó!* (Serpa e Portel).

* **estomagueira** (ou **estâmaguêra**), s. f. — *Pop*. — Enchimento de estômago; enfartamento (Mértola — Beja e Serpa).

● **estouro,** s. m. — *Pop*. — *Fig*. — O mesmo que *espoado*, *tombo*, etc. (Évora).

* **estrabulhadoiro,** ou **estrabulhadouro,** s. m. — *Pop*. — Desassossêgo; inquietação, etc. (Serpa).

* **estrafalhado,** adj. — Cansado, fatigado; sem fôrças.

— «Fui lavar à ribeira, e sinto-me agora *munto 'strafalhada*» (Montemor).

— Não conheço o uso do verbo de que é particípio.

• **estrafegar,** v. t. — *Pleb.* — Acto de assistir a um parto.

— «Tive *hõis* de ir *'strafegar* a minha comadre Maria *à Carriça*» (Colhido em Quintos, conc. de Beja).

— Deve ter emprêgo figurado na acepção que registo.

* **estrafugão** e **estrafegão,** s. m. — Pancada; queda. Cambalhota.

— «Caíu e deu um *'strafugão* na escada» (Montemor).

* **estragadela,** s. f. — *Pop.* — Acto de *estragar*. Cp. *derreadela, descaídela* e outros (Vidigueira).

• **estragado,** adj. — Hidrófobo. Diz-se do cão raivoso.

— «*Mati* o cão por *'sconfiar* qu'êle *'tivesse 'stragado*».

— Encolerizado, *derramado*, enfurecido (referindo-se a pessoas).

— «*Cando òviu dezer* aquilo, ficou *'stragado* de todo» (Évora e Beja).

— Empregam também nos dois sentidos o verbo *estragar*.

• **estralada,** s. f. — Além das acepções já arquivadas no *Novo Dic.* — grande ruído, etc. — no Alentejo significa mais: bofetada; *ôrlhada* (Montemor e Évora).

* **estraleiro** *(estaleiro)*, s. f. — *Pop.* — O mesmo que *estoque*, usado em Turquel, e que na *Rev. Lus.*, XXVIII, 109, vem desta maneira definido: — «Brinquedo que se compõe dum tubo de sabugueiro, no qual se introduzem buchas de estôpa humedecidas, as quais, fortemente impelidas por uma vareta saltam a distância, com estrondo» (Recolhido pelo sr. José Diogo Ribeiro).

— Em Portel também utilizam buchas de cortiça. O nome vem-lhe de dar *estralos*?

* **estralinhos** *(estalinhos)*, s. m. pl. — O mesmo que **conetas**. q. v. — É, como o anterior, têrmo onomatopaico (Portel).

estrambalhar, v. t. — Espalhar; descompor. Esfarrapar, rasgar.

— «*'Strambalhou* os papéis pelo chão» (Évora).

— «*'Strambalhou* a roupa tôda, e o que *nã tá rôto 'tá* sujo» (Montemor).

— O *Novo Dic.* regista-o já como *prov. beirão*. Relaciona-se com *destrambelhar*?

* **estrambalho,** s. m. — *Pop.* — O mesmo que *destrambêlho,* desordem. Desaguisado entre família.

— «Sempre se *derom béim,* agora *éi* que houve aquêle *strambalho*» (Montemor).

* **estramelada,** s, f. — *Pop.* — O mesmo que o seguinte (Portel).

* **estramélo,** s. m. — *Pop.* — Bofetão, sopapo.

— «Apanhas um *'straméło da* cara» (Idem). Cp. *estrumelo.*

— Também dizem do som produzido por qualquer objecto que cai. O mesmo que *estralo.*

* **estramouco,** s. m. e adj. — *Pop.* — Indivíduo bronco, e um pouco surdo. Labrêgo. O mesmo que *salamouco* (Dist. de Évora).

— Dizem ainda: *estramouca* e *estramoucado.*

* **estramouquice,** s. f. — *Pop.* — Acção do *estramouco.* Parvoeira, estouvamento.

— «Anda *pràli* c'aquela *'stramouquice, nã téim mêmo* juízo *nenhum*» (Montemor).

* **estrampulida** e **estrapulida,** s. f. — *Pop.* — O barulho produzido pela *corremaça* das crianças. Estampido. No Algarve dizem *estrompida.* Cp. *escapulida.*

— Relaciona-se com *estropelia,* tropelia? Com *estrupida?* (Évora e Portel — Beja e Serpa).

* **estrapolada** (com *u?*), s. f. — *Pop.* — Caminhada; cansaço produzido por andar um longo percurso, à pressa.

— «*Apanhi* 'ma *'strapolada* de lá *atéi ó* largo da Cadeia, *cando di* por falta do saco!» (Montemor).

* **estrapoulo,** s. m. — Arranco de ervas daninhas, sargaços, mato, etc., numa propriedade. O acto é *estrapolar* (Reguengos).

* **estrapuxo,** s. m. — O mesmo que *puxão,* empuxão (Montemor).

* **estraventa,** s. m. e adj. — *Pop.* — Doidivanas, *alvoreado.* O mesmo que *estavanejo* (Arraiolos — Us. em S. Manços, Évora).

* **estreleixado,** adj. — Forma popular de *desleixado?;* desmazelado, negligente.

— «Nunca se vê com *arrenjo* aquêle rapaz, e *nã* sabe *fazêri* nada, *éi mêmo 'strelêxado*» (Montemor).

* **estreleixamento,** s. m. — Forma popuiar de *desleixamento?;* desleixo (Serpa).

estreluzir, v. i. — *Pop.* — Rebrilhar, reluzir, etc.

«*Nã* quero *amôri* do campo, Só quero um *melitar*
Néim que use gabões; Que *le* **'strelozem** os botões».

(Azaruja).

● **estrema,** s. f. — Caminho de *pé-pôsto* (Portel).
estrenoitado e **esternoitado,** adj. — *Pop.* — O mesmo que *desnoitado.*
— O *Novo Dic.* já regista *estrenoitar* (e derivados).
estrevenga, s. f. — *Prov. alent.* — V. *estrovenga. (Novo Dic.).*
* **estromeléque,** s. m. — *Fam.* — Sopapo, *estalo* (Reguengos).
— Relaciona-se com *estrumelo* (vid. êste têrmo).
* **estroncadela,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *arrebentadela,* q. v.
— «*Onte éi que houve lá no bàlho 'stroncadelas em barda!*» (Usado nas quintas de Évora).
● **estroncar,** v. i. — *Pop.* — O mesmo que *arrebentar,* q. v.
«**estrovenga,** s. f. — *Prov. alent.* — Correia ou cadeia, que, nas carretas puxadas a quatro bois, prende a canga dos bois da dianteira à dos bois do coice». Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 824.
— É usado em Alcáçovas, conc. de Viana do Alentejo, onde também dizem *estrovenguinha.*
«**estrumelo,** s. m. — *Prov. alent.* — Estalo, que o arrioz de um jogador produz, ao bater no arrioz de outro» (Idem, *ibid.*). Cp. *estramélo.*
* **esturreira,** s. f. — Forma popular de *torreira?;* o pino da calma.
— «*Andastes à 'sturrêra,* que *atéi quêmmas...*» (Évora e Portel).
— Relaciona-se com *esturrar?*
* **esturrina,** s. f. — O mesmo significado que o anterior (Idem).
* **esvaídoiro** e **esvaídouro,** s. m. — *Fam.* — Conversação impertinente, maçadoria. Esvaímento.
— «*'Tás pràì* com um *esvaídoiro* que já *néim* te posso *òviri*» (Serpa).
êvitir e **envitir,** v. t. — *Pop.* — O mesmo que *evitar* (Serpa e Barrancos). Cp. *disponir.*
— No Algarve, segundo o sr. dr. Estanco Louro (em *O Livro de Alportel*), dizem: *êvetir, êvetar* e *anvetir.*

(Continua).

Portel (Alentejo) — Novembro de 1935.

J. A. Pombinho Júnior.

PANTOMIMAS, DANÇAS & BAILADOS POPULARES

(Continuação do vol. XXXV, págs. 140-154)

III

Na *Coimbra Antiga e Moderna* publicou Borges de Figueiredo, em 1886, o *Título do Regimento da festa do Corpo de Deus, e de como hamdir os officios cada huu em seu lugar.* Por êste documento da Câmara do Concelho de Coimbra conhecemos a organização do desfile processional do Corpo-de-Deus nas ruas da cidade, no ano da graça de 1517. A forma revela aperfeiçoamento; a ordenação de cada uma das partes constituintes do cortejo e o encadeamento delas dão prova manifesta de não ser tentativa nem improviso. Quer dizer: só por si o documento demonstra progresso na preparação da festa pública.

As Câmaras eram obrigadas a realizar um certo número de festas anuais com cortejos e outras partes. Os autos e representações, danças e jogos da procissão do Corpo-de-Deus cabiam aos ofícios, excepto pelo menos em Guimarãis, onde a Câmara fazia as festas e pagava as despesas. Sôbre êles descarregavam o encargo da organização profana das festas. Êles tentavam eximir-se a tal encargo, o que só mais tarde, no século XVIII, foram conseguindo, em troca ou compensação de tochas e de andores, e ainda assim com o conhecimento e aprovação do Corregedor da comarca respectiva.

Sigamos a ordem do *Título do Regimento* de Coimbra para a organização da procissão de Corpo-de-Deus ou *Corpus Christi*, em 1517. O *Título* regula a parte profana da procissão; no cerimonial litúrgico tinha apenas competência o Bispo. Por isso, o *Título* arfima logo na organização do grupo da frente: «e aqui se começa a deanteira da procisão e assim vyram hũs apoz os outros até cheguarem aa guayolla».

O primeiro grupo tinham de fornecê-lo os forneiros, carvoeiros, telheiros, caeiros (caleiros, fabricantes de cal), e lagareiros da cidade e têrmo. Seis homens «com boas capas e vestidos segundo se requere pera tall auto» fariam a *judenga*. A *judenga* era dança, que se fazia também noutras terras,

nomeadamente em Guimarãis, nos séculos XVI e XVII, «muito do serviço de Nosso Senhor e bem da christandade», consoante o disse a Câmara desta vila em 1591; poderia chamar-se-lhe *judiaria*, tanto porque constituiu surriada aos cristãos-novos, como por derivar em escândalo de *pulhas* ou *entrudadas* a tôda a gente, ao-ponto-de por isso a extinguir uma provisão régia de 4 de Julho de 1645. Em outras terras havia a *mourisca*, disposta com seu rei, de alfange em punho, moços com varas a fazer de lanças, e um tambor, que simulavam batalhar ao ritmo do rufo.

O grupo de seis homens da *judenga* de Coimbra levava a *toura*; por êste nome se entendia o Pentateuco, sôbre o qual os Judeus juravam e com que compareciam nas cerimónias públicas da recepção, quando o Rei entrava nas povoações, para assim provarem pela sua lei a fidelidade das suas pessoas; os figurantes da *judenga* levavam por *toura* um livro, que a pudesse similar aos olhos dos que a conheciam.

O segundo grupo da procissão de Coimbra competia aos serralheiros e ferreiros da cidade e têrmo, lògicamente associados como trabalhadores de metais. Levavam a bandeira e o *segitório*. Que seria o segitório? O P.^e^ Viterbo conheceu o documento de que nos ocupamos; no *Elucidário* supõe que tal nome se aplicasse a «huma figura armada de setta (quando não fôsse o andor de S. Sebastião, a quem pelas settas darião aquelle nome)» (1).

A *serpe*, intimamente ligada às festas de *Corpus Christi* por intermédio da personagem guerreira de S. Jorge, aparecia quási sempre.

Os carpinteiros de Coimbra e têrmo davam «a serpe com huu selvagem bem corregido». O Regimento determina que a serpe «cora por diante a polo segitório». Não significará o *segitório* — e porque não sagitório? — um atirador de setas, que se defenda com elas ou pretenda matar o monstro que corre para diante, e, pela disposição dos grupos consecutivos, atrás dêle?

Em Guimarãis no século XVII a serpe, de madeira, com o vestido e a coroa, haviam de fornecê-la os sapateiros. Em Castelo-Branco davam-na os alfaiates com a guarda de quatro homens, armados de chuças, no mesmo século.

---

(1) Viterbo, *Elucidário*, vol. II, pág. 30.

Vinham depois os cordoeiros, albardeiros, odreiros e tintureiros com sua bandeira e quatro «cavalinhos fuscos [tourinhas] bem feytos, e pintados». Em Guimarãis a serpe tinha também acompanhamento dos *cavalinhos*, mas de carne e osso, obrigação dos pescadeiros, que depois passou para os alquiladores, em 1672, cabendo àqueles fornecer os *gigantes* [esp. gigantones], desde 1681. Pelo Regimento da procissão de *Corpus Christi*, de 1482, os trapeiros e merceeiros levavam a bandeira e dois *cavalinhos fuscos*.

Logo adiante surgia o gigantesco S. Cristóvão «muito grande e com um menino *Jesu* ao pescoço todo bem corregido». Levavam-no os barqueiros da cidade e têrmo, sem bandeira. Na primeira década do século XX passeavam ainda na procissão do Corpo-de-Deus a imagem de S. Jorge a cavalo, o que justificava o aparato militar; e a de S. Cristóvão, última das armações e engenhos do desfile de outrora, pelas dimensões do gigantesco aparelho necessário à apresentação tradicional do Santo, fôra posta de lado, quando nas derradeiras terras que o arruaram, os fios eléctricos cruzavam a pouca altura as serventias principais e do percurso do cortejo.

Os oleiros preparavam a *dança das espadas*, com dez homens bem industriados. O grupo apresentava composição mais completa e pomposa. Conduzia bandeira, levava rei coroado, um pagem a acompanhá-lo, e, para a cadência da dança, tamboril ou gaita. Por certo, esta dança das espadas, guerreira, consoante se infere do título, andava mais generalizada em Portugal, e dela nos restarão hoje os bailados, de marca bélica, dos *pauliteiros* de Miranda-do-Douro, e dos *ferreiros* de Penafiel. Pírricos? Não é preciso ir tão longe; peninsulares, sem dúvida, e notícia temos de danças guerreiras em que fingiam combater e se exercitavam para a guerra os Lusitanos (1). A própria essência da dança mímica da vida, justifica o aparecimento dos passos e simulacros guerreiros nos povos antigos e modernos. E porque não incluir como dança de combatentes a da Lousa (Castelo-Branco), com seis pastores armados de paus?

Os pedreiros e alvaneos levantavam todos nas mãos simbólicos castelos de seu ofício «bem hobrados asy como se

(1) Estrabão, *Geographia*, III, III, 7.

costuma na cidade de Lisboa». Acompanhava-os a bandeira. Um alvará de 26 de Maio de 1511, do 1.º Livro das *Próprias*, do Arquivo Municipal de Elvas, obriga os oficiais mecânicos a levar os castelos de seus ofícios, na procissão do Corpo-de-Deus, sem escusa de espécie alguma ([1]).

«Os alfaates e alfaatas e tecedeiras de tiar baixo da cidade e termo sam obrigados de fazer hum emperador com hua emperatris». O par imperial travava consigo oito damas de companhia, tôdas honestas e gentis, bem ataviadas. Tinha bandeira. O tamboril ou gaita, que completava o grupo, mostra que o grupo não se limitava a desfilar nas ruas, emquadrado na procissão, mas cadenciava ou bailava, como os outros; corresponderá talvez ao *Império do Rei David* ou *Dança do Rei David* de outras procissões da festa.

Após a serpe, bailava a folia de fora da cidade. Depois do rancho dos alfaiates e tecedeiras, *neste meo*, diz o título do Regimento, ia a folia das bailadeiras da cidade. Os Regedores da cidade organizavam as duas folias.

Os sapateiros conduziam bandeira rica, e preparavam sete homens *com boas camisas* e um outro que seria rei mouro, a-fim-de comporem a *mourisca*. Estas danças mouriscas, cujos bailarinos simulavam de mouros, apresentavam carácter guerreiro. Por exemplo, em Guimarãis, compunham o grupo muitos moços com broqueis e varas por lanças; o rei caminhava de alfange em punho, e, a um sinal dêle, começava a batalha, emquanto rufava o tambor. Bailado era êste, que também agruparia no número das danças guerreiras, atrás mencionadas.

O documento de Coimbra não diz que esta mourisca simulasse combate, mas de supor o seria. Bailava com tamboril ou gaita. Que outro bailado havia de ser?

Havia, porém, ainda de obrigação dos sapateiros coimbrãos e dos subúrbios, organizar «hua mourisca e[m] Santa Crara em que que vam moças onestas e de boa fama».

Os tecelões e «tecedeiras de tiar alto» da cidade tinham de dar môça «onesta de boa fama bem ataviada com sua roda de navalhas pintada e bem hobrada» para representar Santa Catarina. Acompanhavam-na com bandeira e tamboril

---

([1]) A. Tomaz Pires, *Investigações Ethnographicas*, in «Revista Lusitana», vol. XIV, pág. 97.

ou gaita. Bailariam à-frente-da santa, como David diante da Arca.

Como no princípio do desfile passavam os engenhos e maquinetas, agora sucedem-se figuras representativas, de carne e osso. Os tecelões e comparsas rodeavam a sua Santa Catarina. A seguir, os correeiros, sirgueiros, latoeiros, bordadores, seleiros e adargueiros, iam com o seu S. Sebastião «omem que seja bem disposto alvo», com quatro frecheiros bem corregidos e «omens despostos he hũa bandeira Riqua».

Pela entrada de S. Sebastião nesta parte do desfile, não deve entender-se por tal o *segitório*, como o P.ᵉ Viterbo interpretou. Por via de regra, não havia repetição.

Os grupos imediatos davam também os seus santos.

Os cereeiros com os pintores e os livreiros faziam «Santa Maria dasninha e Jochym»; eram de carne e osso os santos como a asninha? Tudo bem feito e corrigido e sua bandeira rica, o diz o documento. Os ataqueiros e com êles os boticários apresentavam S. Miguel e dois diabos grandes, «todo bem feito e como cumpre para tall auto e sua bandeira boa».

O *Rol dos juizes de officio* de Castelo-Branco, êsse não deixava dúvidas: os cortadores e tosadores davam S. Gens na sua charola, com duas tochas adiante, e uma dança; tecelões e tecedeiras, Santo Estêvão na charola, uma dança de seis môças adiante com o seu folião; os carpinteiros, S. José em sua charola, duas tochas, e uma dança; o mesmo os sapateiros com S. Crispim, duas tochas, uma dança adiante, três môças com violas e castanhetas; os moleiros: Santo António, de charola, com duas tochas, uma dança de seis homens ou môças com o folião; os almocreves, Santo Amaro, quatro tochas, guião e dança.

Em Coimbra os ataqueiros davam dois diabos grandes com S. Miguel, que os guerreava. Em Castelo-Branco em 1680 os ferreiros armavam quatro diabos, não diz o *Rol* se grandes ou miúdos.

As procissões compreendiam duas partes: a profana, constante de pantomimas e danças, e a religiosa, regulada pelas autoridades eclesiásticas. A ligação fazia-se na de *Corpus Christi* pela apresentação da imagem de S. Jorge.

Os espingardeiros da cidade e têrmo entravam na procissão comandados por anadel, com seus pelotes e espingardas; no percurso davam três descargas de fusilaria; uma à-saída-da *gaola* ou gaiola, a maquineta com o Santíssimo

Sacramento ou Corpo-de-Deus, a segunda quando passasse por êles no terreiro de S. Domingos, e a terceira no regresso, ao entrar no adro da Sé.

O acompanhamento de guarda-de-honra pelos espingardeiros foi ordenado por cartas régias no século XVI, como se vê pela de 17 de Setembro de 1511 à câmara de Elvas.

Os barbeiros e ferradores tinham de apresentar bandeira rica onde estivesse pintada a imagem de S. Jorge. Cada barbeiro e ferrador daria um homem de armas, de boas armas e bem limpas.

Em Castelo-Branco esplendia maiores pompas o cortejo de S. Jorge: os pedreiros com bandeira ou estandarte e um tambor, marchavam à-frente-dos soldados de S. Jorge; os estalajadeiros formavam oito homens de alabardas, de couras ou vestidos de armas brancas, mais um com tambor e outro com pífano; o Alferes, com insígnia, cavalgava adiante dêstes soldados por pagem de lança; os ferradores conduziam o cavalo de S. Jorge, com dois estribeiros de cada lado vestidos *à turquesa;* os oleiros davam um rei mouro com coroa e cetro, e mais quatro mouros, de alfange desembainhado, após o Santo.

No Regimento da procissão do Corpo-de-Deus em Évora, no século XV, os barbeiros figuravam no desfile; no *Livro dos Regimentos dos officiaes mecanicos da mui excelente e sẽpre leal cidade de lixboa,* de 1572 (1), reformados (2); era S. Jorge o patrono da confraria dos barbeiros e associados, erecta para os de Lisboa no Hospital de Todos-os-Santos. Pertenciam à confraria todos os ofícios que «militavam em ferro e fogo» (3). Na distribuïção dos encargos no *Rol* de Castelo-Branco, ferradores, serralheiros, espingardeiros, tomavam a parte principal no cortejo de S. Jorge; associavam-lhe em parte acessórias os estalajadeiros, oleiros e pedreiros, com grupos de aparato. Não pertenciam ao número os barbeiros; estes davam o Rei David, de cetro e coroa, com dois pagens, sem rubrica de ligação ao Santo, como o *Rol* faz para os outros. Em Gui-

---

(1) Vergílio Correia, *Livro do Regimento dos Oficiais mecânicos da mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa.*

(2) J. Leite de Vasconcellos, *A Barba em Portugal,* págs. 155 e segs.

(3) J. Leite de Vasconcellos, *obr. cit.,* pág. 163.

marãis cabia curar da imagem de S. Jorge aos ferradores, relheiros e alquiladores. Em Lisboa, o Santo era precedido por um grupo de prêtos, os *prêtos de S. Jorge*, que tocavam pífanos e tambores, e acompanhava-o o *homem de ferro*, revestido de armadura inteira e de maça na mão, elementos pitorescos que chegaram ao século XX.

As danças e folias da procissão de *Corpus* desapareceram em 1732. Foi o Rei «servido mandar tirar nesta corte as dittas figuras, e uzos antigos para mayor solenid.° e devoção da mesma procissão», como se lê em Provisão de D. João V ao Juiz-de-Fora da cidade de Elvas ([1]); a 4 de Março do mesmo ano, o Rei sanciona a substituïção das folias por andores, feita pelo Corregedor em Guimarãis, a pedido de Nobreza e Povo ([2]). O medievalismo da procissão estava já fora da época. Ficavam os andores e, por exclusão sucessiva, S. Cristóvão ([3]) e S. Jorge, se-bem-que a êste se mantinham alguns dos elementos icónicos mais próximos, como sucedeu com a Cóca, a *Santa Cóca*, de Monção ([4]). O lugar de honra, nesta parte do desfile, pertencia a S. Jorge ([5]).

([1]) Tomaz Pires, id. n.° 5, in «Revista Lusitana», vol. XIV, pág. 98 (*Livro das Próprias*, fl. 431, do «Arquivo Municipal de Elvas»).

([2]) Ab. de Tàgilde, id., in «Rev. de Guimarães», XX, pág. 173.

([3]) Em Viana-do-Castelo a imagem de S. Cristóvão era um *gigantone* galego, transportado em andor; levava o Menino-Jesus ao colo e vara de barqueiro na mão; aproximavam-no das janelas os portadores do andor, para de lá os crentes lhe enfiarem na vara *padas* e *rôscas* de pão de trigo, por cumprimento de votos. Na Ribeira viravam o Santo ao Mar, para que abençoasse e tornasse fecunda a zona piscatória. Coronel Pereira Viana, in «Arquivo de Viana do Castelo», n.° 10, Outubro de 1934, pág. 307.

([4]) J. Leite de Vasconcellos, *De Campolide a Melrose*, págs. 88 e 127.

([5]) O milagre mais popular da lenda de S. Jorge é o da vitória sôbre o dragão, atribuída desde o século X segundo uns (Rystenko), ou XI segundo outros (J. Aufhauser). Em 1909, Cornelia Steketee Hulst estudou a influência da lenda do dragão na literatura, nas instituïções e principalmente no

Voltemos à procissão de Coimbra.

Com o S. Jorge começa a melhor parte simbólica do desfile profano.

A seguir ao grupo dos barbeiros e ferradores, apareciam as armas da cidade, com «hua moça fermosa coroada», organizadas a-cargo-dos *malageros tratantes* ou negociantes fanqueiros, não diz o *Título* se com o dragão e o leão ladeantes da taça de que saía a môça coroada, mas de supor é que sim. À-frente-desta composição das armas, ia a bandeira da cidade. O grupo compunha o simbolismo heráldico de Coimbra. Levava a bandeira o Alferes, acompanhado de quatro dos dez *cidadãos antigos*, eleitos anualmente pelos Regedores da cidade.

Por fim, o rancho das padeiras da cidade conduzia a *fogaça*, que eram obrigadas a fazer, e se destinava aos presos da cadeia.

Além das folias com lugar marcado no desfile, corria a procissão o duplo bando das regateiras, vendedeiras de fruta e vendedeiras de pescado. Formavam duas *pelas* ou grupos de dança «hambas bem corregidas e louçãas»; uma das peixeiras, outra das fruteiras. Não andavam juntas na procissão as duas *pelas;* volteava cada uma para seu lado, correndo «polla percição cada hũa para seu caboo», sem por conseqüência se encontrarem. Em Guimarãis, a *dança da pela* competia às padeiras desde 1606. Em Castelo-Branco, a juíza das padeiras organizava duas *pelas* de seis mulheres com pandeiros e castanhetas. *Pèleiras* chamavam em Briteande (concelho de Lamego) às mulheres que dançavam na frente da procissão de *Corpus*, a tocar pandeiretas ([1]).

Mas a procissão do Corpo-de-Deus não formava a única parte da festa. Havia festas de véspera e outras festas no mesmo dia da procissão.

Na véspera dava a Câmara o espectáculo dos ensaios

---

folclore (*St. George of Cappadocia in legend and history*, Londres). E notável sob o mesmo aspecto o livro de Orlando Grosso, *Il San Giorgio dei Genovesi*, Génova, 1914, e entre nós tem-lhe dedicado atenção especial o sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos.

([1]) J. Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, Espòzende, 1903, vol. II, pág. 175.

gerais dos diferentes grupos colaboradores. O *Título* de Coimbra determina que as regateiras e as vendedeiras de fruta e as de pescado formem as duas *pelas*, volantes na procissão, e saiam «com ellas á vespora do Corpo de Deus à tarde» e «no dia tambem ha tarde». Em Castelo-Branco, o *Rol* obrigava a ensaios na véspera; e nessa ocasião permitia que o rapazio assobiasse à-vontade a serpe, e que os diabos fôssem apedrejados, grave ameaça e dano para os ferreiros mascarados.

As danças e folias, figurantes no desfile, bailavam em lugares determinados, no dia da festa. A *mourisca* dos sapateiros, «em que vam moças onestas», era organizada em Santa Clara, pelo Regimento de Coimbra.

Representavam autos em Guimarãis, organizavam outeiros em Elvas, repetiam as danças por tôda a parte. Muitas dessas danças entravam nas outras procissões, e, à-fôrça-de tantas vezes repetidas, passaram as festas e ficaram elas. A *dança do Rei David* em Braga deixou de pertencer a qualquer procissão, e saía depois com as festas do S. João. As *fogueiras* de Coimbra pelas festas de Junho até às da Raínha Santa, em Julho, podem ter relação com grupos de bailados e descantes, que de datas antigas e em dias de festejo oficial espalhassem festa na cidade. ¿Que diferença essencial entre o rancho gentil das tricaninhas de hoje e a *mourisca* de 1517 em Santa Clara?

Em Elvas, no meado do século XVII, os sapateiros e os taberneiros davam os *três Reis magros*, o *Rei magro negro*, e os outros *Reis magros a cavalo como he costume* (1).

A Câmara de Mação, reünida em sessão de 27 de Junho de 1707, deliberou que «todas as padeiras e taberneiros, e mais oficiaes, todos deem suas dançadeiras para assistirem à procissão do Corpo de Deus» (2). Ficou até hoje a fama da *Invenção dos Corcovados*. Eram mais numerosas as danças e folias de Guimarãis: a *dos instrumentos* pelos mercadores de panos, composta de oito rebecas, duas violas e duas

(1) *Livro das Vereações do Senado da Câmara de Elvas*, 1652, fl. 34. Cfr. Tomaz Pires, in «Revista Lusitana, vol. VIII, pág. 267.

(2) Francisco Serrano, *Elementos Históricos e Etnográficos de Mação*, 1935, pág. 31.

harpas; a *das ciganas*, pelos ourives, e tosadores, mais tarde apenas pelos tosadores; a *dos linheiros*, com dezasseis figuras e música; a *das pescadeiras*, com dez figuras e dois tangedores, etc. Em Castelo-Branco multiplicavam-se as *mouriscas* na procissão do Corpo-de-Deus, segundo o *Rol;* os oleiros, os mulateiros e burriqueiros, os sombreireiros, davam grupos dêsse género.

Também devemos considerar derivação destas cerimónias aparatosas, com significação profana, mas de objectivo religioso, o cortejo real do *Império do Espírito Santo.* Festas litúrgicas, cortejo de figurantes simbólicos, distribuïção de alimentos aos pobres e aos encarcerados (cfr. a *fogaça* das padeiras, para os presos, na procissão de Corpo-de-Deus, do *Título*), em tudo o *Império* conservou carácter comum. Note-se que vulgarmente se deu o nome de *Império* ao conjunto figurado das personagens de um bando com sua música. O *Império do Rei David* era a dança do Rei David em Guimarãis, formada pelos sirgueiros, com o rei e a côrte, para cuja gradeza contribuíam os vinhateiros da vila e têrmo, pagando um vintém por ano, e com a colaboração de pasteleiros e sombreiros, que dariam dois rapazes para bailarem com o rei. *Império de Maria Garcia* chamavam em Guimarãis a uma folia dos hortelãos, com dança e música; entrava na procissão de Corpo-de-Deus e nas outras. O *Imperador do Espito Santo* em Eiras ou *Imperador de Eiras*, cêrca de Coimbra, teve sua voga até 1832; o cortejo do improvisado soberano conservava o estilo antigo: o imperador com os pagens, a câmara, a nobreza, bandeira à frente, música, desfilava nas ruas; cruz alçada entre duas tochas; a cerimónia da entrega da coroa e da espada, impostas pelo pároco da freguesia, que o esperava no arco da capela-mor da matriz.

Em Monção, entravam no desfile do Corpo-de-Deus o *boi-bento*, barrosão corpolento e dos chavelhos mais pomposos, o *carro das ervas*, ornamentado de ramagens e cheio de rapazes a cantar, a imagem de S. Jorge, a de S. Cristóvão sôbre andor levado pelos pescadores, e a Cóca. Na procissão actual não aparecem êsses símbolos, mais ou menos pagãos. Nem por isso falta a Cóca nas ruas da vila. No dia da festa, o monstro acomete o S. Jorge, que se defende do alto do cavalo a ponta de lança, até a Cóca ficar vencida por terra, ao fim do combate emocionante, entre a grita

aguda de vaias e injúrias. Aí está outro espectáculo derivado das velhas festas concelhias, ainda a elas ligado, e que o estará sempre talvez, por causa da Cóca, relacionados todos entre si e com ela ([1]).

IV

Os *ranchos* locais, mais ou menos industrializados, vão-se fundando para figurar nas festas com descantes e bailados. Dançam, como seria mister que o fizessem sempre, bailes da região, e usam trajes mais falsificados que reais. O critério, porém, é elucidativo.

Há ranchos: «das Salineiras» e «das Tricaninhas da Mocidade», em Aveiro; «das Camponesas», em Avô; «Rancho Minhoto», em Barcelos; «Os Esticadinhos» e «Os Matrôcos», em Cantanhede; o «de Carreço» (Viana-do-Castelo); o «de Condeixa», em Condeixa-a-Nova; «da Ereira» (Montemor-o-Velho); o «das Rosas», na Figueira-da-Foz; o «Racho típico de Matozinhos»; o «Rancho das Moreiras», em Moreiras Grandes (Tôrres-Novas); o «da Murtosa»; o «da Nazaré»; o «Rancho da Mocidade», no Paião (Figueira); o «das Tricanas de Soure»; o «das Cantarinhas de Verride» (Montemor-o-Velho); a «Dança de Vieira» (Leiria); os «do Monte» e das «Rendilheiras da Praça», em Vila-de-Conde; etc.

Lopes Dias, no primeiro volume da *Etnografia da Beira*, descreve as danças religiosas, que devemos comparar com outras, cuja essência coreográfica poderia fugir à nossa pesquisa: a *Dança das Donzelas*, da festa de Nossa Senhora dos Altos Céus, na Lousa ([2]); as danças e cantos em frente dos altares erguidos nas proximidades das casas dos festeiros de S. Pedro e de Nossa Senhora da Conceição, em Alcains, no último domingo de Agôsto e na segunda-feira imediata; o povo cantava as *modinhas* e trazia fogaças ([3]); a *folia* do Espírito Santo, pantomima pitoresca ([4]); e a *chacota*, igual-

---

([1]) Luís Chaves, *Os oficiais mecânicos de Coimbra na procissão do Corpo de Deus (Notas de um estudo maior)*, in «O Instituto», vol. LXXXIX, 1935, págs. 350 a 371.

([2]) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. I, Lisboa, 1926, págs. 93 e 94.

([3]) Lopes Dias, *obr. cit.*, págs. 82-83.

([4]) Lopes Dias, *obr. cit.*, págs. 69 a 80.

mente das festas da Senhora dos Altos Céus (1). Estas raparigas, vestidas de branco, tal qual as *fogaceiras* de Alcobaça, v. gr., e as portadoras dos *tabuleiros* majestosos de Tomar, elucidar-nos-ão como vestígios de oferentes e cumpridoras de votos de pureza. E as procissões populares dos *ramos*, em Domingo de Ramos, com ramagens, palmitos, folhagens ornamentadas de fitas, palhetão, etc. Não são também pantomimas religiosas? *Danças casamenteiras*, dos Açôres (2), *danças eróticas*, evocadas nestas duas quadras de Barcelos (3):

Não vos fiéis em conversas,
Quem dança não tem juízo;
Dizei só o que é verdade,
Falai só o que é preciso.

Rapazes e raparigas,
Guardai o que vosso é:
As que não cantam nem dançam,
Também lh'escorrega o pé.

E com o mesmo sentido noutra quadra de Benavente:

O cantar é dom dos anjos,
O bailar dos namorados,
A alegria dos solteiros,
A tristeza dos casados.

Muitas são evidentes. Evidente é a intenção matrimonial com que grupos de môças, bizarramente vestidas, dançam e cantam com os noivos que as acompanham na *Festa das Papas*, de Alcains (Castelo-Branco), no penúltimo domingo de Agôsto (consta de distribuïção de grandes tabuleiros de papas de milho com açúcar a tôdas as pessoas que se queiram servir: os grupos dançam e cantam à porta das casas de quem deu milho para as papas).

---

(1) Lopes Dias, *obr. cit.*, págs. 94 a 96.

(2) Alfredo Bensaúde, *Uma concepção evolucionista da Música*, 1905, pág. 20.

(3) António Gomes Pereira, *Tradições populares de Barcellos*, Espòzende, págs. 76 e 94 respectivamente.

Danças ou pantomimas *funerárias* deixaram vestígios no convulso clamor das *carpideiras* com o *carpir sôbre finados*, a que se referiu Fernão Lopes na *Chronica de D. João I* (1), e proibido em 1385 por postura da Câmara de Lisboa, como costume deshonesto e procedente de gentios, espécie de idolatria. Exemplos recentes comprovam a persistência do costume (Bragança). Carpideiras interessadas no chôro e nos louvores de homenagem ao morto, em casa dêle, revelam a psicologia do momento e a justificação da origem das danças fúnebres; como é de esperar, nos lugares onde se mantém o costume das carpideiras mercenárias, há distribuïção simbólica de pão aos assistentes, e oferecimento de jantar aos pobres e às pessoas que foram tomar parte no acompanhamento (concelho de Sabugal) (2). Em Elvas, na procissão do Entêrro do Senhor, iam duas carpideiras (3).

Os *amortalhados* das romarias minhotas ou são figurantes de esquecidas pantomimas fúnebres, vestidos por *promessa aos santinhos*, que os livraram da morte, ou prestam-se a elas pelo traje e pela intenção cultual. Pantomima fúnebre é a do mascarado da *Morte*, em Quarta-feira de Cinzas; com *traje de esqueleto*, de gadanha em punho, percorria as ruas de Bragança e de Vinhais: atacavam-no à pedrada os garotos de Bragança; em Vinhais obrigava os transeuntes a ajoelhar no chão das ruas, e de longe gritavam a fugir: — *Olha a morte!* Vestígio é de pantomimas consagradas à morte do Inverno, e ligadas à *Morte do Entrudo*.

Fúnebre carácter tem pois esta pantomima da *Morte do Entrudo* e a do *Entêrro do Bacalhau*, uma no comêço, outra no fim da Quaresma. Nelas apareceram as *carpideiras*, com lamentações ruidosas. Como pessoas de parcos haveres pedem esmola para o entêrro de alguém que morreu, também há poucos anos em Lisboa bandos de homens e rapazes rodeavam na *Terça-feira Gorda* um dêles com a cara encarvoada (a pretidão da Morte), e pediam esmola para o entêrro do Entrudo.

---

(1) Fernão Lopes, *Chronica de D. João I*, ed. de 1897, vol. IV, pág. 159.

(2) Joaquim Manuel Correia, *Costumes do Concelho do Sabugal*, in «Revista Lusitana», vol. XIV, pág. 249.

(3) Há tradição destas figurantes em diferentes terras de Portugal.

Dois exemplos recentes da pitoresca pantomima: um de Vila-Franca-de-Xira, outro de Azoia-de-Cima (Santarém); transcrevo as informações respectivas, colhidas no *Diário de Notícias* (Lisboa):

O "Entêrro do Bacalhau", em Vila Franca

Vila Franca de Xira, 15 — Promovido pelo comando e corpo activo da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários e a favor do seu cofre, realiza-se, nesta vila, sábado de Aleluia, o tradicional e engraçado espectáculo do *Entêrro do Bacalhau*, no qual tomam parte 100 figuras. Êste cortejo, que é pleno de pitoresco, tem o seguinte itinerário: ruas 5 de Outubro, Mercado, avenida Pedro Vitor, rua de Miguel Bombarda e largo Marquês de Pombal.

Fecha o cortejo um grupo musical constituído por executantes da Sociedade União Musical Vilafranquense, que tocará várias marchas e o *Fado do Bacalhau*.

Domingo de Páscoa repetir-se-á o *Entêrro do Bacalhau* na praça de touros desta vila, onde depois se fará a lide de quatro garraios cedidos generosamente por lavradores desta região. — 18-IV-935.

O "Entêrro do Bacalhau", em Azoia de Cima

Azoia de Cima (Santarém), 22 — Como noticiámos, realizou-se ontem nesta localidade o tradicional *Entêrro do Bacalhau*, que êste ano foi levado a efeito com um brilho extraordinário, constituindo um espectáculo interessantíssimo.

No pitoresco cortejo figuravam vários carros enfeitados com verdura e flôres, conduzindo a *justiça* que, com muita graça julgou o bacalhau, absolvendo-o sem custas, por ser pobre; carro com um púlpito, do alto do qual dois prègadores muito fizeram rir a enorme assistência de Azoia e arredores; muitos cavaleiros, muitos rapazes e raparigas com dominós brancos e empunhando archotes, velas, balões, emfim um conjunto encantador, que provocou farta gargalhada.

No cortejo tomou parte a filarmonica de Pernes e, terminado o enterro, organizou-se um baile ao ar livre, que durou até de madrugada. — 26-IV-935.

Não intento fazer cadastro coreográfico. Só por ilustração quero dar algumas notas de existência.

Danças guerreiras não nos faltam, umas quási esquecidas, outras ainda vivas. De *mouriscas* provirão quási tôdas.

Em Almada pode ressuscitar a *Dança dos Cajadinhos*, que se executava pelo S. João, em memória da tomada do Castelo aos Mouros (os componentes invergavam véstias de Cristãos e Mouros ([1]). A *Mourisca*, da frèguesia de Sobrado (Valongo), simula um ataque a cavalo a Castelo de Mouros, e acaba pela debandada dêstes. Em Crasto (Ponte-de-Lima) efectuava-se o *Combate entre Turcos e Cristãos* ([2]), na véspera de *Corpus Christi*. Em Chaves e Vila-Pouca-de-Aguiar, o *Malhão* era dança gimnástica, guerreira e religiosa, de quatro personagens, que conquistam os lugares aos saltos violentos e com gestos e brados de luta. A *Dança das espadas* nas procissões de Ribeira-Brava (Madeira) e a *Mourisca* em Santana e Porta-do-Sol (id.); a *Dança do Monte* com versos de desafio, de Pombal; a *Dança de Floripes*, nas Neves (Viana-do-Castelo), bailado-auto, que Cláudio Basto descreveu na *Revista Lusitana* ([3]), terminado com esta quadra:

Dêmos fim a êste baile
Qu'a nós assim nos convém;
Regale-se, meu Senhor,
Até ó ano que vem.

A *Dança da Genebres*, de Alcains, descrita por Lopes Dias na *Etnografia da Beira* ([4]); a *Dança dos Ferreiros*, de Penafiel, que figurava na procissão de *Corpus Christi*, juntamente com a *dos Alfaiates*, ao som de gaita-de-foles; a *Dança do Rei David*, mixto de mourisca e de bailado de composição, nas procissões de Mondim-de-Basto, em Braga, e de que há notícia em Vila-Real; a *Dança dos Reis Magos*, de Barcelos, mixta como a anterior; e porque não, originàriamente, *as dos Pretos*, de Moncorvo e de Carviçais, tão bem estudadas por

---

([1]) *O Caramujo*, Lisboa, 1863.

([2]) *Almanaque de Ponte do Lima*, 1906, pág. 153.

([3]) Cláudio Basto, *Auto de Floripes*, in «Revista Lusitana», vol. XV, Lisboa, 1912, págs. 93 a 101.

([4]) Lopes Disa, *eod. loc.*, págs. 87 a 90.

Santos Júnior (1), e hoje adaptadas a bando coreográfico das *janeiras?*

Evidente, a mais perfeita, é a *Dança dos Pauliteiros* de Miranda-do-Douro e com tradições em Vinhais.

Danças de movimento, de pares e de grupos pequenos ou grandes, *danças de roda*, há muitas de Norte a Sul, nos *bailos, balhos, bailaricos* e *brincos* (Funchal) (2): o *fandango*, o *vira* com as variantes locais (*vira das Farrapeiras*, de S. Pedro-do-Sul, o *vira-vareiro*, de Albergaria-a-Velha, o *vira valseado* e o *vira-flor*, de Vale-de-Cambra, o *vira de Vila Fria*, etc.), a *chula*, a *tirana* (Vale-de-Cambra), a *maia* (Terras-de-Bouro), o *verde-gaio*, o *malhão*, a *serra* (Maia), o *sapateado*, o *corridinho*, as *saias*, o *estaladinho*, a *cana-verde* e a *caninha-verde;* os bailes de roda com o «mandador» de voz timbrada, ou em volta de mastros floridos, como o *rodete*, em Alportel, Olhão e Portimão; as *danças da meia volta*, do Pôrto-Santo, as *danças dos arcos* e *das fitas*, de Gouveia, de Ílhavo e de Moncorvo, e a *Contradança* de Sever-de-Vouga, a *Volta dos pastores*, de Gouveia.

A poesia popular alude com freqüência às danças; umas vezes, porque serve de expressão falada à dança, unidas pelo ritmo ou pelo sincronismo representativo (o virar no *vira*); outras vezes, porque toma a dança por mero elemento inspirador, sem entrar nela:

A *cana-verde cantada*,
Dançada é mais bonita;
P'ra dançar a cana-verde,
Menina, saia de chita.

(Noroeste).

Meninas, vamos ao *vira*,
Que o vira é coisa linda;
Eu já vi *dançar o vira*
Às meninas de Coimbra (3).

(1) J. R. dos Santos Júnior, *Nota de Coreografia popular trasmontana: A Dança dos Pretos (Moncorvo)*, in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», vol. VII, Pôrto, 1935, págs. 33 a 48; *Nota de Coreografia popular trasmontana*, in «Trabalhos», vol. VIII, 1936, págs. 95 a 101.

(2) Visconde de Pôrto da Cruz, *Danças Madeirenses*, in «Arquivo Histórico da Madeira», Funchal, vol. I, 1931, págs. 158 a 163.

(3) Outra variante de alusão corográfica faz rimar o segundo verso *boa* com o quarto *Lisboa*.

Ó belo Campo-Maior,
Tens muralhas à francesa;
Eu gosto de ver *dançar*
As saias à campanesa (1).

(Campo-Maior).

Vá, *de roda, cantem* todos,
Cada qual sua cantiga,
Que eu também canto a minha,
Que a mocidade me obriga.

(Golegã).

Estas é que são as *saias*
Estas mesmo é que são:
Cantadas e *balhadas*
Na manhã do São João (2).

(Borba).

A moda do *bailarico*
Não tem nada que saber:
É andar c'um pé no ar,
O outro no chão a bater.

(Arredores de Lisboa).

Não faltam os bailados e pantomimas carnavalescas, como a *Dança dos Corcovados*, de Nisa, a *Dança dos Ditos*, da Murtosa, e outras que, embora hoje carnavalescas, têm todavia origem nas festas pagãs, como os já mencionados *Entêrro do Bacalhau* e *Entêrro* ou *Morte do Entrudo*. Não faltam igualmente as pantomimas das estações e fases do ano ou do trabalho agrícola; as *Maias*, as *Comadres* e os *Compadres*, a *Espera do Cuco* (Famalicão), e a *Caça ao Cuco* (Pragança), a *Rebolada* erótica nos linhares (Valença, Santo Tirso), as *Primaveras*, hoje representadas em bonecos de escultura popular (Estremoz), o *S. Martinho* (S. Martinho bispo, S. Martinho papa, S. Martinho rapa), em honra do vinho novo, as *adiafas* das fainas nos grandes trabalhos rurais, etc.

A demonstração está feita.

Não quero, porém, terminar, sem chamar a atenção para um livro notável, descritivo e interpretativo do folclore português, onde não foram esquecidas as danças e bailados populares. Por esta razão especial o menciono. Escreveu-o Rodney Gallop, antigo secretário da Embaixada de Inglaterra em Lisboa: *Portugal. A Book of Folk Ways* (3).

---

(1) J. A. Pombinho Júnior, *Cantigas populares alentejanas*, Pôrto, 1936, págs. 89, n.º 285.

(2) J. A. Pombinho Júnior, *obr. cit.*, pág. 89, n.º 287.

(3) Rodney Gallop, *Portugal. A Book of Folk Ways*, Cambridge, 1936.

Percorreu diligente e obstinadamente Portugal nas épocas próprias, e soube vê-lo. Admirado de encontrar em Miranda-do-Douro a *Dança dos Pauliteiros*, esforçou-se por a levar a Londres, onde foi exibida.

E, porque de danças populares se trata, concluirei por esta quadra ilustrativa como vinheta de fecho de capítulo:

Eu perdi o meu lencinho
No terreiro a dançar:
Minha mãi não me dá outro,
Em cabelo hei-de andar.

Lisboa, 23-v-937.

LUÍS CHAVES.

Nomenclatura do carro alentejano

Esta descrição é feita para satisfazer os desejos do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, meu vizinho e meu amigo. Atrevo-me a redigi-la por me lembrar que fui criado a ver trabalhar numa oficina de construção de carros, e que esta minha primeira redacção pode ser escrita de memória, sem auxílio de qualquer apontamento, longe da região onde se usa o carro alentejano que vou descrever, carro de carga e de serviço agrícola, observado em Évora, há uns quarenta para cinqüenta anos a esta parte.

O carro é de duas rodas, puxado por uma parelha, com o puxo chamado de *canga*. Consta de duas partes: *leito* e *rodado*.

Descreverei primeiramente o *leito*: Tem êste forma rectangular. Do lado menor do rectângulo e aqui considerado anterior parte uma *vara* ou *prítica*, que serve para *engatar*, *enganchar* ou *tomar* a parelha, e corresponde ao que noutros veículos se chama *lança*.

A prítica é muito comprida, tem de comprimento o *total* do do leito do carro, sobressai atrás, numa ponta que ultrapassa o lado traseiro do rectângulo, e tem nesta parte o nome de *rabeira*, *rabicha* ou *rabiça;* forma a parte média do leito em todo o comprimento e continua adiante com as dimensões suficientes para, entre o corpo dos dois animais da parelha, chegar até a-par com o pescoço dêstes e prender na canga, pela qual a parelha puxa o carro. Esta última parte, situada entre o tronco dos animais que levam o carro, pode considerar-se a *prítica* ou *vara pròpriamente dita*, ficando como fica a parte média confundida no rectângulo, que é o leito do carro, e atrás a já referida *rabeira*. Principia-se a construção do leito por esta prítica. Atravessam-na quatro *taleiras*, na parte que há-de ser o leito. Para isso fazem-se na prítica quatro furos de secção rectangular, por os quais são enfiadas as taleiras, alternadamente da direita para a esquerda e da esquerda para a direita.

		t	*t*	*t*	*t*	
r						*p*
		t	*t*	*t*	*t*	

A figura que deixo esboçada serve para dar idea do que até aqui tenho descrito:

r = rabeira;
t, *t* = taleiras;
p = prítica pròpriamente dita.

As taleiras são mais largas na parte média e estreitam para as duas pontas. Têm na parte média, face inferior, um ressalto, para assentar na face lateral da prítica.

Duas peças que ficam situadas no leito, segundo o comprimento dêste, lateralmente, chamam-se *limões*, e formam o limite do mesmo, no sentido transversal. Em cada limão há quatro furos, onde entram as pontas das taleiras.

Meter as taleiras através da prítica, e depois as pontas destas a atravessar, em tôda a espessura, os dois limões, chama-se *engradar* o leito.

Os limões são mais altos na parte média. Essa parte com maior altura chama-se *peito do limão*, e assenta sôbre o eixo do rodado.

O intervalo que fica de cada lado do leito, entre a prítica e o limão, é tapado com as tábuas, que assentam em cima das taleiras e são pregadas com pregos de ferro, com as pontas reviradas por baixo das mesmas, depois de atravessá-las de cima para baixo. As cabeças dos pregos ficam a ver-se na face superior das tábuas, em quatro fileiras transversais.

Na parte média, longitudinal, o chão do leito é formado pela face superior da prítica. Aos lados aparecem as faces superiores dos limões.

Assoalhado assim o leito, só se vêem as taleiras olhando-o pela parte de baixo.

Sôbre esta construção assentam, à frente e atrás, duas peças transversais que têm o nome de *sobrecadeias*, o que às vezes se explica, dizendo-se que as taleiras também se chamam ou se chamaram antigamente *cadeias*.

As sobrecadeias assentam na parte média sôbre a face superior da prítica, para os lados assentam sôbre os topos ou extremidades das tábuas, e nas faces superiores dos limões, e têm ainda, excedendo as faces laterais dos limões, para um e outro lado do leito, pontas salientes que são por vezes atravessadas, de cima para baixo, pela espiga duma peça em que ainda não falei e se chama *cace*.

Ao comprimento dos dois lados maiores do rectângulo, que é o leito do carro, levantam-se os *fueiros*, que se fixam neste em furos já abertos nos limões. São, por via de regra, seis ou oito de cada lado, rectos ou com curva especial, terminada verticalmente por uma parte recta, que se chama *espiga*, e atravessa de cima a baixo tôda a altura do limão, e excede a face inferior do mesmo. Esta parte saliente serve para fixar as cordas com que, por vezes, se seguram as cargas que o carro transporta.

Na extremidade superior, cada fueiro atravessa de baixo para cima outra peça do carro que tem o nome de *tendal*. Êste é quási cilíndrico, apenas um pouco mais *cheio* na parte média, e mais delgado para a frente e para trás.

O conjunto dos fueiros de cada lado, e do tendal respectivo, figura uma espécie de balaustrada.

A ponta de cada fueiro, por cima do tendal, é também saliente, como por baixo do limão, e esta parte que sobressai serve igualmente para fixar as cordas e para usos semelhantes.

Os *caces*, de que falei, têm o mesmo feitio que os fueiros, mas são mais grossos e consistentes. Em baixo têm uma espiga que se fixa, atravessando a sobrecadeia e encostada à face externa do limão. Em cima, têm, muitas vezes, uma cabeça, que abraça o tendal, em parte, por fora, em vez de atravessá-lo, como o fueiro.

Muitas vezes, porém nem sempre, os carros têm uma *ponte*. Quando a têm, é uma peça de forma de arco, desde a ponta traseira do tendal até à ponta do tendal do lado oposto. É postiça, quere dizer, tira-se e põe-se quando se quere, e feita de modo que se possa tirar com facilidade. Termina aos lados por duas cabeças que abraçam a ponta do tendal, por cima, muito semelhantes às partes superiores dos caces. Há uma *cavilha* de ferro de cada lado, que quando está metida no seu lugar atravessa a ponte e o tendal, fixando aquela a êste. Para que as cavilhas se não percam, cada uma tem uma cadeia de ferro, que a prende à ponte. Pela parte de cima vêem-se três ou cinco *frades*.

Os frades são uns pernes cilíndricos de madeira que servem para segurar as cordas, e para usos semelhantes; podem ter uns seis ou sete centímetros acima da face da ponte, e mais uma parte que atravessa em tôda a altura a grossura da mesma, para se fixarem.

Por baixo do leito existe, atravessado, o *eixo*, sôbre o qual assenta o leito pelos *peitos dos limões*. O comprimento do eixo

excede aos lados a largura do leito. Essas partes excedentes entram no centro das rodas e têm o nome de *mangas do eixo*. Para que a roda não saia da manga, tem esta na ponta externa uma *torneja*.

Antigamente os eixos eram quási sempre de madeira; actualmente são quási sempre de ferro. Os eixos de madeira são seguros nos leitos por duas peças cilíndricas, de ponta levemente cónica, de ferro, que se chamam *torjões*. Estes atravessam de cima para baixo os limões naquela parte mais alta que tem o nome de *peito do limão;* e igualmente atravessam tôda a grossura do eixo, e ainda fica uma parte saliente por baixo da face inferior dêste.

Na ponta o torjão nem tem porca nem qualquer outra coisa que o impeça de sair do seu lugar.

Na face superior do limão avulta a cabeça dêste, saliente, de forma tronco-cónica. Entre a roda e o limão, com a forma de coroa circular, está uma peça de ferro chamada *borlandão*.

Na face externa do limão, sôbre a *maça* da roda, destinada a impedir a entrada da lama entre o leito e a roda, existe uma peça de feitio um tanto complicado, que tem o nome (como é natural) de — *guarda-lama*. Está presa no limão por dois pregos e nessa parte é plana, para assentar sôbre a face plana do *peito*. A parte que tapa, parcialmente, a maça é curva, como uma abobadazinha ou arco.

Para evitar o desgaste da manga do eixo, existe pela sua parte de baixo, encastoado numa *caixa* aberta nêle, uma peça de ferro que se chama *savicão*, tem um furo para a passagem do torjão, outro na ponta para passar a torneja, e é seguro ao eixo por um parafuso e por duas *vielas* que contornam a manga do mesmo.

Nos eixos de madeira as mangas são cónicas, e como êles se partem muito freqüentemente, há uns anos a esta parte, têm sido substituídos, como já disse, por eixos de ferro, que são mais delgados do que os de madeira, e a parte média, situada debaixo do leito, é de secção quadrada, feita com a grossura que tem o *vergalhão*, quando o ferreiro o compra.

Os vergalhões vêm feitos na grossura em que ficam, e são importados de fora de Portugal. As mangas são redondas, cilíndricas, algo cónicas, isto é, com as extremidades mais delgadas do que as raízes das mesmas.

Em tais eixos não se usam borlordões, têm uma peça chamada *batente*, na passagem da manga redonda para o

corpo do eixo de secção quadrada, a qual desempenha o papel do borlandão, isto é, evita que a roda encoste ao leito.

O eixo tem *pé* e *ponta*. O *pé* é a inclinação do eixo geométrico das mangas, da qual resulta que a distância medida duma roda à outra, no extremo inferior dos diâmetros verticais, é menor do que a distância tomada dos extremos superiores dos mesmos diâmetros. A *ponta* do eixo é uma inclinação semelhante, mas menos acentuada. Faz que a distância medida duma roda à outra, dos extremos anteriores dos dois diâmetros horizontais das rodas, seja menor do que a distância que se obtem medindo dos extremos posteriores dos mesmos diâmetros.

Isto que digo do *pé* e *ponta*, tanto se dá nos eixos de madeira como nos eixos de ferro. Também êstes eixos de ferro diferem dos de madeira no modo como são presos ao leito. Não têm *torjões*. Ligam-se ao peito do limão por uma peça de barra de ferro que tem o nome de *braçadeira*, a qual se prende por dois parafusos que atravessam tôda a altura do peito do limão.

Descrito o leito do carro, passo a falar do *rodado*, ou conjunto das duas rodas iguais, destinadas ao mesmo leito. Diz-se, por exemplo, que se compra na feira de S. João, em Évora, um rodado novo, quando se compram as duas rodas, sem leito nem eixo.

Começa-se a construção duma roda por uma peça central, que tem o nome de *maça*, feita ao *tôrno*, que tem em volta doze ou catorze, raramente outro número de furos, destinados a receber as espigas dos *raios*. Ao comprimento, a maça apresenta um furo destinado a entrar nêle a *manga do eixo*. A parte da maça que volta para o peito do limão recebe o nome de *c. da maça;* a parte voltada para fora chama-se *bôca*. Em volta da maça há três *cintas* e em roda da bôca uma *boquilha*.

Destinam-se as cintas a evitar que o apêrto das *espigas dos raios* rebente a maça. Duas são colocadas, uma adiante, outra atrás das espigas, quási em contacto com elas. Na parte ocupada pelos furos dos raios e por estas duas cintas, a maça é cilíndrica, daqui para diante é mais delgada até o sítio destinado à entrada da boquilha. Para trás também a maça estreita um pouco, porém não tanto. Donde resulta que o círculo da bôca é menor do que o círculo da face oposta. Em volta do círculo maior vê-se a terceira *cinta*.

As *boquilhas* excedem o comprimento da maça, para fora, e não são em superfície cilíndrica; são com o feitio que se obte-

ria encurvando, se me é permitido dizer assim, a geratriz dum tronco de cone, com a convexidade voltada para o eixo e a base menor do tronco de cone fôsse a entrada da boquilha na maça.

A ponta da manga do eixo fica assim dentro duma cavidade constituída em volta pela boquilha e no fundo pelo círculo da *bôca*.

Os *raios* da roda não se metem na *maça* ao modo ordinário, quero dizer, em frio. A *maça* é *cozida* em água a ferver, saturada de sal marinho, e quando se tira, quente, da *caldeira de cozer as maças*, é que se batem, com um grande maço de madeira, os *raios*. Esta operação chama-se *enraiar*.

Também a *maça*, desde que foi destinada para êste fim, se conserva sempre dentro de um tanque, coberta de água.

Os raios metidos na maça não ficam no mesmo plano, quero dizer, a roda, depois de pronta não fica circular, a roda do carro alentejano tem *copa*. Isto significa que os raios são geratrizes dum cone e não raios dum círculo.

Para que todos os raios mantenham a mesma inclinação, à maneira que êles se vão *enraiando*, vai-se, com uma régua assente na bôca da maça, e com uma *bitola* que corre ao comprido desta régua, acertando a sua inclinação. Nesta altura, a *maça* ainda não tem *boquilha*, a régua pode assentar na superfície plana da *bôca*.

Quando se enraia, os raios não estão ainda completamente *aparelhados*. Acabam-se depois de metidos na *maça*.

Os raios são de duas formas diferentes, chamam-se *raios redondos* ou *raios chanfrados*, segundo a forma que tem a sua parte média. A parte média do *raio* fica à vista de quem olha.

Na ponta correspondente ao centro da roda o *raio* tem uma *espiga;* esta fica oculta na sua quási totalidade, dentro da maça. Na parte periférica o raio tem outra *espiga*, que fica dentro da pina respectiva. As pinas tôdas duma roda constituem o *aro* de madeira desta.

Quando a roda tem doze raios tem seis *pinas;* se são catorze os raios, sete *pinas* formam o aro da roda. Corresponde cada pina a dois raios. As pontas das pinas chamam-se *bôcas*.

Muitas vezes, as pinas têm, às bôcas, quere dizer, perto de cada bôca, um *prego de remanchar*. Êste fica com a cabeça para a face dianteira da pina e a anilha para a face oposta, voltada para o leito do carro.

Meter as espigas dos raios nos buracos das pinas chama-se *enfustar*.

Por fora das pinas levam as rodas um *aro de ferro* que se chama *ferragem*. Diz-se, por exemplo, *repertar a ferragem* a uma roda; uma roda levar uma *ferragem nova*...

Faz-se o aro de ferro da seguinte maneira: Em cima duma *barra* de ferro, rectilínea, estendida no chão, roda-se a roda até dar uma volta completa. Marca-se com um giz, primeiramente, e depois com algumas picadas de *punção*, o comprimento da barra correspondente à circunferência rectificada. Por aí se corta a barra, que depois se enrola e à qual se *caldeiam* as duas pontas, para dar ao aro a sua forma em circunferência.

Os *aros de ferro* são aquecidos à temperatura do rubro, assim metidos nas rodas de madeira, e a seguir arrefecem-se com água fria.

A dilatação linear das barras permite a introdução da roda de madeira dentro da sua circunferência. A retracção produzida pelo arrefecimento produz o *apêrto*.

Meter os aros de ferro nas rodas chama-se *ferrar as rodas*; o trabalho de o fazer chama-se *ferração*. É o trabalho mais violento e fatigante dos ofícios de *ferreiro* e *abegão*.

A descrição da faina de *ferrar* oito ou dez rodas, a seguir, na pena dum Fialho de Almeida, podia dar um quadro tão impressionante como a sua conhecida pintura dos ceifeiros.

Abegão é, no falar alentejano, sinónimo de *carpinteiro de carros*. Esta última designação só se ouve no Alentejo na bôca de gente culta, e excepcionalmente.

Depois de ferrada a roda, o aro leva furos em volta, dois em cada pina, às *bôcas*. Primeiramente são furados os aros de ferro, depois os furos são *escareados*, isto quere dizer, feitos cónicos para no cone oco do furo entrar a cabeça maciça dum parafuso, que fica assim embutida na ferragem e quási nada ou nada saliente na superfície da *barra*.

Feitos pelo ferreiro os furos no aro de ferro, faz o *abegão* os furos nas pinas, mete os parafusos e aperta-lhes as *porcas* no interior do aro das pinas, na luz do sector compreendido entre os raios e estas.

E para acabar de fazer um rodado, falta apenas tratar do furo da maça onde entra a *manga do eixo*.

Se o rodado trabalha com eixo de madeira a maça leva embutidos um na bôca e outro na face oposta, *bucins* de ferro fundido. Estes são aros de ferro, com uma abertura igual à grossura da *manga*, e por conseqüência muito maior

no que volta para o *borlandão* e menor no que roça na torneja. Servem para evitar o rápido desgaste da maça, e são fixos com *grampos* espetados nesta, a tôpo.

Se o rodado trabalha com eixo de ferro, em todo o comprimento da maça é esta protegida interiormente por uma peça que se chama *bucha*, e é um tubo de ferro fundido, com o comprimento da manga, embutido na maça.

O carro, com ou sem carga pode ser ou estar *traseiro* ou *dianteiro*. *Traseiro* está o carro quando o pêso para trás do eixo é maior; o carro entregue a si próprio pende para a rabeira; *dianteiro* está no caso contrário, largando o carro, cai a ponta da vara no chão.

Muitas vezes os rodados e também por vezes os leitos, são pintados com tinta a óleo. Por via de regra levam primeiro uma *demão* de tinta cinzenta (alvaiade e pós de sapatos), que é o *aparelho*, depois a côr definitiva, que quási sempre é azul.

Meter as rodas no eixo do carro chama-se *enteixar* o carro, tirar-lhe as rodas diz-se *desenteixar*.

Quando se desatrelam ou desengancham as parelhas os carros ficam, em geral, com a ponta dianteira da prítica assente no chão.

É raro terem um pau destinado a agüentar o carro com o leito horizontal; quando existe chama-se *descanso*. Êste, quando o carro trabalha, levanta-se e fica paralelo à vara; para o segurar tem esta uma argola.

A ponta da *vara* ou *prítica*, onde se prende o carro à canga da parelha, chama-se às vezes *cabeçalho*; mas quási sempre êste têrmo se emprega quando a ponta é um acrescente postiço ou não. Esta ponta da prítica tem no tôpo um *argolão*, destinado a passar nêle uma corrente da canga, que se chama *cabresto* e serve para agüentar o carro nas descidas.

Na face superior tem a ponta da prítica uma chapa plana de ferro um pouco artìsticamente trabalhada, com um desenho parecido com o da *boneca da chaminé* das cozinhas; chama-se *casquilho*. Pela parte de baixo há outro casquilho, êste enrolado um pouco em superfície cilíndrica, tapando a prítica por baixo e aos lados. Na extremidade tem esta uma *viela*.

A ponta da vara entra numa abertura que debaixo da *canga* fica entre o *peito* desta e uma correia de coiro chamada *apêro*, e é atravessada de alto abaixo por uma peça de ferro que é a *espera*, a qual sobressai em cima do casqui-

lho, atrás do *peito da canga*, e, por baixo, igualmente adiante da curva do apêro.

Para que isto se possa entender melhor, vou dizer como é uma *canga de parelha*: Tem esta três partes curvas; duas, côncavas para baixo, assentam sôbre o pescoço das duas mulas (ou cavalos, ou jumentos), sôbre os molins de coiro; ao meio uma peça curva, de concavidade para cima, situada entre as outras duas. Estas chamam-se *pontas*, a outra denomina-se *meio*. O conjunto tem aproximadamente a forma da curva que os geómetras chamam *sinusoide*. O meio tem maior grossura na parte inferior — o *peito da canga* — o qual assenta sôbre a prítica, e também tem um carquilho de ferro, na face inferior, que assenta no casquilho da vara.

Estas cangas de madeira, pelo mesmo motivo porque foram substituídos os eixos, também de há uns anos a esta parte foram substituídas por cangas de ferro de tubo encurvado, com a mesma forma que tinham as cangas de madeira. Estas, porém, são tôdas de uma só peça.

Também há carros puxados por um só animal. Têm o nome de *trimbolins*, carros de *varais* ou carros de uma *besta só*. São iguais aos de parelha, salvo serem tôdas as peças um tanto mais delgadas, a vara ser reduzida ao comprimento do leito e da rabeira e terem dois varais, no prolongamento dos limões e presos a estes.

A canga é de ordinário fixa aos varais e é formada por uma só curva de concavidade voltada para baixo.

ÍNDICE DOS VOCÁBULOS

Amoreiras (Lisboa) — 1937.

ANTÓNIO DOS REIS SILVA BARBOSA.

CIRIOS ESTREMENHOS

(SUBSIDIOS PARA O SEU ESTUDO)

(Continuação do vol. XXXIII, págs. 269-300)

---

6. Real Cirio *(armas reaes)* de Lisboa. — Hymnos de congratulação, e louvor, que os festeiros do real Cirio de Nossa Senhora da Nazareth, de que he magnanima protectora a Serenissima Senhora Infanta regente, consagrão á prodigiosa imagem da mesma Senhora, por occasião de ser conduzida em triunfo ao referido lugar, recitados por tres anjos, no anno de 1827.

Ao receber do estandarte

Primeiro Anjo

Em tributo á Mãi Piedosa,
Do immaculado Cordeiro,
Levarei este Pendão,
Aos Confins do Mundo inteiro.

Pois faltando a intercessão,
D'esta Rainha Sagrada,
Fora a Natureza hum Cháos,
Tornaria o Mundo ao nada.

Segundo Anjo

Leaes, Devotos Romeiros,
Que com ardente desejo,
Á Virgem da Nazareth,
Rendeis annual Festejo.

Ás palmas antecedentes,
Juntai mais esta victoria,
Vossos passos, remarcados
Serão por degráos de Gloria.

Terceiro Anjo

Exultemos em Louvores,
D'exemplar contentamento;
Zelo que póde elevar-nos
A gráos de merecimento.

Para com mais eficácia
Da Virgem, graça alcançar,
Seu nome mil vezes Santo,
Não cessêmos de Cantar.

Os tres Anjos

Outro prazer, outro bem
Não devemos aspirar.

Entrada em Villa Franca

Primeiro Anjo

Redobremos nesta Villa,
Nossos festivos cantares,
E nossos votos unamos
A seus Povos singulares.

Desde o mais Igrejo berço,
Thé á mais pobre choupana,
Correm todos a Saudar
A esta Virgem Soberana.

Segundo Anjo

Huns, e outros se congratulão,
D'esta Devota Romagem,
Rendendo a tão doce Mãi
Sua devida Humenagem.

Conduzidos pelas tochas
Da luminosa razão,
A seu Throno Augusto envião
Tributos de gratidão.

Terceiro Anjo

Santo júbilo parece,
Que em seus Corações não cabe,
Pois d'outra fórma exprimillo
Nenhum póde ou nenhum sabe.

O Sacrosanto Objecto
Tanto inflama, a mente, e ideia,
Que a prazenteira alegria,
Nos rostos se patenteia.

Os tres Anjos

Tão doce presseverança
Os felicita, e premeia.

Entrada na Castanheira

Primeiro Anjo

Eis [a] notavel Villa aonde
Povo assás Religioso,
Render costuma a Maria
Cantico o mais Glorioso.

Sonoras acclamações,
Á quem, e álem, ressoão
Congratulatórios Hymnos,
Fieis Devotos entoão.

Segundo Anjo

Ó Formusura dos Anjos!
Mais gentil que o Sol Splendente,
Derramai Celeste Bênçãos
N'hum Povo tão reverente.

Permitte que aos Lares seus
Próspera fortuna assome,
Em refens do acatamento
Com que exaltão vosso nome.

Terceiro Anjo

Sim, Povo da Castanheira,
Confiai na protecção,
D'este Thesouro de Graça
Simbolo da perfeição.

Continuai fervorosos,
Nesse louvor o mais terno
Que a Virgem de Nazareth
Vos prepara o prémio eterno.

Os tres Anjos

Alegre-se o Firmamento
Enraiveça-se o Inferno.

Entrada nas Caldas

Primeiro Anjo

Assim como os Astros fulgem
Na Celeste Região,
Assim na Villa das Caldas
Resplandece este Pendão.

Aqui os diversos Entes
Que a vida escorar procurão,
Fazendo votos á Virgem
Vitaes alentos segurão.

Segundo Anjo

D'innumeraveis enfermos,
Põe mil vezes termo á luta.
O ponto está cada hum
Ver bem o que lhe tributa.

Quem nas suas mãos se entrega
De resolução não mude,
Porque da Virtude o prémio,
Sempre provém da Virtude.

Terceiro Anjo

Recorrendo aos eficazes,
Remedios da sua Mão,
Todos encontrão alivio
Na sua grande afflicção

De momentos, a momentos,
Gravemente nos ensina
Como obter poderemos
Huma cura tão divina.

Os tres Anjos

Em quaesquer enfermidades
He a melhor Medicina.

Entrada na Nazareth

Primeiro Anjo

Ó vós Espiritos Celestes!
Dirigi nossos clamores;
E eis-nos chegados ao Templo
Dedicado a seus Louvores.

Emprestai-nos a pureza,
Que engrandece as vossas palmas,
Da vossa graça hum vislumbre,
Purifique as nossas almas.

Segundo Anjo

Rainha dos Ceus, e terra,
A vossos pés humilhados,
Se prostrão estes Devotos,
Do vosso Amor penhorados.

Livrai-nos de propender-mos,
P'ro senistro, e errado trilho,
E consegui-nos as Bênçãos,
Do vosso Adorado Filho.

Terceiro Anjo

A Silverio, Ente honrado,
E outros dignos Festeiros,
Devem muito em honra vossa
Estes Devotos Romeiros.

Desempenhando a tarefa,
De seus zelosos Officios,
A pró da vossa grandeza,
Nos tem sido assás propicios.

Os tres Anjos

E não duvidão expor-se,
A mais arduos sacrificios.

Sahida da Nazareth

Primeiro Anjo

Com que effeverescencia, e gosto,
Empunho a Nobre Bandeira,
Com que me honrão os Devotos,
D'esta Excelsa Medianeira...!

D'essa famosa Ulysséa
Vamos pôr termo á saudade,
A seus muros regressando
Co'a mesma Solemnidade.

Segundo Anjo

Consoladora Rainha,
Que tantas provas nos daes,
D'um affecto primoroso,
Que tanto illustra os mortaes.

Sêde nesta retirada,
Nosso radiante Norte,
Acompanhai-nos na vida,
Fortalecei-nos na morte.

Terceiro Anjo

Soccorrei os indigentes,
Suavisai sua amargura,
Revestindo-os de constancia;
Nos trances da desventura.

Nos insondaveis abismos,
Em que a desgraça os despenha,
Muito precisão d'auxilio,
Que das vossas mãos provenha.

Os tres Anjos

Sua natural bondade,
A favor d'elles s'empenha...

Chegando o Cirio ás Caldas, se repetirá o Cantico que se recitou á hida para a Nazareth, e nos outros lugares o mesmo que pertence a cada hum.

Chegando o Cirio a Lisboa ao entregar o Estandarte

Primeiro Anjo

Fundados na protecção
Do vosso Amor Soberano,
A mesma dita esperamos
Já d'um para outro anno.

E, quando a morte se opponha,
A esta nossa homenagem,
No arriscado momento,
Prosperai nossa viagem.

Segundo Anjo

Mais que nunca em nossos dias,
Paz vos rogamos mil vezes;
Seja este o maior bem
Que ortorgueis aos Portuguezes.

Nunca entre elles a discordia,
Arvóre o facho atrevido;
Pretegei este terreno
Por vosso Filho escolhido.

Terceiro Anjo

Permitti que almo socego,
Todos os Povos consigão,
Que o governo, e os Governados,
A si proprios se bemdigão.

E para que Pátria goze
Quanto fôr bem permanente,
De Bênçãos cobri os dias
Da nossa amavel Regente.

Os tres Anjos

Em vosso Amor Sacrosanto,
Confia a Devota Gente.

FIM.

SONETO

Se antecessor Juiz, Barão honrado,
Em igual Romaria portentosa
Em Culto á Mãi de Deos tornou lustrosa
A Função d'este Cirio decantado...

O novo Juiz, não menos, de bom grado
Desempenha a tarefa assás custosa
He este o Illustre Heroe Silverio Rosa
Chefe d'um Corpo á honra dedicado.

Embora estas acções só sejão boas,
Para gozar a sãa felicidade
Que compete a tao inclitas pessoas.

Louve seus nomes a posteridade
Pois que, com suas mãos já tece as corôas
Que o hão-de cingir, marchando á eternidade.

Lisboa, 1827. Na Typographia de José Baptista Morando. Com Licença (In-folio, de 4 paginas).

7. *(Armas reaes)*. SENDO CONDUZIDA EM HUMA RICA BERLINDA, pela primeira vez, a imagem da Senhora da Nazareth, da Capella Real de Queluz, em o antigo Cirio da mesma Real Capella, ao Templo da Pedreneira, para ahi ser festejada com maior pompa, pelo faustoso motivo do Feliz Regresso, e acclamação de Sua Real Magestade ElRei Nosso Senhor D. Miguel Primeiro, em o Anno de 1828. Composto por Fr. Claudio da Conceição, Prègador Régio, e Chronista do Reino.

Recitarão tres Anjos o seguinte:

Para se recitar na Capella Real de Queluz
á sahida do Cirio

Primeiro Anjo

Transportai-vos Portuguezes,
De prazer, doce alegria,
Pois respira a doce paz
Nesta Lusa Monarchia.

Segundo Anjo

Enchugárão-se as lagrimas,
Que regavão nossos Lares,
Com bem razão lamentando
Nossos males, e dezares.

Terceiro Anjo

Já raiou brilhante Sol
No ditoso Portugal,
Dissipando com seus raios
Todo o susto, todo o mal.

Quarto Anjo

Tudo se deve a Maria,
Senhora da Nazareth,
Que permitte conservar-se
Sempre intacta a nossa fé.

Quinto Anjo

Os inimigos de Deos,
Esses perversos malvados,
Infames Pedreiros Livres,
Já tem sido derrotados.

Sexto Anjo

Os seus tramas infernaes
Contra o Rei, contra o Altar,
Contra tudo santo, e justo,
Já nada póde medrar.

Sétimo Anjo

Vamos pois agradecer
Á Virgem Nossa Senhora,
Que tanto se tem mostrado
De Portugal Defensora.

Oitavo Anjo

Vamos todos neste Cirio,
De Queluz denominado,
Agradecer-lhe já termos
Nosso gosto consummado.

Nono Anjo

Nós vimos livres de p'rigos,
Já da terra, já do mar,
Vir o Grande Rei Miguel
Com justiça governar.

Todos

Abra pois a nossa marcha
Hum prazer bem verdadeiro,
E vamos sempre dizendo:
«Viva D. Miguel Primeiro».

Para se recitar no Pendão

Primeiro Anjo

Paremos aqui, Romeiros,
Neste lugar do Pendão,
Rendendo nossos respeitos
Áquelle Santo Padrão.

Segundo Anjo

A Virgem da Nazareth
Alli vemos retratada,
Para ser neste lugar
Em memoria conservada.

Terceiro Anjo

O tempo de cinco mezes
Foi nesta casa escondida,
A Imagem da Nazareth,
Quando vinha de fugida.

Quarto Anjo

Daqui á Capela Real
Com devoção se conduz,
D'onde sahe annualmente
Este Cirio de Queluz.

Quinto Anjo

Com maior solemnidade
Se festeja neste anno,
Pelo motivo da vinda
Do nosso bom Soberano.

Sexto Anjo

Por isso com toda a pompa
Se faz esta Romaria,
E com ella agradecemos
Os favores de Maria.

Todos

Por favores singulares,
E prazer tão verdadeiro,
Digamos todos contentes:
«Viva D. Miguel Primeiro».

Para se recitar na Villa de Bellas

Primeiro Anjo

Eis-aqui, Povo de Bellas,
Nesta nossa Freguezia,
Conduzida a Mãi de Deos
Em devota Romaria.

Segundo Anjo

A Virgem da Nazareth,
Bella Filha d'Israel,
He quem trouxe a Portugal
O Nosso Rei D. Miguel.

Terceiro Anjo

Por sua Misericordia
A mais terna, e portentosa.
Fez a Nossa Mãi Sanctissima
Esta Nação bem ditosa.

Quarto Anjo

Ella foi quem destruio
Os progressos da Facção,
Que tantos males tem feito
Á Portugueza Nação.

Quinto Anjo

Por sua Misericordia
Tão rara, tão singular,
Não pódem malvados planos
Dos impios Mações medrar.

Sexto Anjo

Por sua Misericordia
He no Throno collocado,
O melhor dos Reis do Mundo
D. Miguel, o Desejado.

Todos

Viva pois o Desejado
Por um Povo todo inteiro,
E com a Real Familia
«Viva D. Miguel Primeiro».

Para se recitar na Villa das Caldas

Primeiro Anjo

Á nobre Villa das Caldas
Chega o Cirio de Queluz,
Que a Virgem da Nazareth
Com tanta pompa conduz.

Segundo Anjo

Ó vós todos, Moradores,
Desta Villa tão famosa,
Vinde ver, e venerar
Imagem tão milagrosa.

Terceiro Anjo

Vinde, correi bem depressa,
Prestar-lhe veneração,
Agradecei-lhe tambem
Quanto fez pela Nação.

Quarto Anjo

Derrotou o Maçonismo,
Esse monstro mais cruel,
Contra as Leis, contra a Justiça,
Contra o Senhor D. Miguel.

Quinto Anjo

O resto dos partidistas,
Lá no Porto levantados,
Tambem foram confundidos,
Perseguidos, desterrados.

Sexto Anjo

As nossas antigas Côrtes,
Fundadas na antiga Lei,
Todas juntas em Lisboa
Acclamão hum novo Rei.

Todos

No dia sete de Julho
Jurão hum Rei verdadeiro
E gritão na grande Salla:
«Viva D. Miguel Primeiro».

Para se recitar na chegadâ do Cirio á Nazareth

Primeiro Anjo

Neste Templo Magestoso,
De Maria habitação,
Mostremos todos Romeiros
Nossa pura gratidão.

Segundo Anjo

Agradeçamos mui gratos,
Como hum povo bem fiel,
A vinda tão milagrosa
Do nosso Rei D. Miguel.

Terceiro Anjo

Louvores continuados
Á Virgem Sancta Maria,
Que desde o primeiro Affonso
Defendeo a Monarchia.

Quarto Anjo

Com a sua Protecção,
Este Monarcha immortal,
Os fundamentos lançou
Ao Reino de Portugal.

Quinto Anjo

Victorioso dos Mouros,
Pela Virgem amparado,
Primeiro Rei Portuguez
Foi por todos acclamado (1139).

Sexto Anjo

ElRei D. Sancho Primeiro
Bravos Mouros conquistou,
E ajudado por Maria
A Praça d'Elvas tomou (1200).

Sétimo Anjo

Foi D. Affonso Segundo,
Que vio em Alcacer do Sal
Derrotados tantos Mouros
Com gloria sem igual (1217).

Oitavo Anjo

D. Sancho tambem Segundo,
Tendo os Mouros conquistado,
Entrando no Algarve deixa
O seu Nome assignalado (1247).

Nono Anjo

Senhor de todo o Algarve
Se fez Affonso Terceiro (1250),
Com o auxilio de Maria
Seu devoto verdadeiro.

Décimo Anjo

Seu Filho ElRei D. Diniz,
Que inimigos confundio,
A Ordem de Jesus Christo
Neste Reino instituio (1318).

Décimo primeiro Anjo

D. Affonso Quarto, o Bravo,
Com valor bem exaltado,
A muitos mil Mouros mata
Na batalha do Salado (1340).

Décimo segundo Anjo

ElRei D. Pedro Primeiro,
Empunhando Sceptro Augusto (1357),
Foi perfeito na Justiça
Com que governou sem custo.

Décimo terceiro Anjo

Quando Henrique de Castella
D. Fernando perseguia,
Este o faz voltar as costas (1371)
Ajudado por Maria.

Décimo quarto Anjo

Conseguio em Aljubarrota (1385),
Protegido por Maria,
ElRei D. João Primeiro
Victoria com valentia.

Décimo quinto Anjo

No tempo de D. Duarte,
Os Portuguezes valentes,
Lá sobre a Praça de Tangere
Confundem infieis gentes (1437).

Décimo sexto Anjo

ElRei D. Affonso Quinto,
Que Africano se chamou,
A Villa d'Arzilla aos Mouros
Valorosamente tomou (1471).

Décimo sétimo Anjo

ElRei D. João Segundo,
Na Historia decantado,
Foi por seus descobrimentos
Senhor de Guiné chamado (1482).

Décimo oitavo Anjo

Se o Senhor D. Manoel
Nossas Indias descobrio (1506),
Á Protecção de Maria
Ele tudo attribuio.

Décimo nono Anjo

Descobrio Martin Affonso (1532)
Reinando João Terceiro,
A Provincia, hoje Côrte,
Lá do Rio de Janeiro.

Vigésimo Anjo

Entre as celebres victorias
D'ElRei D. Sebastião,
Foi famosa a que tivemos (1571)
Do famoso Idalcão.

Vigésimo primeiro Anjo

O Rei Cardeal Henrique,
Mui devoto de Maria,
Com prudencia tomou posse (1578)
Desta nossa Monarchia.

Vigésimo segundo Anjo

Depois que os tres Filippes
Sessenta annos governárão,
Verdadeiros Portuguezes
Quarto João acclamárão (1640).

Vigésimo terceiro Anjo

No tempo d'Affonso Sexto
Conseguimos tres victorias,
Ameixial (1663), Linhas d'Elvas (1659),
Montes Claros (1665), nossas glorias.

Vigésimo quarto Anjo

Depois D. Pedro Segundo,
Em a batalha naval,
No estreito de Gibraltar (1705)
Deo gloria a Portugal.

Vigésimo quinto Anjo

O Senhor D. João Quinto,
Que seu nome eternisou,
Em Mafra a Nossa Senhora
Hum Templo lhe consagrou (1730).

Vigésimo sexto Anjo

O Senhor Rei D. José,
Que Maria protegeo (1758),
Por acções tão estrondosas
Huma Estatua mereceo (1775).

Vigésimo sétimo Anjo

A Grande, immortal Rainha,
Primeira dos Portuguezes,
Defendeo a Virgem Sancta
Da Invasão dos Francezes (1807).

Vigésimo oitavo Anjo

O Senhor D. João Sexto,
Pela sua devoção,
Institue n'um grande dia (1818)
A Ordem da Conceição.

Vigésimo nono Anjo

Em fim todos os Monarchas
Do Reino de Portugal,
Devêrão á Sancta Virgem
Hum amor especial.

Trigésimo Anjo

Mas o Senhor D. Miguel,
Este Rei tão Desejado,
Por Maria sempre foi
Protegido, e amparado.

Trigésimo primeiro Anjo

Quando (*sic.* Dando?) golpes mais fataes
No partido revoltoso,
Colloca seu Pai Augusto (1823)
Em hum Throno Magestoso.

Trigésimo segundo Anjo

E depois dos tristes dias
D'huma ausencia rigorosa,
A Maria agradecemos
Sua vinda milagrosa (1828).

Trigésimo terceiro Anjo

No Throno dos seus Maiores
Nós o vemos assentado,
E com todos os Direitos
Solemnemente jurado (1828).

Todos

Proteja sempre Maria,
Miguel, de João Herdeiro,
Para que com feliz sorte
Viva D. Miguel Primeiro.

Para se recitar na despedida sahindo o Cirio da Nazareth

Primeiro Anjo

Quando deste Sanctuario
Nós nos vamos retirar,
Renovemos nossas supplicas,
Nossos votos sem cessar.

Segundo Anjo

Elles são, minha Senhora,
Ó Virgem de Nazareth,
Nascidos do coração,
Todos feitos com bem fé.

Terceiro Anjo

Nós vos pedimos devéras
Toda a vossa Protecção,
Todo o vosso valimento
Para o Rei, para a Nação.

Quarto Anjo

Desterrai, ó Mãi Santissima,
Senhora da Nazareth,
Os inimigos tyrannos
Oppostos á Sancta Fé.

Quinto Anjo

Que trabalhão sem cessar
Na ruína da Nação,
Combatendo, perseguindo
A Sancta Religião.

Sexto Anjo

Desterrai de Portugal,
Esta Nação tão fiel,
Os malvados, que não querem
O nosso Rei D. Miguel.

Sétimo Anjo

A Monarcha tão excelso,
A tão excelente Rei,
Ó Virgem da Nazareth,
Sempre, sempre protegei.

Oitavo Anjo

Á nossa Imperatriz,
Rainha de Portugal,
Conservai ditosos dias,
Livrai-a de todo o mal.

Nono Anjo

A toda a Real Familia
Apertai em doces laços,
Não opponhão nunca isto
Os Pedreiros embaraços.

Todos

Esta dita, esta ventura,
Este gosto verdadeiro,
Fará que ditosamente
Viva D. Miguel Primeiro.

Para se recitar na chegada do Cirio a Queluz

Primeiro Anjo

Já vindos da Nazareth
Neste Cirio festival,
A Maria collocamos
Nesta Capella Real.

Segundo Anjo

Aqui mesmo neste Templo
Os nossos Cultos daremos,
E pelo bem da Nação
De continuo rogaremos.

Terceiro Anjo

Sim, ó nossa Mãi Sanctissima,
A quem puro amor conduz,
Vinde, tornai habitar
A Capella de Queluz.

Quarto Anjo

Como Torre de David,
Fortaleza d'Israel,
Defendei, fortificai
O nosso Rei D. Miguel.

Quinto Anjo

Como Escada de Jacob,
Por onde nos vem as graças,
Fazei-nos hum Rei feliz,
E livrai-o das desgraças.

Sexto Anjo

Os orvalhos preciosos
Dos campos de Gedeão,
Derramai sempre, Senhora,
Na Portugueza Nação.

Sétimo Anjo

Como Sarsa de Moysés
Tão brilhante, e luminosa,
Queimai, reduzi a cinzas
A Seita mais tenebrosa.

Oitavo Anjo

Nova Arca d'Alliança,
Esquadrão bem ordenado,
Acabai por huma vez
O Maçonismo malvado.

Nono Anjo

Brilhante Arco Celeste,
A doce paz confirmai,
E os vis Pedreiros Livres
De Portugal desterrai.

Décimo Anjo

Como a Nuvem d'Elias,
Vista lá nos altos Montes,
Desfazei as tempestades
Cá dos nossos Orisontes.

Décimo primeiro Anjo

Oliveira junto ás agoas,
Que o Oleo Santo produz,
Fazei sempre florecente
Este Cirio de Queluz.

Décimo segundo Anjo

Como jardim sigillado,
Por hum melhor Salomão,
Acolhei a todos nós
Na vossa alta Protecção.

Todos

Vara de Arão florecida,
Com doce fragrante cheiro,
Fazei que assim mesmo sempre
Viva D. Miguel Primeiro.

Lisboa, na Impressão Régia. Anno, 1828. Com licença (In-folio, de 4 paginas).

(Continua).

J. Leite de Vasconcellos.

Expressões populares do Alto Alentejo

1. Tirar uma seara

É no mês de Dezembro e Janeiro que os modestos seareiros costumam ir pedir uma porção de terreno a algum lavrador da sua região, para semearem no próximo ano a searinha. É vulgar, nesse tempo, preguntarem uns aos outros: — Então, êste ano, onde tencionas tu tirar uma seara? — Eu já sei que o Zé da Margarida foi tirar um bocado de terra à herdade do lavrador João, e que me parece que não é nada mau.

Explicação da expressão:

Uma criatura fica com uma porção de terreno dum lavrador com idea de a tratar e depois semeá-la por sua conta. Tem por assim dizer, êsse terreno alugado até que colha o cereal que lá semeia. Depois de o colhêr, perde o direito a êsse terreno. O aluguer dessa terra é pago, mediante certa percentagem, tratada entre o seareiro e o proprietário dela. Denomina-se essa percentagem — *matação.* Essa é tirada do cereal semeado nesse terreno. Portanto *matação* vem aqui a ser sinónimo de *pagamento* que se dá pelo aluguer da terra. A *matação* pode ser ao quinto, ao quarto, ao têrço, e até de meias.

Todos sabem o que isto quere dizer, portanto será desnecessário explicar.

O vocábulo *matação* tem ainda outro sentido, muito diferente daquele que eu acima menciono, e êsse é de — *ralação, apoquentação.*

É freqüente ouvir-se às mãis, quando os filhos estão a insistir com elas por qualquer coisa que pedem e que elas não estão dispostas a dar, o seguinte: — «Estão sempre com uma *matação,* que não nos deixam estar um bocadinho sossegadas».

Voltando à expressão *tirar uma seara,* tenho de dizer, para terminar, que o verbo *tirar* significa aqui *lindar, delimitar* uma porção de terreno que fica na posse do seareiro até que colha a sua seara.

Eis, em resumo, o que eu compreendo pela expressão que serve de assunto a êste parágrafo.

2. Scoalhar as comadres

A expressão que nos surge é já muito tradicional, sobretudo em Alagoa. Primeiramente, direi o que se entende por *comadres*.

Sabemos que *comadre* é a madrinha de um neófito, com relação aos pais dêste, ou a mãi do neófito com relação à madrinha e ao padrinho. Duma maneira geral, é êsse o seu significado, mas nesta nótula tem outro sentido que veremos no decorrer da presente digressão.

Sôbre a sua etimologia, ouvimos o Prof. J. Leite de Vasconcelos. Diz-nos êle que *madre mãi* do lat. *matre* —, *padre pai* do lat. *patre* —, deixaram de se usar na sua acepção primitiva, depois dos séculos XV-XVI, mas conservaram-se de modo restrito, respectivamente no sentido de *útero (madre)*, e *eclesiástico (padre)*, e em algumas expressões estereotipadas, como Santa Madre Igreja, madre abadessa, Madre de Deus, Padre Nosso, bem como nos compostos: *comadre (com-madre)*, *compadre (com-patre)*; os respectivos temas conservam-se em *madrinha-matrina*, e *padrinho-patrinu*.

Vista a sua etimologia, vou, pois, explicar em que sentido é usada, quanto ao título dêste parágrafo.

Todos nós sabemos que há um dia no ano denominado o *Dia das Comadres*; êsse é na quinta-feira anterior à terça-feira de Carnaval. Nesse dia, reüne-se um grupo de raparigas amigas, e pedem a casa à mãi de uma delas para deixar *fazer as comadres*.

Pregunta-se agora, o que se entende por *fazer as comadres*? Vou tentar responder.

Para essa reüinião festiva, umas raparigas levam ovos, leite, arroz; outras pão, farinha, carne, etc., tudo para fazerem um jantar que depois é comido em alegre convivência. Êsse jantar é feito por duas delas que são escolhidas pelo grupo.

Às vezes convidam também rapazes da sua camaradagem, porque costumam, depois do jantar, cantar, bailar e dar um passeio pela aldeia.

Se na ocasião em que estão jantando, uma delas vê passar na rua alguma pessoa das suas relações, imediatamente tôdas a chamam e dão-lhe a provar uma colher de sopa.

É curioso agora o diálogo que tem esta etiqueta:

Ei-lo: — Uma delas diz — Então de que come a comadre?

Ela responde — Do que a comadre comer. Depois de braço cruzado com o dela e com uma colher cheia de sopa mete-lha na bôca e diz — para sermos comadres até morrer. Daí por diante ficam chamando-se comadres umas às outras.

Parece que actualmente se vai perdendo um pouco esta originalidade. Veio isto a propósito da expressão — *Scoalhar as comadres.*

Os garôtos desde os seis até aos quinze anos de idade, pouco mais ou menos, costumam na véspera à tarde do *Dia das Comadres* e, principalmente, no próprio dia, percorrer as ruas com chocalhos, agitando-os.

Cito uma frase ouvida a um garôto, na aldeia onde colhi a expressão que encima êste parágrafo: «Ó tia, empreste-me um *scoalho* para ir *scoalhar as comadres*».

Ora, uns com chocalhos, outros com buzinos (búzios) produzem sons deveras ásperos e desharmónicos.

É à porta da casa, onde as raparigas estão realizando a sua comezaina, isto é, *fazendo as comadres*, que êles se regosijam tocar todos êsses instrumentos com tôda a fôrça. Tal barulho, feito pelos rapazes, tem o intuito de as arreliar e apoquentar. Elas, para os afugentarem, atiram-lhes com ossos.

Direi, porém, o que é o vocábulo *scoalhar*. Êste é a forma popular de *chocalhar*.

Ainda não há muito tempo que na risonha e viçosa vila de Castelo de Vide, no sábado de Aleluia, costumava uma banda de música andar tocando pelas ruas, às dez horas da manhã, anunciando assim o aparecimento de Aleluia; atrás da filarmónica andavam também muitos rapazitos com chocalhos, agitando-os.

3. **Ter tantos nomes como o atabefe**

Esta expressão há-de parecer estranha a muitos, porque naturalmente ainda não a ouviram ou não repararam nela.

Se eu aqui dou esta notícia, é porque algumas pessoas a têm proferido e até também já a tenho ouvido, e não por meu simples arbítrio.

Como achei o título da expressão exquisito, registei-a com o fim de a explicar, o que vou agora fazer.

Quando um indivíduo tem mais de três ou quatro nomes, ou melhor, dois nomes e uns quatro apelidos, a gente do

povo costuma logo dizer-lhe — «O senhor *tem tantos nomes como o atabefe*».

Porque será tal designação?

É que o *atabefe* — sôro de leite coagulado — é designado por vários nomes de povoação para povoação, e até na mesma localidade.

Várias criaturas deram-me algumas designações dessa iguaria da gente pobre, pelo que lhes estou muito reconhecido.

Elas aí vão: — no concelho de Portalegre chama-se *atabefe;* no de Marvão, de maneira geral — *sôro;* em Montalvão — *zambana* (êste vocábulo também é usado nas Beiras) e *estarambeco* (êste refere-se mais ao de leite de ovelha); em Alter do Chão — *borra-vredas;* em Alpalhão — *leite gordo*, etc.

Eis a razão por que essas pessoas dizem que um indivíduo *tem tantos nomes como o atabefe.*

Oh! se elas soubessem o nome completo de alguns dos nossos reis, então é que haviam de proferir essa expressão várias vezes.

Tenho na minha presença um livro intitulado — *Antroponímia Portuguesa* — do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos. Por curiosidade, folheando êsse livro, encontrei assunto algo interessante e tratado com grande clareza costumada neste professor.

Para se fazer idea dos nomes de alguns dos nossos reis, basta mencionar de um ou dois, encontrados a páginas 357 e 358 do livro acima citado.

Exemplo: D. João VI chamou-se João José Maria Francisco Xavier Paula Luiz António Domingos (de Bragança e Bourbon); D. Pedro IV chamou-se Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim (de Bragança e Bourbon), etc.

É preciso notar que estes sobrenomes eram postos no baptismo por cerimónia, passado êsse acto, a etiqueta era usar nas suas assinaturas sòmente o nome próprio.

Além dos reis, os nobres também tinham muitos sobrenomes.

Conheço um estudante, meu colega, que se assina por uma infinidade de sobrenomes.

A gente humilde até no nome era pobre, porque designava-se só pelo nome próprio e o apelido do pai.

Felizmente, hoje tudo mudou, porque saíu há pouco um decreto que não permite que uma pessoa, rica ou pobre, tenha além do nome próprio, simples ou composto, mais de três sobrenomes. É lógico que assim seja, não só por ser mais simples como também para a sua retenção ser mais fácil.

Hoje, todo o indivíduo é obrigado a, além do nome próprio, ter o apelido da mãi e o do pai.

Desviei-me um pouco do estudo da expressão, mas como às vezes estas coisas vêm a talho de fouce, eu gosto de as esclarecer, embora não seja com a proficiência devida. Essa fica para os mestres.

Para terminar, falta ainda dizer alguma coisa sôbre o étimo do vocábulo *atabefe.*

Atabefe — com *a* prostético ou protético e *tabefe* do árabe *tabikh.*

Em linguagem chula, ouve-se o vocábulo *atabefe* ainda com o significado de *sôco, sopapo.*

Exemplo: «Levas-me um *atabefe (tabefe)* que te volto».

4. **Alumiar os compadres**

Registo esta expressão que é usual em Alagoa e também para que sirva de subsídio aos etnógrafos. Ora, como há um *Dia das Comadres,* que é na quinta-feira anterior à terça-feira de Carnaval, assim também há um *Dia dos Compadres,* que é na quita-feira anterior à das *Comadres,* portanto quási quinze dias antes do último dia de Carnaval.

Até aqui não aparece novidade nenhuma, porque todos o sabem. Frisei bem estes dias, porque há regiões em que o *Dia das Comadres* é anterior ao dos *Compadres.*

Feita a devida introdução, vou dizer o que se entende por *Alumiar os Compadres.*

Na véspera, mas de noite, dos *Compadres* e, na própria noite, os rapazes de uns sete a quinze anos de idade, pouco mais ou menos, costumam percorrer as ruas da aldeia, levando gamões acesos. Começam nesse divertimento depois da ceia, isto é, pelas oito horas, e vai às vezes até às duas. Êsses gamões são mais conhecidos entre a rapaziada por *fachos.* Para arranjarem tais *fachos,* os rapazes, uns poucos de dias antes dos *Compadres,* vão ao campo colhê-los. Todos querem obter muitos, porque quantos mais obtêm, mais o divertimento se prolonga pela noite adiante.

Eu chamo a isto *divertimento*, porque os vejo satisfeitos, alegres, quando andam na *aluminação (iluminação) dos Compadres.*

Como estamos então na quadra do Entrudo vêem-se de vez em quando, de noite, máscaras. Entre o povo essas são mais conhecidas por *mascarados*. Acontece, porém, que alguns homens disfarçam-se de tal forma, que metem mêdo aos garôtos.

Vão os rapazes muito satisfeitos pela rua com os seus fachos acesos, de-repente, à esquina duma rua, aparecem-lhes *mascarados* disfarçados da seguinte maneira: — Uns embrulhados em lençóis, levando em cima da cabeça uma panela, na qual fazem dois buracos numa parte lateral e nesses metem-lhe duas velas acesas, e põem na bôca bocados de cebola, conhecidos êsses, entre êles, por dentes de cebola; outros, vestidos todos de prêto, chegando mesmo a mascararem as mãos e a cara tôda. Ora, os rapazitos ao verem tais fantasmas dão às de vila-diogo, cada um procura escapulir-se como pode. Às vezes, nessa precipitação deixam cair os fachos que trazem debaixo do braço e vão meter-se em suas casas. Está claro, isto sucede com os mais novos, porque os mais vélhos vão-se habituando a ver essa espécie de mascarados.

5. Estar em cilício

Duas criaturas combinam estar em determinado sítio a certa hora, mas se, por qualquer motivo, uma delas falta, e se a outra não sabe a razão, começa a *estar em cilício*, isto é, *impacientada*, em *frenesi*, em *inquietação.*

Onde ouvi o vocábulo com a mesma acepção: — estavam à lareira mulher e marido e como êste quisesse acender o lume, a mulher disse-lhe: — «*estás num cilício* de não acenderes o lume», quere dizer — estás impacientado de não poderes acender o lume, ou melhor, estás mal disposto, frenético, de não poderes fazer o que desejas.

Agora vou citar o significado com que êle é mais conhecido:

Cilício — cinto ou cordão, de pêlo ou lã áspera ou eriçada de pontas de arame, que se traz sôbre a pele, por penitência. Esta palavra vem do grego *kilíkion*, da *Cilícia* pelo latim *cilícium;* era uma fazenda grosseira de pele de cabra, a qual se fabricava naquela região. De fazenda passou a significar vestuário de penitência e, depois, um largo cinturão.

No *Arquivo Nacional* (revista de crónicas antigas e contemporâneas) n.º 70, ano 11, 12 de Maio de 1933, num artigo a pág. 278 — *Santa Joana de Portugal* — há um passo onde vem incluída a palavra *cilício*, que transcrevo: — «Os *cilícios* nunca a desacompanhavam, anexando-lhe a carne formosa, enfraquecendo-a de sacrifício».

6. Dar um descante

Como esta expressão se relaciona com os casamentos, vou dizer breves palavras sôbre êles. Embora não sejam totalmente originais os que se realizam na minha aldeia, no entanto, notam-se algumas particularidades que registo. Mas antes de as mencionar, merece a pena aqui citar a admirável resenha que o Sr. José Francisco Figueiredo, ilustre correspondente dos *Brados do Alentejo* em Nisa, publicou em 1932, intitulada — *Casamentos de Nisa — Originais costumes regionais.*

Não só é instrutiva a descrição que êle faz dêsses casamentos — que são um tanto originais no seu género — mas também é subsídio valioso para o etnógrafo. Nessa vila realizam-se quási todos no mês de Agôsto.

Particularidades dos casamentos de Alagoa. — Nesta aldeia efectuam-se de meados de Setembro em diante. Muita gente até se guia pelo dia da *feira das Cebolas*, feira essa que se realiza em Portalegre de 13 a 15 do mês supra-mencionado.

Citei a feira, porque muitas vezes ouço estes colóquios: — Então quando se casa a tua filha? — Talvez no intróito da *feira das Cebolas.* — Ó Zé, quando te casas? — Estou em mentes de casar depois da *feira das Cebolas.*

Antigamente as refeições do dia do casamento eram dadas ou só em casa dos pais da noiva ou dos do noivo ou ainda na própria casa dêste. Faziam a boda (função) em conjunto — quere dizer a despesa das comidas e bebidas era paga tôda junta.

Há uns anos para cá, existe outro costume e é o seguinte: o noivo convida as criaturas amigas e das suas relações, a noiva faz o mesmo. As do noivo vão comer a casa dos pais dêle; as da noiva vão a casa dos pais dela.

Depois da celebração do casamento, segue-se o jantar e êsse para os recém-casados e para os padrinhos é dado em casa dos pais do rapaz. Isto veio para dizer que as despesas da boda são feitas em separado.

Pôsto isto, vou, conforme eu puder, explicar a expressão —*Dar um descante.*

Na noite do casamento os recém-casados retiram-se do baile aí pelas onze e meia ou meia-noite e vão para casa. Ora, logo que os amigos dão pela retirada, costuma ir um grupo dêles à sua porta. Chegando aí, e em completo silêncio, um dos do grupo quebra-o, naturalmente aquêle que tem mais propensão para cantar, para dar asas à sua veia poética, que umas vezes é mordaz, sarcástica, outras sincera, leal. Nestes descantes quási sempre é conselheira, embora haja no meio um bocadinho de ironia, ou melhor, de pimenta, como soi dizer-se.

Ora, segundo ia dizendo, chegam à porta dos nubentes e o que toma o encargo de dar o descante, entoa o mote que é de quatro versos e depois as respectivas décimas; estas, os leitores as hão-de ler no decurso desta digressão.

Antes de registar tais motes e essas décimas, vou ainda divagar um pouco pela zona dos descantes.

Diz-nos o Sr. José F. Figueiredo, no trabalho acima mencionado, que a *Memória Histórica da Notável Vila de Nisa*, do Dr. J. D. da Graça Mota e Moura, se refere ao descante da seguinte maneira: — «Outrora, recolhidos os recém-casados, seguia-se o descante, rapazes sem conta e amigos seus vinham com as suas violas e cânticos... sentavam-se pela rua, em frente do novo casal e começava a desgarrada, canto antiquíssimo e inalterável, em que se entoavam as virtudes e prendas do novo par e se repetiam as libações e brindes da véspera e do dia».

Diz-nos ainda que hoje já ninguém ousa perturbar o descanso dos desposados, àquelas horas da noite.

Em Alagoa parece que outrora o descante não era dado junto da porta dos noivos, porém no quarto dêles. Aí estavam êles no meio dos padrinhos e também o que ia cantar. Estava cada um sentado em sua cadeira. No compartimento contíguo ao quarto ficavam os outros convidados que ora bailavam e cantavam, ora ouviam o descante. Êste era cantado em surdina. Acabava o descante, bebiam todos alguns copos de vinho e comiam bolos, e, em seguida, saíam, deixando os desposados em pleno sossêgo. Hoje, êle é dado, como acima disse, à porta e não dentro do quarto.

Tanto noutros tempos como agora não é acompanhado de nenhum toque de instrumento, o que já não sucedia com os antigos descantes de Nisa.

Como êste ano tive ocasião de presenciar e, portanto, de ouvir um descante, pensei imediatamente em obtê-lo e fazer um pequeno rascunho sôbre êle. Conseguiu-o por intermédio dum amigo do rapaz que o cantou, a quem lhe fico muito grato. Mas ainda antes de o citar, vou dizer o que os dicionários de Morais e Silva e de Frei Domingos Vieira nos mostram.

O *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Morais e Silva, *s. v.* — *Descante*, s. m. — viola pequena ou manchete. Eufr. 2.5. Lus. Transf. f. 29, concêrto de instrumentos, acompanhado de vozes e fig. — de passarinhos; desafio entre dois ou mais cantadores. No pl. *descantes*, fig., más razões, tôlas, ineptas. Prestes. Auto dos cantarinhos *sofrer descantes a alguém.*

Também cita o verbo intransitivo — *descantar* — soarem instrumentos, acompanhando vozes A. C. 8.25: «músicos instrumentos descantavam || aos que mundanas glórias entretêm». Cantar ao som do descante ou outro instrumento. Lus. Transf. f. 29 e 45 M. P. C. 69 — *dar descante* — Cam. Philod., pág. 124, «crêde que quem canta ainda descantará». Descantar de alguém: dizer mal, censurar. Eufr. 3.2. Fco, Fr. 2. f. 63 v. 2 — falar desarrazoadamente. Aulegr. f. 125 V: descantar com — unir-se ou concordar no canto. B. Flor. 2.17 «Nenhuma destas coisas descanta bem com a letra dos anjos».

O *Dicionário da Língua Portuguesa* de Frei Domingos Vieira, pág. 822, além dos significados que o autor anterior cita, êste ainda arquiva mais — dar um descante à porta de alguém. Descante nos séculos XIII e XIV, nome dum contraponto a muitas vozes improvisado sôbre o cantochão.

Feitas estas divagações, entro na citação dos versos populares a que aludi. Para melhor se compreender o encadeamento dêles, divido-os em três partes.

PRIMEIRA PARTE — É aquela que o cantador (cantor) canta logo que chega à porta da casa dos desposados. É dedicada ao noivo. Incluo um mote e quarenta versos (quatro décimas).

Ao noivo

MOTE

Noivo 'stás nos teus encantos
Findaste de ser solteiro,
Já lá vão os teus bons tempos
P'ra entrares no cativeiro.

I

Deste a tua direita mão
Ao livro do juramento;
Realizaste casamento
Com tôda a satisfação.
Deus te conserve boa união,
Teus desejos eram tantos;
Deves ter os teus momentos
Deitares bons planos à vida
P'ra trazeres esclarecida
Noivo 'stás nos teus encantos.

II

Um homem não é só casar
Adquirir o nome de homem,
Se traz a mulher com fome
Tem muito que ouvir ralhar
Nesta vida tens que pensar
Portar-te como cavalheiro
A mulher só quere dinheiro!
E se não acabe o pão!
Marido, linhas e sabão.
Findaste de ser solteiro.

III

'Té nos acrescente o nome!
P'ra sim um homem avivar:
Marido, lenha p'ra queimar!
Não tenho p'ra fazer lume,
A mulher nos tira o sono.
Tem milhares de pensamentos...
Tem todos os *confragrantes* (1);
Não tenho sapatos p'ra calçar
P'ra tudo tem que ganhar!
Já lá vão os teus bons tempos.

(1) *Confragrantes* — inconvenientes.

IV

Venho aqui visitar-te
Venho dar-te os parabens.
Essa espôsa que aí tens
Não na queiras maltratar;
Queira-la sempre estimar.

Não te faças desordeiro,
Porque foste o financeiro
A tomar posse e liberdade
Deste adeus à mocidade
P'ra entrares no cativeiro.

É costume o noivo vir abrir a porta, depois de cantados os versos mencionados, para oferecer vinho e bolos ao cantador e aos companheiros dêste. Se se demora em abrir a porta, cantam-lhe estes ainda um mote e uma décima.

Segunda parte — Esta segunda parte costuma ser condimentada, porque o cantador joga aos noivos graçolas onde se vislumbra algo de licencioso [1].

Nesta altura, o noivo abre a porta, manda entrar o cantador e os companheiros. Emquanto o noivo vai deitando vinho nos copos, e oferecendo a uns e a outros, a noiva com um charão cheio de bolos vai fazendo o mesmo. Concomitantemente os hóspedes vão dando saúdes, isto é, brindando pela felicidade dos desposados. Em seguida saem, e os nubentes fecham a porta. Agora o cantador e os seus companheiros permanecem uns momentos junto da porta até que se cante o mote e as décimas, a que se alude na nota.

Terceira parte — Nesta incluo o fim do descante. É ela dedicada à noiva. Compreende também um mote (quadra) e quatro décimas.

À noiva

Mote

Ó noiva toma sentido
Que casar, não é só casar;
É respeitar o marido
E da vossa vida tratar.

---

(1) É por êsse motivo que suprimo alguns motes, e respectivas décimas, que ouvi e recolhi. Destoariam do carácter grave da *Revista Lusitana*. Lá fora fazem-se publicações especiais para arquivarem coisas do mesmo género; em Portugal não sei de nenhuma publicação, e só, se as houvesse, eu poderia recorrer a ela.

I

P'ra que não te chamem ruim
Preenche a tua *vaza* (1)
Faz-te mulher p'ra tua casa
Do princípio até ao fim.
Já que a *Divina* (2) quis assim
Deus te livre do mau p'rigo
Já que a tua mãi tem *morrido* (3)
P'ra te ver bem amparada,
Faz-te sempre mulher honrada
Ó noiva toma sentido.

II

O que o teu homem fizer, fica feito
E tu não tens nada a alegar,
A êle tens que te *omildar* (4)
Q'é para todos êste preceito.
Foste à casa do respeito
Êsse teu nome assinar!
Ali é que tu foste deixar
O nome de solteirinha.
Por isso, digo, ó casadinha
Que casar não é só casar.

III

Sempre foste o raminho
Lá em casa da tua mãi,
Por isso, lembra-te sempre bem
De quem te deu o ensino.
Trata tua mãi com carinho

---

(1) *Vaza* — talvez por vaga, lugar.

(2) *Divina* — Providência.

(3) *Morrido* — sofrido. Uma frase muito usual entre o povo, que é: — «Eu sou muito *morrido* por fulano ou por fulana», isto é: — «Eu sinto muito, eu sou muito doido, muito afeiçoado».

(4) *Omildar* — humilhar.

Com pensamento devido...
A tua mãi sempre tem sido
Mãi para te acarinhar;
De tudo em primeiro lugar
É respeitar o marido.

IV

O brio da mulher casada
Ser p'ró marido *amostosa* (1)
Sinceal (2) é ser carinhosa,
Nunca se mostrar zangada!
Ser no homem esmerada
E ocupar bem o seu lugar
Não dar ao mundo que falar;
Ser mulher p'ra todos os efeitos
Adora estes preceitos
E da vossa vida tratar.

Termina aqui o descante, retirando-se em seguida cada um para sua casa, deixando os desposados na tranquilidade.

Êste simples esbôço, alheado a tôda a fantasia, é feito à luz da realidade. Limito-me apenas a traçar um plano e nêle dar a conhecer ùnicamente pela rama a linguagem e os costumes do *Povo Alentejano*, e em especial do *Alto Alentejo.*

Êste esbôço não é feito com a devida clareza e precisão que trabalhos desta ordem exigem, mas sim com sinceridade e realismo.

7. **Levar a comedía** ou **as comedías**

Esta expressão tem de ser interpretada de duas maneiras, consoante se encontra no singular ou no plural. No singular, muitos hão-de desconhecê-la na acepção em que é usada; agora no plural, julgo que muitos a conhecem.

Interpretação no singular:

Levar a comedía — É usada na minha aldeia e principalmente em Alpalhão com o sentido de — *levar uma maquia* — isto é, *levar uma sova, uma tunda.* Por conseguinte — *levar a comedía,* usada no singular e nas localidades acima mencionadas, é sinónimo de *levar uma maquia.*

Interpretação no plural:

Levar as comedías — Os lavradores que possuem várias espécies de gado têm ganadeiros para o guardar. Êsses deno-

(1) *Amostosa* — amistosa.
(2) *Sinceal* — essencial.

minam-se, conforme a espécie de gado que guardam; se guardam porcos são *porqueiros;* vacas — *vaqueiros;* cabras — *cabreiros*, etc.

Ora, êsses homens que guardam o gado — uns são pagos a dinheiro, outros é-lhes concedido ter juntamente com o gado do patrão um certo número de cabeças (o qual é combinado entre êle e o lavrador).

O número de animais do ganadeiro, denomina-se *pegulhal* que na bôca do povo sôa *pulvilhal, puvilhal*, e *polvilhal*. Além de obterem tal concessão, ainda ganham as *comedías* ou como nós dizemos as *comedorías*.

Em que consistem as *comedías?* Pelo que a palavra nos apresenta, vê-se logo que se relaciona com o verbo *comer* (do lat. *comedere*), portanto *comedías* — são coisas que se comem.

Interrogando uma mulher dum ganadeiro sôbre a aludida palavra, responde-me que as *comedías* constavam de: azeite *(azête)*, toucinho, feijão, alguns alqueires de trigo ou de centeio.

Por curiosidade, preguntei-lhe que quantidade era dêsses géneros. Ela elucidou-me, mencionando as *comedías* que o marido ganhava.

Ei-las: quatro quartilhos de azeite, quatro arráteis de toucinho, quatro queijos, cinco alqueires de centeio e uma quarta de feijão.

É preciso notar que estas quantidades de género são mensais. Está claro, a porção dêsses há-de variar, conforme a combinação feita entre o lavrador e o guarda do gado.

Além do gado do ganadeiro poder andar juntamente com o do lavrador, portanto na mesma pastagem, e das *comedías*, êle ainda costuma ganhar dinheiro, mas êsse é tão pouco que mal chega para o tabaco, como soi dizer-se.

Já que estou falando de lavradores e de guardas de gado, não será descabido dizer em que tempo é que estes costumam ser *acomodados*, isto é, ser tratados, combinados para a guarda do gado.

Pelas elucidações que me deram e pelo que eu tenho notado, êles combinam com o lavrador de ano a ano (de S. Pedro a S. Pedro — 29 de Junho a 29 de Junho) ou então (de S. Miguel a S. Miguel — de 29 de Setembro a 29 de Setembro).

Voltando a *comedías* ou *comedorías* tenho ainda de dizer que o *Dicionário da Língua Portuguesa* de Francisco Torrinha,

pág. 356, menciona os vocábulos com os seguintes significados: — pensão vitalícia dada pelos soberanos aos militares beneméritos; pensão antigamente paga a fundadores de conventos ou aos seus descendentes.

Pena é o autor, que teve a paciência de copiar os apontamentos dêsse livro e de no-los ministrar, não querer que o Ex.^mo^ Director do semanário, a quem a carta foi dirigida, lhe divulgue o nome.

Será excesso de modéstia? talvez.

Em todo o caso, seja de quem fôr, a sua amabilidade é digna de louvor e de reconhecimento.

Eis o subsídio que êle publicou:

«Prestei em nosa S.ª dos Prazeres ao Diogo da Coreira q. disse avia de pagar no fim de Maio 4800.

Vendi em Abril deste prez.^te^ anno a José de Mattos des alqueires de trigo q. me prometeo pagar pella feira de Cabeço de Vide tinhace vendido o trigo da Misericórdia no tempo q. lho dei a 920 cada hum alqueire, e José Rijo a 960, e eu a 940 r.

O cabreiro q. ajustei e entra pello S. Pedro de 1809 ganha tres moedas de ouro de 4800 dois alqueires de trigo de siara semiada hum alquer de favas e meio de arroz bem entendido que hade elle dar a sem.^te^ e ganha 18 cabras de pegulhal que lhas heide eu dar de meias.

Deilhe véspera de S. Bartolomeu 1200 e presteilhe 2 alq.^rs^ de trigo p.ª a siara.

Ajustei o meu pão de Alvaraã e tapada a 240 r. cada alquer com as comedías competentes são 28 darlhe hei as comedías de 30.

Ajustei com Manual Rosado porq.^ro^ do Castelo Velho, e morador na villa de Souzel a darlhe tres forropos de meias p.ª o seu pegulhal com obrigação de andarem na varinha q. se fizer na . . . cedade e ser à odepois partidos no cazo de estarem gordos como dEvora e não estando gordos se não como de corrida emtão se tirará o produtto do q. os porcos valerem q. he 12000 r. e o mais q. crescer partido a meias cujos porcos avaliou o meu porq.^ro^ e para sermos partidos a meias é precizo q. tenham de pezo de tres arobas e meia p.ª sima cada hum».

«Intitulou o princípio da carta por *Pagar pela feira*, *Pegulhal*, e *Comedías*. Assinou-se por J. G.».

Veio publicada nos *Brados do Alentejo*, n.º 161, de 25 de Fevereiro de 1934.

NOTA — Oito dias depois da publicação da nótula anterior no conceituado semanário *Brados do Alentejo*, publicou-se uma carta referente ao meu trabalho e ao do Sr. tenente Pombinho Júnior, dando-nos alento a continuarmos nas nossas colheitas e pesquisas de vocábulos e expressões alentejanas. Ao mesmo tempo o A. forneceu-nos elementos tirados de um livro, que pertenceu a Francisco de Brito São Paio Lôbo Cabral e que abre com o seguinte:

ANNO DE 1806 — *Caderno ou lembrança de tôdas as dívidas q. me devem, e das q. eu devo.*

8. Botar cá licença

Se já tiverem presenciado, como eu, um baile de camponesas e camponeses, com tôda a certeza já ouviram a expressão — *Botar cá licença.*

Para dizer em que acepção ela é usada, vou fazer breve excurso concernente a êsses bailes. Costumam começar aí pelas dez horas da noite e prolongam-se muitas vezes até ao amanhecer. Ao chegar a essa hora — as raparigas muito garridas, com blusas e saias multicolores — aí vão elas para a casa de baile, umas acompanhadas das mãis, outras das tias, outras de primas mais velhas, já livres do perigo de serem requestadas. Algumas levam também ao lado os seus namorados que vão conversando no futuro, fazendo castelos no ar.

Se na ocasião em que chegam à casa de baile, ainda lá não está o tocador de harmónio — começam a dançar umas com as outras, cantando as conhecidas *saias*.

Os rapazes com os seus fatos domingueiros, vão para um baile com uma indelicadeza e com uma semcerimónia a tôda a prova. Em parte, êles não têm culpa de serem assim, porque são na maioria analfabetos. Eu bem sei que o analfebetismo não é sinónimo de má educação, no entanto contribue para ela. Êles, no verão, de jaqueta às costas, de chapéu na cabeça, de cigarro na bôca e com um ramo de mangerico

detrás da orelha, entram para um baile como se fôssem para uma tourada à vara larga — desculpem-me a comparação.

Apresento estas coisas tais quais as vejo, portanto na sua realidade.

Sôbre as casas de baile — essas muito pouco espaçosas, com ventilação insuficiente, iluminadas noutros tempos por uma simples candeia de azeite; hoje já por candeeiros de petróleo — são muitas vezes focos de terríveis doenças.

Digo isto, porque tanto raparigas como rapazes saem de lá a transpirar imenso, o que pode ter más conseqüências na saúde.

Em conclusão: um rapaz chega a um baile e, se quiser dançar, não está com meias medidas, dá uma vista de olhos pela assistência e não havendo nenhuma rapariga das que estão sentadas que lhe agrade, começa a observar os pares que andam dançando e ao ver uma da sua afeição, zás — bate uma pancadinha com as mãos nas costas do parceiro que anda a dançar com essa e diz — «Eh! Zé, *bota cá licença*, dêxa-me (deixa-me) cá estender as pernas que as trago emperreadas (emperradas)».

Está claro, êsse parceiro tem de dar licença, porque se não der, a questão é resolvida à pancada. Isto é um uso e ai daquele que o não segue, porque sofre depois os resultados.

As raparigas, coitadas, têm de obedecer, quando vão pedir licença aos seus pares, porque se não obedecem, são censuradas. Elas quando vão para um baile têm de ir já dispostas a dançar com todos, desde que êsses se portem na ordem.

Botar cá licença — é o mesmo que *dar, conceder cá licença*. Portanto *botar* tem aqui o significado de *dar*, *conceder*.

Já que estou falando do verbo *botar*, muito usual entre a classe plebeia, vou ainda mencionar os vários significados com que êle é empregado, além do que anteriormente fica citado.

Exemplos: *Botar os bofes pela bôca* — cansar-se, esfalfar-se, falando, gritando; *botar* — deitar, lançar, pôr. — «*Bota* aqui um copo de vinho»; «Põe aqui um copo de vinho»; «*Bota* vinho para êste copo»; «Deita vinho para êste copo».

O povo usa concomitantemente *botar* e *prantar (plantar)*, na acepção de *pôr*, *deitar*, etc., têrmos que não são sinónimos. No entanto, *prantar* refere-se mais à cultura do campo,

portanto é usada com a idea de *plantar*. Muitas vezes se encontra na linguagem popular a troca dum *r* por *l* e vice-versa.

Como também falei em *licença*, há uma expressão onde essa palavra entra, que é — *com sua licença* — a qual foi versada admiràvelmente pelo Sr. tenente Pombinho Júnior, em nota IV do trabalho que anda publicando com o título — *Retalhos de um Vocabulário*. Quem a queira conhecer, consulte essa nótula que é muito instrutiva, assim como tôdas as outras do mesmo autor.

ADDENDA — A título de curiosidade vou mencionar algumas expressões que se usam noutras terras como sinónimas de *Botar cá licença*.

Em Sacavém — *Botar cá licença* corresponde a *Deitar cá uma bucha*.

Em Figueiró dos Vinhos — *Botar cá licença* — *Vir brincar comigo*.

No Alandroal — chamam à dança de noite — *função*; de dia chama-se — *baile*.

9. Fazer ou deitar uma saúde

Outra expressão que se prende com os casamentos. Todos aqueles que tenham já presenciado as bodas da classe plebeia, sabem muito bem o que se entende por *fazer* ou *deitar uma saúde*, mas talvez ainda não se dessem à paciência de colher nenhuma.

Tanto para êsses como para aqueles a quem a expressão seja estranha, vou explicá-la, embora superficialmente, e mencionar algumas *saúdes* ouvidas há dias a uns rapazes que estavam jantando à mesa duma boda.

Para que elas me não esquecessem, imediatamente as arquivei no meu canhenho e agora, como a ocasião se proporcionou, resolvi publicá-las.

Ao almôço e principalmente ao jantar do casamento, os convidados já esporeados por Baco, começam a dar asas à sua veia da seguinte forma: Levantam-se e com um copo de vinho na mão direita proferem uma *saúde*, isto é, *dão* ou *fazem uma saúde*, quere dizer, começam a fazer brindes aos noivos, aos pais dos mesmos, aos circunstantes e à própria cozinheira.

Eis as que pude coligir:

Aos noivos

Olh'o noivo mais a noiva
Sentados na cadeirinha
O noivo parece o rei!
E a noiva a raínha!

Aos noivos e aos convidados

Bebo 'ste copo de vinho...
Êle já 'tá despejado,
Cá vai à saúde dos noivos,
E do acompanhamento honrado.

À mãi do noivo

Eu cá bebo 'sta pinguinha
Juro à fé de quem eu sou,
Bendita sej'a vèlhinha
Que tanta função preparou
Viva a tia Umbelina
Que seu filho hoje casou.

Ao noivo

O Joaquim já casou,
Já foi dar a sua mão;
Na hora que daqui abalou
À sua mãi pediu perdão.
Com tôda a consideração
Foi seguir seu destino;
Em virtude dos que estão
Bebo 'ste copo de vinho.

À cozinheira e aos convidados

Bebo 'ste copo de vinho
P'ra mim é uma cegueira
Vai à saúde de todos
E também da cozinheira.

Aos rapazes solteiros

Onde estão os solteiros
Não tomes conselhos teus
Êles parecem cabreiros
Que não 'stão baptizados por Deus.

Para se levantarem da mesa no fim do jantar

Cá bebo êste copo de vinho
E com isto vou terminar
Façam favor de se levantarem
Que há mais quem se queira sentar.

Mais podia citar, mas estas são suficientes para se avaliar a veia poética popular, ou melhor, a veia improvisadora, quando ela já está eivada do sumo da uva.

10. Deitar a maia

Maio é dos meses do ano o mais repleto de costumes tradicionais. Afirmo isto, porque várias povoações da nossa região ainda hoje conservam costumes que têm alguma originalidade. Julgo que êsses depois de coligidos, ainda a traços largos, podem vir a servir de achega ao etnógrafo e digo a êste, porque é quem os poderá versar cientìficamente, isto é, com conhecimento de causa.

Em Nisa, na noite de 30 de Abril para o dia 1 de Maio, os rapazes que desejam namorar as raparigas, vão *deitar a maia* pelas frestas que algumas casas antigas posssuem, ou nas sacadas, ou nas janelas, ou até junto das portas das suas futuras *conversadas* (namoradas). Êsse acto costuma realizar-se da meia-noite em diante.

Em que consiste a *maia?*—Num ramalhete de flores variadas, no qual prendem um bilhetinho endereçado assim: —de... para... (de fulano para fulana).

Sucede às vezes juntarem-se na mesma casa várias *maias.*

Também, quando algum rapaz quere gracejar, fazer pouco, como vulgarmente se diz, de alguma rapariga — arranja um ramo de urtigas, cardos, giesta, xara, etc., e neste caso, já não leva o respectivo bilhetinho. Pregunta-se, por-quê? Naturalmente para evitar sensaborias, zangas, etc.

Deitam a maia aqueles que ainda se não namoram; agora para os que já se namoram, parece que é obrigatório, ou melhor, é uso, nesse dia, oferecer à noiva um anel.

Também em Nisa, no dia 3 de Maio (dia de Santa Cruz), os lavradores costumam enflorar uma cruz que vão colocar nas searas de trigo, centeio, etc.

Segundo informações, parece que é uma espécie de bênção que fazem às searas.

Vem agora a-propósito mencionar um costume da minha aldeia — *Alagoa* —. A-pesar-de o ter já citado num artigo concernente a *Ela,* vou novamente transcrevê-lo em parte.

As raparigas solteiras, nesse dia (3 de Maio), costumavam arranjar grandes cordões de malmequeres amarelos e enrolavam-nos a uma cruz que existia no largo denominado *Rossio*. Depois de enrolarem os cordões aos braços da cruz, começavam a cantar e dançar-lhe em volta.

O significado desta alegria, segundo ouvi dizer, era por ser o princípio da sesta e da merenda.

Hoje, o costume já não existe, porque a cruz foi partida, devido isso aos instintos destruïdores duns ébrios.

Folheando o livro — *Lições de Literatura Portuguesa — (Época Medieval)* de M. Rodrigues Lapa, vi a págs. 39 e segs. alusão às festas de Maio, no capítulo intitulado — *Tese Folclórica*. Diz-nos o autor dessas páginas, no seu maravilhoso livro, que as *maias* não eram mais do que a projecção medieval dum culto antiquíssimo de Vénus: no primeiro dia de Maio, bandos de moços e de môças iam à floresta buscar flores e ramos e cantavam e bailavam em roda, celebrando o Amor e a Primavera.

Por aqui se vê que os costumes que actualmente ainda existem, reflectem a *Época Trovadoresca*, isto é, a *Idade Média*.

Mais não digo sôbre o caso, porque não me quero embrenhar em assuntos tão discutidos e discutíveis.

Aconselho os que se importam da literatura medieval que leiam o livro supra-mencionado, porque é, no seu género, um dos melhores da actualidade.

A palavra *maia* de *Maio* — antiga festa popular nos primeiros dias dêste mês.

Deitar — do lat. *dejectare*, derivado de *dejicere*, deitar abaixo, lançar por terra, derrubar.

É isto que vem no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de Antenor Nascentes.

Vamos agora ver o que nos diz o *Dicionário da Língua Portuguesa* de Morais e Silva sôbre a palavra *maia*.

Maia ou *maya* — s. f. ant. — dama, donzela. Menina enfeitada de flores que no mês de Maio se assenta sôbre uma espécie de trono à porta da rua, para a qual andam outras raparigas pedindo dinheiro a quem passa. Na antiga gentilidade. Espectáculo deshonesto, que os mesmos cristãos continuaram algum tempo. Festa que se celebrava em Roma, com ramos, ervas e capelas de flores no mês de Maio, por ser o tempo em que as plantas estão mais viçosas, e constava duma rapariga ricamente vestida, assentada em um carro, ornada

de flores a que outras raparigas reconheciam como raínha e pedindo dinheiro aos que passavam.

Em algumas partes da Espanha ainda hoje os rapazes e raparigas festejam as *maias*, significando com decência o matrimónio com um menino e uma menina, postos em um leito; são relíquias de tempo gentílico. Cantar por maias a alguma môça é celebrar o seu casamento. Plantar com flores pequenas e brancas, juntas em forma de novelo, com que costumam adornar as casas.

Aqui fica tudo o que o referido dicionário nos diz respeitante à *maia*.

Para terminar, falta ainda arquivar a notícia de outro costume de Nisa. Êste observa-se no dia de *Ascensão*, denominado também pelo *Dia da Maia do Coração*. Neste dia, há o seguinte: — para aqueles que já estão noivos, ou melhor, que já *fizeram o casamento* (1), a mãi do noivo tem por hábito levar à noiva um requeijão de canado (regueijão grande — conteúdo duma vasilha alta de cortiça com uma tampa). A noiva parte o requeijão ao meio, dá metade à futura sogra e a outra metade é distribuída por tôdas as pessoas das suas relações, do seu conhecimento, acontecendo, às vezes, ser um simples naquinho. Tôdas as pessoas conhecidas da noiva devem ser presenteadas, porque se o não forem, será levado em desconsideração.

Na classe dos lavradores — a *maia do coração* é sempre acompanhada duma prenda de grande valor, em geral de ouro.

ADDENDA — Oito dias depois de publicada a expressão — *Deitar a maia* — o correspondente de Veiros, na sua correspondência semanal, ao referir-se a várias notícias, citou-nos um costume tradicional, usado naturalmente em Veiros e regiões limítrofes. Eis o texto:

«A título de curiosidade também achamos oportuno rela-

---

(1) *Fazer o casamento* — designação que em Nisa corresponde à celebração dos esponsais. Esta definição foi extraída da admirável resenha sôbre os *Casamentos de Nisa — Originais costumes regionalistas* — da autoria do ilustre redactor regional de *Brados do Alentejo* em Nisa, o Sr. Prof. José F. Figueiredo e publicado em 1932 no aludido semanário.

tar um uso tradicional de várias povoações da nossa região, no *1.º de Maio*. É o seguinte: — Na véspera do 1.º de Maio todos os indivíduos se previnem com uma garrafa de *aguardente* e competente *acompanhamento*, e no dia seguinte levantam-se muito cedo e ingerem a aguardente e os bolos, dizendo que é para... *não entrar o burro*. Chama-se a isto, festejar o *Maio*. Algum mais dorminhoco é troçado pelos que se levantam primeiro, nos *montes*, que costumam bater-lhes à porta da casa em que estão deitados, e apresentar-lhes um asinino, com um grande chocalho ao pescoço...»

Esta nótula foi publicada em *Brados do Alentejo*, n.º 198, de Novembro de 1934.

11. Cair o coração

Nisa, a magnífica e hospitaleira *Côrte das Areias*, é uma das vilas do Alto Alentejo mais repleta de tradições populares. É a vila onde os usos e costumes estão de tal maneira arreigados, que difícil será o seu desaparecimento.

Está claro, refiro-me sòmente à classe rural, popular, porque na outra, julgo que nada há que notar de extraordinário e que seja diferente de outras povoações de Portugal.

Observando de vez em quando os costumes, os usos e a linguagem do povo desta ridente vila, tenho notado que são dignos de registo, porque contêm originalidades deveras curiosas.

Cair o coração — julgo que esta expressão, como outras, fazem parte da crendice popular. O povo português é essencialmente supersticioso.

É altura de dizer em que sentido é usada a locução — *Cair o coração*. Cá vai a sua explicação, conforme a ouvi: — Um garotinho está doente e, ao ver alguma coisa que lhe apetece e não pode comer por qualquer motivo, diz-se que lhe *caíu o coração*. Às vezes, as crianças perdem tudo — até o andar — e neste caso, juntam-se sete garotas que tenham o nome de *Maria* e cada uma delas vai pedir uma esmolinha para o menino de *coração caído*. Ao voltarem, reünem-se tôdas ao pé do menino, estendem uma toalha numa mesa, onde colocam o produto das esmolas. Em seguida aproximam-no dessa mesa e êle pega numa das coisas que

estão sôbre ela. Tira-se-lhe da mão, depois, e dá-se a comer a um cão e o menino torna a pegar noutra e então essa deixa-se comer a êle, ficando desta forma o *coração levantado, de pé.*

12. Roubar o cravo

Esta expressão pode incluir-se nas crenças populares. No dia da festa de Santo António, em Nisa e naturalmente em muitas outras povoações, é costume as raparigas enfeitarem o altar dêsse santo com cravos de variegadas côres. Após a missa, rapazes e raparigas vão tirar alguns cravos ao altar. Depois, se êsses cravos são trocados amistosamente entre umas e uns, ou se o rapaz rouba o cravo à rapariga da sua predilecção, ou ainda se a rapariga consegue fazer aceitar ao rapaz que não a quere — é *casamento certo.*

13. Querer três quedas

É em Gáfete e não sei se em mais alguma povoação que se usa o modo de dizer — *Querer três quedas.* Segundo informações dum rapaz de lá, essa expressão é usada no sentido que vou registar. Entre a garotada irrequieta, barulhenta, é freqüente darem-se lutas, brigas, que começam amigàvelmente e que acabam, a maior parte das vezes, a sério. Dois rapazolas começam a dizer um para o outro, por brincadeira, mas naturalmente com ar de arreganho — «Eu não tenho mêdo de ti — pois eu também não».

Os circunstantes, que ouvem êste palavreado, dizem-lhes para os acirrarem mais: — «Vá lá a ver qual derruba, qual fica debaixo». Nesta altura, enchem-se de coragem e diz um para o outro: — Vê lá se *queres três quedas.* Ao pronunciar estas palavras, agarram-se um ao outro, até que um dêles caia. Repetem esta luta três vezes. Aquêle que derrubar primeiro três vezes o adversário — é o que ganha, isto é, o que fica vencedor, — daí vem naturalmente o nome de — *querer três quedas.* Julgo que é uma frase elítica, faltando-lhe, para melhor compreensão, o verbo *dar* entre *querer* e *três.* Portanto, a frase completa seria — *querer dar três quedas.*

Como disse há pouco, estas lutas principiam por brincadeira, acabando por vezes a sério, ou como os rapazes dizem, a *valer* ou de *valida.*

Prende-se com o mesmo assunto o que um rapazito da freguesia de Monte Claro (Nisa), estudante, me disse, há dias: —Dois rapazes, para mostrarem que não têm mêdo um do outro, usam fazer o seguinte: —cada um dêles faz um risco no chão que se chama —*mãi*. Aquêle que fôr capaz de apagar o risco que representa a *mãi* do adversário—é o que tem mais coragem, provando-lhe que não tem mêdo.

Sôbre o mesmo assunto, consulte-se o que escrevi, a respeito da expressão *Cortar cavilha*, publicada em *Brados do Alentejo*, n.º 149 de 3 de Dezembro de 1933.

Dar queda—passar da prosperidade à desgraça; aqui *dar queda*—significa decair, passar para um estado menos abastado. Amiüdadas vezes se ouve dizer aos pais—«O meu filho não tem *queda* para as letras; o meu filho tem muita *queda* para o desenho», etc. Ambas as expressões com a idea de—*ter vocação, inclinação.*

14. **Tirar a maia**

Nesta mesma secção já versei uma nótula que se referia a alguns costumes e usos que existiam na nossa província, no mês de Maio. Essa foi —*Deitar a maia.* Hoje trato de outros costumes que ainda subsistem na nossa região, especialmente em Montalvão.

O que se entenderá por —*Tirar a maia?*—A resposta a esta pregunta, é a digressão que vou apresentar. Em Montalvão vigora o seguinte costume:—No dia 3 de Maio—*Dia da maia*, as raparigas montalvanenses divertem-se a seu modo. Um grupo delas reüne-se em casa duma amiga e para passarem êsse dia mais alegre que os outros, fazem o seguinte: enchem um alguidar (pop. *aldar*) de *maias* (flores); uma das do grupo coloca uma saia pelo pescoço, agacha-se no alguidar de tal forma que, com ela tapa as *maias*. A rapariga que está nessa posição denomina-se a *choca*. Em roda desta, as outras raparigas cantam, tocam em almofarizes e em pandeiros. As quadras que costumam cantar, concernem a quási todos os meses do ano e têm em vista a profissão do rapaz com quem a rapariga há-de galhofar e às vezes casar. Elas começam assim:

Com bem venhas *Maio*
Por êsses outeiros,
Dar grão ao trigo
E lã aos carneiros.

Em seguida cantam:

Para quem Deus dera
Um amor carpinteiro
Para brincar com *elo* (1)
Na *manhão* (2) de Janeiro.

No fim desta quadra e de tôdas as outras que eu mencionarei, dizem para a *choca*, cantando:

Tira, Maria, tira,
Tira tu Maria,
Tira a maiá de flores:
Tira os teus amores.

Ora, como o primeiro e o terceiro versos de cada quadra se devem repetir, apenas registo o segundo e o quarto:

Fevereiro — 2.º) Um amor ferreiro
4.º) Na *manhão* de Fevereiro.

Março — 2.º) Um amor de *framaço* (3)
4.º) Na *manhão* de Março.

Abril — 2.º) Um amor *ourivil* (4)
4.º) Na *manhão* de Abril.

Maio — 2.º) Um amor *alfaiato* (5)
4.º) Na *manhão* de Maio.

Junho — 2.º) Um amor capitão
4.º) Na *manhão* de S. João.

Agôsto — 2.º) Um amor doutor
4.º) Na *manhão* de Agôsto.

Setembro — 2.º) Um amor tenente
4.º) Na *manhão* de Setembro.

Novembro — 2.º) Um amor *sargente* (6)
4.º) Na *manhão* de Novembro.

Dezembro — 2.º) Um amor *estudente* (7)
4.º) Na *manhão* de Dezembro.

---

(1) *Elo* — êle.
(2) *Manhão* — manhã.
(3) *Framaço* — farmácia.
(4) *Ourivil* — ourives.
(5) *Alfaiato* — alfaiate.
(6) *Sargente* — sargento.
(7) *Estudente* — estudante.

Falta arquivar os versos que dizem respeito aos meses de Julho e Outubro. A mulherzita que me disse os versos já transcritos não houve meio de se lembrar dêstes. Não faz mal, porque os que aqui ficam arquivados, são mais do que suficientes para os leitores fazerem idea do costume.

Em Alter do Chão existia outrora mais um de que passo a falar por ser curioso: Num dia do mês de Maio, uma rapariga veste-se tôda de branco e adorna-se com flores: é a *maia*. Um grupo de outras pega na ponta da saia da enfeitada e tôdas percorrem as ruas da vila. Uma leva um banco para a *maia* se sentar, quando estiver cansada. A tôdas as pessoas que encontram no trajecto, pedem dinheiro, que se destina a comprar o que é necessário para um jantar que todos comerão no fim do mês. Também costumam cantar quadras como estas:

Ó maia, ó maia,
Ó maia das cachopas;
Para onde vai a maia?
Vai por essas barrocas.

Ó maia, ó maia,
Ó maia das raparigas;
Para onde vai a maia?
Vai cantar cantigas.

No jornal *As Novidades* de 19 de Abril de 1937 vem um artigo valioso intitulado — *Borrões etnográficos* — com o subtítulo de — *Ranchos populares que cantam e pedem a cantar* — do conhecido etnógrafo Luiz Chaves. Transcrevo dêle o seguinte:

«No dia 1 de Maio, ranchos infantis cantam as *Maias* ou os *Maios*. Enchem-se de giestas *(maias)* casas e paredes, carros e bois (Minho), coisas e gente. Dançam grupos em volta de um rapaz, enfeitado de flores, de giestas, a preceito:

Êste Maio-moço
Chama-se João
Anda na campanha
Lindo capitão.

Êle lá vai, êle lá vem,
Pelas hortas de Santarém.
Vivó, vivó, vivó.

(Chaves, Vila Real, etc.)».

E versos característicos do peditório, de casa em casa, são, por exemplo, estes de Pinalhas (Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, III, pág. 92):

Vêde o Maio, meninas,
Vêde-o andar pelas esquinas
Vêde o Maio, cachopas,
Vêde-o andar pelas portas!
Vêde o Maio, vélhas,
Vêde-o andar pelas quelhas!...

E estes de Oleiros:

Maio, magaio
De Pôrto de Gaio,
Comes, comes e
Nunca te fartas.

15. **Mostrar o dente**

Julgo que esta expressão é peculiar à vila de Nisa. Só de lá a conheço. Usam-na aí, com a significação de — *ser padrinho dum casamento* ou *dum baptizado*. Ouve-se dizer freqüentes vezes: — «Com que então, vais *mostrar o dente* ao casamento de fulano!» — «Pelos vistos, já ouvi dizer que vais *mostrar o dente* no baptizado do filho de sicrano». Ambas as frases com o sentido citado.

De maneira geral, o significado que trazem os dicionários é: — rir-se, ameaçar, resmungar, rosnar.

Com o sentido de rir-se, usam em Nisa a seguinte expressão: — *Mostrar a pinhoada* ou *estar com a pinhoada à mostra*. Exemplo: «Estás sempre a *mostrar a pinhoada*», isto é, a rir.

Cândido de Figueiredo no seu *Dicionário da Língua Portuguesa*, vol. III, pág. 433, regista *pinhoada* com os significados de — confeito de pinhões e mel. T. da Bairrada — dentes, a dentadura: pôs-se a *arreganhar a pinhoada*.

Ao lado de *pinhoada* já tenho ouvido *pinhada* com a mesmíssima idea. *Mostrar a pinhoada* ou *mostrar a pinhada*.

Já publiquei nos *Brados do Alentejo*, n.º 146 de 12 de Novembro de 1933, uma expressão intitulada *Arreganhar a cepa*, que eu considero sinónima de *mostrar a pinhoada*.

Voltando à expressão onde entra o vocábulo *dente*, mas no plural, digo, também, que existe outra formada com êle e que é muito empregada entre a gente do povo — *Nascer os dentes nisto* ou *naquilo*. Por exemplo: uma pessoa desde pequenina começa a manifestar vocação, propensão para determinado ofício, mister, etc., e então é vulgar ouvir-se: — «Fulano parece que lhe *nasceram os dentes nisso*, porque mostra bastante habilidade e já desde criança».

16. Estar em lôgro de...

Ao compulsar vários livros, notei que nenhum dêles trazia tal expressão. Por êsse facto, julgo e não me devo enganar que ela é puramente regional e ainda em sentido mais restrito — local, porque só em Alagoa, minha aldeia, é que a tenho ouvido amiúdadas vezes.

Preguntarão agora, que idea especial terá — *Estar em lôgro de...*? É, na verdade, extraordinária a acepção em que é usada. Vou, pois, registá-la, porque a achei de-veras regional. Exemplificando, tenho de mencionar o seguinte: — diz-se que uma pessoa *está em lôgro doutra*, quando aquela, em relação a esta, é tia, sobrinho, primo, afilhado, etc., por afinidade: — «Fulano é meu primo, por estar casado com a minha prima», e neste caso nós dizemos que êle é meu primo por afinidade, ao passo que a gente aldeã diz: — «Fulano *está em lôgro de* seu primo» — «Fulano *está em lôgro de* tio de sicrano», isto é, é tio dêste por afinidade por estar casado com a sua tia.

17. Colhêr a espiga

Embora esta expressão seja geralmente usada em todo o país, no entanto parece-me conveniente registá-la com a variante em que a ouvi. Antes, porém, de entrar no estudo dela, preciso de fazer um pequeno preâmbulo. Já tratei duas expressões que se referem ao mês de Maio, que foram *Deitar a maia* e *Tirar a maia*. Passo agora a transcrever as elucidações, que, em Nisa, uma pessoa teve a amabilidade de me dar respeitante à expressão — *Colhêr a espiga.*

Maio, mês das flores
mês de Marias
mês dos amores.

No dia da Ascenção do Senhor é *quinta-feira da espiga*, dia de grande e folgazã romaria. Nesse dia raparigas e rapazes, em alegre convivência, costumam ir ao campo *colhêr a espiga*. O intuito que os leva a fazer essa colheita é terem fartura durante êsse ano.

A *espiga* compõe-se de quê? — Ela compõe-se do seguinte ramo: — duas a três espigas de trigo, um ramo de oliveira, um ramo de rosmaninho e malmequeres amarelos.

Vou dar o significado dos elementos que formam a *espiga*: — o *trigo* indica a fartura, a sorte; o *ramo de oliveira* simboliza, como todos sabem, a paz; o *rosmaninho* designa o amor; os *malmequeres* significam as libras, o dinheiro. Por isso, dizem, quantos mais malmequeres, melhor. Êsse ramo é guardado durante um ano; ao completá-lo, portanto, noutra quinta-feira da Ascenção, êle é queimado e colhe-se outro nesse dia.

Dizem que o dia da Ascenção é tão santificado que do meio-dia para a uma hora as fôlhas das oliveiras cruzam-se duas a duas. É costume também, em algumas povoações, nesse dia, soltarem andorinhas com laços, na igreja, durante a hora da adoração, emquanto as crianças espalham flores pelos assistentes.

Neste dia realiza-se uma romaria chamada *Festa dos aventais*, à Quinta da Saúde, na serra turística de Portalegre. Essa festa denomina-se assim, por nela se efectuar, entre outros números, um concurso de aventais. Aparecem já alguns que são verdadeiras obras primas. Tem-se em mente com êste número vulgarizar a festa, convidando as senhoras a freqüentá-la com trajo simples, modesto, popular.

É desta maneira que o ilustre correspondente dos *Brados do Alentejo*, de Portalegre, Sr. Casimiro Mourato, nos descreve essa festa, no n.° 226, de 26 de Maio de 1935, sob a epígrafe — *Portalegre em festa*.

A êste respeito, veja-se também, Luiz Chaves, *Revista Lusitana*, vol. XXVI, pág. 33.

18. Haver arroz doce amarelo e do outro

Julgo que a expressão vinda hoje a lume, é ùnicamente peculiar à minha aldeia — Alagoa — porque é nesta povoação que a tenho ouvido amiüdadas vezes. No entanto, não quebro lanças, se ela fôr usual, se ela existir em outras terras da nossa vasta província. Eu registo-a em sentido lato como alentejana e em sentido restrito como local.

Dirão os que ainda têm a pachorra de ler estas farfalhadas étnico-filológicas, que significado terá — *Haver arroz doce amarelo e do outro?* Para lhes dizer em que acepção é usada, necessário se torna contar alguma coisa respeitante aos baptizados e casamentos.

Como todos sabem, os baptizados e casamentos, tanto duma classe como da outra, isto é, tanto da rica como da

pobre, são celebrados, de maneira geral, por festas de grande alegria e regozijo.

Se no banquete do baptizado houve bons e variados acepipes, é freqüente ouvir-se na minha aldeia, o seguinte: — «O baptizado do filho de fulano foi de estrondo, mexida, *desfegueira* (palavra não registada nos dicionários), *houve lá arroz doce amarelo e do outro*».

Quando se prediz que num casamento vai haver variadas iguarias, bebidas de diferentes qualidades e doces de diversas espécies, ouvem-se frases como esta: — «O casamento da filha de fulana, segundo se ouve dizer, vai lá *haver arroz doce amarelo e do outro*».

É da praxe comer-se nesses banquetes *arroz doce.*

Como há duas espécies de *arroz doce* — *amarelo* e *branco* — daí vem — *arroz doce amarelo e do outro* — estando aqui *outro* por *branco.* Essas duas qualidades, geralmente, só aparecem em mesas de gente graúda.

Julgo, por isso, que o sentido da expressão, a princípio se limitava apenas às palavras nela compreendidas. Depois, com o rodar dos tempos, ela foi tomando significado mais extenso, mais lato, e a prova do que assevero, está nas frases, que de início, serviram de elucidação ao modo de dizer — *Haver arroz doce amarelo e do outro.*

Pregunta-se ¿como é que duma idea se transitou para a outra? Paralelamente a esta expressão, existe outra, com a mesma idea, ei-la: — *Haver três e mais dois.* Esta ainda é usada com outro sentido, o qual vou expor.

Uma pessoa, ao chegar a casa, zanga-se com a sua família por qualquer motivo, então é vulgar outras dizerem: — «Pelos vistos, ontem, *houve em casa três e mais dois*». Quere dizer que essa pessoa, ao chegar a casa, tão zangado ia ou zangou-se tanto, que filhos e mulher andaram num sarilho.

19. Dar os bons dias

Cheguei à conclusão que — *Dar os bons dias* — tem o significado de *temer, respeitar.* Também pode significar — *bater, dar pancadaria.* Exemplo: «Fulano, nestas *imediações* (arredores) mais próximas *dá os bons dias* a todos», isto é, *bate, dá pancadaria.*

Com a idea de *temer*, de *ter mêdo* ocorreu-me a expressão que várias vezes tenho ouvido. — *Guardar as cabras.*

Exemplo: «Fulano não passa junto de sicrano, porque *guarda-lhe as cabras*, isto é, porque o *teme, tem mêdo*.

Ao reler as curiosas nótulas do Sr. tenente J. A. Pombinho Júnior, publicadas nos *Brados do Alentejo* com o título de *Retalhos de um Vocabulário*, topei a XV com o subtítulo — *Locuções verbais* — donde extraí o seguinte: — «A pessoa que impõe, sem admitir discussão, a sua vontade, que só ela quere, pode e manda, *dá as cartas, os bons dias*, ou *dá os Domingos e dias Santos* (Portel)».

Ao lado de *dar os Domingos e dias Santos*, tenho ouvido amiüdadas vezes: — «F. *guarda-lhe os Domingos*» — «F. *guarda-lhe os dias Santos*».

20. **Enterrar o Entrudo**

Se por um lado, com o volver dos anos, têm evolucionado e desaparecido muitos costumes na nossa vasta província, por outro, alguns têm persistido, sem a menor modificação. Até, se alguns dêstes desaparecessem, nada se perderia. Pelo contrário, a sua perda, vinha a favor da moral pública. No entanto, há outros que não prejudicando o próximo, primam pela originalidade e êsses são dignos de estudo.

Não sei se a expressão, agora versada, se usa em mais alguma terra; eu colhi-a em Alagoa e registo-a, portanto, com a idea que aqui é empregada.

Por informações do meu prezado conterrâneo Manuel Cândido, professor primário de Alagoa e também pelo que eu já tive ocasião de presenciar, há uns anos, vou descrever o costume que é sintetizado pela expressão — *Enterrar o Entrudo*.

Antes de entrar pròpriamente nessa descrição, preciso de dizer umas palavras respeitantes a essa época.

Durante o tempo carnavalesco (de 20 de Janeiro até ao último dia, Terça-feira de Carnaval) o povoléu costuma fazer pirraças, ultrapassando estas muitas vezes, os limites da decência, quer pela pronunciação de grosserias, quer por outras coisas.

Para se fazer idea de que natureza são as partidas que o rapazio tem por hábito praticar em tal altura, aconselho que leiam a secção — *Usos e costumes* — da autoria do Sr. tenente J. A. Pombinho Júnior, inserta na revista regionalista — *Arquivo Transtagano* (Elvas).

Nessa secção, já o grande apaixonado e coleccionador de matéria etnográfica e lingüística publicou algumas nótulas referidas ao assunto que se está escrevendo. Vou simplesmente indicar o subtítulo, o ano e a página, onde essas nótulas vêm incluídas na revista supracitada: — *Casquelhadas*, 1.° ano (1933), pág. 87; *Pelo Entrudo*, 2.° ano (1934), págs. 33 e 75.

As minhas expressões — *Scoalhar (chocalhar) as comadres* e *Alumiar os compadres*, que se referem à época que estamos tratando.

O *Arquivo Nacional* (semanário de crónicas antigas e contemporâneas) também tem publicado alguns artigos referidos ao *Carnaval.*

Após êste preâmbulo, entro, pois, na descrição do costume resumido em *Enterrar o Entrudo*: Na Terça-feira de Carnaval, portanto no último dia desta época do ano, atrevida e folgazã, depois da meia-noite é *Enterrado o Entrudo* e da seguinte maneira: — Um homem disfarça-se de morto de forma que não se deixe rir nem pareça dar sinais de vida, a-pesar-dos circunstantes pretenderem fazê-lo rir. Outro veste-se de mulher, de luto carregadíssimo, acompanhado duma ninhada de filhos, os quais fazem uma berraria infernal, ensurdecedora, lastimando a perda do falecido *Entrudo.* Meia dúzia de homens veste camisas e saias brancas de mulheres, representando os padres. Estes sobraçam livros grandes e muito vélhos. Por último vai um de sacristão com uma saia encarnada e uma camisa branca, o qual leva numa das mãos uma enorme esquiloa ou chocalho, servindo de campaínha, e na outra um *vaso nocturno* ou marmita, cheia, em geral de urina; representa esta a água benta. Formado assim o entêrro, percorre tôdas as ruas da aldeia, entrando nos bailes para fazerem os prantos ao *Santo Entrudo* e nas *capelas* (tabernas) para beberricarem o sumo da uva, com o fim de afastar as tristezas da época alegre que termina.

Nos bailes os prantos são feitos da seguinte forma: — os *padres* abrem os calhamaços que sobraçam e estes começam a ler ou a fazer que lêem orações pouco compreensíveis e alatinadas que lá não existem, portanto da sua lavra. Ainda é bom que essas assim sejam para se não perceber claramente o chorrilho de disparates e grosserias, que êles, nessa altura proferem. O que faz de morto, na rua, vai pelo seu pé, mas à entrada da casa de baile e dentro dela, é embrulhado num

lençol e levantado aos ombros de quatro homens, ficando, depois, em posição horizontal. Permanece nessa posição até ao fim da cerimónia que acima mencionei. Ao saírem dos bailes, quando já Baco está em grande intimidade com todos, é espargida uma pouca de *água benta* por cima de tôda a gente que lá está.

Termina esta «brincadeira» por fazerem um *boneco de palha* e enterrá-lo no largo denominado *Rossio*. ¿Será daqui, isto é, desta última parte que vem a expressão *Enterrar o Entrudo?* Julgo que sim, devido isto ao verbo *enterrar* significar *desaparecer* e etimològicamente *meter debaixo da terra*.

A-propósito das «brincadeiras» de *Entrudo*, transcrevo, do semanário supra mencionado, n.º 215 de 10 de Março de 1935, umas linhas do correspondente de Azaruja:

«Não podemos deixar de fazer referência a uma «brincadeira» que há uns anos se não fazia nesta terra, mas que, êste ano, voltou a aparecer com grande «pompa»; foi a morte e o entêrro do *Sr. Entrudo* acompanhado pelos sacerdotes que aproveitam esta ocasião para «darem» os seus «sermões», expondo algumas vezes em público a vida privada das pessoas que são contempladas com os referidos «sermões». Em Alagoa, felizmente, não são proferidos «sermões», mas, em compensação, pronunciam tolices de grande calibre».

21. **Ter conversa**

Vão os meus caros leitores, se é que ainda tenho alguns, estranhar o significado com que ouvi há dias o modo de dizer — *Ter conversa*. Êle tem mais que uma interpretação. Primeiro, direi aquela que irá causar mais estranheza, para, depois, em breves palavras, mencionar a outra ou outras já mais do nosso conhecimento.

Há dias, por acaso, presenciei uma conversa entre mulheres, ouvindo a uma delas, uma frase que incluia a expressão — *Ter conversa*. Uma delas dizia que não sabia o que havia de fazer para o almôço, ou por outra, já tinha pensado em fazer papas, mas como estas depois não *tinham conversa*, os filhos não as queriam comer. Fiquei a cismar no que ela acabava de dizer, isto é, que os garotos não queriam as papas por não *terem doce*. Está claro, meti a colherada na conversa, preguntando a essa dita pessoa o que se entendia pelas papas *terem conversa*.

Aí vai a explicação que me deu: — Para que as papas *tenham conversa* é necessário que levem mel ou açúcar. Levando um dêstes ingredientes, diz-se que as papas *têm conversa.*

É, na verdade, extraordinário o sentido em que a mulherzinha empregou semelhante expressão.

Embora as outras acepções com que ela é usada sejam de uso cotidiano e, portanto, do conhecimento de todos nós, registo-as, mais uma vez, juntamente com a que acima deixo.

É vulgar ouvir-se frases como estas: — «Fulano *tem uma conversa* que ninguém o engana» — «Sicrano é muito finório, *tem uma conversa* que só êle é que a entende», etc.

Aqui usa-se com o significado de — *ter um palavreado, um paleio, uma lábia de alto lá com ela.*

Com esta última idea, pode considerar-se sinónima de *ter uma saia,* inclusa na expressão — *Cantar as saias,* publicada nos *Brados do Alentejo,* n.° 263 de 9 de Fevereiro.

Veja-se Morais e Silva no seu *Dicionário da Língua Portuguesa* sub *voce conversa* e Frei Domingos Vieira.

22. Estar de pé calhado

Um pastor anda guardando gado e, se na propriedade existe uma parte semeada, tem de colocar-se na linha para *ter mão* no gado, isto é, para o guardar dessa semeada. Por isso, precisa de estar sempre de ôlho àlerta e com bastante atenção em tôda a linha, para que alguma cabeça de gado não lhe escape e se introduza na seara, fazendo dano.

Por vezes, êsse pastor, em conversa com outros ou com outras pessoas, diz que o seu gado lhe dá muito trabalho, fazendo-o *estar de pé calhado.*

Estar de pé calhado significa — *estar de vigia, estar muito atento.*

23. Ter careio

É em Alagoa que a expressão *Ter careio* é usada freqüentemente e com um sentido bastante curioso.

Quando uma pessoa faz as coisas sem pensar, no ar, como soi dizer-se, e por vezes, essas trazem maus resultados, tanto morais como físicos, costumam dizer: — «Fulano faz tudo no ar, vê-se mesmo que não *tem careio* nenhum» — «Beltrano não admira que faça isso, porque o *careio* dêle é de garoto» — «Sicrano, se tivesse *careio,* nunca teria procedido como procedeu».

Se uma pessoa trata todos bem, se é ajuïzada, então é freqüente ouvir-se: — «Fulano é pessoa que *tem careio*», isto é, pessoa de tino, porta-se bem para com tôda a gente, nunca anda com pantominices. Por conseguinte, o povo alagoense traduz o modo de dizer — *Ter careio* — por *ter juízo, ter senso.*

Das várias obras que consultei, só numa é que encontrei o vocábulo *careio* na acepção em que o povo da minha terra o usa. Essa obra foi a *Enciclopédia Portuguesa Ilustrada — Dicionário Universal* — publicada sob a direcção de Maximiano de Lemos, onde insere no volume II, pág. 546 o têrmo *careio*, com os significados de — *obra* ou *acção com que acareia, grangeia* ou *alicia alguém, acareação*. Apresenta-nos ainda como têrmo de Fundão, significando — *juízo, tento, senso comum.*

É curioso notar como estas duas localidades — Fundão e Alagoa — tão distante uma da outra e situadas em regiões tão diferentes usam o mesmo vocábulo para exprimir o mesmíssimo sentido. É certo que há muitas palavras que se usam na mesma acepção, de norte a sul de Portugal e há também muitas que numa determinada região, localidade, têm um significado e noutra se usam com outro. Haja em vista, por exemplo, o vocábulo *amolar* que nas Beiras é usado com muita naturalidade e sem sentido pejorativo ou maldoso, ao passo que no Alentejo predominam êsses sentidos quando se faz uso dêle.

Registo de algumas frases dirigidas a pessoas que têm pouco ou nenhum *careio*, levianas, e essas, embora sejam de calão, ouvem-se cotidianamente e são pronunciadas por muito boas pessoas: — «F. parece que anda *desaparafusado*, não pensa o que faz» — «F. pelo que tem mostrado, *não tem os cinco alqueires bem medidos*» — «F. com certeza que tem *pilulas no capacete*» — «F. anda com a cabeça *à razão de juros*, é uma leviana levada da breca» — «F. precisava que lhe lavassem os miolos, para ver se tinha mais *careio*» — «F. anda fora dos eixos, anda de todo, *está fora da mãi*».

Do mesmo género são as seguintes expressões: — «Ter macaquinhos no sòtão» — «Ter teias de aranha na cabeça» — «Ter telha» — «Ter areia na bola, na pinha» — «Ter uma aduela a menos», etc.

Dêste teor muitas outras frases haverá, mas, no momento que tracejo estas linhas, não me ocorrem.

Para terminar, transcrevo um passo do livro *Gente Rústica*, do saüdoso escritor alentejano Brito Camacho, que inclue a expressão — *Não ter os cinco alqueires bem medidos.* Essa obra que traça com bastante realidade a vida rústica alentejana, insere na pág. 58 o seguinte: — Dizia o Romana, quando falava do seu antigo patrão: — «É muito boa pessoa, não desfazendo, mas *não tem os cinco alqueires bem medidos*».

ÍNDICE DAS EXPRESSÕES POPULARES

Alto Alentejo — Alagoa, 31 de Março de 1937.

ALEXANDRE DE CARVALHO COSTA.

ÇAPATO QUE ME NÃO SERVE

(DIVERSÃO FOLCLÓRICA)

Çapato que me não serve,
naquela praia o deixei:
não se me dá que outros logrem
carinhos que eu enjeitei.

(Douro) (1).

Esta quatra popular, que tanto pode significar desprêzo de amores passados, como despeito de quem se vê substituído em coração que julgava sempre ocupar, encontra-se registada em vários cancioneiros populares, quer seja desta forma, quer seja doutra, mas de idêntico sentido.

Como acontece com muitas outras quadras, tem esta variantes, por vezes devidas a má audição do seu introdutor em determinada região, ou a errada percepção do colector, que a incluiu na sua colectânea.

Em Viana do Castelo pouco varia:

Çapato que não me serve
naquela praia o deitei:
não se me dá que outros logrem
amor que eu rejeitei (2).

E também na Atalaia:

Os çapatos que me não servem
naquela praia os deixei:
não se me dá qu'outrem logre
amores qu'eu rejeitei (3).

---

(1) *Cantos populares portugueses*, recolhidos da tradição oral e coordenados por A. Tomaz Pires, 4 vols., Elvas, 1902, 1905, 1909 e 1910, vol. III, pág. 271, n.º 6:604; *Trovas do Povo*, por João do Minho, Pôrto, 1917, n.º 101.

(2) *Cancioneiro de Viana do Castelo*, pelo tenente Afonso do Paço, Braga, Cruz & C.ª, 1928, n.º 1:286.

(3) *Tradições populares e linguagem da Atalaia*, por Carlos A. Monteiro do Amaral, in *Rev. Lusit.*, vol. XI, pág. 119, n.º 184.

Na Ilha da Madeira:

Çapato que me não serve
fora do pé o deitei:
não me importa que outro logre
amores que eu enjeitei [1].

Com a variante:

Çapato, tu não me serves,
fora do pé te deitei:
não se me dá que outrem logre
amores que eu enjeitei [2].

Mas não é exclusivamente portuguesa esta quadra, pois que também no Brasil o

Çapatinho que eu gostava
no monturo já joguei:
não m'importa que outro goze
daquilo que já deixei.

(Minas) [3].

Ou:

Çapatinho acalcanhado
no monturo já deixei:
não m'importa que outra goze
aquilo que já gozei.

(Rio Grande) [4].

---

[1] *Subsídios para o Cancioneiro do Arquipélago da Madeira*, por Urbano Canuto Soares, in *Rev. Lusit.*, vol XVII, pág. 142.

[2] *Cancioneiro Popular Português*, por Teófilo Braga, 2.ª ed., Lisboa, 1911, vol. I, pág. 316.

[3] *Mil quadras populares brasileiras*, recolhidas e prefaciadas por Carlos Góis, Rio de Janeiro, 1916, pág. 219, n.º 866.

[4] *Cancioneiro Guasca. Colectânea de poesia popular rio-grandense*, por J. Simões Lopes Neto, Pelotas e Rio Grande, 1910, pág. 155.

Ou ainda:

Çapatinho que calcei
no monturo já deixei:
que me importa que outros gozem
coisinha que eu já gozei (1).

E nem só na língua portuguesa se canta. Em Espanha também o

Zapato que yo desecho
y lo tiro al muladar,
que otro venga y se lo ponga
¿qué cuidado se me dá? (2).

Ou:

Me quisiste, me olvidaste,
y me volviste á querer:
zapato que yo desecho
no me lo vuelvo á poner (3).

E em Venezuela:

Zapato que yo calcé
y lo boté al basurero
que importa que otro lo calce
si yo lo calcé primeiro (4)

Registam também os cancioneiros populares estas quadras, em que ao çapato que não serve e ao amor que não é pretendido ou saíu falso, se dá idêntico destino:

---

(1) *Trovas populares brasileiras*, coleccionadas e prefaciadas por Afrânio Peixoto, Rio de Janeiro, 1919, pág. 242, n.º 745.

(2) *Cancioneiro popular*, por D. Emilio Lafuente y Alcantara, t. 2.º, Madrid, 1865, pág. 325; *Cantares populares y literarios*, recopilados por D. Melchor de Paláu, Barcelona, 1900, pág. 149.

(3) Lafuente, obra e pág. cit.; Paláu, obra e pág. cit.; *Cantares populares*, coleccionados por Ramon Caballero, Madrid, 1884, pág. 65.

(4) *Cancioneiro Popular Venezolano*, por José E. Machado, Caracas, 1919, pág. 95.

Çapato que me não serve
eu não ateimo a calçá-lo:
amor que eu não pretendo
acho que é loucura amá-lo.

(Alentejo) (1).

Çapato que me não serve
à borda d'água o deixei:
ao amor que me foi falso
nunca mais p'ra êle olhei.

(Alentejo) (2).

Quando o çapato me aperta
mando-o para o çapateiro:
assim faço eu ao amor
em saindo bandoleiro.

(Alentejo) (3).

Ou:

quando me sai brejeiro (4).

Çapato que me não vem
dou-lhe com o pé p'ró lado:
que assim faço eu ao amor
quando a mim me não é dado.

(Alentejo) (5).

Amores que eu não pretendo
Dou-lhes com o pé p'ró lado:
assim faço eu ao çapato
quando me fica apertado.

(Alentejo) (6).

Amores que eu não pretendo
dou-lhe c'o pé para além:
assim faço eu ao çapato
quando êle ao pé me não vem.

(Alentejo) (7).

---

(1) Tomaz Pires, obra e vol. cit., n.º 6:605.

(2) Idem, idem, idem, n.º 6:606.

(3) Idem, idem, idem, n.º 6:607.

(4) *Trovas d'amor*, coligidas por João do Minho, Pôrto, 1919. n.º 420.

(5) Tomaz Pires, obra cit., n.º 6:603.

(6) Idem, idem, n.º 6:602; *Trovas d'amor*, cit., n.º 416.

(7) Tomaz Pires, obra cit., n.º 6:601; *Cancioneiro popular do Baixo Alentejo*, organizado por Dias Nunes, in *Revista do Minho*, ano XIV, pág. 9, n.º 354.

Com a variante:

Amor de quem não pretendo
dou com o pé par'além,
que assim faço ao çapato
quando ao calço me não vem.

(Algarve) (1).

A que juntaremos esta quadra:

Deitei o limão correndo
lá pelo adro da sé:
amores que eu não pretendo
deito-os p'rá banda co'o pé.

(Alentejo) (2).

Em outras quadras, que traduzem o mesmo conceito, o çapato, que já não serve, é substituído pela vinha, que *já vindimei*:

Não se me dá que vindimem
vinha qu'eu já vindimei:
não se me dá qu'outro logre
amores qu'eu já logrei.

(Espariz) (3).

Com tôdas estas variantes:

Não se me dá que vindimes
vinha qu'eu já vindimei:
não se me dá de que logres
carinhos qu'eu já logrei.

(Alentejo) (4).

---

(1) *Romanceiro e cancioneiro do Algarve* (Lição de Loulé), por Francisco Xavier de Ataíde Oliveira, Pôrto, 1905, pág. 197.

(2) Tomaz Pires, obra cit., vol. II, n.º 3:605.

(3) *Cancioneiro de Espariz* (concelho de Tábua), por João da Silva Correia, in *Rev. Lusit.*, vol. XX (1917), pág. 218, n.º 237.

(4) Tomaz Pires, obra cit., vol. II, n.º 2:950.

Não me importa que vindimes
vinha qu'eu já vindimei:
não se me dá que tu logres
amores que eu já logrei.

(Figueira da Foz) (1).

Qu'importa que outro vindime
vinha que eu já vindimei?
Não se me dá qu'outro logre
amores que eu já logrei (2).

Não se me dá que outrem logre
um amor que já logrei;
faço de conta que foi
vinha que já vindimei.

(Maia) (3).

Não se me dá que vindimem
vinhas qu'eu já vindimei;
não se me dá que outros logrem
amor's qu'eu já rejeitei.

(Reguengos) (4).

Não se me dá que adores
amor's qu'eu já adorei:
andas tu a rabiscar
vinhas qu'eu já vindimei.

(Reguengos) (5).

---

(1) *Folclore do concelho da Figueira da Foz*, reünido por M. Cardoso Marta e Augusto Pinto, Esposende, 1910, vol. I, pág. 86, n.º 300; *Canções populares da Beira*, de Pedro Fernandes Tomaz, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923, pág. 74; *Músicas e canções populares*, coligidas por Adelino António das Neves e Melo (filho), Lisboa, Imprensa Nacional, 1872, pág. 118.

(2) *Trovas d'amor* cit., n.º 932.

(3) *Poesias e canções populares do concelho da Maia*, recolhidas da tradição oral por Abílio Monteiro, acompanhadas pelas respectivas músicas apropriadas para piano por Eduardo da Fonseca, Pôrto, 1900, pág. 59, n.º 103; Teófilo Braga, *Cancioneiro Popular Português* cit., pág. 53.

(4) *Cantigas populares alentejanas e seu subsídio para o léxico português*, por J. A. Pombinho Júnior, Pôrto, 1936, pág. 83, n.º 265.

(5) Idem, idem, idem, pág. 266.

Foste procurar rabiscos
à vinha que eu vindimei:
não se me dá que outro logre
amores que eu enjeitei.

(Viana do Castelo) (1).

Que na Galiza tem esta quadra:

Os amores que ti tes
son os qu'eu olvidéi:
andas apañando os vagos
d'a viña qu'eu vindimiéi (2).

Nestas quadras, que se seguem, as vinhas que vindimei, dão lugar às videirinhas que podei:

Não se me dá que vindimem
videirinha que eu podei;
não se me dá que outrem goze
o que eu por gôsto deixei.

(Vila Real) (3).

Adeus, ó quinta do Poço
videirinhas que eu podei;
não se me dá que outra logre
amores que eu rejeitei.

(Beira Alta) (4).

Ou ainda à *flor que colhi:*

Coitadinho de quem ama
um amor que já foi meu!
Agora colhe-lhe a rama,
pois a flor colhi-lh'a eu...

(S. Simão de Novais) (5).

---

(1) *Cancioneiro de Viana do Castelo* cit., n.º 523.

(2) *Cancionero popular gallego y en particular de la provincia de La Coruña*, por José Pérez Ballesteros, vol. I, Madrid, 1885, pág. 173.

(3) *Cancioneiro popular de Vila Real*, de Augusto C. Pires de Lima, Pôrto, 1928, pág. 139, n.º 642.

(4) Tomaz Pires, obra cit., vol. IV, n.º 9:718.

(5) *Cancioneiro de S. Simão de Novais*, coligido por Fernando de Castro Pires de Lima, Guimarães, 1923, pág. 18, n.º 197.

Tomaste novos amores
c'um amor que já foi meu;
agora, colhe-lhe a rama:
a *felor colhi-lh'a* eu.

(Celorico de Basto) (1).

Em Espanha encontramos esta quadra que àquelas corresponde:

De la lechuga romana
el cogollo me comi;
que otros se comam las hojas
¿qué cuidado me dá a mi? (2).

Finalmente, tudo são restos, que desprezei; escadas que já desci:

Não se me dá qu'outras gozem
daquilo que eu já gozei.
Aproveita, pobrezinho,
são restos que eu já deixei.

(Esposende) (3).

Se julgas que eu me importo
de teres outra em meu lugar,
aquilo que eu deito fora
qualquer pode arrecadar.

(Alentejo) (4).

Passei pelo verde prado,
pus o pé no verde outono;
não se me dá que outros logrem
amores que eu abandono.

(Bragança) (5).

---

(1) *Cancioneiro de Celorico de Basto*, in *Cantares do Minho*, de Fernando de Castro Pires de Lima, Barcelos, 1937, pág. 153, n.º 340.

(2) Lafuente, obra e pág. cit.; Paláu, obra cit., pág. 149.

(3) *Canções do campo e das ruas*, recolhidas no concelho de Esposende por João Plácido, in *Revista do Minho*, ano X, pág. 31, n.º 45.

(4) *Cancioneiro Alentejano*. Comentário, recolha e notas de Vítor Santos, 1938. Ed. do Grémio Alentejano.

(5) *Cantares da minha terra. Subsídio para o cancioneiro popular de Bragança*, por Mário Aldino de Spoleto, 1935, Imprensa Portuguesa, Pôrto.

Ao passar do ribeirinho
à beira d'água o deixei:
não se me dá que outro logre
amores que eu enjeitei.

(Minho) [1].

Basta para castigar-te
tocares no que eu toquei;
vou lembrar-te que êsses gozos
são restos que eu já gozei.

(Esposende — Póvoa de Lanhoso) [2].

Altas tôrres tem teu peito,
nas mais altas já me eu vi:
não se me dá que outrem suba
escadas que eu já desci [3].

Altas tôrres tem teu peito,
na mais alta já me eu vi:
quem quiser subir que suba,
que suba, que eu já subi.

(Vila Real) [4].

Não se me dá qu'outro suba
as escadas qu'eu já desci:
não se me dá qu'outro logre
amores qu'eu por gôsto perdi.

(Vila Real) [5].

---

[1] Tomaz Pires, obra cit., vol. I, pág. 299, n.º 1:744.

[2] João Plácido, obra cit., pág. 85; *Folclore Lanhosense*, por Albino Bastos, Esposende, 1903, pág. 60, n.º 177.

[3] *Poesia Amorosa do Povo Português*. Breve estudo e colecção por J. Leite de Vasconcelos, Lisboa, 1890, pág. 123; *Mil trovas populares portuguesas*, coleccionadas e prefaciadas por Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira, Lisboa, 1903, pág. 81, n.º 319; *Tradições populares e linguagem de Vila Real*, por A. Gomes Pereira, in *Rev. Lusit.*, vol. X, pág. 141, n.º 601; Teófilo Braga, *Cancioneiro Popular Português* cit., pág. 163; *As cem melhores poesias (líricas) da língua portuguesa*, escolhidas por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Lisboa, 1910, pág. 29; *As mais lindas quadras populares*. Colecção Patrícia dirigida por Albino Forjaz de Sampaio, Empresa do *Diário de Notícias*, 1925; *O Amor Português*, por Luiz Chaves, Lisboa, 1922, pág. 28.

[4] *Cancioneiro de Vila Real* cit., pág. 31, n.º 87.

[5] Gomes Pereira, obra e vol. cit., pág. 149, n.º 732.

E, para terminar, esta quadra espanhola, que não fica deslocada nesta colecção:

Anda y dile á quien te quiere
que de mi está descuidado;
pero que tenga la pena
de comer de mi sobrado [1].

Em tôdas estas quadras se manifesta o desdem que votamos ao amor que já foi nosso e deixamos por qualquer motivo, amesquinhando-o com comparações em que se salienta o contraste de duas posições opostas: o çapato, que emquanto novo e de aspecto asseado usamos e que, depois de enxovalhado pelo muito rastejar, lançamos à praia, donde as ondas revoltas o arrastarão para o mar, ou ao monturo, onde dentro em pouco se transformará em podridão; a vinha que depois de por nós despojada do fruto com que anualmente nos brinda a Natureza, largamos ao rebusco daqueles que com pouco se contentam; as escadas que tivemos a glória de subir na conquista de uma alta posição que alcançamos e que depois descemos por não mais nos interessar; as plantas, cuja flor mimosa e perfumada colhemos, deixando as fôlhas aos menos exigentes; os restos, emfim, que a nossa saciedade nos levou a desprezar, sem preocupações de os ver aproveitar por qualquer *pobrezinho* que mais do que restos não quer ambicionar.

ABEL DE MESQUITA GUIMARÃES.

---

[1] Lafuente, obra e vol. cit., pág. 325.

MISCELANEA

Apontamentos de linguagem popular

1. **Vocábulos:**

Moreia ou **mureia.** — Chama-se assim, na Serra de Santo António e arredores, a um montão de lenha, de mato, de estrume (estêrco), de palha, de pedra, etc.

Ao montão de pedras, em que estas se colocaram com certo arranjo, para assim permanecerem por muito tempo, dá-se o nome de *marouço* (nos arredores — *maroiço*).

Diz-se na Serra de Santo António: A *mór* parte das oliveiras, a *màior* parte do rabanho, a *màór* parte dos terrenos... *(mòr-màor* e *màiór)*.

Maior, com o *ai* quási abafado, como dizem os que bem falam, é que ninguém pronuncia. Dizem *màior*, vincando bem o ditongo aberto *ai*. Se alguém dali se dirigir pelo Vale da Trave, Alcanede, em demanda das Caldas da Raínha, por certo que passará a *Ri-Màior*, mas nunca a Rio Maior.

Adiafa. — Poucos dicionários registam êste vocábulo, mas sim *diáfa*. Se êle deriva do árabe *ad-diafa*, ou *al-diafa*, não fica mal a ninguém escrever e dizer *adiafa*, que não é a gorgeta ou beberete, após uma tarefa de serviço, mas sim um banquete que se dá ao rancho que fêz a safra da azeitonada (um jornalista do *Diário de Lisboa* chama-lhe *sáfara*), ou a vindima dos cachos dourados e rôxos.

Terminada a colheita da azeitona, todo o rancho se reüne em alegre comezaina, que termina com guitarradas e bailaricos e, para têrmo, um cortejo a que não falta vistosa bandeira enfeitada com fitas de sêda, cordões de oiro e ramos de oliveira, carregadinhos dos bagos lustrosos da azeitona.

Arvela. — Dá-se êste nome a uma avezinha que acompanha os lavradores, atrás do arado ou da charrua, a-fim-de não perder um só insecto dos que a lavoura põe a descoberto. Chamam-lhe nalgumas terras: *alveloas*, *lavandiscas*, e nos Açôres, *labandeiras*.

A palavra *arvela* serve também para designar uma pessoa muito fraca. — «É mesmo uma *arvela*». Em Minde vi eu uma vez, em casa de um sujeito de apelido *Chavinha*, uns restos de uma espécie de flauta de buxo, com uma só chave de osso ou marfim, instrumento que êle dizia ter pertencido a seu pai ou avô, e se chamava *arvela*.

É-o-é! ou **é-u-é!** — Interjeição que se usou em Minde até há poucos anos. Era eu pequeno e ainda ali ouvi empregar esta palavra numa cantilena, a-propósito de um bombo da antiquíssima filarmónica que ali houve, instrumento que o rapazio queimou após os folguedos do Entrudo, com o que muito se irritou o seu possuïdor, o vélho *Ti-António*, a quem cantavam:

«*É-o-é!*
À moda do *Ti-Antoino!*
Tinha um bombo,
Já está feito em cinza!»

Não rima, mas parece que era verdade. Por que bulas viria parar a Minde o *Evohé* das Bacantes de Dionisiacos? Simples acaso!

Muxinga. — Do verbo *ku-xinga (ki-mbundu)*, que significa descompor, invectivar, insultar, etc. Os brasileiros adoptaram o verbo *xingar*, da linguagem dos prêtos africanos, no sentido que acima apontamos. Estre os serranos é uma *tunda*.

Carimbo. — Do substantivo *ki-rimo (ki-mbundu)*, que quere dizer sinal. Se mandamos o nosso servente buscar tabaco, os óculos, um lenço, qualquer coisa que nos ficou em casa, temos de lhe dar um objecto que possa ser conhecido pelos nossos, certificando assim a certeza do pedido. O próprio prêto, ao ouvir o recado não se esquece de pedir:

— *Beka o kirimo* (Dá cá o sinal).

2. A Georafia na linguagem dos Serranos:

— «Não entendo flamengo à meia-noite», é o mesmo que dizer que não entendo quem não fala claro, ou pela porta dianteira.

— «Com francêses não me entendo». Francês, para o

nosso povo, significa de falsa aparência. Despediu-se à francesa; roupa de franceses; já me parece isto aqui uma francesia, etc.

— «É mesmo um espanhol a falar». O nosso povo aldeão, até há pouco tempo, não morria de amores pelos espanhóis; e como lhes não entendia a fala, sempre que alguém, perturbado por doença, pelo alcool, ou uma criança de pouca idade, não conseguia falar claro, comparava-se com *um espanhol.*

— V. compreendeu o que aquêles homens estavam a dizer?

— Não; era uma espanholada que ninguém entendia...

— Os que estavam lá mais arriba faziam uma castelhanada que nem o Diabo era capaz de perceber.

— Aquêle fala latim como uma vaca espanhola (por — como um vasco, espanhol: Assim se tem explicado).

— Desde que moras lá em cima nos *altos perineus* do teu sobrado, já não falas à gente!

— Êste sítio é uma *Califórnia!* Morre-se aqui de calor! Cruzes, credo!

— Fora Diabo! P'rás areias gordas! (Nunca soube onde ficavam estas areias...).

— Nã sei como tu aqui paras nesta *Guiné!* O vento até corta! E está a gente arriscada a apanhar um catarral numa *Guiné* assim.

— Do que êle precisava era de ser embarrado lá para as *Pedras Negras! (Pungo-à-Ndongo).*

Uma vèlhota conheci eu que, por ouvir falar nas costas de África, lamentava-se um dia por ter o filho preso no calabouço do regimento:

— Coitadinho! E se mo mandam para as costas de Mafra?! *Sancta implicitas!* Pròpriamente: etimologia popular.

Era freqüente ouvir dizer a certo padre de alguém que já tinha viajado:

— Êsse tem corrido as *Europas* do mundo!

E o povo, imitando o seu pastor. dizia: — lá por essas *Európicas* do mundo...

Os serranos comparavam o tamanho e poder das nações da seguinte forma:

— Portugal é um ôvo; Espanha uma joeira; e a França uma eira!

Quando uma criança se atrapalha ao dar um recado de que não se desenvencelha, dizem:

— Estás para aí a *talianar* (italianar) que nem sei o que tu dizes. *Talianar* corresponde a *castelhanar*. Havia ali uma vélha mentecapta, que não pronunciava as palavras bem, e por isso lhe chamavam *Castelhana*.

3. **Pronúncias:**

Em Pôrto de Mós, ridente vila que o humilde Lena banha e fertiliza, pronunciam-se as palavras *rossio*, *tio*, *frio*, *rio*, etc.; à maneira de Lisboa: *rossiu*, *tiu*, *friu*, *riu*, etc. Muitas tentativas fiz para descobrir a razão desta pronúncia, porque não conheço outra terra onde assim se digam estas palavras, mas nada consegui. Pronunciam assim, porque já assim pronunciavam seus pais e avós.

Os pronomes possessivos *meu*, *teu*, *seu*, também ali tomam diferente coloração. Na Serra de Santo António, aldeia da vizinhança, dizem, em certos casos, *mei*, *tei*, *sei;* em Pôrto de Mós e alguns arredores pronunciam *mou*, *tou* e *sou* (ou como em *ouve*).

— O *mou* avô morreu afogado no *riu*. — O *tou tiu* já aqui não vivia *cando* eu p'ráqui vim. *Candé-ò-cabo* já tinha ido para Alcobaça.

Êste ditongo *ou* toma também modalidade diferente quando pronunciado por crianças. Não é tão claro como na palavra *outro*, aproximando-se mais do *ô* da palavra *côrvo;* e quando na conversa adregam a terminar a frase em palavra que acabe em *ou*, ou em *ô*, acrescentam-lhe um *a* muito brando, proveniente da disjunção dos lábios que se uniram para o *ô* fechado.

Fenómeno parecido se observa na pronúncia do *ê*.

— Olha lá! Está aí o *tou avôa?* Êle vem almoçar ou o *quêa?* (ou o *quê?*).

— Diz ao *tou* pai que eu já *voua*.

— O *tou tio* ja *entroua?*

— *Vomecê* não *vêa?*

Estes modos de dizer observam-se principalmente nas crianças até os 14 ou 15 anos. Depois, quando chegam à idade adulta, vão perdendo o *ôua*, mas conservando sempre o *êa*.

No sul do concelho não se nota isto; mas a noroeste, ao entrar nos pinhais de Pataias, Maceira e Marinha Grande, mais manifesto se torna êste hábito, começando ali a troca

de *v* por *b*, que mais se vinca quando nos aproximamos de Leiria e daí para cima. Em Pombal começam os *ss* chiados (som quási de *x*), e assim se conservam até... até os confins das Astúrias.

Embora já os filólogos observassem a geografia das *bersas*, das *basilhas*, das *bacas*, e dos *ss* que parecem *xx*, relembre-se que os *bb* no lugar dos *vv* começam ao norte da Batalha, nos primeiros lugares da freguesia de Maceira, e é bom notar que em Pôrto de Mós apenas se troca o *v* por *b* em duas palavras ou três: — *basilha*, *bassoura*, ou antes, *bassoira* e *baranda*.

F. SANTOS SERRA FRAZÃO.

MARIA DE BEJA

Por Moura chama-se *Maria de Beja* à Preguiça (1).

Maria serve freqüentemente de personificação, algo mitológica, de certos fenómenos atmosféricos, por ex.: *Maria das pernas compridas*, o mesmo que «chuva» (2); e de nomes comuns, ou pronomes, por ex.: *Maria vai com as outras*, por «uma vai com as outras»; *há mais Marias na terra*, por «há mais pessoas como as de que se falou» (3).

No ditado que serve de título a êste artiguito, *Maria* personifica a «Preguiça», porque os Alentejanos passam por indolentes (individualmente falando), e com isso combinam duas alcunhas inseridas na *Antroponímia Portuguesa*, págs. 196 e 197, uma delas: *Descanso*, e a outra, a própria palavra, *Preguiça*.

¿E porque é que a ironia caíu sôbre Beja?

A cidade é capital de Distrito, e hoje de Província (Baixo-Alentejo): o povo que lá vai tratar dos seus negócios, pagar contribuïções, etc., entende que os empregados públicos não trabalham, e só lhe extorquem dinheiro, porque para o cam-

(1) Informação de J. Fragoso de Lima, estudante de Letras, em Lisboa, natural d'aquela vila.

(2) Vid. *Trad. Pop. de Portugal*, pág. 53.

(3) Em português antigo dizia-se: *Muitos Pedreanes há na terra*.

pónio trabalhar é só com a enxada; os soldados vagueiam pelas ruas; os padres também, ou cantam nas igrejas; os ricos passeiam nos seus côches ou automóveis.

Tudo isto dá efectivamente ao vulgo inculto a falsa impressão de que Beja constitue um centro de *dolce far niente.*

J. L. de V.

Canastrês

Nome de um minúsculo lugarejo da frèguesia de Ancede, concelho de Baião.

Suponho que houve um sítio ou até talvez um lugar, algures, de nome *Canastro:* canastro é um recipiente de milho em que êste seca.

Os habitantes de ou do Canastro recebiam, como é claro, o nome gentílico de *Canastreses.* Um Canastrês que fôsse para longe viver levava instintivamente os vizinhos a chamarem à casa em que habitasse a casa do *Canastrês.* Formada em volta segunda ou mais casas, tinhamos um povinho. E assim se constituiria o de que se está falando.

J. L. de V.

Alguns provérbios alentejanos

(Moura)

Os adágios que vamos inumerar são muito vulgares no concelho de Moura. É possível que alguns se empreguem também noutras regiões; ainda não tivemos tempo para fazer o estudo comparativo dos rifões de Moura com os de outras localidades, quere em adagiários, quere *in loco.* Porém, apresentamos, por agora, os provérbios que se nos afiguram mais da região e que não se encontram na substanciosa obra do Sr. Pedro Chaves, *Rifoneiro Português:*

1. **Acabou-se a festa, desarma-se a Igreja.** — *Acabô-s'a festa, desarma-s'a Engreja* (1).

2. **A carne de carneiro é a vergonha do cozinheiro.** — *A carni de carnêro éi a vergonha do cozinhêro.*

---

(1) Cf. pág. 40 do *Rifoneiro Português,* n.º 299: *Acabada a festa, desarma-se o trono.*

3. **A corda estala sempre pelo lado mais fraco.** — *A corda 'stala sempri por o lado mais fraco.*

4. **Acostomou-se a vélha a bredos e agora lambe-lhe os dedos.** — *Aquestemô-s'a vélha a brêdos e agora lembe-lh'os dedos.*

5. **Água da massa é que farta a casa.** — *Água da ámassa é que farl' á casa.*

6. **Água na beira, sol na eira** (às vezes acrescenta-se — **ao mesmo tempo não pode ser).** — *Água na bêra, sol na êra, ó mêsmo tempo nã' pode sêra.*

7. **Águas verdadeiras, pelo S. Mateus as primeiras.** — *Águas verdadêras, por o Sã Mateus as primêras.*

8. **Ano de nevão, ano de pão.** — *Ano de nevão, ano de pão* (1).

9. **Ao melhor galgo foge a lebre.** — *Ô milhor galgo foj'a lebre.*

10. **Ao pé do trabalho é que se espera o tempo.** — *Ó péi do trabalho éi que se spera o tempo.*

11. **As primeiras são senhoras, as segundas são vassouras** (2). — *As primêras sã' sinhoras, as sigundas sã' bassoiras.*

12. **A porco gordo unta-se o rabo.** — *A porco gordo unta-se o rabo.*

13. **Antes que cantes, afina o teu alaúde.** — *Antis que cantis, afina o tê' laúdi.*

14. **A quem peneira e amassa, não furtes a massa.** — *A quêm penêra e amassa, nã furtis a ámassa.*

15. **Arco da vélha à tarde, não vem cá em balde** (3). — *Arco da velh' á tarde, nã vẽi cá em baldi.*

---

(1) Cf. pág. 48 do *Rifoneiro Português*, n.º 525: *Ano de neves, muito pão e muitos crescentos;* n.º 526: *Ano de neves, ano de bens* (ou *de Deus*); n.º 529: *Ano nevoso, ano formoso.*

(2) *Vassoura* é sinónimo de criada de servir, sopeira.

(3) Indica chuva ou bom tempo, conforme o estado da atmosfera na ocasião.

16. **Arco da vélha direito ao poente, solta os bois e vente.** — *Arco da vélha d'rêit'ó poenti, solta os bois e venti.*

17. **A um bom ajuntador, vem um esbanjador** (ou **gastador**). — *A um bom ajuntadôre vẽi um bom 'sbanjadôra* (ou *gastadôra.*

18. **Cabelos queimados, trabalhos dobrados.** — *Cabelos quémados, trabalhos dobrados.*

19. **Com essa e outra se acaba el baile** (1). — *Com essa e ôtra s'acaba el bailhe.*

20. **Conforme é a pessoa assim é o presente.** — *Conform'éi a pessoa ansim éi o presenti.*

21. **Conforme é o toque assim é a dança.** — *Conform'éi o toqui ansim éi a dança.*

22. **Conta, pêso e medida, governam a vida.** — *Conta, pêso i medida, governam a vida.*

23. **Contenta-te, papo, que já foste farto.** — *Contenta-ti, papo, que já fosti farto.*

24. **Da aquele que não gosta de mel livre-nos Deus as nossas colmeias.** — *D'aqueli que nã' gosta de mela livri-nos Deus as nossas colmêas.*

25. **Depois de um bom melão, vinho de tostão.** — *Despois d'um bom melão, vinho de testão.*

26. **Diz lá outra como essa e ganharás uma peça.** — *Diz lá ôtra com essa e ganharás 'ma peça.*

27. **É como os cãis de palheiro; não comem nem deixam comer.** — *Éi com'os cãis de palhêro; nã' comem nem dêxam comera.*

28. **Em morrendo o almocreve, logo se sabe de quem são as arreatas.** — *Em morrend'o almocrevi, logo se sabi de quem são as arriatas.*

29. **Em morrendo o Camões já não há quem faça versos.** — *Em morrend'o Camões já nã' há quem faça versos.*

---

(1) O artigo *el* talvez por influência raiana.

30. **Emquanto há uvas na parreira, há dinheiro na algibeira.** — *Emquanto há uvas na parrêra, há dinhêro na algebêra.*

31. **Êste não dá as mãos, nem fica na canga.** — *Êsti nã dá as mãos, nem fica na canga.*

32. **Galinha e "pirum", tudo é um.** — *Galinh' i pirum, tud' éi um.*

33. **Galinha que canta como os galos, põe os donos a cavalo.** — *Galinha que canta com'os galos, põi os donos a cavolo* (1).

34. **Guerreias de irmãos são lavaduras de mãos.** — *Garrêias d'ermãos* (ou *ermõis*) *sã levaduras de mãos.*

35. **Há paus que nascem para santos e outros para serem queimados.** — *Há paus que nacem p'ra santos e ôtros p'ra serem quêmados.*

36. **Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar** (ou **a fugir**). — *Mais val'um pássaro na mão do que dois a avorara* (ou *fugira*).

Lisboa, 11 de Dezembro de 1938.

J. Fragoso de Lima.

Expediente

As minhas contínuas e fatigantes ocupações, sempre inadiáveis, não me permitiram escrever para êste volume o prometido artigo a respeito do Doutor Silva Correia (*Revista Lusitana*, vol. xxxv, pág. 317): o que digo com muita mágoa. Logo que me seja possível, o escreverei.

J. L. de V.

---

(1) Cf. pág. 123 do *Rifoneiro*, n.º 20: *Galinha que canta como o galo, do dono faz cavalo;* vid. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 150 [imprimiu-se aí às avessas. — J. L. de V.].

ÍNDICE DO VOLUME XXXVI

Artigos desenvolvidos: